

Thriller clássico de

Ken Follett



NA TOCA DO LEÃO

Do autor de
**A Chave de
Rebecca**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



KEN FOLLETT

(1949)

Na Toca do Leão

Título original americano

LIE DOWN WITH LIONS

1985

Tradução

A.B. PINHEIRO DE LEMOS

Record

KEN FOLLETT

Na Toca do Leão

Tradução de A.B. PINHEIRO DE LEMOS

EDITORA RECORD

Título original americano

LIE DOWN WITH LIONS Copyright

© 1986 by Holland Copyright Corporation B.V.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ — Tel: 580-3668

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

Sinopse

Há um vale no Afeganistão rodeado de montanhas agrestes. Seu nome é Vale dos Cinco Leões, lugar de que falam as mais antigas lendas, onde homens e costumes permanecem imutáveis desde tempos imemoriais. E aí que Ken Follett ambienta este seu novo e espetacular romance, com uma história exótica de espionagem, intriga internacional e amores perigosos. Uma jovem inglesa, um médico francês e um viajante americano têm, cada um deles, motivos próprios para irem ao Afeganistão, onde os nativos das montanhas movem uma guerra de guerrilhas contra os invasores russos. Jean-Pierre traz cuidados médicos aos afegãos, sua mulher Jane, que está grávida, presta ajuda e oferece conselhos às mulheres carentes da região, e Ellis, o americano, traz uma mensagem destinada a Masud. Mas primeiro ele precisa chegar a Masud, o lendário líder dos guerrilheiros afegãos, porque os russos também querem achá-lo. Vivo ou morto.

A morte se esconde em ninhos camuflados, enquanto um frio comandante russo planeja usar sua própria arma secreta. Enquanto isso, no Vale dos Cinco Leões, uma bonita e corajosa mulher se vê casualmente frente a frente com uma traição, que a obriga a tomar uma decisão terrível.

Follett arma as situações ameaçadoras como só ele poderia fazer, narrando uma caçada humana em que o alvo é um casal com uma criança de colo, em fuga através de uma montanha intransponível, equilibrando-se em penhascos cobertos de gelo, perseguidos por helicópteros inimigos, vivendo momentos que evocam todos os nossos pesadelos.

O autor

Ken Follett nasceu em Cardiff, País de Gales, em 1949. Fez seus estudos superiores no University College, em Londres, e começou sua vida profissional como repórter do South Wales Echo, transferindo-se mais tarde para o Evening News, de Londres. Seu primeiro sucesso internacional se deu com o romance O Buraco da Agulha, que lhe valeu o cobiçado Prêmio Edgar, concedido em 8 pelos Escritores de Mistério da América, livro transformado em versão cinematográfica de sucesso. São também de sua autoria os romances A Chave de Rebeca, O Homem de São Petersburgo, Triângulo e O voo da Águia. Em co-autoria com três jornalistas franceses, que se esconderam sob o *nom de plume* Rene Louis Maurice, Ken Follett escreveu igualmente O Roubo Perfeito, a história extraordinária do maior roubo de banco de todos os tempos. A Record tem sido a editora exclusiva de seus livros no Brasil. Depois de residir em Grasse, na França, Ken Follett vive hoje, com a mulher e os filhos do casal, na capital inglesa.

Nota

Há várias organizações reais que enviam médicos voluntários ao Afeganistão, mas Médecins pour la Liberté é fictícia. Todos os locais descritos neste livro são reais, à exceção das aldeias de Banda e Darg, que são fictícias. Todos os personagens são fictícios, à exceção de Masud.

Embora eu tenha tentado fazer o ambiente autêntico, esta é uma obra da imaginação e não deve ser encarada como uma fonte de informações infalíveis sobre o Afeganistão ou qualquer outra coisa. Os leitores que desejarem saber mais encontrarão uma relação de obras indicadas ao final do livro.

K. F.

Para Barbara

***** Parte Um *****

Capítulo 1

Os homens que queriam matar Ahmed Yilmaz eram sérios. Estudantes turcos exilados, vivendo em Paris, já haviam assassinado um adido da embaixada turca e jogado uma bomba na casa de um alto executivo da Turkish Airlines. Escolheram Yilmaz como o próximo alvo porque ele era um rico partidário da ditadura militar e porque, convenientemente, residia em Paris.

Sua casa e escritório eram bem guardados, a limusine Mercedes blindada, mas os estudantes estavam convencidos de que todo homem tem um ponto fraco, que geralmente é o sexo. E no caso de Yilmaz eles estavam certos. Duas semanas de vigilância revelaram que Yilmaz saía de casa duas ou três noites por semana, guiando a caminhonete Renault que os empregados usavam para fazer compras, e seguia para uma rua secundária no 15º Distrito, a fim de visitar uma linda e jovem turca, que estava apaixonada por ele.

Os estudantes resolveram pôr uma bomba no Renault enquanto Yilmaz estava trepando.

Eles sabiam onde obter os explosivos: de Pepe Gozzi, um dos muitos filhos do chef ao curso Meme Gozzi. Pepe era um traficante de armas. Vendia a qualquer um, mas preferia os clientes políticos, reconhecendo alegremente que "os idealistas pagam preços mais altos". E já ajudara os turcos em seus dois atentados anteriores.

Havia um obstáculo ao plano de instalar a bomba no carro. Geralmente Yilmaz saía sozinho do apartamento da moça... mas nem sempre. Às vezes ele a levava para jantar fora. E muitas vezes ela pegava o carro e voltava meia hora depois, com pão, frutas, queijos e vinho, obviamente para um banquete íntimo. Em outras ocasiões, Yilmaz voltava para casa de táxi e deixava o carro com a moça por um ou dois dias. Os estudantes eram românticos, como todos os terroristas, e relutavam em correr o risco de matar uma bela mulher cujo único crime, facilmente perdoável, era o de amar um homem indigno de sua paixão.

Eles discutiram o problema de uma maneira democrática. Tomavam todas as decisões por voto e não aceitavam líderes; mesmo assim, havia um cuja personalidade forte o tornava dominante. Era Rahmi Coskun, jovem bonito e impetuoso, com um enorme bigode e um brilho nos olhos de quem estava fadado à glória. Foram sua energia e determinação que levaram à execução dos dois projetos anteriores, apesar dos problemas e riscos. Rahmi propôs a consulta a um perito em bombas.

Os outros a princípio não gostaram da ideia. Em quem poderiam confiar, indagaram. Rahmi sugeriu Ellis Thaler. Era um americano que se intitulava poeta, mas que na verdade ganhava a vida dando aulas de inglês e que aprendera tudo sobre explosivos como recruta no Vietnã. Rahmi o conhecia há cerca de um ano; os dois trabalharam juntos num jornal revolucionário de vida curta, chamado Chãos, assim como também organizaram juntos uma noite de poesia com a finalidade de levantar fundos para a Organização de Libertação da Palestina. Ele parecia compreender a raiva de Rahmi pelo que se estava fazendo com a Turquia e seu ódio pelos bárbaros responsáveis.

Alguns dos outros estudantes também conheciam Ellis ligeiramente, pois ele participava de diversas manifestações. Supunham-no um estudante de pós-graduação ou um jovem professor. Ainda assim, relutaram em admitir na conspiração alguém que não era turco; mas Rahmi insistiu e por fim os outros consentiram.

Ellis ofereceu prontamente uma solução para o problema: a bomba teria um artefato de

controle por rádio. Rahmi ficaria numa janela em frente ao prédio da moça ou num carro estacionado, observando o Renault. Teria um pequeno transmissor de rádio, do tamanho de um maço de cigarros, do tipo usado para se abrir portas automáticas de garagem sem precisar sair do carro. Se Yilmaz entrasse sozinho no carro, como quase sempre acontecia, Rahmi apertaria o botão do transmissor, ativando um interruptor na bomba, que seria então armada e explodiria no instante em que o motor fosse ligado. Mas se a moça entrasse no carro, então Rahmi não apertaria o botão e ela poderia partir na ditosa ignorância. A bomba não ofereceria qualquer perigo enquanto não fosse armada.

— Sem botão não há explosão — disse Ellis.

Rahmi gostou da ideia e perguntou se Ellis colaboraria com Pepe Gozzi na fabricação da bomba. Claro, respondeu Ellis.

Havia porém mais um problema.

Tenho um amigo que quer conhecer vocês dois, Ellis e Pepe, disse Rahmi. Para ser franco, ele tem de conhecer vocês, caso contrário a operação está cancelada; pois é esse amigo que nos dá o dinheiro para explosivos e carros, subornos e armas, para tudo enfim. Por que ele quer nos conhecer?, indagaram Ellis e Pepe.

Ele precisa ter certeza de que a bomba vai funcionar e quer saber se pode confiar em vocês, explicou Rahmi, em tom de desculpa. Só precisam mostrar a bomba a ele, explicar como funciona, apertar sua mão, deixar que fite os dois nos olhos. É pedir demais, para o homem que está tornando tudo possível? Por mim está bem, disse Ellis.

Pepe hesitou. Queria o dinheiro que ganharia na operação — sempre queria dinheiro, como o porco sempre quer o cocho, mas detestava conhecer novas pessoas.

Ellis argumentou. Esses grupos de estudantes desabrocham e morrem como mimosas na primavera, não demora muito para que Rahmi saia de cena. Mas se você conhecer o "amigo", então poderá continuar a fazer negócios com ele mesmo depois de Rahmi sumir.

Tem razão, concordou Pepe, que não era um gênio, mas podia absorver os princípios gerais dos negócios, se fossem explicados com simplicidade.

Ellis comunicou a Rahmi que Pepe aceitara. Rahmi marcou um encontro para o domingo seguinte. Ellis acordou naquela manhã na cama de Jane. E acordou abruptamente, sentindo-se assustado, como se saísse de um pesadelo. Lembrou-se um momento depois do motivo pelo qual estava tão tenso.

Olhou para o relógio. Ainda era cedo. Repassou mentalmente o plano. Se tudo corresse bem, hoje seria a conclusão triunfante de mais um ano de trabalho paciente e cuidadoso. E poderia partilhar o triunfo com Jane, se ainda estivesse vivo ao fim do dia.

Ellis virou a cabeça para contemplá-la, mexendo-se devagar para não despertá-la. Seu coração se acelerou, como sempre acontecia quando lhe via o rosto. Ela estava deitada de costas, o nariz arrebicado apontando para o teto, os cabelos escuros espalhados pelo travesseiro, como as asas estendidas de um pássaro. Ellis contemplou a boca larga, os lábios cheios, que o beijavam com tanta frequência e com tanto ardor. O sol da primavera revelava a penugem loura em suas faces — sua barba, dizia ele, quando queria provocá-la. Era um prazer excepcional vê-la assim, em repouso, o rosto relaxado e sem qualquer expressão. Normalmente ela era animada — rindo, franzindo o rosto, fazendo uma careta, demonstrando surpresa, ceticismo ou compaixão. A expressão mais comum era um sorriso malicioso, como o de um garotinho travesso que acaba de

cometer uma brincadeira particularmente levada.

Só quando dormia ou se concentrava em algum pensamento é que Jane ficava assim; contudo, era como ele mais a amava, pois agora, quando ela se mostrava indefesa e desinibida, sua aparência insinuava a sensualidade lânguida que ardia logo abaixo da superfície, como um fogo subterrâneo, lento e quente. Quando a via assim, suas mãos ansiavam em tocá-la.

O que o surpreendera. Quando a conhecera, pouco depois de chegar a Paris, Jane lhe parecera a ativista típica que sempre se encontrava entre os jovens e os radicais nas grandes cidades, presidindo comitês e organizando campanhas contra o apartheid e pelo desarmamento nuclear, liderando marchas de protestos por El Salvador e a poluição das águas, levantando dinheiro para a população faminta do Chade e tentando promover um jovem e talentoso cineasta. As pessoas sentiam-se atraídas por sua aparência, cativadas por seu charme e energizadas por seu entusiasmo. Ellis saíra com ela umas poucas vezes, apenas pelo prazer de observar uma moça bonita estraçalhar um bife suculento; e depois — ele não podia lembrar exatamente como — descobrira que dentro daquela garota excitada havia uma mulher ardente, e se apaixonara por ela.

Correu os olhos pelo pequeno apartamento. Contemplou com satisfação os objetos pessoais familiares que davam ao lugar a marca de Jane: um lindo abajur, feito de um pequeno vaso chinês; uma estante com livros sobre economia e a pobreza no mundo; um sofá grande e macio, em que se podia afundar; uma fotografia do pai, um homem bonito, num paletó jaquetão, provavelmente tirada no início dos anos 60; uma pequena taça de prata que ela conquistara com seu pônei Dandelion, há dez anos.

Ela estava então com 13 anos, pensou Ellis, enquanto eu tinha 23; e quando ela ganhava competições com seu pônei em Hampshire, eu estava no Laos, instalando minas na Trilha Ho Chi Minh.

Quando ele conheceu o apartamento, quase um ano antes, Jane acabara de se mudar para lá, vinda dos subúrbios. Era então bem despojado: um pequeno quarto de sótão, uma quitinete, um chuveiro num box, um lavabo no fundo do corredor. Gradativamente, ela transformara uma mansarda sombria num ninho aconchegante. Ganhava um bom salário como intérprete, traduzindo francês e russo para o inglês. Mas o aluguel também era alto — o apartamento ficava perto do Boulevard St. Michel e por isso ela comprara com cuidado, poupando o dinheiro para a mesa de mogno certa, a cama antiga e o tapete Tabriz. Era o que o pai de Ellis chamaria de uma dama de classe. Vai gostar dela, papai, pensou Ellis. Vai ficar maluco por ela.

Virou de lado, ficando de frente para ela, e o movimento despertou-a, como sabia que aconteceria. Os enormes olhos azuis de Jane contemplaram o teto por uma fração de segundo, depois ela fitou-o, sorriu e aninhou-se em seus braços.

— Oi — murmurou Jane.

Ellis beijou-a e sentiu uma ereção no mesmo instante. Continuaram assim, como estavam, enlaçados, meio adormecidos, beijando-se de vez em quando; depois, Jane passou uma perna pelos quadris de Ellis e começaram a fazer amor, languidamente, sem falar.

Ao se tornarem amantes e começarem a fazer amor de manhã e à noite, muitas vezes no meio da tarde também, Ellis presumira que tamanho tesão não duraria muito e que depois de alguns dias, talvez umas poucas semanas, a novidade se desgastaria e passariam para a média

estatística de duas vezes e meia por semana ou qualquer coisa assim. Mas se enganara. Um ano depois, ainda trepavam como se estivessem em lua-de-mel.

Ela estendeu-se por cima de Ellis, deixando que todo o seu peso repousasse sobre o corpo dele. Sua pele úmida aderiu a dele. Ellis passou os braços por seu corpo pequeno e comprimiu-a, enquanto a penetrava ainda mais fundo. Ela sentiu que o orgasmo de Ellis estava chegando, levantou a cabeça e fitou-o, depois beijou-o com a boca aberta, enquanto ele gozava dentro dela. No instante seguinte ela soltou um gemido baixo e estridente, e Ellis sentiu-a gozar, um orgasmo prolongado, gentil e ondulado de manhã de domingo. Ela continuou por cima dele, ainda meio adormecida. Ellis afagou-lhe os cabelos. Depois de algum tempo, ela mexeu-se e murmurou: — Sabe que dia é hoje? — Domingo.

— É o seu domingo de fazer o almoço.

— Eu não tinha esquecido.

— Ótimo. — Houve uma pausa. — O que vai fazer para mim? — Bife, batatas, ervilhas, queijo de cabra, morangos com creme chantilly. Jane levantou a cabeça, rindo.

— Mas é o que você sempre faz! — Não é não. Na última vez tivemos petit-pois.

— E na vez anterior você esqueceu, e por isso saímos para comer fora. Que tal alguma variedade em sua cozinha? — Ei, espere um pouco. O combinado foi que cada um faria o almoço em domingos alternados. Ninguém disse coisa alguma sobre fazer um almoço diferente a cada vez.

Ela tornou a arriar por cima dele, simulando derrota. O trabalho naquele dia estivera no fundo da mente de Ellis durante todo o tempo. Precisaria da ajuda inconsciente de Jane, e aquele era o momento de pedi-la.

— Tenho de me encontrar com Rahmi esta manhã — começou ele.

— Está certo. Irei me encontrar com você depois, em seu apartamento.

— Há uma coisa que você poderia fazer por mim, se não se incomodar de chegar lá um pouco mais cedo.

— O que é?

— Faça o almoço. Não! Não! Eu estava apenas brincando. Quero sua ajuda numa pequena conspiração.

— Continue.

— Hoje é aniversário de Rahmi e seu irmão Mustafa está em Paris. Mas Rahmi não sabe. -se tudo der certo, pensou Ellis, nunca mais mentirei para você. — Quero que Mustafa apareça de surpresa na festa de aniversário de Rahmi. Mas vou precisar de uma cúmplice.

— Estou no jogo. — Jane saiu de cima dele e sentou na cama, cruzando as pernas. Os seios eram como maçãs, suaves, redondos e firmes. As pontas dos cabelos roçavam nos mamilos. — O que tenho de fazer?

— A coisa é simples. Preciso avisar a Mustafa para onde deve ir, mas Rahmi ainda não decidiu onde quer comer. Por isso, só poderei dar o recado a Mustafa no último minuto. E Rahmi provavelmente estará ao meu lado quando eu telefonar.

— Qual é a solução?

— Ligarei para você. Falarei uma porção de bobagens. Ignore tudo, menos o endereço. E depois ligue para Mustafa, comunique o endereço e explique a ele como chegar lá.

Tudo parecia perfeito quando Ellis concebera, mas agora a impressão era de ser uma

coisa totalmente implausível. Mas Jane aparentemente não ficou desconfiada e comentou: — Parece bem simples.

— Ótimo — disse Ellis bruscamente, disfarçando o seu alívio.

— E depois que telefonar, quanto tempo você vai demorar para voltar?

— Menos de uma hora. Quero esperar para ver a surpresa, mas não vou almoçar com eles.

Jane assumiu uma expressão pensativa.

— Eles convidaram você, mas não a mim.

Ellis deu de ombros. — É uma comemoração masculina.

Ele pegou o bloco de anotações na mesinha de cabeceira e escreveu Mustafa e o número do telefone.

Jane saiu da cama e foi até o boxe do chuveiro. Abriu a porta e a torneira. Seu ânimo mudara. Não estava mais sorrindo.

Ellis perguntou: — Por que está zangada?

— Não estou zangada, mas às vezes não gosto da maneira como seus amigos me tratam.

— Você sabe como os turcos são com as garotas.

— Exatamente... garotas. Eles não se importam com mulheres respeitáveis, mas eu sou uma garota.

Ellis suspirou.

— Você não é de se incomodar com atitudes pré-históricas de alguns chauvinistas. O que está realmente tentando me dizer? Ela refletiu por um momento, de pé, nua, ao lado do chuveiro. Era tão deslumbrante que Ellis sentiu vontade de fazer amor outra vez. Jane finalmente explicou: — Acho que estou querendo dizer que não gosto da minha posição. Estou comprometida com você, todos sabem disso... não durmo com mais ninguém, nem mesmo saio com outro homem... mas você não está comprometido comigo. Não vivemos juntos, não sei onde você vai ou o que faz na maior parte do tempo, não conhecemos os pais um do outro... e as pessoas sabem de tudo isso e me tratam como uma vagabunda.

— Você está exagerando.

— É o que você sempre diz.

Jane entrou no boxe e bateu a porta. Ellis pegou o aparelho de barba no estojo guardado na gaveta e foi se barbear na pia da cozinha. Já haviam tido aquela discussão antes, muito mais prolongada, ele sabia o que havia por trás: Jane queria que vivessem juntos.

Ele também queria, é claro; queria casar com ela, viver ao seu lado pelo resto da vida. Mas tinha de esperar até que aquela operação terminasse. Mas não podia dizer isso a ela, e por isso se limitava a murmurar coisas como Não estou preparado e Preciso de mais algum tempo, e as evasivas deixavam Jane furiosa. Ela achava que um ano era muito tempo para amar um homem sem arrancar-lhe qualquer tipo de compromisso. E estava certa, é claro. Mas se tudo corresse bem naquele dia, Ellis poderia acertar o problema de uma vez por todas.

Ele acabou de fazer a barba, enrolou a navalha numa toalha e guardou de volta na gaveta. Jane saiu do chuveiro e ele tomou seu lugar. “Não estamos nos falando”, pensou Ellis; “isso é uma tolice”.

Enquanto ele estava no chuveiro, Jane fez café. Ellis vestiu-se depressa, pondo um jeans desbotado e uma camisa de malha preta, foi sentar em frente a ela, no outro lado da mesinha de

mogno. Jane serviu-lhe café, dizendo: — Quero ter uma conversa séria com você.

— Está bem — Ellis apressou-se em responder. — Vamos deixar para a hora do almoço.

— Por que não agora? — Não tenho tempo.

— O aniversário de Rahmi é mais importante do que o nosso relacionamento?

— Claro que não. — Ellis percebeu o tom de irritação em sua própria voz e uma advertência aflorou-lhe na mente: Seja gentil ou pode perdê-la. — Mas eu prometi, e o cumprimento das promessas é importante. Mas não parece tão importante assim se temos esta conversa agora ou mais tarde.

O rosto de Jane assumiu uma expressão determinada, obstinada, que Ellis já conhecia: ela a exibia quando tomava uma decisão e alguém tentava desviá-la de seu caminho.

— É importante para mim que tenhamos esta conversa agora.

Por um momento, Ellis sentiu-se tentado a contar toda a verdade imediatamente. Mas não fora assim que planejava. Dispunha de pouco tempo, sua mente se achava concentrada em outra coisa, ainda não estava preparado. Seria muito melhor deixar para depois, quando ambos estivessem relaxados e ele pudesse dizer que seu trabalho em Paris já fora concluído.

— Acho que você está sendo tola e não me deixarei intimidar, Jane. Por favor, vamos deixar para conversar depois. Tenho de ir agora.

Ele levantou-se. Enquanto se encaminhava para a porta, Jane disse: — Jean-Pierre convidou-me para acompanhá-lo ao Afeganistão.

Era algo tão inesperado que Ellis teve de pensar por um instante, antes de poder absorver a informação. E depois indagou, incrédulo: — Está falando sério? — Estou, sim.

Ellis sabia que Jean-Pierre estava apaixonado por Jane. O mesmo acontecia com meia dúzia de outros homens, o que era inevitável com uma mulher como ela. Só que nenhum dos homens era um rival sério; ou pelo menos ele pensara que não, até aquele momento. Ellis começou a recuperar o controle e perguntou: — Por que você haveria de querer visitar uma zona de guerra em companhia de um bobalhão? — Isto não é brincadeira! — protestou Jane, com veemência. — Estou falando sobre a minha vida! Ele sacudiu a cabeça, ainda incrédulo. — Você não pode ir para o Afeganistão.

— Por que não? — Porque me ama.

— Isso não me deixa à sua disposição.

Pelo menos ela não dissera “Não amo, não”. Ellis olhou para o relógio. Era uma situação absurda: dentro de poucas horas diria a ela tudo o que estava querendo ouvir.

— Não é isso que estou querendo, Jane. Estamos falando sobre o nosso futuro e não é uma conversa que possa ser precipitada.

— Não vou esperar eternamente.

— Nem eu estou pedindo que espere eternamente. Só lhe peço mais algumas horas. — Ele afagou-lhe o rosto. — Não vamos brigar por causa de umas poucas horas.

Jane levantou-se e beijou-o na boca, com força. Ellis murmurou: — Você não vai para o Afeganistão, está bem? — Não sei.

Ele tentou um sorriso. — Pelo menos não antes do almoço.

Ela retribuiu ao sorriso e acenou com a cabeça. — Muito bem, não antes do almoço.

Ellis fitou-a por mais um momento e depois saiu.

Os amplos bulevares dos Champs Elysées estavam apinhados de turistas e parisienses,

empenhados num passeio matutino, movimentando-se como ovelhas num cercado, ao sol quente da primavera. Todos os cafês com mesas na calçada estavam lotados. Ellis parou perto do lugar combinado, carregando uma mochila que comprara numa loja de malas ordinárias. Parecia um americano excursionando de carona pela Europa.

Gostaria que Jane não tivesse escolhido aquela manhã para uma confrontação. Ela devia estar se remoendo agora e se mostraria irritada quando ele voltasse.

Muito bem, ele teria de levar algum tempo para dissipar sua irritação.

Ellis tratou de tirar Jane dos pensamentos e concentrou-se na tarefa que teria pela frente.

Havia duas possibilidades para a identidade do "amigo" de Rahmi, o homem que financiava o pequeno grupo terrorista. A primeira era de que fosse um turco rico, amante da liberdade, que decidira, por motivos políticos ou pessoais, que a violência contra a ditadura militar e seus partidários era justificada. Se fosse esse o caso, então Ellis ficaria desapontado.

A segunda possibilidade era de que fosse Boris.

"Boris" era um personagem lendário nos círculos em que Ellis andava — entre os estudantes revolucionários, os exilados palestinos, os conferencistas políticos ocasionais, os editores de jornais extremistas mal-impressos, os anarquistas, maoístas e armênios, os militantes vegetarianos. Dizia-se que era um russo, um agente da KGB disposto a financiar qualquer ato de violência esquerdista no Ocidente. Muitas pessoas duvidavam de sua existência, especialmente os que haviam tentado e não conseguiram arrancar fundos dos russos. Mas Ellis notara, com o tempo, que um grupo que passara meses sem fazer nada, limitando-se a formular queixas de que não tinha condições sequer para reproduzir seus panfletos, parava de repente de falar em dinheiro e se tornava muito preocupado com a segurança; pouco depois, havia um sequestro, um atentado a tiros ou a bomba.

Era absolutamente certo, pensava Ellis, que os russos davam dinheiro a grupos como os dissidentes turcos: não podiam resistir a um meio tão barato e de baixo risco para causar problemas no Ocidente. E como os Estados Unidos financiavam sequestradores e assassinos na América Central, ele não podia imaginar que a União Soviética fosse mais escrupulosa que seu próprio país. Além disso, como o dinheiro naquele ramo de trabalho não era guardado em contas bancárias ou transferido pelo telex, alguém precisava entregar as notas pessoalmente; portanto, tinha de haver um Boris.

Ellis queria muito conhecê-lo.

Rahmi apareceu às dez e meia em ponto, usando uma camisa Lacoste rosa e uma calça caqui impecavelmente passada. Parecia nervoso. Lançou um olhar penetrante para Ellis e depois desviou a cabeça.

Ellis seguiu-o, mantendo-se dez ou quinze metros atrás, como haviam combinado.

No café seguinte, numa mesa na calçada, estava sentado o vulto gordo e musculoso de Pepe Gozzi, usando um terno preto de seda, como se tivesse saído da missa, o que provavelmente acontecera mesmo. Tinha no colo uma pasta grande. Levantou-se e foi andando mais ou menos ao lado de Ellis, de tal forma que um observador casual não saberia se estavam juntos ou não.

Rahmi começou a subir a ladeira, na direção do Arco do Triunfo.

Ellis observou Pepe pelo canto do olho. O corso possuía um instinto animal para a autopreservação: discretamente, observou se estavam sendo seguidos, uma vez quando atravessou para o outro lado e podia olhar naturalmente pelo bulevar, enquanto esperava que o

sinal mudasse, a outra ao passar por uma loja de esquina, onde podia ver as pessoas que vinham refletidas na vitrine diagonal.

Ellis gostava de Rahmi, mas não de Pepe. Rahmi era sincero, um homem de princípios, as pessoas que ele matava provavelmente mereciam morrer. Pepe era muito diferente.

Fazia tudo por dinheiro e porque era muito rude e estúpido para sobreviver no mundo dos negócios legais.

Três quarteirões a leste do Arco do Triunfo Rahmi entrou numa rua transversal. Ellis e Pepe foram atrás. Rahmi atravessou a rua e entrou no Hotel Lancaster.

Então aquele era o ponto de encontro. Ellis esperava que a reunião ocorresse no bar ou restaurante do hotel: sentir-se-ia mais seguro numa sala pública.

O saguão de mármore do hotel estava bastante fresco, depois do calor da rua. Ellis estremeceu. Um garçom de smoking olhou de esguelha para seu jeans. Rahmi estava entrando num elevador pequeno, na extremidade do saguão em formato de L. Seria então num quarto do hotel. Muito bem. Ellis entrou no elevador atrás de Rahmi e Pepe espremeu-se em seguida. Os nervos de Ellis estavam tensos enquanto subiam. Saltaram no quarto andar. Rahmi levou-os ao Quarto 41 e bateu na porta.

Ellis tentou manter um rosto calmo e impassível. A porta foi aberta devagar.

Era Boris. Ellis teve certeza assim que fitou o homem, experimentou uma sensação de triunfo e, ao mesmo tempo, um calafrio de medo. Moscou estava claramente estampada no homem: do corte de cabelo comum aos sapatos reforçados e práticos, havia o estilo inconfundível da KGB na expressão dura de avaliação e na contração brutal da boca. Aquele homem não era como Rahmi ou Pepe: não era um idealista impetuoso nem um mafioso vulgar. Boris era um terrorista profissional implacável que não hesitaria em estourar os miolos de qualquer um dos três homens que se postavam agora à sua frente. Estou à sua procura há muito tempo, pensou Ellis.

Boris manteve a porta entreaberta por um momento, protegendo parcialmente o corpo, enquanto os examinava, depois deu um passo para trás e disse em francês: — Entrem.

Eles entraram na sala de uma suíte. Era decorada com algum requinte, mobiliada com cadeiras, mesas e um armário que parecia ser antiguidades do século XVIII. Um maço de cigarros Marlboro e um litro de conhaque livre de impostos estavam numa mesa delicada, de pernas arqueadas. Uma porta entreaberta no outro canto levava ao quarto. As apresentações de Rahmi foram nervosamente superficiais: — Pepe. Ellis. Meu amigo.

Boris era um homem de ombros largos, que usava uma camisa branca, as mangas enroladas, deixando à mostra os antebraços musculosos e cabeludos. A calça azul de sarja era grossa demais para aquela temperatura. No encosto de uma cadeira estava pendurado um paletó quadriculado, preto e amarelo-castanho, que não combinava com a calça azul.

Ellis largou a mochila no tapete e sentou. Boris apontou para a garrafa de conhaque.

— Um drinque? Ellis não queria beber conhaque às onze horas da manhã e disse: — Quero, sim, por favor... um café. Boris lançou-lhe um olhar duro e hostil.

— Todos nós vamos tomar um café.

Encaminhou-se para o telefone. É um homem acostumado a que todos demonstrem medo em sua presença, pensou Ellis; não gosta que eu o trate como um igual.

Rahmi sentia-se visivelmente intimidado por Boris e se mexia ansioso, abotoando e

desabotoando o botão de cima de sua camisa rosa, enquanto o russo ligava para a copa. Boris desligou e falou para Pepe, em francês: — Tenho muito prazer em conhecê-lo. Creio que poderemos nos ajudar mutuamente.

Pepe acenou com a cabeça, sem falar. Ele sentava na cadeira de veludo inclinado para a frente, o poderoso corpo no terno preto parecendo estranhamente vulnerável em contraste com o móvel delicado, como se este pudesse quebrá-lo, e não o contrário. Pepe tem muito em comum com Boris, pensou Ellis: ambos são fortes e cruéis, sem qualquer decência ou compaixão. Se Pepe fosse russo, estaria na KGB; e se Boris fosse francês, estaria na Máfia.

— Mostre-me a bomba — pediu Boris.

Pepe abriu a valise. Estava acondicionada em blocos, com cerca de trinta centímetros de comprimento, uma substância amarelada. Boris ajoelhou-se no tapete ao lado e espetou um dos blocos com o indicador. A substância cedeu como massa de vidraceiro. Boris cheirou-a e disse a Pepe: — Presumo que é C3. Pepe concordou.

— Onde está o mecanismo? Foi Rahmi quem respondeu: — Na mochila de Ellis. E Ellis declarou: — Não está, não.

Houve um silêncio total na sala por um momento. Uma expressão de pânico insinuou-se no rosto bonito e jovem de Rahmi.

— Como assim? — balbuciou ele muito agitado, os olhos assustados se deslocando de Ellis para Boris e voltando. — Você disse... eu disse a ele que você...

— Cale-se! — disse Boris, asperamente.

Rahmi ficou em silêncio. Boris olhou para Ellis, expectante. Ellis falou com uma indiferença que não sentia: — Fiquei com medo de que pudesse haver uma armadilha e deixei o mecanismo em casa. Mas pode estar aqui em poucos minutos. Só preciso telefonar para minha garota.

Boris fitou-o fixamente, sem dizer nada, por vários segundos. Ellis sustentou o olhar com toda frieza de que era capaz. Boris acabou perguntando: — Por que pensou que poderia ser uma armadilha? Ellis decidiu que qualquer tentativa de justificação pareceria defensiva. E, de qualquer forma, era uma pergunta estúpida. Lançou um olhar arrogante para Boris, deu de ombros e permaneceu calado. Boris continuou a fitá-lo atentamente e depois acrescentou: — Eu farei a ligação.

Um protesto chegou a aflorar aos lábios de Ellis, mas ele o reprimiu. Era algo que não previra. Mas manteve com extremo cuidado a pose de não-me-importo, enquanto a mente estava em roda-viva. Como Jane reagiria à voz de um estranho? E se ela não estivesse no apartamento, se resolvera romper a promessa? Lamentou a decisão de usá-la como intermediária, mas agora já era tarde demais.

— Você é um homem cauteloso — disse ele a Boris.

— E você também. Qual é o telefone? Ellis informou. Boris escreveu o número no bloco de recados ao lado do telefone e depois começou a discar.

Os outros esperaram, em silêncio. Boris disse ao telefone: — Alô? Estou ligando por conta de Ellis.

Talvez a voz desconhecida não a abalasse, pensou Ellis; afinal, Jane estava mesmo aguardando uma ligação extravagante. Ignore tudo, menos o endereço, ele recomendara.

— Como? — disse Boris, irritado. Ellis pensou: Mas que merda! O que será que ela disse?

— Sou, sim, mas isso não importa agora. Ellis quer que você traga o mecanismo ao Quarto 41, no Hotel Lancaster, Rue de Berri. Houve outra pausa.

Entre no jogo, Jane, pensou Ellis.

— Tem razão, é um hotel muito simpático.

Pare de brincadeira! Diga apenas que fará o que o homem está pedindo... por favor! —

Obrigado. — Uma pausa e Boris acrescentou, sarcástico: — Você é muito gentil.

Ele desligou. Ellis tentou dar a impressão de que não esperava qualquer dificuldade. Boris disse: — Ela sabia que eu era russo. Como descobriu? Ellis ficou perplexo por um momento e depois compreendeu. Apressou-se em explicar: — Ela é linguista. Conhece os sotaques. Pepe falou pela primeira vez: — Enquanto esperamos pela chegada da mulher, vamos ver o dinheiro. — Está certo.

Boris foi para o quarto. Enquanto ele estava ausente, Rahmi disse a Ellis, em voz baixa e sibilante: — Eu não podia imaginar que você faria uma coisa destas! — Nem podia mesmo — respondeu Ellis, num tom de tédio simulado. — Se soubesse o que eu tencionava fazer, não daria certo como salvaguarda, não é mesmo? Boris voltou com um grande envelope pardo e entregou-o a Pepe. O curso abriu-o e começou a contar as notas de cem francos.

Boris abriu um maço de Marlboro, tirou um cigarro e acendeu-o.

Ellis pensou: Espero que Jane não demore a fazer a ligação para "Mustafa". Eu deveria ter avisado que era importante transmitir a mensagem no mesmo instante. Depois de algum tempo, Pepe informou: — Está tudo aqui.

Tornou a guardar o dinheiro no envelope, passou a língua pela aba, fechou-o e o pôs numa mesa ao lado.

Os quatro homens permaneceram sentados em silêncio por vários minutos. Boris perguntou a Ellis: — A que distância fica o seu apartamento? — A quinze minutos de lambreta.

Houve uma batida na porta. Ellis ficou tenso.

— Ela veio depressa. — Boris abriu a porta e acrescentou, com uma expressão de repulsa, antes de voltar a seu lugar: — Café.

Dois garçons de jaqueta branca empurraram um carrinho para o interior da sala. Empertigaram-se e viraram-se, cada um empunhando uma pistola MAB Modelo D, usada pelos detetives franceses. Um deles disse: — Ninguém se mexa.

Ellis sentiu que Boris se preparava para entrar em ação. Por que havia apenas dois detetives? Se Rahmi fizesse alguma besteira e acabasse baleado, isso criaria diversão suficiente para que Pepe e Boris, juntos, dominassem os homens armados...

A porta do quarto foi aberta e mais dois homens vestidos de garçom estavam postados ali, armados como seus colegas.

Boris relaxou, uma expressão de resignação insinuando-se em seu rosto.

Ellis compreendeu que estivera prendendo a respiração. Deixou escapar, num longo suspiro. Estava tudo acabado.

Um oficial de polícia uniformizado entrou na sala.

— Uma armadilha! — explodiu Rahmi. — Isto é uma armadilha! — Cale-se! — berrou Boris, a voz áspera tornando a silenciar Rahmi. Ele virou-se para o oficial. — Protesto com veemência contra esta afronta. Por favor, registre que...

O policial socou-o na boca com a mão enfiada numa luva de couro. Boris tocou nos

lábios, depois olhou para o sangue na mão. Sua atitude mudou completamente ao compreender que era muito sério para que tentasse encontrar uma saída no blefe.

— Não se esqueça da minha cara — disse ele ao oficial, a voz fria e solene. — Tornará a vê-la.

— Mas quem é o traidor? — gritou Rahmi. — Quem nos traiu? — Ele — respondeu Boris, apontando para Ellis.

— Ellis? — balbuciou Rahmi, incrédulo.

— O telefonema — explicou Boris. — O endereço. Rahmi ficou olhando fixamente para Ellis. Parecia profundamente magoado.

Outros policiais uniformizados entraram. O oficial apontou para Pepe, dizendo: — Aquele é Gozzi. — Dois homens algemaram Pepe e levaram-no. O oficial olhou para Boris: — Quem é você? Boris exibiu uma expressão entediada.

— Meu nome é Jan Hocht. Sou um cidadão argentino e...

— Não se dê o trabalho de continuar. Podem levá-lo. — O oficial virou-se para Rahmi. — E você? — Não tenho nada a declarar! — gritou Rahmi, conseguindo fazer com que soasse heróico.

O oficial sacudiu a cabeça e Rahmi também foi algemado. O jovem turco lançou um olhar furioso para Ellis ao ser levado.

Os prisioneiros desceram no elevador, um de cada vez. A valise de Pepe e o envelope com as notas de cem francos foram metidos em sacos de plástico. Um fotógrafo da polícia entrou na sala e armou seu tripé. O oficial disse a Ellis: — Há um Citroën DS preto estacionado na frente do hotel. — Hesitante, acrescentou: — Senhor.

Estou de volta ao lado certo da lei, pensou Ellis. Mas é uma pena que Rahmi seja um homem muito mais simpático que este tira.

Ele desceu no elevador. No saguão do hotel, o gerente de casaco preto e calça listrada exibiu uma expressão angustiada, enquanto mais policiais entravam.

Ellis saiu para o sol. O Citroën preto estava no outro lado da rua. Havia um homem ao volante e outro sentado no banco de trás. Ellis entrou atrás. O carro partiu, acelerando. O passageiro virou-se para Ellis e disse: — Olá, John.

Ellis sorriu. Era estranho ouvir seu nome outra vez, depois de mais de um ano.

— Como está, Bill? — Aliviado! Durante treze meses não ouvimos qualquer notícia sua além de pedidos de dinheiro. E de repente recebemos um telefonema categórico dizendo que tínhamos vinte e quatro horas para providenciar uma prisão local. Imagine o que tivemos de fazer para persuadir os franceses a fazerem isso sem explicar por quê. Os homens deviam estar prontos nas proximidades dos Champs Elysées, mas para chegar ao endereço certo tínhamos de esperar por uma ligação de uma mulher desconhecida, perguntando por Mustafa. E isso era tudo o que sabíamos! — Não podia ser de outra forma — murmurou Ellis, desculpando-se.

— Não foi fácil... e agora devo alguns favores nesta cidade... mas conseguimos. Quero agora saber se valeu a pena. Quem agarramos? — O russo é Boris — explicou Ellis.

O rosto de Bill se abriu num largo sorriso.

— Essa não! — exclamou ele. — Você me trouxe Boris. Fala sério? — Claro.

— Puxa, é melhor eu arrancá-lo das mãos dos franceses antes que eles descubram quem é. Ellis deu de ombros.

— Ninguém vai conseguir arrancar muitas informações dele. O homem é do tipo dedicado. O importante é que o tiramos de circulação. Eles levarão alguns anos para providenciar um substituto à altura e para que o novo Boris desenvolva os seus contatos. Enquanto isso, reduzimos consideravelmente as operações.

— Tem toda razão. A coisa é sensacional.

— O curso é Pepe Gozzi, um traficante de armas — continuou Ellis. — Foi ele quem forneceu o material para praticamente todas as ações terroristas na França durante os últimos dois anos, assim como em vários outros países. Ele é que deve ser interrogado. Mande um detetive francês conversar com seu pai, Meme Gozzi, em Marselha.

Tenho a impressão de que vai descobrir que o velho jamais gostou da ideia de a família se envolver em crimes políticos. Proponha-lhe um acordo: imunidade para Pepe, se Pepe testemunhar contra todos os terroristas políticos a quem vendeu armas e explosivos... nenhum deles é criminoso comum. Meme aceitará, porque não será considerado uma traição aos amigos. E se Meme concordar, Pepe também aceitará. Os franceses terão julgamentos por muitos anos.

— Incrível... — Bill parecia aturdido. — Em apenas um dia você agarrou os que são provavelmente os dois maiores instigadores do terrorismo no mundo.

— Um dia? — Ellis sorriu. — Levei um ano.

— Valeu a pena.

— O jovem é Rahmi Coskun. — Ellis estava se apressando, porque havia outra pessoa a quem queria contar toda a história. — Rahmi e seu grupo cometeram o atentado a bomba contra a Turkish Airlines há cerca de dois meses e antes disso mataram um adido da embaixada. Se capturar o grupo inteiro vai certamente encontrar provas concretas.

— Ou a polícia francesa os persuadirá a confessar.

— Tem razão. Dê-me um lápis e escreverei os nomes e endereços.

— Não há necessidade, John. Vamos para a embaixada e lá você me dará todas as informações.

— Não Vou voltar à embaixada.

— Não lute contra o programa, John.

— Eu lhe darei os nomes e você terá então todas as informações essenciais, mesmo que eu seja atropelado por um motorista de táxi francês louco. Se eu sobreviver, Vou encontrá-lo amanhã de manhã e darei todos os detalhes.

— Por que esperar? — Tenho um compromisso para o almoço. Bill revirou os olhos para o alto.

— Creio que lhe devemos isso — disse ele, relutante.

— Foi o que calculei.

— Quem é a pessoa com quem vai se encontrar? — Jane Lambert. Foi um dos nomes que você me forneceu originalmente.

— Estou lembrado. Eu lhe disse que se conseguisse se insinuar nas afeições de Jane ela lhe apresentaria a cada esquerdista maluco, terrorista árabe, seguidor do Baader-Meinhof e poeta da vanguarda de Paris.

— Foi justamente o que aconteceu, só que acabei me apaixonando por ela.

Bill parecia um banqueiro de Connecticut informado de que o filho vai casar com a filha de um milionário preto: não sabia se ficava emocionado ou consternado.

— Ahn... como ela é realmente? — Não é maluca, embora tenha alguns amigos malucos. O que posso lhe dizer? Ela é tão linda quanto uma pintura, inteligente que não acaba mais, um tesão insaciável.

Em suma, ela é maravilhosa. A mulher que sempre procurei durante toda a minha vida.

— Posso compreender por que você prefere comemorar com ela e não comigo. O que pretende fazer? Ellis sorriu.

— Vou abrir uma garrafa de vinho, fritar dois bifês, contar a ela que capturei terroristas como profissão e pedi-la em casamento.

Capítulo 2

Jean-Pierre inclinou-se sobre a mesa da cantina e fitou a morena com uma expressão compadecida.

— Creio que sei como você se sente — disse ele, afetuosamente. — Lembro que fiquei muito deprimido ao final do primeiro ano na faculdade de medicina. Parece que o cérebro recebeu mais informação do que é capaz de absorver e a gente não sabe como dominar tudo a tempo para os exames.

— É exatamente isso — murmurou a moça, acenando com a cabeça, quase em lágrimas.

— É um bom sinal — tranquilizou-a Jean-Pierre. — Significa que você está por dentro. As pessoas que não estão preocupadas são as que serão reprovadas.

Os olhos castanhos da moça ficaram molhados em gratidão.

— Acha mesmo? — Tenho certeza.

Ela fitou-o com adoração. Você preferia me comer do que ao seu almoço, não é mesmo?, pensou Jean-Pierre. Ela mudou de posição, a suéter se entreabriu, deixando à mostra a renda da parte superior do sutiã. Ele sentiu-se tentado por um momento. Na ala leste do hospital havia um depósito de roupa de cama que nunca era usado depois das nove e meia da manhã. Jean-Pierre já aproveitara o lugar mais de uma vez. Pode-se trancar a porta por dentro e deitar numa pilha macia de lençóis limpos...

A morena suspirou, espetou um pedaço de carne com o garfo e levou-o à boca. E quando ela começou a mastigar, Jean-Pierre perdeu o interesse. Detestava observar as pessoas comerem. De qualquer forma, ele estivera apenas flexionando os músculos, a fim de provar que ainda era capaz: não queria realmente seduzi-la. Ela era muito bonita, cabelos crespos, a cor quente do Mediterrâneo, possuía um corpo maravilhoso. Mas ultimamente Jean-Pierre não sentia qualquer entusiasmo por conquistas casuais. A única mulher que podia fasciná-lo por mais de alguns minutos era Jane Lambert... e ela se recusava até mesmo a beijá-lo.

Ele desviou os olhos da morena e correu-os, inquieto, pela cantina do hospital. Não viu ninguém que conhecesse. O lugar estava quase vazio: ele almoçava cedo porque estava no primeiro turno.

Seis meses já haviam transcorrido desde que contemplara pela primeira vez o rosto incrivelmente belo de Jane, no outro lado de uma sala apinhada, durante o coquetel de lançamento de um novo livro sobre ginecologia feminista. Jean-Pierre sugerira-lhe que não existia uma medicina feminista, apenas a boa e a má medicina. Ela respondera que não havia uma matemática cristã, mas apesar disso fora preciso um herege como Galileu para provar que a terra gira em torno do sol. Jean-Pierre exclamara "Tem toda razão!", em seu jeito mais cativante, os dois se tornaram amigos.

Mas Jane era resistente ao seu charme, até mesmo imune. Gostava dele, mas parecia estar comprometida com o americano, apesar de Ellis ser muito mais velho que ela.

De certa forma, isso a tornava ainda mais desejável a Jean-Pierre. Se ao menos Ellis saísse de cena... fosse atropelado por um ônibus ou algo parecido... Ultimamente, a resistência de Jane parecia estar enfraquecendo... ou seria apenas o seu desejo de que isso estivesse acontecendo? A engraçada perguntou: — É verdade que você vai passar dois anos no Afeganistão?

— É, sim.

— Por quê?

— Acho que é porque creio na liberdade. E porque não estudei tanto só para fazer pontes de safena em empresários gordos.

As mentiras afluíam-lhe automaticamente aos lábios.

— Mas por que dois anos? As pessoas que fazem isso geralmente ficam de três meses a seis, um ano no máximo. Dois anos parecem uma eternidade.

— É mesmo? — Jean-Pierre exibiu um sorriso irônico. — O problema é que é difícil realizar qualquer coisa de valor num período mais curto. A ideia de enviar médicos para lá numa visita breve é extremamente ineficaz. Os rebeldes precisam de uma assistência médica constante, um hospital que permaneça no mesmo lugar e tenha pelo menos alguns médicos em residência de um ano para outro. Como está a situação, a metade das pessoas não sabe para onde levar seus doentes e feridos, não segue as ordens do médico porque nunca o conhece bastante bem para confiar nele e nenhum tem tempo para uma educação preventiva. E o custo de transportar os voluntários para o país e trazê-los de volta faz com que seus serviços "gratuitos" se tornem bastante dispendiosos. Jean-Pierre empenhou tanto esforço nesse discurso que quase acreditou no que dizia, precisando então lembrar a si mesmo do verdadeiro motivo para ir ao Afeganistão e lá permanecer por dois anos. Uma voz às suas costas indagou: — Quem vai dar os seus serviços de graça? Ele virou-se para deparar com outro casal, carregando bandejas com comida: Valerie, residente como ele, e seu namorado, um radiologista. Os dois sentaram com Jean-Pierre e a morena. E quem respondeu à pergunta de Valerie foi a morena: — Jean-Pierre vai para o Afeganistão, a fim de trabalhar para os rebeldes.

— É mesmo? — Valerie estava surpresa. — Ouvi dizer que você recebeu um convite maravilhoso de Houston.

— Recusei.

Ela ficou ainda mais impressionada.

— Por quê? — Acho que vale a pena salvar as vidas de guerreiros da liberdade, mas uns poucos milionários texanos a mais ou a menos não farão qualquer diferença para nada.

O radiologista não era tão fascinado por Jean-Pierre quanto sua namorada. Ele engoliu uma porção de batata e disse: — Não se preocupe. Quando voltar, não terá qualquer dificuldade em receber o mesmo convite... pois além de médico, será também um herói.

— Acha mesmo? Jean-Pierre falou friamente. Não estava gostando do rumo que a conversa tomava.

— Duas pessoas deste hospital foram para o Afeganistão no ano passado — acrescentou o radiologista. — Os dois arrumaram empregos sensacionais quando voltaram.

Jean-Pierre deu um sorriso condescendente.

— É bom saber que serei empregável se sobreviver.

— É o mínimo que se pode esperar! — protestou a morena, indignada. — Depois de tamanho sacrifício! — O que seus pais acham da ideia? — quis saber Valerie.

— Minha mãe aprova.

É claro que ela aprovava, pois adorava um herói. Jean-Pierre podia imaginar o que o pai diria a respeito de jovens médicos idealistas que iam trabalhar para os rebeldes afegãos.

Socialismo não significa que todos podem fazer o que quiserem! , afirmaria ele, a voz rouca e áspera, o rosto se avermelhando um pouco. O que você pensa que aqueles rebeldes são? Não

passam de bandidos saqueando os camponeses que respeitam a lei. As instituições feudais precisam ser extirpadas antes que o socialismo possa triunfar. Ele bateria na mesa com o punho enorme. Para se fazer uma omelete é preciso quebrar os ovos — para se fazer o socialismo é preciso quebrar cabeças! Não se preocupe, papai, já sei de tudo isso.

— Meu pai já morreu — disse Jean-Pierre. — Mas ele também foi um combatente da liberdade. Lutou na Resistência durante a guerra.

— O que ele fazia? — indagou o cético radiologista.

Mas Jean-Pierre não respondeu, porque avistara Raoul Clermont, o editor de *La Revolté*, atravessando a cantina, suado em seu terno dominical. O que estaria fazendo na cantina do hospital o gordo jornalista? — Preciso falar com você — disse Raoul, sem qualquer preâmbulo, esbaforido. Jean-Pierre apontou para uma cadeira.

— Raoul...

— É urgente — interrompeu-o Raoul, quase como se não quisesse que os outros ouvissem seu nome.

— Por que não nos acompanha no almoço? Poderemos então conversar à vontade.

-lamento muito, mas não posso.

Jean-Pierre percebeu um tom de pânico na voz do gordo. Fitando-o nos olhos, compreendeu que lhe suplicavam para que não perdesse tempo. Surpreso, Jean-Pierre levantou-se.

— Está certo. — A fim de disfarçar o inesperado da situação, ele acrescentou para os outros, jovialmente: — Não comam o meu almoço... voltarei num instante.

Pegou Raoul pelo braço e os dois saíram da cantina. Jean-Pierre tencionava parar logo depois da porta e conversar, mas Raoul continuou a andar pelo corredor, anunciando: — Monsieur Leblond é que me mandou até aqui.

— Eu já começava a imaginar que ele estava por trás disso.

Um mês antes Raoul o levava para conhecer Leblond, que o convidara a ir para o Afeganistão, aparentemente para ajudar os rebeldes, como faziam muitos jovens médicos franceses, mas na verdade com a missão de espionar para os russos. Jean-Pierre sentira-se orgulhoso, apreensivo e, acima de tudo, emocionado com a oportunidade de fazer alguma coisa realmente espetacular pela causa. Seu único receio fora o de ser rejeitado pelas organizações que enviavam médicos ao Afeganistão por ser comunista.

Não tinham meios de saber que ele era membro do Partido, e Jean-Pierre certamente não lhes diria, mas podiam saber que era simpatizante do comunismo. Contudo, havia muitos comunistas franceses que se opunham à invasão do Afeganistão. Mesmo assim, havia a possibilidade de que uma organização cautelosa pudesse sugerir que Jean-Pierre estaria mais feliz se trabalhasse para algum outro grupo de guerrilheiros — também mandavam ajuda para os rebeldes de El Salvador, por exemplo. No final, porém, isso não acontecera: Jean-Pierre fora aceito prontamente pela *Médecins pour la Liberté*. Ele dera a boa notícia a Raoul, que lhe dissera que haveria outra reunião com Leblond. Talvez fosse aquela.

— Mas por que o pânico?

— Ele quer falar com você agora.

— Agora? — Jean-Pierre ficou irritado. — Estou de plantão. Tenho pacientes...

— Outro médico pode cuidar deles.

— Mas por que a urgência? Só Vou partir daqui a dois meses.

— Não é sobre o Afeganistão.

— O que é então?

— Não sei.

— Então o que o está assustando?, especulou Jean-Pierre.

— Não tem a menor ideia?

— Só sei que Rahmi Coskun foi preso.

— O estudante turco?

— Esse mesmo.

— Por quê? — Não sei.

— E o que isso tem a ver comigo? Eu mal o conheço.

— Monsieur Leblond explicará tudo.

Jean-Pierre levantou as mãos.

— Não posso sair do hospital desse jeito.

— O que aconteceria se você se sentisse mal? — indagou Raoul.

— Comunicaria à enfermeira-chefe, que chamaria um substituto. Mas...

— Pois então fale com ela.

Eles estavam agora na entrada do hospital e havia uma fileira de telefones internos numa parede. Isto pode ser um teste, pensou Jean-Pierre; um teste de lealdade, a fim de verificar se sou bastante sério para receber a missão. Resolveu se expor à ira da direção do hospital. Pegou o telefone e disse, ao concluir a ligação para a enfermeira-chefe: — Surgiu um problema urgente na família e preciso me afastar. Entre em contato com o doutor Roche imediatamente.

— Pois não, doutor — respondeu a enfermeira, calmamente.

— Espero que não sejam notícias tristes.

— Eu lhe contarei tudo depois — disse ele, apressadamente.

— Até já. Ah... espere um instante. — Ele tinha uma paciente pós-operatória que sofrera uma hemorragia durante a noite. — Como está a senhora Ferier?

— Muito bem. A hemorragia foi estancada.

— Ótimo. Fique atenta a ela.

— Está bem, doutor.

Jean-Pierre desligou e disse a Raoul: — Já podemos ir.

Saíram para o estacionamento e embarcaram no Renault de Raoul. O interior do carro estava muito quente do sol de meio-dia. Raoul foi guiando depressa por ruas secundárias. Jean-Pierre sentia-se nervoso. Não sabia exatamente quem era Leblond, mas calculava que o homem devia ser alguma coisa na KGB. Jean-Pierre descobriu-se especulando se fizera algo para ofender a tão temida organização; e, se era esse o caso, qual poderia ser a punição.

Não poderiam certamente ter descoberto qualquer coisa sobre Jane.

E o fato de ele convidá-la para acompanhá-lo ao Afeganistão não era da conta de mais ninguém. De qualquer forma, haveria outros no grupo, talvez uma enfermeira para ajudar Jean-Pierre em seu destino, talvez outros médicos, seguindo para regiões diferentes do país: por que Jane não poderia estar entre eles? Não era enfermeira, mas podia fazer um curso intensivo e tinha a grande vantagem de falar farsi, a língua persa, que era falada também na região para onde Jean-Pierre ia.

Ele esperava que Jane o acompanhasse por idealismo e pelo senso de aventura. Esperava que ela esquecesse Ellis no Afeganistão e se apaixonasse pelo europeu mais próximo, no caso, é claro, Jean-Pierre.

E também esperava que o Partido jamais descobrisse que ele a encorajara a viajar por motivos pessoais. Não havia necessidade de que soubessem, não havia possibilidade de descobrirem, em circunstâncias normais — ou pelo menos ele assim pensava. Mas talvez estivesse enganado. Talvez eles estivessem furiosos.

Isso é tolice, refletiu Jean-Pierre. Não fiz nada de errado: e mesmo que tivesse feito, não haveria punição. Esta é a verdadeira KGB, não a instituição mística que incute o medo nos corações dos assinantes do Reader's Digest.

Raoul parou o carro. Estavam na frente de um luxuoso prédio residencial na Rue de l'Université. Era o mesmo lugar onde Jean-Pierre se encontrara com Leblond na última vez. Saltaram e entraram no prédio.

O saguão era escuro. Subiram a escada em curva para o segundo andar e apertaram uma campainha. Minha vida mudou muito, pensou Jean-Pierre, desde a última vez em que esperei diante desta porta.

Monsieur Leblond abriu-a. Era um homem baixo, franzino, calvo, de óculos, parecia um mordomo com o terno cinza-escuro e gravata prateada. Conduziu-os à sala nos fundos do apartamento onde Jean-Pierre fora entrevistado. Os frisos altos e requintados indicavam que fora outrora uma sala de estar, mas tinha agora um carpete de náilon, uma escrivaninha ordinária e algumas cadeiras de plástico laranja.

— Esperem aqui um momento — disse Leblond.

Sua voz era bastante incisiva, seca como poeira. Um sotaque leve, mas inconfundível, sugeria que seu nome verdadeiro não era Leblond. Ele saiu por uma outra porta.

Jean-Pierre sentou-se numa das cadeiras de plástico. Raoul continuou de pé. Foi nesta sala, pensou Jean-Pierre, que a voz seca me disse: Você tem sido um membro discreto e leal do Partido desde o início. Seu caráter e os antecedentes familiares indicam que serviria o Partido muito bem numa missão secreta.

Espero não ter arruinado tudo por causa de Jane, refletiu ele.

Leblond voltou com outro homem. Os dois pararam à entrada e Leblond apontou para Jean-Pierre. O segundo homem observou-o atentamente, como se gravasse o rosto na memória. Jean-Pierre sustentou seu olhar. O homem era enorme, ombros largos, como um jogador de futebol americano. Os cabelos eram compridos nos lados, mas ralos no alto da cabeça, o bigode tinha as pontas caídas. Usava um casaco verde de veludo cotelê, com um rasgão na manga. Depois de alguns segundos, ele balançou a cabeça e se retirou. Leblond fechou a porta e foi se sentar atrás da escrivaninha.

— Aconteceu um desastre — anunciou ele.

Não tem nada a ver com Jane, pensou Jean-Pierre. Graças a Deus. Leblond acrescentou: — Há um agente da CIA no seu círculo de amigos.

— Santo Deus! — exclamou Jean-Pierre.

— Não é esse o desastre — disse Leblond, irritado. — Não é de surpreender que houvesse um espião americano entre os seus amigos. com toda certeza há também espiões israelenses, sul-africanos e franceses. O que essas pessoas teriam para fazer se não se infiltrassem nos grupos de

jovens ativistas políticos? E nós também temos o nosso homem, é claro.

— Quem é? — Você.

— Ahn... — Jean-Pierre ficou consternado: jamais pensara em si mesmo como um espião. Mas o que mais significava servir o Partido numa missão secreta? Intensamente curioso, ele perguntou: — Quem é o agente da CIA? — Um homem chamado Ellis Thaler. Jean-Pierre ficou tão chocado que se levantou.

— Ellis? — Você o conhece. Ótimo.

— Ellis é um espião da CIA? — Sente-se — disse Leblond, calmamente. — Nosso problema não é o que ele é, mas sim o que ele fez. Jean-Pierre estava pensando: se Jane descobrir isso, vai largar Ellis como se fosse uma batata quente. Eles me deixarão contar a ela? Se não permitirem, ela descobrirá de alguma outra forma? E vai acreditar? Ellis tentará negar? Leblond estava falando. Jean-Pierre fez um esforço para se concentrar em suas palavras.

— O desastre é que Ellis preparou uma armadilha e capturou alguém muito importante para nós. Jean-Pierre lembrou-se que Raoul comentara que Rahmi Coskun fora preso.

— Rahmi é importante para nós?

— Não é Rahmi.

— Quem é então?

— Você não precisa saber.

— Então por que me trouxeram até aqui?

— Fique calado e escute — disse Leblond asperamente, fazendo com que Jean-Pierre sentisse medo dele pela primeira vez. — Jamais me encontrei com seu amigo Ellis. Infelizmente, Raoul também não o conhece pessoalmente. Portanto, não conhecemos sua aparência. Mas você sabe. E foi por isso que o chamamos aqui. Sabe também onde Ellis mora?

— Sei, sim. Ele tem um quarto em cima de um restaurante na Rue de l'Ancienne Comédie.

— O quarto dá para a rua?

Jean-Pierre franziu o rosto. Só estivera lá uma vez: Ellis não tinha o hábito de convidar as pessoas a visitarem-no.

— Acho que sim.

— Não tem certeza?

— Deixe-me pensar um pouco... — Ele estivera lá de madrugada, em companhia de Jane e um grupo de outras pessoas, depois de uma sessão de cinema na Sorbonne. Ellis servira-lhes um café. Era um quarto pequeno. Jane se sentara no chão, ao lado da janela... — Dá, sim. A janela fica de frente para a rua. Mas por que isso é importante?

— Significa que você pode dar um sinal.

— Eu? Por quê? Para quem?

Leblond fitou-o com uma expressão perigosa.

— Desculpe — murmurou Jean-Pierre.

Leblond hesitou. Quando tornou a falar, a voz era um pouco mais suave, embora a expressão permanecesse impassível.

— Você vai passar pelo batismo de fogo. Lamento ter de usá-lo numa... ação... assim, quando ainda não fez nada para nós. Mas você conhece Ellis e está aqui, e neste momento não dispomos de mais ninguém que o conheça; e o que queremos perderá o impacto se não for

realizado imediatamente. Portanto, preste atenção, pois é muito importante. Vá ao quarto de Ellis. Se ele estiver, você deve entrar... imagine algum pretexto. Chegue na janela, incline-se para fora, dê um jeito de ser visto por Raoul, que estará esperando na rua.

Raoul remexeu-se como um cachorro que ouve alguém mencionar seu nome numa conversa. Jean— Pierre perguntou: — E se Ellis não estiver?

— Fale com os vizinhos. Tente descobrir para onde ele foi e quando voltará. Se tudo indicar que ele se ausentou apenas por uns poucos minutos ou mesmo por uma hora, você então deve esperar.

Quando ele voltar, faça como antes: entre, vá até a janela e certifique-se de que Raoul o viu. Seu aparecimento na janela é o sinal de que Ellis está no quarto... assim, não apareça na janela se ele não estiver. Entendido?

— Já sei o que quer que eu faça — respondeu Jean-Pierre. — Só não entendo qual é o propósito.

— Queremos identificar Ellis.

— E depois que eu o identificar? Leblond deu a resposta que Jean-Pierre mal se atrevera a esperar e que o deixou emocionado: — Vamos matá-lo, é claro.

Capítulo 3

Jane estendeu uma toalha branca remendada sobre a pequena mesa de Ellis e arrumou dois lugares, com um sortimento de talheres amassados. Encontrou uma garrafa de Fleurie no armário de baixo da pia e abriu-a. Sentiu-se tentada a provar, mas depois resolveu esperar por Ellis. Pôs os copos na mesa, sal e pimenta, mostarda, guardanapos de papel. Pensou se deveria começar a cozinhar. Não, era melhor deixar isso para Ellis.

Ela não gostava daquele quarto. Era despojado, apertado e impessoal. Ficara bastante chocada ao vê-lo pela primeira vez. Vinha saindo com aquele homem maduro, afetuoso e descontrado, imaginara que ele morasse num lugar que expressasse a sua personalidade, um apartamento atraente e confortável, com recordações de um passado rico em experiências. Mas nunca se poderia imaginar que o homem que morava ali fora casado, lutara numa guerra, tomara LSD e destacara-se como o capitão do time de futebol americano na escola. As paredes brancas e frias estavam decoradas com alguns posters escolhidos às pressas. A louça vinha de lojas de segunda-mão, e as painéis eram as mais ordinárias. Não havia dedicatórias nos livros de poesia no estante. Ele guardava as calças e camisas numa mala de plástico, por baixo da cama que rangia muito. Onde estavam os velhos boletins escolares, as fotografias dos sobrinhos, o exemplar tão querido de Heartbreak Hotel, o canivete de lembrança de Boulogne ou Niagara Falls, a saladeira de teca que todo mundo ganha dos pais, mais cedo ou mais tarde? O quarto nada continha de realmente importante, nenhuma das coisas que se guarda não pelo que são, mas sim pelo que representam, nenhum pedaço da sua alma.

Era o quarto de um homem retraído, um homem reservado, um homem que nunca partilharia os seus pensamentos mais íntimos com outra pessoa. Gradativamente, com uma terrível tristeza, Jane chegara à conclusão de que Ellis era mesmo assim, como o seu quarto, frio e retraído.

O que era incrível. Afinal, ele era um homem extremamente confiante. Andava com a cabeça erguida, como se nunca tivesse sentido medo de qualquer coisa, em toda a sua vida. Na cama, era desinibido, completamente à vontade com sua sensualidade. Faria qualquer coisa e diria qualquer coisa, sem ansiedade, hesitação ou vergonha.

Jane jamais conhecera um homem assim. Mas houvera muitas ocasiões — na cama, em restaurantes ou apenas andando pelas ruas — quando ela ria com ele, escutava-o falar, observava a pele em torno dos olhos se contrair enquanto ele se concentrava em pensamento ou abraçava o seu corpo quente só para descobrir que ele subitamente se desligara. E nesses instantes de desligamento ele deixava de ser amoroso, divertido, cortês, atencioso, gentil ou compassivo. Fazia com que ela se sentisse excluída, uma estranha, uma intrusa em seu mundo particular. Era como o sol a se esconder por trás de uma nuvem.

Jane sabia que teria de deixá-lo. Amava-o intensamente, mas parecia que Ellis não era capaz de amá-la da mesma forma. Ele tinha trinta e três anos, e se não aprendera até agora a arte da intimidade, nunca mais poderia aprender.

Ela se sentou no sofá e começou a ler *The Observer*, que comprara no caminho numa banca de publicações internacionais, no Boulevard Raspail. Havia uma notícia sobre o Afeganistão na primeira página. Parecia um bom lugar para esquecer Ellis.

A perspectiva a atraía no mesmo instante. Embora adorasse Paris e seu trabalho fosse no

mínimo variado, ela queria mais: experiência, aventura e uma oportunidade de lutar pela liberdade. Não tinha medo. Jean-Pierre explicara que os médicos eram considerados valiosos demais para serem enviados a zonas de combate. Havia sempre o risco de ser atingido por uma bomba extraviada ou de ser apanhado numa escaramuça, mas provavelmente não era pior do que o perigo de ser atropelado por um motorista parisiense. Ela se sentira curiosa pelo estilo de vida dos rebeldes afegãos.

— O que eles comem por lá? — perguntara a Jean-Pierre. — O que eles vestem? Vivem em tendas? Existem banheiros? — Não há banheiros — respondera ele. — Nem eletricidade. Nem estradas. Nem vinho. Nem carros. Nem aquecimento central.

Nem dentistas. Nem carteiros. Nem telefones. Nem restaurantes. Nem anúncios. Nem Coca-Cola. Nem previsão de tempo, bolsa de valores, decoradores, assistentes sociais, batom, absorvente feminino, desfile de modas, coquetéis, pontos de táxi, filas de ônibus...

— Pare! — interrompera-o Jane, pois ele era capaz de continuar assim por horas a fio. — Eles devem ter ônibus e táxis.

— Não no interior. Estou indo para uma região chamada Vale dos Cinco Leões, um reduto rebelde nos contrafortes do Himalaia. Já era primitivo antes mesmo de ser bombardeado pelos russos.

Jane estava absolutamente convencida de que poderia viver feliz sem banheiros com encanamentos, batom ou previsões de tempo. Desconfiava que Jean-Pierre estava subestimando o perigo, mesmo fora da zona de combate, mas isso não era suficiente para dissuadi-la. A mãe ficaria histérica, é claro. O pai, se ainda estivesse vivo, diria: "Boa sorte, Janey." Ele compreendia a importância de fazer alguma coisa meritória com a própria vida. Embora ele fosse um bom médico, jamais ganhara dinheiro, porque onde quer que vivessem — Nassau, Cairo, Cingapura, mas principalmente Rodésia — sempre tratava os pobres de graça, que o procuravam em levas, afugentando os clientes que podiam pagar.

O devaneio de Jane foi interrompido por passos na escada. Compreendeu que não lera mais que umas poucas linhas do jornal. Esticou a cabeça, escutando. Não pareciam os passos de Ellis. Mesmo assim, houve uma batida na porta.

Jane largou o jornal e foi abrir a porta. Lá estava Jean-Pierre. Ele se mostrou quase tão surpreso quanto ela. Ficaram se olhando em silêncio por um momento. Jane finalmente disse: — Você parece culpado. Eu também?

— Também — respondeu Jean-Pierre, sorrindo.

— Eu estava pensando em você. Entre.

Ele entrou, olhou ao redor.

— Ellis não está? — Estou esperando-o a qualquer momento. Sente-se. Jean-Pierre arriou o corpo comprido no sofá. Jane pensou, não pela primeira vez, que ele era provavelmente o homem mais bonito que já conhecera. O rosto era perfeitamente regular, a testa alta, nariz forte e um tanto aristocrático, olhos castanho-brilhantes, a boca sensual parcialmente oculta por uma barba cheia, castanho-escura, com alguns fios castanho-avermelhados no bigode. As roupas eram baratas, mas escolhidas com extremo cuidado, e ele as usava com uma elegância despreocupada que Jane invejava.

Ela gostava muito de Jean-Pierre. O maior defeito dele era se ter em alta conta, exagerada; mas era tão ingênuo nisso a ponto de ser desconcertante, como uma criança

jactanciosa. Jane apreciava seu idealismo e sua dedicação à medicina. Tinha um enorme charme. E também uma imaginação maníaca que podia às vezes ser muito engraçada: acionado por algum absurdo, talvez um mero lapso de língua, ele podia se lançar a um monólogo excêntrico, que se prolongava por dez ou quinze minutos. Quando alguém citara um comentário de Jean-Paul Sartre sobre o futebol, Jean-Pierre espontaneamente oferecera uma descrição de uma partida de futebol sob a ótica de um filósofo existencialista. Jane rira até doer. As pessoas diziam que a alegria de Jean-Pierre tinha o reverso da medalha, os momentos de sombria depressão, mas Jane jamais testemunhara qualquer momento assim.

— Tome um pouco de vinho de Ellis — disse ela, pegando a garrafa na mesa.

— Não, obrigado.

— Está ensaiando para a vida num país muçulmano?

— Não especialmente.

Ele parecia muito solene, e Jane indagou: — Qual é o problema?

— Preciso ter uma conversa séria com você.

— Já tivemos, há três dias. Por acaso esqueceu? — Jane falou de modo irreverente e depois acrescentou: — Pedeu-me para deixar meu namorado e ir com você para o Afeganistão... um convite a que poucas mulheres poderiam resistir.

— Fale sério.

— Está bem. Ainda não tomei minha decisão.

— Descobri uma coisa terrível sobre Ellis, Jane.

Ela fitou-o com expressão especulativa. O que estava para vir? Jean-Pierre inventaria uma história, contaria uma mentira, a fim de persuadi-la a acompanhá-lo? Ela achava que não.

— O que é?

— Ele não é quem finge ser.

Ele estava sendo melodramático demais.

— Não precisa falar com voz de agente funerário. O que está querendo me contar?

— Ele não é um poeta sem dinheiro. Trabalha para o governo americano.

Jane franziu o rosto.

— Para o governo americano? — Seu primeiro pensamento foi o de que Jean-Pierre estava querendo marcar um ponto da maneira errada. — Ele dá aulas de inglês para alguns franceses que trabalham para o governo americano, mas...

— Não é disso que estou falando. Ele espiona os grupos radicais. É um agente. Trabalha para a CIA.

Jane desatou a rir.

— Mas que absurdo! Pensou que podia me convencer a deixá-lo com uma história assim? — É verdade, Jane.

— Não é, não. Ellis não poderia ser um espião. Pensa que eu não saberia? Estou praticamente vivendo com ele há um ano.

— Mas não vive com ele totalmente, não é mesmo? — Isso não faz diferença. Eu o conheço muito bem. Mesmo enquanto falava, Jane estava pensando: podia explicar muita coisa. Ela não conhecia Ellis a fundo. Mas conhecia o bastante para ter certeza de que ele não era vil, mesquinho, traiçoeiro ou simplesmente mau.

— A notícia está se espalhando pela cidade — acrescentou Jean-Pierre. — Rahmi Coskun

foi preso esta manhã e todos dizem que Ellis é o responsável.

— Por que Rahmi foi preso?

Jean-Pierre deu de ombros.

— Subversão, com toda certeza. Seja como for, Raoul Clermont está circulando pela cidade à procura de Ellis e alguém quer vingança.

— Ora, Jean-Pierre, isto é cômico.

Jane sentiu de repente um calor intenso. Foi até a janela e abriu-a. Ao olhar para a rua, avistou a cabeça loura de Ellis passar pela porta do prédio. Ela acrescentou para Jean-Pierre: — Ele está chegando. E você terá de repetir essa história ridícula em sua presença. Jane ouviu os passos de Ellis na escada, enquanto Jean-Pierre dizia: — É o que tenciono fazer. Por que pensa que estou aqui? Vim para avisá-lo que estão à sua procura. Jane compreendeu que Jean-Pierre estava sendo sincero, acreditava de fato naquela história. Pois muito bem, Ellis esclareceria tudo dentro em pouco.

A porta foi aberta e Ellis entrou.

Ele parecia muito feliz, como se transbordasse de boas notícias. Mas o sorriso se desvaneceu um pouco ao deparar com os dois.

— Oi — disse ele.

Ellis fechou a porta e trancou-a, como era seu hábito. Jane sempre pensara que era uma excentricidade, mas agora ocorreu-lhe que era a atitude que um espião adotaria.

Tratou de afastar o pensamento da mente. Jean-Pierre foi o primeiro a falar.

— Eles estão atrás de você, Ellis. Já sabem de tudo. E querem pegá-lo.

Jane olhou de um para o outro. Jean-Pierre era mais alto do que Ellis, mas Ellis tinha os ombros largos e peito estufado. Os dois ficaram imóveis por um momento, fitando-se, como gatos a se avaliarem. Jane abraçou Ellis, beijou-o com um sentimento de culpa e disse: — Jean-Pierre acaba de me contar uma história absurda, que você é um espião da CIA.

Jean-Pierre estava se inclinando pela janela, esquadrinhando a rua lá embaixo. Ele se virou agora para fitá-los.

— Conte a ela, Ellis.

— De onde tirou essa ideia? — perguntou Ellis.

— Está circulando pela cidade.

— E de quem exatamente você ouviu? — indagou Ellis, a voz muito firme.

— Raoul Clermont.

Ellis acenou com a cabeça. Passando a falar em inglês, ele disse: — Quer sentar, por favor, Jane?

— Não quero não — disse ela, irritada. .

— Tenho uma coisa para lhe contar.

Não podia ser verdade. Era impossível. Jane sentiu o pânico aflorar-lhe à garganta.

— Pois então conte logo e pare de me pedir para sentar! . Ellis olhou para Jean-Pierre e disse em francês: — Quer nos deixar a sós? Jane começou a se sentir furiosa.

— O que vai me contar? Por que não diz simplesmente que Jean-Pierre está enganado? Diga-me que não é um espião, Ellis, antes que eu enlouqueça! — Não é tão simples assim.

— É muito simples! — Jane não podia mais evitar o tom histérico em sua voz — Ele diz que você é um espião, que trabalha para o governo americano, que tem me mentido, de maneira

continua, descarada e traiçoeira, desde que nos conhecemos. Isso é verdade? É ou não? Vamos, responda! Ellis suspirou.

— Acho que é verdade.

Jane sentiu que estava prestes a explodir e berrou: — Seu filho da puta! Seu filho da puta escroto! O rosto de Ellis estava impassível, como se fosse de pedra.

— Eu ia lhe contar tudo hoje.

Houve uma batida na porta. Os dois a ignoraram.

— Você tem me espionado e a todos os meus amigos! — gritou Jane. — Eu me sinto terrivelmente envergonhada.

— Meu trabalho aqui está concluído — declarou Ellis. — Não preciso mais mentir para você.

— Não terá essa chance! Não quero vê-lo nunca mais! A batida tornou a soar e Jean-Pierre disse, em francês: — Há alguém batendo na porta. Ellis murmurou: — Não está falando sério... que nunca mais vai querer me ver. Jane respondeu: — Será que não compreende o que fez comigo? Jean-Pierre insistiu: — Abra logo a porta da porta, pelo amor de Deus! Jane balbuciou: — Mas que merda! Ela foi até a porta. Destrancou-a e abriu-a. Um homem enorme, de ombros largos, usando um paletó verde, com um rasgão na manga, estava parado ali. Jane nunca o vira antes.

— O que você quer? E só então ela percebeu que o homem empunhava um revólver. Os poucos segundos subsequentes pareceram passar muito devagar.

Jane compreendeu, num relance, que se Jean-Pierre estava certo ao dizer que Ellis era um espião, então provavelmente também tinha razão quando afirmara que alguém queria vingança; e que no mundo em que Ellis habitava secretamente, "vingança" podia significar uma batida na porta e um homem com um revólver na mão.

Ela abriu a boca para gritar.

O homem hesitou por uma fração de segundo. Parecia surpreso, como se não esperasse deparar com uma mulher. Os olhos foram de Jane para Jean-Pierre e voltaram: ele sabia que Jean-Pierre não era seu alvo. Mas estava confuso porque não podia ver Ellis, escondido pela porta entreaberta. Em vez de gritar, Jane tentou bater a porta.

Enquanto ela empurrava a porta, o pistoleiro percebeu o que ela estava fazendo e esticou o pé. A porta bateu em seu sapato e voltou. Mas ao esticar o pé ele abriu os braços, a fim de manter o equilíbrio, e a arma apontava agora para o canto do teto. Ele vai matar Ellis, pensou Jane. Ele vai matar Ellis.

Ela jogou-se em cima do pistoleiro, batendo em sua cara com os punhos, pois subitamente, embora odiasse Ellis, não queria que ele morresse.

O homem foi distraído apenas por uma fração de segundo. com um braço forte, empurrou Jane para o lado. Ela caiu sentada, machucando o cóccix.

E viu o que aconteceu em seguida com terrível clareza.

O braço que a empurrara para o lado voltou e escancarou a porta. Enquanto o homem virava a mão com a arma, Ellis avançou para ele, a garrafa de vinho erguida acima da cabeça. A arma disparou no instante em que a garrafa descia, o estampido do tiro coincidindo com o barulho de vidro quebrando.

Jane ficou olhando horrorizada para os dois homens.

E depois o pistoleiro arriou, enquanto Ellis permanecia de pé. Ela compreendeu então que o tiro não acertara.

Ellis inclinou-se e arrancou o revólver da mão do homem. Jane levantou-se com bastante esforço.

— Você está bem? — perguntou-lhe Ellis.

— Estou viva.

Ele virou-se para Jean-Pierre.

— Quantos há na rua? Jean-Pierre olhou pela janela.

— Nenhum.

Ellis ficou surpreso.

— Devem estar escondidos. — Ele guardou a arma no bolso e foi até a estante. —

Afastem-se. Ele jogou a estante no chão. Havia uma porta por trás.

Ellis abriu-a.

Fitou Jane por um longo momento, como se tivesse alguma coisa para dizer mas não fosse capaz de encontrar as palavras. Depois, passou pela porta e desapareceu.

Jane hesitou por um instante, depois avançou devagar até a porta secreta e espiou. Havia ali outro quarto, escassamente mobília do, coberto pela poeira, como se não fosse ocupado há um ano. Uma porta estava aberta no outro lado e mais além havia uma escada.

Ela virou-se e correu os olhos pelo quarto de Ellis. O pistoleiro estava caído no chão, sem sentidos, no meio de uma poça de vinho. Ele tentara matar Ellis, bem ali, naquele quarto, o que já parecia irreal. Tudo parecia irreal: Ellis ser um espião; Jean-Pierre saber disso; Rahmi ser preso; o caminho de fuga de Ellis.

Ele se fora. Nunca mais quero vê-lo, ela lhe dissera, poucos segundos antes. Parecia que o seu desejo seria atendido.

Ela ouviu passos na escada.

Levantou os olhos do pistoleiro e fitou Jean-Pierre. Ele também parecia aturdido. Depois de um momento, Jean-Pierre atravessou o quarto e abraçou-a. Jane encostou a cabeça em seu ombro e desatou a chorar.

***** Parte Dois *****

Capítulo 4

O rio descia da linha do gelo, frio e cristalino, sempre impetuoso, e enchia o vale com seu barulho, enquanto turbilhonava pelas ravinas e passava pelos trigais, numa corrida precipitada para as distantes terras baixas. Há quase um ano que o som estivera constantemente nos ouvidos de Jane: às vezes alto, quando ela ia se banhar ou quando percorria as trilhas sinuosas entre as aldeias na encosta; às vezes suave, como agora, quando se encontrava bem alto na encosta e o Rio dos Cinco Leões era apenas um brilho e um murmúrio à distância. Quando deixava o vale, ocasionalmente, ela descobria que o silêncio era enervante, como os habitantes da cidade em férias no campo que não conseguem dormir por causa da ausência de barulho. Prestando atenção, ouviu mais alguma coisa e compreendeu que o novo som a tornara consciente do velho. Sobrepondo-se ao coro do rio, surgia o barulho de um avião de hélice.

Jane abriu os olhos. Era um Antonov, o lento e predador aparelho de reconhecimento, cujo rugido incessante era o arauto habitual dos jatos mais velozes e mais ruidosos em missão de bombardeio. Ela sentou e olhou ansiosamente pelo vale.

Estava em seu refúgio secreto, uma saliência larga e plana, no meio de um penhasco. Por cima, a projeção a escondia sem bloquear o sol, dissuadindo qualquer um que não fosse um montanhista a descer. Por baixo, o acesso ao refúgio era íngreme e pedregoso, desprovido de vegetação: ninguém podia subir sem ser ouvido e visto por Jane. Além do mais, não havia motivo para alguém ir até ali. Jane só encontrara o lugar ao sair da trilha e se perder. A privacidade era importante porque ela ia até ali para despir-se e deitar ao sol. Como as afegãs eram recatadas como freiras, ela seria linchada se a vissem nua.

À direita, a encosta poeirenta caía muito depressa. Quase na base, onde a encosta começava a nivelar, perto do rio, ficava a aldeia de Banda, cinquenta ou sessenta casas aderindo a um terreno irregular e rochoso que ninguém podia cultivar. As casas eram feitas de pedras cinzentas e tijolos de lama, cada uma tinha um teto plano de terra compactada, estendida sobre esteiras. Ao lado da pequena mesquita de madeira havia um grupo de casas em ruínas: um dos bombardeiros russos acertara uma bomba ali há poucos meses. Jane podia ver a aldeia claramente, embora fosse uma escalada de vinte minutos lá de baixo. Correu os olhos pelos telhados e pátios murados, os caminhos de terra, procurando por crianças extraviadas. Mas, felizmente, não havia nenhuma. Banda estava deserta, sob o céu quente e azul.

À esquerda, o vale se alargava. Os pequenos campos pedregosos estavam pontilhados de crateras de bombas, e nas encostas inferiores das montanhas muitos dos antigos taludes haviam desabado. O trigo estava maduro, mas ninguém o colhia.

Além dos campos, na base do paredão rochoso que constituía o outro lado do vale, corria o Rio dos Cinco Leões, profundo em alguns lugares, raso em outros, ora largo, ora estreito, sempre rápido e sempre rochoso. Jane esquadrinhou toda a sua extensão, até onde podia avistar. Não havia mulheres tomando banho ou lavando roupas, não havia crianças brincando, não havia homens levando cavalos ou burros pelo vau.

Jane pensou em vestir-se, deixar o refúgio e subir mais um pouco pela encosta, até as cavernas. Era onde estavam os aldeões, os homens dormindo depois de uma noite de trabalho nos campos, as mulheres cozinhando e tentando evitar que as crianças se afastassem, as vacas nos currais e as cabras amarradas, os cachorros brigando por restos de comida. Provavelmente ela

estava segura ali, pois os russos bombardeavam as aldeias, não as encostas nuas; mas sempre havia a possibilidade de uma bomba extraviada, e uma caverna a protegeria de tudo, a não ser de um impacto direto.

Antes de tomar uma decisão, no entanto, ela ouviu o rugido dos jatos. Estreitou os olhos contra o sol para observá-los. O barulho enchia o vale, sobrepondo-se ao troar do rio, enquanto os aviões passavam por cima, seguindo para nordeste, ainda muito altos, mas descendo, um, dois, três, quatro assassinos prateados, o auge da engenhosidade humana acionado para matar e mutilar camponeses analfabetos, derrubar casas de tijolos de lama e retornar à base a uma velocidade superior a mil quilômetros horários.

Eles desapareceram em um minuto. Banda seria poupada naquele dia. Pouco a pouco, Jane relaxou. Os jatos a apavoravam. Banda escapara completamente ao bombardeio no último verão e todo o vale tivera uma trégua durante o inverno; mas recomeçara com intensidade naquela primavera e Banda já fora atingida várias vezes, uma bomba caindo bem no centro da aldeia. Desde então, Jane odiava os jatos.

A coragem dos aldeões era espantosa. Cada família fizera um segundo lar nas cavernas lá em cima. Eles subiam a encosta todas as manhãs, passando o dia ali, para voltarem ao crepúsculo, pois não havia bombardeio à noite. Como era inseguro trabalhar nos campos durante o dia, os homens deixavam para fazê-lo à noite — ou melhor, os mais velhos o faziam, já que os jovens ficavam ausentes na maior parte do tempo, atirando contra os russos na extremidade meridional do vale ou mais além.

Naquele verão os bombardeios estavam sendo mais intensos do que nunca em todas as áreas rebeldes, segundo as informações que Jean-Pierre colheira entre os guerrilheiros.

Se os afegãos de outras partes do país eram como os daquele vale, seriam capazes de se adaptar e sobreviver: salvando uns poucos bens preciosos dos escombros de uma casa bombardeada, replantando incansavelmente as hortas destruídas, cuidando dos feridos e enterrando os mortos, enviando adolescentes cada vez mais jovens para os líderes das guerrilhas. Jane estava convencida de que os russos jamais conseguiriam derrotar aquela gente, a menos que transformassem toda a região num deserto radiativo.

Já era outra questão se os rebeldes conseguiriam algum dia derrotar os russos. Eram corajosos e persistentes, controlavam os campos, mas tribos rivais odiavam-se quase tanto quanto aos invasores, e seus rifles eram inúteis contra os bombardeiros a jato e os helicópteros blindados.

Jane tratou de afastar da mente os pensamentos de guerra. Era o auge do calor do dia, a hora da sesta, quando gostava de ficar sozinha e relaxar. Pegou uma bolsa de pele de cabra com manteiga clara e começou a passá-la pela pele esticada da enorme barriga, perguntando-se como pudera ser tão tola a ponto de engravidar no Afeganistão.

Chegara com um estoque de pílulas anticoncepcionais para dois anos, um diafragma e uma caixa inteira de geleia espermicida; contudo, apenas poucas semanas depois, esquecera de recomeçar a tomar as pílulas após a menstruação e depois esquecera várias vezes de pôr o diafragma.

— Como pôde cometer um erro desses? — gritara Jean-Pierre.

Ela não pudera responder. Mas agora, deitada ao sol, alegremente grávida, os lindos seios intumescidos e uma dor permanente nas costas, ela podia compreender que fora um erro deliberado, uma espécie de delito profissional de seu inconsciente. Queria um filho, sabia que

Jean-Pierre não o desejava, e por isso o tornara possível por acidente.

Por que eu queria tanto ter um filho?, perguntou a si mesma. A resposta surgiu no mesmo instante: porque eu me sentia sozinha.

— Será verdade? — disse ela, em voz alta.

Seria irônico. Jamais se sentira sozinha em Paris, vivendo só, fazendo compras apenas para si, conversando com sua imagem no espelho; mas agora, casada, passando todas as noites com o marido e trabalhando a seu lado durante a maior parte de cada dia, sentia-se isolada, assustada e sozinha.

Haviam casado em Paris pouco antes de viajarem. Parecera de certa forma um elemento natural da aventura: outro desafio, outro risco, outra emoção. Todos comentaram como eles eram felizes, lindos, corajosos e apaixonados, o que era verdade.

Não podia haver qualquer dúvida de que ela esperara tempo demais. Esperara por um amor e intimidade sempre crescentes com Jean-Pierre. Pensara que descobriria tudo sobre a infância de seu amado, do que ele realmente tinha medo, se era verdade que os homens sacudiam as gotas depois de urinarem; por sua vez, contaria a ele que o pai fora um alcoólatra, que tinha uma fantasia de ser estuprada por um negro e que às vezes chupava o polegar, quando se sentia ansiosa. Mas Jean-Pierre parecia pensar que o relacionamento depois do casamento deveria continuar exatamente como antes. Tratava-a com extrema cortesia, fazia-a rir em seus acessos cômicos, aconchegava-se desamparado em seus braços quando estava deprimido, discutia política e a guerra, fazia amor com eficiência uma vez por semana, com seu corpo esguio e jovem, as mãos fortes e sensíveis de cirurgião, comportava-se sob todos os aspectos como um namorado, e não como um marido. Jane ainda se sentia incapaz de conversar com ele sobre coisas tolas e embaraçosas, como se um turbante fazia seu nariz parecer mais comprido, como ainda se sentia furiosa pela surra que levava por ter derramado tinta vermelha no tapete da sala de estar, quando na verdade a culpada fora sua irmã Pauline. Ela queria perguntar a alguém. É assim que deve ser, ou vai melhorar?, mas as amigas e a família estavam muito longe, e as mulheres afegãs achariam que suas expectativas eram afrontosas. Ela resistira à tentação de confrontar Jean-Pierre com seu desapontamento, em parte porque a queixa era muito vaga, em parte porque tinha medo da resposta dele.

Recordando, ela podia perceber que a ideia de um filho se insinuara em sua mente antes mesmo, quando saía com Ellis Thaler. Naquele ano voara de Paris a Londres para assistir ao batizado do terceiro filho de sua irmã Pauline, algo que normalmente não faria, pois detestava as reuniões formais de família. Também começara a tomar conta de um bebê para um casal que morava em seu prédio, um histérico negociante de antiguidades e sua mulher aristocrática. Gostava principalmente quando a criança chorava e ela tinha de pegá-la no colo e niná-la.

E depois, ali no vale, onde seu dever era orientar as mulheres a planejarem seus filhos, em benefício de crianças mais saudáveis, descobrira-se a partilhar a alegria com que cada nova gravidez era saudada, mesmo nas casas mais pobres e mais apinhadas. Assim, a solidão e o instinto maternal conspiraram contra o bom senso.

Houve um tempo — mesmo que apenas um instante fugaz — em que compreendera que o inconsciente estava querendo engravidá-la? Teria pensado Posso ter um filho no momento em que Jean-Pierre a penetrara, deslizando lenta e graciosamente como um navio para o porto, enquanto seus braços apertavam o corpo dele; ou no segundo de hesitação, imediatamente antes

do orgasmo de Jean-Pierre, quando ele fechava os olhos com força e parecia se retirar das profundezas dela para si mesmo, uma espaçonave caindo no coração do sol; ou depois, enquanto ela resvalava feliz para o sono, com o sêmen quente dentro de si? — Será que compreendi? — disse ela, em voz alta.

Mas pensar em fazer amor deixara-a excitada, e começou a se acariciar lascivamente, com as mãos escorregadias da manteiga, esquecendo a indagação e deixando que a mente fosse povoada com imagens de paixão, vagas e turbilhonantes.

O barulho dos jatos trouxe-a de volta ao mundo real. Olhou, apavorada, enquanto outros quatro bombardeiros passavam pelo vale e desapareciam. Depois que o barulho cessou, ela começou a se acariciar, mas o clima fora arruinado. Ficou imóvel, ao sol, e pensou no filho.

Jean-Pierre reagira à gravidez de acordo com o previsto. Ficara tão furioso que quisera realizar um aborto no mesmo instante.

Jane achara esse desejo terrivelmente macabro e de repente ele lhe parecera um estranho. Mais difícil de suportar, no entanto, fora o sentimento de rejeição. O pensamento de que o marido não queria o filho a deixara desolada. Jean-Pierre agravara ainda mais a situação ao se recusar a tocá-la. Ela nunca se sentira tão desesperada em toda a sua vida. Pela primeira vez, compreendera por que as pessoas às vezes tentavam se matar. O término do contato físico fora a pior de todas as torturas ela chegara a desejar, com toda a sinceridade, que Jean-Pierre a espancasse em vez de se afastar, de tanto que precisava ser tocada. Quando se lembrava daqueles dias, Jane ainda se sentia furiosa com o marido, embora fosse ela própria quem provocara tudo.

E chegara a manhã em que ele a abraçara e pedira desculpas por seu comportamento; embora parte de Jane ainda quisesse dizer "Pedir desculpas não é suficiente, seu filho da puta", o resto dela estava desesperado pelo amor de Jean-Pierre, e por isso ela o perdoara imediatamente. Ele explicara que já estava com medo de perdê-la; e se ela fosse a mãe de seu filho, então ficaria absolutamente apavorado, pois nesse caso poderia perder a ambos. A confissão levaria-a às lágrimas e ela compreendera que, ao engravidar, assumira o supremo compromisso com Jean-Pierre. Tomara então a decisão de fazer com que o casamento desse certo, independente do que pudesse acontecer.

Ele se tornara mais afetuoso depois disso. Passara a se interessar pelo bebê crescendo em sua barriga, preocupava-se com a saúde e segurança de Jane, como os pais ansiosos costumam fazer. O casamento seria uma união imperfeita mas feliz, pensou Jane, imaginando um futuro ideal, com Jean-Pierre como ministro da Saúde da França, num governo socialista, ela própria eleita para o Parlamento Europeu, três filhos brilhantes, um na Sorbonne, outro na Escola de Economia de Londres e o terceiro na Escola de Arte Dramática de Nova York.

Nessa fantasia, a criança mais velha e mais inteligente era uma menina. Jane tocou na barriga, comprimindo-a de leve com as pontas dos dedos, sentindo os contornos do bebê. Segundo Rabia Gul, a velha parteira da aldeia, seria uma menina, pois podia ser sentida no lado esquerdo, enquanto os garotos cresciam no lado direito.

Por isso, Rabia prescrevera uma dieta de vegetais, especialmente pimentão verde. Para um garoto, ela recomendaria muita carne e peixe. No Afeganistão, os homens eram melhor alimentados, antes mesmo de nascerem.

Os pensamentos de Jane foram interrompidos por um estrondo alto. Ficou confusa por um

momento, associando a explosão com os jatos que haviam passado vários minutos antes, a caminho para bombardear alguma outra aldeia; e depois ouviu, bem perto, o grito alto e contínuo de uma criança, em dor e pânico.

Compreendeu no mesmo instante o que acontecera. Os russos, usando táticas que aprenderam dos americanos no Vietnam, haviam coalhado o interior com minas antipessoais.

O objetivo ostensivo era bloquear as linhas de suprimentos dos guerrilheiros; mas como as "linhas de suprimentos dos guerrilheiros" eram as trilhas nas montanhas usadas todos os dias por velhos, mulheres, crianças e animais, o verdadeiro propósito era o de semear o terror. Aquele grito significava que uma criança detonara uma mina.

Jane levantou-se de um pulo. O som parecia vir de algum lugar nas proximidades da casa do mula, a menos de um quilômetro da aldeia, já na trilha que subia pela encosta.

Jane podia vê-la, à esquerda, um pouco mais abaixo. Calçou os sapatos, pegou as roupas e correu nessa direção. O primeiro grito prolongado terminou e começou uma série de berros curtos e aterrorizados. Jane calculou que a criança percebera os danos que a mina causara a seu corpo e gritava agora de pavor. Correndo pela vegetação rasteira, Jane compreendeu que também estava entrando em pânico, tão peremptório era o chamado da criança desesperada.

— Acalme-se — murmurou para si mesma, ofegante.

Se sofresse uma queda, haveria duas pessoas em dificuldade, e não apenas uma para socorrer. Além do mais, a pior coisa para uma criança assustada era um adulto assustado.

Ela estava perto agora. A criança devia estar escondida nas moitas e não na trilha, pois todas as trilhas eram limpadas pelos homens cada vez que os russos as minavam, mas seria impossível remover as minas de toda a encosta.

Jane parou, escutando. Arfava tão alto que teve de prender a respiração. Os gritos partiam de uma área de capim e zimbros. Entreabriu as moitas e vislumbrou um pedaço de um casaco azul. A criança devia ser Mousa, o filho de nove anos de Mohammed Khan, um dos líderes das guerrilhas. Um momento depois ela estava ao lado do menino.

Mousa estava ajoelhado na terra. Era evidente que tentara pegar a mina, pois a explosão arrancara sua mão e ele agora olhava para o coto ensanguentado, os olhos arregalados e desvairados, gritando em terror.

Jane vira muitos ferimentos durante o último ano, mas aquele a comoveu.

— Oh, Deus — murmurou ela. — Pobre menino! Ajoelhando-se na frente do menino, ela abraçou-o, murmurou sons tranquilizadores. Ele parou de gritar depois de um momento. Jane torceu para que ele comesse a chorar, mas o menino estava chocado demais e permaneceu em silêncio. Enquanto o abraçava, ela procurou e encontrou o ponto de pressão na axila, detendo o jorro de sangue. Ia precisar de ajuda. Devia fazê-lo falar.

— O que aconteceu, Mousa? — ela perguntou, em dari. Ele não respondeu. Jane repetiu a pergunta.

— Eu pensei... — Os olhos se arregalaram ainda mais enquanto lembrava, a voz se alteou para um grito quando acrescentou: — Eu pensei que fosse UMA BOLA! — Calma, calma — murmurou Jane. — Conte-me o que você fez.

— EU PEGUEI! EU PEGUEI! Ela abraçou-o com força, procurando acalmá-lo.

— E o que aconteceu? A voz do menino estava agora trêmula, mas não era mais histérica: — Explodiu.

Ele se acalmava depressa. Jane pegou-lhe a mão direita e a colocou sob o braço esquerdo.

— Aperte onde estou apertando. — Ela guiou as pontas dos dedos de Mousa, enquanto retirava os seus. O sangue começou a fluir do ferimento. — Aperte com força.

Ele obedeceu. A hemorragia cessou. Jane beijou-o na testa. Estava úmida e fria.

Ela largara suas roupas no chão, ao lado de Mousa. Usava as roupas das mulheres afegãs: um vestido em forma de saco por cima de uma calça de algodão. Pegou o vestido e rasgou o pano fino em várias tiras, depois começou a fazer um torniquete. Mousa a observava, os olhos arregalados, em silêncio. Jane quebrou um graveto seco de um zimbro e o usou para rematar o torniquete.

Ele precisava agora de uma atadura, um sedativo, um antibiótico para evitar a infecção e da mãe para evitar o trauma.

Jane vestiu a calça e amarrou o cordão. Desejou não ter sido tão precipitada ao rasgar o vestido, pois poderia ter preservado o suficiente para cobrir a parte superior do corpo. Agora, teria de torcer para não encontrar algum homem a caminho das cavernas.

E como levaria Mousa até lá? Não queria tentar fazê-lo andar. Não podia carregá-lo nas costas, pois ele provavelmente não conseguiria se segurar. Ela suspirou: teria de levá-lo nos braços. Agachou-se, passou um braço pelos ombros do menino, outro por baixo das coxas. Levantou-o, fazendo força nos joelhos e não nas costas, como aprendera nas aulas de educação física. Aninhando o menino no colo, as costas repousando sobre a elevação de sua barriga, ela começou a subir pela encosta, devagar.

Só o conseguia porque ele estava desnutrido: um garoto europeu de nove anos seria pesado demais. Ela não demorou a deixar as moitas e encontrar a trilha. Mas sentiu-se exausta depois de quarenta ou cinquenta metros. Nas últimas semanas cansava-se muito depressa, o que a irritava, mas aprendera a não lutar contra isso. Pôs Mousa no chão e manteve-o de pé, abraçando-o gentilmente, enquanto descansava, encostada no paredão do penhasco que se estendia a um lado da trilha. Ele mergulhara num silêncio apático, que Jane achava mais preocupante que os gritos. Assim que se sentisse melhor, tornaria a pegá-lo no colo e recomeçaria a subida.

Ela estava descansando perto do topo da colina, quinze minutos depois, quando um homem apareceu na trilha, à sua frente. Jane reconheceu-o.

— Oh, não! — murmurou ela, em inglês. — Entre todas as pessoas... Logo Abdullah! Era um homem baixo, em torno dos 55 anos, um tanto atarracado, apesar da escassez de comida. com o turbante castanho-amarelado e a calça preta larga, ele usava uma suéter em losangos de várias cores e um jaquetão listrado azul que dava a impressão de ter sido vestido outrora por um austero corretor londrino. A barba abundante era pintada de vermelho. Abdullah era o mula de Banda.

Ele desconfiava dos estrangeiros, desprezava as mulheres e odiava todos os praticantes da medicina estrangeira. Jane, sendo as três coisas, nunca tivera a menor possibilidade de conquistar sua afeição. Para agravar ainda mais a situação, muitas pessoas no vale haviam chegado à conclusão de que tomar os antibióticos de Jane era um tratamento mais eficaz para as infecções do que aspirar a fumaça de um pedaço de papel queimando em que Abdullah escrevera com tinta de açafrão; com isso, o mula estava perdendo dinheiro. Sua reação era se referir a Jane

como "a prostituta ocidental". Mas era difícil ele fazer mais do que isso, pois ela e Jean-Pierre estavam sob a proteção de Ahmed Shah Masud, o líder guerrilheiro, e até mesmo um mula hesitava em enfrentar um grande herói.

Ao vê-la, Abdullah estacou abruptamente, uma expressão de extrema incredulidade transformando seu rosto normalmente solene numa máscara cômica. Era a pior pessoa que Jane poderia encontrar. Qualquer outro homem da aldeia ficaria embaraçado e talvez ofendido ao vê-la seminua, mas Abdullah ficaria enfurecido. Jane resolveu apelar para o descaramento e disse em dari: — A paz esteja com você.

Era o começo de um intercâmbio formal de saudações, que poderia às vezes se prolongar por cinco ou dez minutos. Mas Abdullah não respondeu com o usual E com você.

Em vez disso, abriu a boca e começou, a voz alta e estridente, a insultá-la, com um jorro de imprecações que incluíam as palavras em dari para prostituta, pervertida e sedutora de crianças. Seu rosto ficou roxo de fúria, ele se adiantou e levantou o bastão. Aquilo estava indo longe demais. Jane apontou para Mousa, que estava de pé ao seu lado, em silêncio, atordoado pela dor e fraco pela perda de sangue.

— Olhe bem! — berrou ela para Abdullah. — Não está vendo...

Mas ele estava ofuscado pela raiva. Antes que Jane pudesse concluir o que estava querendo dizer, o mula acertou com o bastão em sua cabeça. Jane soltou um grito de dor e raiva; ficou surpresa pela intensidade da dor e furiosa porque Abdullah se atrevera a agredi-la.

Ele ainda não notara o ferimento de Mousa. Os olhos do mula estavam focalizados no peito de Jane e ela compreendeu, num relance, que a visão dos seios nus de uma mulher branca ocidental, grávida, em plena luz do dia, estava tão cercada de diferentes tipos de ansiedade sexual que ele inevitavelmente explodiria. Não planejava puni-la com um ou dois golpes, como poderia castigar sua esposa por desobediência. Havia morte em seu coração.

Subitamente, Jane sentiu-se apavorada — por si mesma, por Mousa, por seu filho que ainda não nascera. Ela cambaleou para trás, fora de alcance, mas Abdullah avançou, tornando a erguer o bastão. Numa repentina inspiração, ela pulou para cima dele, espetando os dedos em seus olhos.

Ele esbravejou como um touro ferido. Estava mais indignado pelo fato de uma mulher a quem espancava ousar revidar do que propriamente machucado. Enquanto ele estava momentaneamente cego, Jane agarrou sua barba com as duas mãos e puxou. O mula cambaleou para a frente, tropeçou e caiu. Rolou uns poucos metros pela encosta e foi parar num salgueiro-anão.

Jane pensou: Santo Deus, o que eu fiz? Olhando para o sacerdote pomposo e maligno em sua humilhação, Jane teve certeza de que ele nunca mais esqueceria. Poderia se queixar aos "barbas brancas", os anciãos da aldeia. Poderia procurar Masud e exigir que os médicos estrangeiros fossem embora. Poderia até tentar incitar os homens de Banda a apedrejarem Jane. Mas quase no mesmo instante em que tudo isso lhe ocorreu, ela pensou que, para apresentar qualquer queixa, Abdullah teria de contar a história em todos os seus detalhes ignominiosos, e os aldeões certamente ririam dele, pois os afegãos podiam ser qualquer coisa, menos cruéis. Assim, talvez ela pudesse escapar.

Jane virou-se. Tinha algo mais importante com que se preocupar. Mousa continuava parado onde ela o deixara, em silêncio, impassível, chocado demais para compreender o que

acontecera. Jane respirou fundo, tornou a pegá-lo no colo e continuou a subir.

Chegou à crista da colina depois de mais alguns passos e pôde andar mais depressa, pois a trilha se nivelava. Atravessou o platô rochoso. Sentia-se cansada e as costas doíam, mas estava quase chegando: as cavernas ficavam logo abaixo do topo. Alcançou o outro lado da crista e ouviu vozes de crianças ao começar a descer.

Um instante depois Jane avistou um grupo de crianças de seis anos brincando de céu-inferno, brincadeira em que duas crianças levavam uma, que tinha que segurar os dedos dos pés para o Céu — quando se dava um jeito de não os largar — ou Inferno, geralmente um depósito de lixo ou uma latrina, quando se largava. Ela compreendeu que Mousa nunca mais poderia participar daquela brincadeira e foi dominada de repente por um senso de tragédia. Nesse momento as crianças a notaram, pararam de brincar e ficaram observando-a, enquanto ela passava. Uma delas sussurrou: — Mousa...

Outra repetiu o nome e depois o encantamento foi quebrado, todos saíram correndo à frente de Jane, gritando a notícia.

O esconderijo diurno dos aldeões de Banda parecia o acampamento no deserto de uma tribo de nômades: o chão poeirento, o sol ardente do meio-dia, os remanescentes das fogueiras de cozinhar, as mulheres encapuzadas, as crianças sujas. Jane cruzou o pequeno quadrado de terreno plano na frente das cavernas. As mulheres já se dirigiam para a caverna maior, que Jane e Jean-Pierre haviam convertido em clínica. Jean-Pierre ouviu o tumulto e saiu. Agradecida, Jane entregou-lhe Mousa, dizendo em francês: — Foi uma mina. Ele perdeu a mão. Dê-me sua camisa. Jean-Pierre levou Mousa para o interior da caverna e estendeu-o no tapete que servia como mesa de exame. Antes de cuidar do menino, ele tirou sua camisa caqui manchada e entregou-a a Jane. Ela vestiu-a. Sentia-se um pouco tonta.

Pensou em sentar e descansar, no fundo fresco da caverna. Mas depois de dar dois ou três passos nessa direção, mudou de ideia e sentou-se onde estava. Jean-Pierre disse: — Passe-me as mechas.

Jane ignorou-o. A mãe de Mousa, Halima, entrou correndo na caverna e começou a gritar quando viu o filho. Eu deveria acalmá-la, pensou Jane, a fim de que ela possa confortar o menino; por que não consigo levantar? Acho que Vou fechar os olhos. Só por um instante.

Ao cair da noite, Jane sabia que seu bebê estava chegando.

Quando voltou a si, depois de desmaiar na caverna, tinha o que pensou ser uma dor nas costas, causada por carregar Mousa. Jean-Pierre concordou com esse diagnóstico, deu-lhe uma aspirina e mandou que ficasse deitada. Rabia, a parteira, entrou na caverna para ver Mousa e olhou Jane atentamente, que na ocasião não entendeu o significado.

Jean-Pierre limpou e fez um curativo no coto de Mousa, deu-lhe penicilina e aplicou uma injeção antitetânica. O menino não morreria de infecção, como quase certamente aconteceria sem os medicamentos ocidentais. Apesar disso, no entanto, Jane conjecturou se a vida valeria a pena para ele. A sobrevivência ali já era difícil até para os mais capazes fisicamente, e as crianças aleijadas geralmente morriam cedo.

Ao final da tarde Jean-Pierre preparou-se para sair. Tinha marcado uma visita para atender os doentes em uma aldeia a vários quilômetros dali e — por algum motivo que Jane jamais compreendeu direito — nunca faltava a esses compromissos, mesmo sabendo que nenhum afegão ficaria surpreso se ele se atrasasse um dia ou uma semana.

Quando deu um beijo de despedida em Jane, ela já começava a se perguntar se a dor nas costas não seria o início do trabalho de parto, provocado prematuramente pela provação com Mousa. Mas como nunca tivera um filho antes, não podia saber com certeza e achou que seria improvável. Perguntou a Jean-Pierre, que respondeu incisivamente: — Não se preocupe. Ainda terá de esperar mais seis semanas. Ela perguntou se não seria melhor ele ficar, de qualquer forma, mas Jean-Pierre afirmou que era totalmente desnecessário. Jane sentiu-se tola e deixou-o partir, os suprimentos médicos carregados num pônei esquelético, para poder chegar a seu destino antes do escurecer e poder começar a trabalhar bem cedo na manhã seguinte.

Quando o sol começou a se pôr atrás do paredão rochoso a oeste e o vale foi invadido pelas sombras, Jane desceu a encosta com as mulheres e crianças até a aldeia às escuras, enquanto os homens se encaminhavam para os campos, a fim de realizar a colheita, enquanto os bombardeiros dormiam.

A casa em que Jane e Jean-Pierre estavam instalados pertencia ao comerciante da aldeia, que perdera a esperança de ganhar dinheiro em tempo de guerra — não havia quase nada para vender — e fora para o Paquistão com a família. O cômodo da frente, anteriormente a loja, fora a clínica de Jean-Pierre, até que a intensidade dos bombardeios do verão expulsara os aldeões para as cavernas durante o dia. A casa tinha dois quartos nos fundos, um para os homens e seus hóspedes, outro para as mulheres e crianças. Jane e Jean-Pierre usavam esses cômodos como quarto e sala de estar. Ao lado da casa havia um pátio murado, onde ficava o fogão, e também um pequeno poço, para lavar roupa, louça e crianças. O comerciante deixara alguns móveis de fabricação doméstica, e os aldeões haviam emprestado a Jane alguns lindos tapetes para o chão. Jane e Jean-Pierre dormiam sobre um colchão, como os afegãos, mas usavam sacos de dormir em vez de cobertores. Como os afegãos, enrolavam o colchão durante o dia ou estendiam no telhado plano para arejar com o tempo bom. Durante o verão todos dormiam nos telhados.

Descer da caverna para a casa teve um efeito peculiar sobre Jane. A dor nas costas ficou muito pior e ela estava prestes a desabar de dor e exaustão quando chegou na casa. Sentia uma vontade desesperada de urinar, mas estava cansada demais para ir até a latrina lá fora, e por isso usou o penico de emergência, por trás de uma tela, no quarto. Foi nessa ocasião que notou uma pequena mancha de sangue na entreperna da calça de algodão.

Não tinha energia suficiente para subir a escada externa e pegar o colchão no telhado, por isso deitou-se num tapete no quarto. A "dor nas costas" vinha em ondas sucessivas. Ela pôs as mãos na barriga durante a onda seguinte e sentiu o volume se mexer, projetando-se para a frente enquanto a dor aumentava, depois recuando quando a dor diminuía. E não teve mais qualquer dúvida de que estava com contrações.

Ficou apavorada. Lembrou a conversa com a irmã Pauline sobre parto. Depois do primeiro filho de Pauline, Jane a visitara, levando uma garrafa de champanha e um pouco de marijuana. Quando estavam bastante relaxadas, Jane perguntara como era realmente, ao que Pauline respondera: — Como cagar um melão.

As duas riram pelo que pareceram horas. Só que Pauline fizera o parto no hospital-escola da universidade, no centro de Londres, e não numa casa de tijolos de lama, no Vale dos Cinco Leões.

Jane pensou: O que Vou fazer? Não devo entrar em pânico. Tenho de me lavar com água

quente e sabonete; arrumar uma tesoura afiada e deixá-la na água fervendo por quinze minutos; pegar lençóis limpos para deitar em cima, tomar líquidos; e relaxar.

Mas outra contração começou antes de ela poder fazer qualquer coisa, uma dor intensa demais. Fechou os olhos e tentou fazer respirações lentas, profundas e regulares, como Jean-Pierre ensinara, mas era difícil controlar-se quando tudo o que queria era gritar de medo e dor.

O espasmo deixou-a esgotada. Ficou imóvel, recuperando-se. Compreendeu que não poderia fazer qualquer das coisas que relacionara: não conseguiria realizar nada sozinha.

Assim que se sentisse bastante forte, levantaria e iria à casa mais próxima, pedindo às mulheres que fossem chamar a parteira.

A contração seguinte veio mais cedo do que ela esperava, depois de um intervalo que parecia apenas de um ou dois minutos. Enquanto a tensão alcançava o auge, Jane disse em voz alta: — Por que nunca dizem à gente o quanto dói! Depois que o auge da dor passou, ela se forçou a levantar. O terror de dar à luz sozinha proporcionou-lhe a força necessária. Cambaleou do quarto para a sala. Sentia-se um pouco mais forte a cada passo. Saiu para o pátio, onde de repente um jorro de líquido quente escorreu-lhe entre as coxas, deixando a calça encharcada: a bolsa d'água rompera.

— Oh, não! — gemeu Jane. , Ela encostou-se no batente da porta. Não sabia se poderia andar sequer uns poucos metros, com a calça caindo daquela maneira. Sentiu-se humilhada e murmurou: — Tenho de andar...

Mas uma nova contração começou e ela arriou no chão pensando: Terei de fazer tudo sozinha.

Quando abriu os olhos de novo, viu o rosto de um homem perto do seu. Parecia um xequê árabe: pele castanho-escura, olhos pretos, bigode preto, as feições aristocráticas, com malares salientes, nariz aquilino, dentes brancos, queixo comprido. Era Mohammed Khan, o pai de Mousa.

— Graças a Deus — murmurou Jane, a voz engrolada.

— Vim agradecer por salvar a vida de meu filho — disse Mohammed, em dari. — Está doente? — Estou tendo um filho.

— Agora? — disse ele, aturdido.

— Daqui a pouco. Ajude-me a entrar em casa.

Mohammed hesitou — o parto, como todas as coisas exclusivamente femininas, era considerado impuro — mas para sua crença, a hesitação foi apenas momentânea. Ajudou Jane a ficar de pé e amparou-a, através da sala e entrando no quarto. Ela tornou a se deitar no tapete e balbuciou: — Vá buscar ajuda.

Ele franziu o rosto, sem saber o que fazer, parecendo muito infantil e bonito.

— Onde está Jean-Pierre? — Foi a Khawak. Preciso de Rabia.

— Está bem. Falarei com minha esposa.

— Antes de sair...

— O que é? — Por favor, dê-me um pouco de água.

Mohammed parecia chocado. Era inaudito um homem servir uma mulher, mesmo com um simples copo d'água. Jane acrescentou: — Da moringa especial.

Ela mantinha uma moringa com água filtrada e fervida para beber: era a única maneira de evitar os numerosos parasitas intestinais de que quase todos os habitantes locais sofriam

durante toda a vida. Mohammed decidiu ignorar a convenção.

— Está certo.

Ele passou para a sala e voltou um momento depois com um copo d'água. Jane agradeceu e tomou um gole.

— Mandarei Halima chamar a parteira — disse ele. — Halima era sua esposa.

— Obrigada — murmurou Jane. — Diga a ela para se apressar.

Mohammed retirou-se. Jane tinha sorte por ser ele e não um dos outros homens. Qualquer outro se recusaria a tocar numa mulher doente, mas Mohammed era diferente.

Era um dos mais importantes guerrilheiros, e na prática era o representante local do líder rebelde, Masud. Mohammed tinha apenas vinte e quatro anos, mas naquele país não era uma idade muito precoce para ser um líder guerrilheiro nem ter um filho de nove anos. Ele estudara em Kabul, falava um pouco de francês, e sabia que os costumes no vale não eram as únicas formas de comportamento educado no mundo. Sua principal responsabilidade era organizar os comboios para o Paquistão, com seus suprimentos vitais de armas e munição para os rebeldes. Fora um comboio assim que trouxera Jane e Jean-Pierre ao Vale.

Esperando pela próxima contração, Jane recordou a terrível viagem. Julgava-se uma pessoa saudável, ativa e forte, capaz de andar durante o dia inteiro com relativa facilidade. Mas não previra a escassez de comida, as escaladas íngremes, as trilhas pedregosas e a diarreia debilitante. Em partes do percurso haviam se deslocado apenas à noite, com medo dos helicópteros russos. Também tiveram de enfrentar aldeões hostis em alguns lugares: temendo que o comboio atraísse um ataque russo, eles se recusavam a vender comida aos guerrilheiros, escondiam-se por trás de portas trancadas, ou orientavam o comboio para uma campina ou pomar a alguns quilômetros de distância, um local perfeito para acampamento, mas que logo se descobria não existir.

Por causa dos ataques russos, Mohammed mudava constantemente os percursos. Jean-Pierre trouxe-a de Paris mapas americanos do Afeganistão, que eram melhores do que qualquer coisa que os rebeldes possuíam. Por isso, Mohammed visitava a casa com frequência, a fim de consultá-los, antes de enviar um novo comboio.

Na verdade, Mohammed aparecia com mais frequência do que era realmente necessário. Também falava com Jane mais do que os homens afegãos normalmente fariam, fazia contato visual um pouco além da conta e não deixava de contemplar furtivamente seu corpo. Jane achava que ele estava apaixonado por ela ou pelo menos estivera até que sua gravidez se tornara visível.

E Jane, por sua vez, sentira-se atraída por ele na ocasião em que estava furiosa com Jean-Pierre. Mohammed era esguio, moreno, forte e poderoso, e pela primeira vez em sua vida ela se sentia atraída por um empedernido porco chauvinista.

Poderia ter um caso com ele. Mohammed era um muçulmano devoto, como todos os guerrilheiros, mas ela duvidava que isso fizesse alguma diferença. Ela acreditava no que seu pai costumava dizer: "A convicção religiosa pode frustrar um desejo tímido, mas nada pode deter a luxúria genuína." Esse comentário em particular enfurecera a mãe. A verdade é que havia tanto adultério naquela puritana comunidade camponesa quanto em qualquer outro lugar, como Jane compreendera ao escutar as conversas das mulheres à beira do rio, enquanto pegavam água ou tomavam banho. E Jane também sabia como se fazia. Mohammed lhe dissera: — Pode-se ver o

peixe pular ao crepúsculo sob a cachoeira, além do último moinho. Vou até lá algumas noites para pegá-los.

Ao anoitecer, todas as mulheres ficavam cozinhando e os homens se sentavam no pátio da mesquita, conversando e fumando: amantes não seriam descobertos tão longe da aldeia e ninguém daria pela falta de Jane ou Mohammed.

A perspectiva de fazer amor junto a uma cachoeira com aquele homem bonito e primitivo tentara Jane. Mas depois ela engravidara, Jean-Pierre confessara como tinha medo de perdê-la. Jane decidira então dedicar todas as suas energias a fazer com que o casamento desse certo, de qualquer maneira. Assim, ela nunca foi à cachoeira, e Mohammed deixou de admirar seu corpo depois que a gravidez se tornara patente.

Talvez fosse a intimidade latente que encorajara Mohammed a entrar e ajudá-la, quando outros homens teriam recusado e poderiam até se desviar de sua porta. Ou talvez fosse por causa de Mousa. Mohammed tinha apenas um filho — e três filhas — e provavelmente sentia-se agora em dívida para com Jane. Conquistei um amigo e um inimigo hoje, pensou ela: Mohammed e Abdullah.

A dor começou outra vez e ela compreendeu que desfrutara de uma trégua mais longa que o habitual. As contrações estariam se tornando irregulares? Por quê? Jean-Pierre nada dissera a respeito. Mas ele esquecera uma boa parte da ginecologia que estudara há três ou quatro anos.

Aquela contração fora a pior até então e deixou-a trêmula e nauseada. O que aconteceria com a parteira? Mohammed devia ter mandado a esposa buscá-la — ele não esqueceria nem mudaria de ideia. Mas ela obedeceria ao marido? Claro. As mulheres afegãs sempre obedeciam.

Mas ela podia andar devagar, conversar no caminho ou até mesmo parar em outra casa para tomar um chá. Se havia adultério no Vale dos Cinco Leões, haveria também o ciúme, e Halima certamente saberia ou pelo menos adivinharia os sentimentos do marido por Jane — as esposas sempre intuía. Ela podia estar agora ressentida por lhe ser pedido para correr em ajuda da rival, a estrangeira exótica, de pele branca, instruída, que tanto fascinava seu marido. E de repente Jane sentiu-se furiosa com Mohammed e também com Halima. Não fiz nada de errado, pensou ela. Por que todos me abandonaram? Por que meu marido não está aqui? Quando outra contração começou, ela desatou a chorar. Era demais.

— Não posso continuar — disse ela em voz alta.

Tremia incontrolavelmente. Queria morrer antes que a dor piorasse. E soluçou: — Oh, mamãe, ajude-me...

E de repente havia um braço forte em torno de seus ombros, uma voz de mulher em seu ouvido murmurava algo incompreensível, mas tranquilizador, em dari. Sem abrir os olhos, Jane agarrou a outra mulher, chorando e gritando, enquanto a contração se tornava mais intensa. Finalmente começou a se desvanecer, muito devagar, mas com uma sensação de alívio, como se pudesse ser a última ou pelo menos a última dolorosa.

Jane levantou os olhos e deparou com os serenos olhos castanhos e as faces escuras da velha Rabia, a parteira.

— Que Deus esteja com você, Jane Debout.

Jane sentiu-se aliviada, como se estivesse livre de um fardo opressivo.

— E com você também, Rabia Gul — sussurrou ela, agradecida.

— As dores estão vindo depressa? !

— A cada um ou dois minutos.

Outra voz de mulher disse: — O bebê está chegando cedo.

Jane virou a cabeça e viu Zahara Gul, a nora de Rabia, uma mulher sensual de sua idade, cabelos ondulados quase pretos, a boca larga e risonha. Entre todas as mulheres da aldeia, Zahara era a única com quem Jane sentia alguma ligação.

— Fico contente de que você esteja aqui — balbuciou ela.

— O nascimento foi provocado por você ter subido com Mousa no colo — comentou Rabia.

— Só isso? — indagou Jane.

— Já é suficiente.

Então elas não sabem da briga com Abdullah, pensou Jane. Ele resolvera não contar a ninguém. Rabia acrescentou: — Devo preparar tudo para a criança? — Deve sim, por favor.

Só Deus sabe a que espécie de ginecologista primitiva estou me entregando, pensou Jane; mas não posso fazer isso sozinha, é absolutamente impossível.

— Gostaria que Zahara fizesse um chá? — indagou Rabia.

— Quero sim, por favor.

Pelo menos não havia nada de supersticioso nisso. As duas mulheres entraram em atividade. A simples presença delas já fazia com que Jane se sentisse melhor. Era maravilhoso, pensou ela, que Rabia pedisse permissão para ajudar — um médico ocidental teria entrado e assumido o controle como se fosse dono do lugar. Rabia lavou as mãos ritualmente, pedindo aos profetas para deixá-la de rosto vermelho — o que significava bem — sucedida — depois tornou a lavá-las meticulosamente, com sabão e muita água. Zahara trouxe um pote com arruda silvestre e Rabia acendeu-o. Jane recordou que os maus espíritos eram afugentados pelo cheiro da arruda queimando.

Consolou-se com o pensamento de que a fumaça acre manteria as moscas fora do quarto.

Rabia era um pouco mais que uma parteira. Trazer crianças ao mundo era sua atividade principal, mas ela também tinha tratamentos herbáceos e mágicos para aumentar a fertilidade das mulheres que encontravam dificuldade para engravidar. Também conhecia métodos de evitar a concepção e provocar o aborto, mas havia muito menos demanda para esses serviços: as mulheres afegãs geralmente queriam ter muitos filhos. Rabia também era consultada sobre qualquer doença "feminina". E quase sempre lhe pediam para lavar os mortos — tarefa considerada impura, da mesma forma que realizar partos. Jane observou-a se movimentar pelo quarto. Provavelmente era a mulher mais velha da aldeia, em torno dos sessenta anos. Era baixa — não devia ter mais que um metro e meio de altura — e muito magra, como a maioria das pessoas ali. O rosto moreno encarquilhado estava emoldurado por cabelos brancos. Seus movimentos eram suaves, as mãos velhas e ossudas eram precisas e eficientes.

O relacionamento de Jane com ela começara sob desconfiança e hostilidade. Quando Jane lhe perguntara quem ela chamava no caso de partos difíceis, Rabia respondera bruscamente: — Que o diabo esteja surdo, nunca tive um nascimento difícil e nunca perdi uma mãe ou uma criança. Mais tarde, quando as mulheres da aldeia começaram a procurar Jane por causa de pequenos problemas menstruais ou gestações de rotina, ela as encaminhava a Rabia,

em vez de receitar remédios inócuos; fora o começo de um relacionamento profissional. Rabia consultara Jane sobre uma mãe que tivera um parto recente e estava com infecção vaginal. Jane lhe dera um suprimento de penicilina e explicara como aplicá-la. O prestígio de Rabia subira ainda mais quando se espalhou a notícia de que lhe haviam sido confiados os segredos da medicina ocidental; e Jane pudera lhe dizer, sem ofensa, que ela fora a causa provável da infecção, pelo expediente de lubrificar manualmente o canal de nascimento durante o parto.

Desse momento em diante, Rabia começara a aparecer na clínica uma ou duas vezes por semana, a fim de conversar com Jane e observá-la trabalhar. Jane aproveitara essas ocasiões para explicar, de maneira casual, por que punha todos os seus instrumentos em água fervendo depois de usá-los, por que dava bastante líquido a crianças com diarreia.

Rabia, por sua vez, revelara alguns de seus segredos a Jane, que se mostrara interessada em saber o que havia nas poções. Fora fácil imaginar como algumas funcionavam: as poções para promover a gravidez continham cérebro de coelho ou fígado de gato, que podiam proporcionar os hormônios que faltavam no metabolismo da paciente; a hortelã e a erva-dos-gatos em muitos preparados provavelmente ajudavam a acabar com as infecções que impediam a concepção. Rabia também tinha um medicamento para que as esposas dessem aos maridos impotentes e não havia qualquer dúvida quanto à maneira como funcionava: continha ópio.

A desconfiança fora substituída por um cauteloso respeito mútuo. Mas Jane não consultara Rabia sobre a sua própria gravidez. Uma coisa era admitir que a mistura de folclore e feitiçaria de Rabia podia funcionar em mulheres afegãs, outra muito diferente era submeter-se a isso. Além do mais, Jane esperava que Jean-Pierre fizesse o parto. Assim, quando Rabia perguntara qual era a posição da criança e receitara uma dieta de vegetais para uma menina, Jane deixara bem claro que a sua gravidez seria à maneira ocidental. Rabia ficara magoada, mas aceitara a decisão com dignidade. E agora Jean— Pierre se encontrava em Khawake e Rabia estava ali, e Jane sentia-se contente por contar com a ajuda de uma velha que já trouxera ao mundo centenas de bebês e pessoalmente tivera onze filhos.

Não havia dor há algum tempo, mas nos últimos minutos, enquanto observava Rabia se movimentar pelo quarto, Jane vinha experimentando novas sensações em seu abdome: uma sensação nítida de pressão, acompanhada por uma crescente pressão para empurrar. O impulso tornou-se irresistível; e enquanto ela empurrava, começou a gemer, não porque sentisse dor, mas apenas pelo esforço. Ouvia a voz de Rabia, como se viesse de muito longe: — Está começando. Isso é bom.

O impulso desapareceu depois de algum tempo. Zahara trouxe uma xícara de chá verde. Jane sentou e bebeu, agradecida. Estava morno e muito doce. Zahara tem a minha idade, pensou Jane, já teve quatro filhos, sem contar os abortos espontâneos e as crianças que nasceram mortas. Mas ela era uma daquelas mulheres que parecem transbordar de vitalidade, como uma jovem tigresa saudável. Provavelmente teria muitos outros filhos. Recebera Jane com uma curiosidade franca, quando a maioria das mulheres se mostrara desconfiada e hostil, nos primeiros dias; e Jane descobrira que Zahara se irritava com os mais tolos costumes e tradições do vale, estava ansiosa em aprender o que podia das ideias estrangeiras sobre saúde, cuidados com as crianças e nutrição. Assim, Zahara tornara-se não apenas amiga de Jane, mas também a ponta de lança de seu programa de educação sanitária.

Agora, no entanto, Jane estava aprendendo os métodos afegãos. Observou Rabia estender

um plástico sobre o chão (o que usavam antes de dispor de todo aquele plástico?) e cobri-lo com uma camada de areia que Zahara trouxera num balde. Rabia pusera algumas coisas numa mesa baixa e Jane ficou satisfeita ao ver mechas de algodão limpas e uma lâmina de barbear nova, ainda no invólucro.

A necessidade de fazer força ressurgiu, e Jane fechou os olhos para se concentrar. Não doía propriamente; era mais como se estivesse com uma prisão de ventre incrível, impossível. Descobriu que gemer ajudava ao fazer força e quis explicar a Rabia que não era um gemido de agonia, mas estava ocupada demais para fazer força para falar.

Na pausa seguinte, Rabia ajoelhou-se, desamarrou o cordão da calça de Jane e depois tirou-a.

— Quer fazer água antes de ser lavada? — Quero sim.

Ela ajudou Jane a levantar e ir para trás do biombo, segurando-a pelos ombros enquanto ela sentava no urinol.

Zahara trouxe uma tigela com água morna e levou o urinol. Rabia lavou a barriga de Jane, as coxas, as partes íntimas, assumindo pela primeira vez uma expressão animada ao fazê-lo. Depois, Jane tornou a se deitar. Rabia lavou as próprias mãos e enxugou-as. Mostrou um pote pequeno com um pó azul — sulfato de cobre, calculou Jane — e disse: — Esta cor afugenta os maus espíritos.

— O que quer fazer com isso? — Pôr um pouco em sua testa.

— Está bem. — Uma pausa e Jane acrescentou: — Obrigada.

Rabia passou um pouco do pó na testa de Jane. Não me importo com a magia quando é inofensiva, pensou Jane, mas o que ela fará se houver um autêntico problema médico? E o bebê é quantas semanas prematuro? Ela ainda se preocupava quando a próxima contração começou, e por isso não estava se concentrando em ajudar a onda de pressão, que em consequência foi muito dolorosa.

Não devo me preocupar, pensou ela; preciso relaxar.

Depois, sentiu-se exausta e um tanto sonolenta. Fechou os olhos. Sentiu Rabia desabotoar sua camisa — a que tomara emprestada de Jean-Pierre naquela tarde, um século antes. Rabia começou a massagear a barriga de Jane com alguma espécie de lubrificante, provavelmente manteiga clara. Cravava os dedos. Jane abriu os olhos e disse: — Não tente deslocar o bebê.

Rabia acenou com a cabeça, mas continuou a apertar, uma das mãos na protuberância da barriga, a outra na base.

— A cabeça está certa — disse ela, finalmente. — Tudo está bem. Mas o bebê vai nascer muito depressa. Tem de levantar agora.

Zahara e Rabia ajudaram Jane a levantar e dar dois passos para o plástico coberto de areia. Rabia postou-se atrás dela e disse: — Fique em cima dos meus pés.

Jane obedeceu, embora não entendesse a lógica do movimento. Rabia ajudou-a a se agachar, assumindo a mesma posição por trás. Então aquela era a posição de parto local.

— Sente em cima de mim — disse Rabia. — Posso aguentar você.

Jane descansou seu peso nas coxas da velha. A posição era surpreendentemente cômoda e tranquilizante. Jane sentiu que seus músculos começavam a se contrair outra vez. Rangeu os dentes e fez força, gemendo. Zahara agachou-se à sua frente. Por algum tempo não houve coisa alguma na mente de Jane além do impulso de empurrar. A contração acabou se atenuando e ela

arriu, exausta e meio adormecida, Rabia suportando todo o seu peso.

Quando começou, havia uma nova dor, uma sensação intensa em sua virilha. Zahara disse de repente: — Lá vem.

— Não faça força agora — disse Rabia. — Deixe o bebê nadar para fora.

A pressão se reduziu. Rabia e Zahara trocaram de lugar. Rabia agachou-se entre as pernas de Jane, observando atentamente. A pressão começou. Jane rangeu os dentes.

Rabia disse: — Não faça força. Fique calma. — Jane tentou relaxar. Rabia fitou-a nos olhos e levantou a mão para tocar em seu rosto, acrescentando: — Não se morda. Deixe a boca solta.

Jane deixou o queixo pender e descobriu que isso ajudava a relaxar. Experimentou uma sensação de ardência, pior do que nunca. Sabia que o bebê estava quase nascendo: podia sentir a cabeça passando, alargando a abertura a um ponto impossível. Ela gritou com a dor... que de repente diminuiu, e por um momento nada pôde sentir. Olhou para baixo. Rabia estendia as mãos entre suas coxas, pronunciando os nomes dos profetas. Através de um nevoeiro de lágrimas, Jane viu alguma coisa arredondada e escura nas mãos da parteira.

— Não puxe — balbuciou Jane. — Não puxe a cabeça.

— Não — murmurou Rabia.

Jane tornou a sentir a pressão. Foi nesse momento que Rabia disse: — Um pequeno empurrão para o ombro.

Jane fechou os olhos e fez força, gentilmente. Um instante depois, Rabia acrescentou: — Agora o outro ombro.

Jane fez força de novo e depois houve um enorme alívio da tensão, ela sabia que o bebê já nascera. Olhou para baixo e viu o corpo mínimo aninhado nos braços de Rabia.

A pele estava enrugada e molhada, a cabeça coberta por cabelos escuros e úmidos. O cordão umbilical parecia esquisito, um grosso cordão azul, pulsando como uma veia.

— Está tudo bem? — perguntou Jane.

Rabia não respondeu. Contraiu os lábios e soprou no rosto achatado e imóvel da criança. Oh, Deus, a criança nasceu morta, pensou Jane.

— Está tudo bem? — repetiu ela.

Rabia soprou outra vez, a criança abriu a boquinha e gritou. Jane disse: — Graças a Deus... está viva! Rabia pegou uma mecha de algodão limpa na mesinha e limpou o rosto da criança.

— É normal? — indagou Jane.

Rabia finalmente falou. Fitou Jane nos olhos, sorriu e declarou: — É, sim. Ela é normal.

Ela é normal, pensou Jane. Ela. Gerei uma garotinha. Uma menina. E de repente sentiu-se totalmente esgotada. Não podia continuar de pé por mais um momento sequer.

— Quero deitar.

Zahara ajudou-a a recuar para o colchão e ajeitou almofadas em suas costas, a fim de que ficasse sentada, enquanto Rabia segurava a criança, ainda ligada à mãe pelo cordão umbilical. Depois que Jane estava acomodada, Rabia pôs-se a enxugar a menina com as mechas de algodão. Jane viu o cordão parar de pulsar, murchar, ficar branco.

— Pode cortar o cordão — disse ela a Rabia.

— Sempre esperamos pelas secundinas.

— Corte agora, por favor.

Rabia parecia em dúvida, mas atendeu ao pedido. Pegou um pedaço de barbante branco na mesa e amarrou em torno do cordão, alguns centímetros além do umbigo da criança.

Deveria ser mais perto, pensou Jane; mas não importa. Rabia desembulhou a lâmina nova.

— Em nome de Alá — disse ela, cortando o cordão.

— Dê-me a criança — pediu Jane.

Rabia entregou-lhe a menina, recomendando: — Não deixe ela mamar.

Jane sabia que Rabia estava errada nisso. E explicou: — Ajuda as secundinas. Rabia deu de ombros.

Jane encostou o rosto da criança em seu seio. Os mamilos estavam enormes e deliciosamente sensíveis, como acontecia quando Jean-Pierre os beijava. Quando o mamilo encostou em seu rosto, a menina virou a cabeça num reflexo e abriu a boca. Assim que o mamilo entrou, ela começou a sugar. Jane ficou atônita ao descobrir que a sensação era sensual. Por um momento, sentiu-se chocada e embaraçada, mas depois pensou: Ora, não tem nada demais! Ela sentiu mais movimentos em seu abdome. Obedeceu ao impulso de fazer força e sentiu a placenta sair, um parto pequeno e escorregadio. Rabia envolveu-a com extremo cuidado num pedaço de pano.

A criança parou de sugar, parecia adormecida.

Zahara entregou a Jane um copo com água. Ela tomou tudo de um só gole. O gosto era maravilhoso. Pediu mais.

Estava dolorida, exausta e excepcionalmente feliz. Olhou para a menina dormindo serenamente em seu seio. Estava pronta para dormir também. Rabia disse: — Temos de enrolar a pequena.

Jane levantou a criança — tão leve quanto uma boneca — e entregou-a à velha.

— Chantal — disse ela, quando Rabia pegou a menina. — Seu nome é Chantal.

E, depois, Jane fechou os olhos.

Capítulo 5

Ellis Thaler embarcou na ponte aérea da Eastern Airlines de Washington para Nova York. No Aeroporto La Guardiã pegou um táxi para o Plaza Hotel, na cidade de Nova York. O táxi parou na entrada do hotel na Quinta Avenida. Ellis entrou. No saguão, virou à esquerda e foi para os elevadores da Rua 58. Um homem de terno e uma mulher com uma sacola da Saks entraram junto com ele. O homem saltou no sétimo andar. Ellis saltou no oitavo, a mulher continuou a subir. Ellis avançou pelo enorme corredor do hotel, sozinho, até chegar aos elevadores da Rua 59. Desceu para o térreo e deixou o hotel pela entrada da Rua 59.

Convencido de que ninguém o seguia, fez sinal para um táxi no Central Park Sul, seguiu para a Penn Station e pegou o trem para Douglaston, Queens.

Alguns versos do Acalanto de Auden martelavam em sua mente, enquanto o trem rodava: O tempo e as paixões dissipam A beleza individual das Crianças ponderadas, a sepultura Prova que a criança é efêmera.

Mais de um ano já transcorrera desde que ele posara como poeta americano inédito em Paris, mas ainda não perdera o gosto pela poesia.

Continuou a se manter atento à possibilidade de alguém o seguir, pois aquela era uma missão de que os inimigos nunca deveriam tomar conhecimento. Saltou do trem em Flushing e esperou na plataforma pelo trem seguinte. Ninguém esperou junto com ele.

Por causa das precauções meticulosas, já eram cinco horas quando chegou a Douglaston. Deixou a estação e seguiu a pé, apressado, por cerca de meia hora, pensando no contato que estava prestes a fazer, repassando as palavras que empregaria, as possíveis reações que poderia esperar.

Chegou a uma rua suburbana, com vista para o Estreito de Long Island, parou diante de uma casa pequena e bem-cuidada, com empenas que imitavam o estilo Tudor, um vitral colorido numa parede. Havia um pequeno carro japonês ao lado da casa. Quando ele subia pelo caminho, a porta da frente foi aberta por uma garota loura de treze anos. Ellis disse: — Oi, Petal.

— Oi papai.

Ele inclinou-se para beijá-la, sentindo como sempre uma onda de orgulho e ao mesmo tempo uma pontada de culpa.

Contemplou a filha de alto a baixo. Por baixo da blusa de Michael Jackson ela estava usando um sutiã. Ele tinha certeza de que era novo e pensou: Ela já está ficando mulher.

— Não quer entrar um instante? — disse ela, polidamente.

— Claro.

Ellis seguiu-a para o interior da casa. Por trás, ela parecia ainda mais mulher. Ele se lembrou de sua primeira namorada. Tinha quinze anos e a garota não era muito mais velha que Petal... Não, espere um pouco, pensou ele; a garota era mais jovem, tinha doze anos. E eu costumava enfiar a mão por baixo de sua blusa. Que Deus proteja minha filha dos garotos de quinze anos. Eles foram para uma sala de estar pequena e impecável.

— Não quer sentar? — disse Petal.

Ellis sentou.

— Posso lhe servir alguma coisa?

— Relaxe — disse Ellis. — Não precisa ser tão formal. Sou seu pai.

Ela ficou surpresa e indecisa, como se tivesse sido censurada por alguma coisa que não sabia estar errada. E, depois de um momento, anunciou: — Tenho de escovar os cabelos. E depois poderemos ir, com licença.

Ele a via pelo menos uma vez por mês, durante o último ano, desde que voltara de Paris. Às vezes passavam o dia inteiro juntos, mas com uma frequência maior ele apenas a levava para jantar fora, como faria naquela noite. Para estar com ela durante essa hora, Ellis tinha de fazer uma viagem de cinco horas com o máximo de segurança. Mas é claro que Petal não sabia disso. Seu objetivo era modesto: sem muito rebuliço ou drama, queria ocupar um lugar pequeno mas permanente na vida da filha.

O que significara mudar o tipo de trabalho que fazia. Renunciara ao trabalho de campo. Seus superiores ficaram bastante insatisfeitos: afinal, eram bem poucos os bons agentes secretos (enquanto havia centenas de maus). Ele também relutara, sentindo que tinha o dever de usar seu talento. Mas não poderia conquistar a afeição da filha se tivesse de desaparecer a cada ano ou por aí em algum canto remoto do mundo, incapaz de contar a ela o que estava fazendo, por que ou pelo menos por quanto tempo. E não podia correr o risco de ser morto justamente no momento em que Petal estava aprendendo a amá-lo.

Ele sentia falta da excitação, do perigo, da emoção da caçada e do sentimento de que realizava um trabalho importante que ninguém mais poderia fazer tão bem. Mas por muito tempo as suas ligações emocionais haviam sido passageiras, e depois de perder Jane, sentira a necessidade de pelo menos uma pessoa cujo amor fosse permanente.

Enquanto esperava, Gill entrou na sala. Ellis levantou-se. A ex-esposa estava tranquila, num vestido branco de verão. Ele beijou o rosto que ela lhe oferecia.

— Como vai? — disse ela.

— A mesma coisa de sempre. E você?

— Estou terrivelmente ocupada.

Ela se pôs a contar, em detalhes, quantas coisas tinha para fazer, e Ellis desligou, como sempre acontecia. Gostava de Gill, embora ela o entediasse demais. Era estranho pensar que fora outrora casado com aquela mulher. Mas ela era a garota mais linda do Departamento de Inglês e ele o rapaz mais inteligente, o ano era 1967, quando todos viviam nas nuvens, qualquer coisa podia acontecer, especialmente na Califórnia. Casaram em túnicas brancas, ao final do primeiro ano, alguém tocava a Marcha Nupcial numa citara. Ellis fora então reprovado nos exames e eliminado da universidade, sendo por isso convocado. Em vez de partir para o Canadá ou Suécia, ele fora ao centro de recrutamento como um cordeiro a caminho do matadouro, surpreendendo a todos, à exceção de Gill, que a esta altura já sabia que o casamento não daria certo e só esperava para ver como Ellis daria um jeito de escapar.

Ele estava no hospital em Saigon, com um ferimento de bala na batata da perna — a lesão mais comum do piloto de helicóptero, porque o assento é blindado, mas o chão não — quando o divórcio fora consumado. Alguém largara a notificação em sua cama, quando ele se achava no banheiro, encontrara-a ao voltar, juntamente com outra Oak Leaf Cluster, sua 25ª (distribuíam medalhas profusamente naquele tempo). Acabo de me divorciar, dissera ele. Ao que o soldado na cama ao lado respondera: Deixe de merda. Quer jogar cartas? Ela não falara da criança. Ele descobrira alguns anos depois, quando já se tornara um espião e seguira a pista de Gill como um exercício. Soubera então que ela tinha uma filha com o inconfundível nome do final dos anos 60,

Petal, e um marido, Bernard, que estava consultando um especialista em fertilidade. Não lhe contar sobre Petal fora a única coisa realmente mesquinha que Gill lhe fizera, pensou Ellis, embora ela ainda alegasse que fora para o seu próprio bem.

Ele insistira em ver Petal de vez em quando e fizera com que ela parasse de chamar Bernard de "papai". Mas não procurara se tornar parte da vida familiar até o ano passado.

— Quer levar meu carro? — Gill estava dizendo.

— Se não for incômodo.

— Claro que não é.

— Obrigado.

Era embaraçoso tomar emprestado o carro de Gill, mas o percurso desde Washington era longo demais, e Ellis não queria alugar carros com frequência naquela área, pois um dia seus inimigos poderiam descobrir, através dos registros públicos, das agências de aluguel ou das companhias de cartão de crédito, e assim tomariam conhecimento da existência de Petal. A alternativa seria usar uma identidade diferente a cada vez que alugasse um carro, mas as falsas identidades eram dispendiosas e a agência não as proporcionaria a um burocrata. Por isso, ele usava o Honda de Gill ou contratava um táxi local. Petal voltou, os cabelos louros flutuando em torno dos ombros.

Ellis levantou-se e Gill disse: — As chaves estão no carro.

Ellis disse a Petal: — Vá para o carro. Irei daqui a um momento. — Petal saiu.

Ele virou-se para Gill e explicou: — Eu gostaria de convidá-la a passar um fim de semana em Washington. Gill foi gentil, mas firme: -se ela quiser, claro que pode. Se não quiser, não Vou obrigá-la. Ellis balançou a cabeça.

— É justo. Até mais tarde.

Ele levou Petal a um restaurante chinês em Little Neck. Ela gostava de comida chinesa e relaxou um pouco depois que se afastou de casa. Agradeceu a Ellis por lhe enviar um poema no dia do seu aniversário, comentando: — Não conheço ninguém que já tenha recebido um poema em seu aniversário. Ellis não sabia se isso era bom ou mau.

— Acho que é melhor do que um cartão de aniversário com a fotografia de um gatinho bonito na frente.

— Tem razão. — Petal soltou uma risada. — Todas as minhas amigas acham que você é muito romântico. E o professor de inglês perguntou se você já tinha publicado alguma coisa.

— Nunca escrevi nada suficientemente bom para ser publicado. Ainda gosta das aulas de inglês? — Gosto muito mais que de matemática. Sou horrível em matemática.

— O que está estudando? Alguma peça?

— Não. Mas de vez em quando estudamos poemas.

— Gosta de algum?

Petal pensou por um momento.

— Gosto daquele sobre os narcisos.

Ellis acenou com a cabeça.

— Eu também gosto.

— Esqueci quem escreveu.

— William Wordsworth.

— Ah, isso mesmo.

— Algum outro?

— Não especialmente. Sou muito mais pela música. Você gosta de Michael Jackson? — Não sei. Não me lembro se já ouvi os seus discos.

— Ele é sensacional. — Petal soltou uma risadinha. — Todas as minhas amigas são loucas por ele. Era a segunda vez que ela mencionava todas as minhas amigas.

Naquele momento, o grupo de iguais era a coisa mais importante em sua vida.

— Eu gostaria de conhecer algumas de suas amigas.

— Ora, papai — respondeu ela, em tom de censura. — Tenho certeza de que não gostaria. São apenas garotas.

Sentindo-se um pouco rejeitado, Ellis concentrou-se na comida por algum tempo. Um vinho branco acompanhava a refeição: não perdera os hábitos franceses. Ao terminar de comer, ele disse: — Estive pensando numa coisa. Por que não vai a Washington e passa um fim de semana comigo? Fica a apenas uma hora de avião e poderíamos nos divertir muito.

Ela ficou aturdida.

— O que tem em Washington? — Poderíamos fazer uma excursão pela Casa Branca, onde vive o Presidente dos Estados Unidos. E Washington possui alguns dos melhores museus do mundo. Você não conhece meu apartamento. Tenho um quarto de hóspedes e...

Ellis parou de falar. Podia perceber que a filha não estava interessada.

— Não sei, papai... Tenho muita coisa para fazer nos fins de semana... os deveres de casa, festas, compras, as aulas de dança, uma porção de coisas...

Ellis disfarçou o desapontamento.

— Não pense mais nisso. Talvez você possa ir em outra ocasião, quando não estiver tão ocupada.

— Está bem — disse ela, visivelmente aliviada.

— Posso arrumar o quarto de hóspedes a fim de estar preparado para qualquer ocasião em que você queira me visitar.

— Ótimo.

— De que cor devo pintá-lo?

— Não sei.

— Qual é a sua cor predileta?

— Acho que rosa.

— Então será rosa. — Ellis forçou um sorriso. — Vamos embora.

No carro, voltando para casa, Petal perguntou se ele se incomodava que ela fusesse as orelhas.

— Não sei — respondeu ele, cauteloso. — O que sua mãe pensa a respeito?

— Disse que por ela está bem, se você concordar.

Gill estaria cortesmente incluindo-o na decisão ou apenas lhe passando o problema?

— A ideia não me agrada — disse Ellis. — Talvez você ainda seja um pouco jovem para começar a fazer buracos no corpo para enfeite.

— Acha que sou jovem também para ter um namorado? Ellis sentiu vontade de dizer que sim. Ela parecia jovem demais.

Mas não podia impedi-la de crescer.

— Já tem bastante idade para sair com rapazes, mas não para um namoro firme.

Ele olhou para avaliar a reação de Petal. Ela parecia divertida. Talvez não falem mais em namoro firme, pensou Ellis.

O Ford de Bernard estava estacionado no caminho quando chegaram na casa. Ellis parou o Honda atrás e entrou com Petal. Bernard estava na sala de estar. Um homem pequeno, cabelos bem curtos, jovial e totalmente desprovido de imaginação. Petal cumprimentou-o com o maior entusiasmo, abraçando-o e beijando-o. Ele parecia um pouco embaraçado. Apertou a mão de Ellis firmemente, dizendo: — O governo ainda está funcionando direitinho lá em Washington?

— A mesma coisa de sempre — respondeu Ellis.

Todos pensavam que ele trabalhava para o Departamento de Estado e sua função era ler os jornais e revistas franceses, preparando um resumo diário para a Seção da França.

— Quer uma cerveja? Ellis não estava com vontade, mas aceitou apenas para ser cordial. Bernard foi à cozinha buscá-la. Ele era gerente de crédito de uma loja de departamentos na cidade de Nova York. Petal parecia gostar dele e respeitá-lo, e ele a tratava com profunda afeição. Ele e Gill não tinham outros filhos: o especialista em fertilidade de nada adiantara. Bernard voltou com dois copos de cerveja e entregou um a Ellis.

— Vá fazer seus deveres agora — disse ele a Petal. — Seu pai irá se despedir antes de ir embora. Ela tornou a beijá-lo e saiu. Bernard comentou: — Ela não é normalmente tão afetuosa. Parece exagerar quando você está presente. Não entendo. Ellis compreendia perfeitamente, mas ainda não queria pensar a respeito.

— Não se preocupe com isso — disse ele. — Como vão os negócios? — Até que vão bem. Os juros altos não nos afetaram tanto como receamos. Parece que as pessoas ainda estão dispostas a pegar dinheiro emprestado para comprar coisas... pelo menos em Nova York.

Bernard sentou, tomando um gole de cerveja. Ellis sempre achara que Bernard tinha medo dele fisicamente. Transparecia na maneira como ele andava, parecendo o cachorro de estimação que não tem permissão para entrar em casa, mas o faz assim mesmo e toma cuidado para se manter fora do alcance de um chute.

Os dois conversaram sobre a economia por alguns minutos e Ellis tomou a cerveja o mais depressa que pôde, depois levantou-se para ir embora. Foi até a base da escada e gritou: — Já Vou, Petal.

Ela apareceu no alto da escada.

— Posso furar as orelhas?

— Não quer me dar algum tempo para pensar a respeito?

— Claro. Até a próxima. Gill desceu a escada.

— Vou levá-lo de carro ao aeroporto. Ellis ficou surpreso.

— Está bem. Obrigado.

Quando estavam na estrada, Gill disse: — Ela me falou que não queria passar um fim de semana com você.

— Não há problema.

— Está aborrecido, não é mesmo? — É tão evidente assim? — Para mim, é, sim. Já fui casada com você. — Ela fez uma pausa. -lamento muito, John.

— A culpa é minha. Não pensei direito. Antes de eu aparecer, ela tinha uma mãe, um pai e um lar... tudo o que qualquer criança quer. Mas eu não sou apenas supérfluo.

A minha presença ameaça a felicidade de Petal. Sou um intruso, um fator de desestabilização. É por isso que ela tanto abraça Bernard na minha presença. Não faz isso para me magoar, mas sim porque tem medo de perdê-lo. E sou eu quem lhe incute esse medo.

— Ela vai superar, John. A América está cheia de crianças com dois pais.

— Isso não é desculpa. Fui um idiota e devo assumir.

Gill tornou a surpreendê-lo, afagando seu joelho e dizendo: — Não seja tão duro consigo mesmo. Você apenas não foi feito para isso. Compreendi um mês depois de casarmos. Você não queria uma casa, um emprego, uma comunidade suburbana, filhos. É um pouco estranho. Foi por isso que me apaixonei por você e foi por isso que o deixei partir tão facilmente. Amei-o porque era diferente, doido, original, excitante. Capaz de fazer qualquer coisa. Mas não é um homem de família.

Ellis permaneceu em silêncio, pensando a respeito do que Gill acabara de dizer, enquanto ela continuava a guiar. A intenção era a melhor possível e por isso ele se sentia agradecido; mas seria verdade? Ele achava que não. Não quero uma casa numa comunidade suburbana americana, mas bem que gostaria de ter um lar: talvez uma villa no Marrocos ou uma mansarda em Greenwich Village, ou um apartamento de cobertura em Roma. Não quero uma esposa para ser minha empregada, cozinhar, lavar, fazer compras e participar das reuniões de pais e professores; mas gostaria de uma companheira, alguém para partilhar livros, filmes e poesia, alguém para conversar à noite. Gostaria até de ter filhos, criá-los de maneira a que conheçam algo mais do que Michael Jackson.

Mas ele não disse nada sobre isso a Gill.

Ela parou o carro e Ellis percebeu que estavam na frente do terminal da Eastern. Olhou para o relógio: oito e cinquenta. Apressando-se, pegaria o voo das nove horas.

— Obrigado pela carona, Gill.

— O que está precisando é de uma mulher igual a você. Ellis pensou em Jane.

— Conheci uma mulher assim.

— E o que aconteceu? — Ela casou com um médico bonito.

— O médico é louco como você? — Acho que não.

— Pois então não vai durar. Quando foi o casamento? — Há cerca de um ano.

— Ahn... — Gill provavelmente estava calculando que fora a ocasião em que Ellis voltara à vida de Petal em grande estilo, mas teve a generosidade de não fazer o comentário. — Aceite o meu conselho, John. Procure-a. Ellis saltou do carro.

— Tornaremos a nos falar em breve.

— Até lá.

Ellis bateu a porta do carro e ela partiu.

Ele entrou apressadamente no terminal. Conseguiu pegar o voo por um ou dois minutos. Enquanto o avião decolava, ele encontrou uma revista na bolsa do banco da frente e procurou por uma reportagem sobre o Afeganistão.

Acompanhava a guerra atentamente desde que Bill confirmara em Paris que Jane consumara a sua intenção de ir para lá com Jean-Pierre. A guerra não era mais uma notícia de primeira página. Muitas vezes uma ou duas semanas transcorriam sem que houvesse qualquer notícia a respeito. Mas agora a trégua do inverno acabara e sempre aparecia alguma coisa na imprensa pelo menos uma vez por semana.

Aquela revista apresentava uma análise da situação russa no Afeganistão. Ellis começou a ler desconfiado, pois sabia que muitos artigos emanavam da CIA: um repórter obtinha um relatório exclusivo de avaliação de informações da CIA sobre uma situação, mas na verdade se tornava um canal inconsciente para uma peça de desinformação destinada ao serviço de informações de outro país e a matéria que escrevia tinha tanta relação com a verdade quanto um artigo do Pravda.

O artigo no entanto parecia objetivo. Dizia que estava ocorrendo uma concentração de tropas e armamentos russos, em preparativo para uma grande ofensiva de verão.

Moscou considerava aquele verão crucial: era preciso esmagar os rebeldes naquele ano de qualquer maneira ou seria forçada a algum acordo com os rebeldes. Isso fazia sentido para Ellis: iria verificar o que o pessoal da CIA em Moscou estava dizendo, mas tinha a impressão de que as informações corresponderiam.

Entre os alvos principais, o artigo incluía o Vale de Panisher. Ellis lembrou-se de Jean-Pierre falar a respeito do Vale dos Cinco Tigres. Aprendera um pouco de farsi no Irã e achava que panisher significava "cinco leões", mas Jean-Pierre sempre dissera "Cinco Tigres", talvez porque não houvesse leões no Afeganistão. O artigo também mencionava Masud, o líder rebelde: Ellis lembrou que Jean-Pierre também falara dele.

Ele olhou pela janela, contemplando o sol poente. Não havia a menor dúvida, pensou ele, com uma pontada de medo, de que Jane correria grande perigo naquele verão.

Mas não era da sua conta. Ela agora estava casada com outro homem. De qualquer forma, Ellis não poderia fazer coisa alguma.

Ele baixou os olhos para a revista, virou a página, começou a ler sobre El Salvador. O avião voava para Washington. A oeste, o sol se pôs, e a escuridão foi aumentando.

Allen Winderman levou Ellis Thaler para almoçar num restaurante de frutos do mar à beira do Rio Potomac. Winderman chegou meia hora atrasado. Era um típico operador de Washington: terno cinzaescuro, camisa branca, gravata listrada, tão suave quanto um tubarão. Como a Casa Branca estava pagando, Ellis pediu lagosta e vinho branco.

Winderman pediu Perder e uma salada. Tudo em Winderman era muito apertado: a gravata, os sapatos, a agenda e o autocontrole.

Ellis manteve-se cauteloso. Não podia recusar um convite assim de um assessor presidencial, mas não gostava de almoços discretos e extra-oficiais e não gostava de Allen Winderman. E Winderman foi direto ao problema, anunciando: — Quero a sua opinião. Ellis interrompeu-o: — Em primeiro lugar, preciso saber se comunicou à Agência que iríamos nos encontrar.

Se a Casa Branca queria planejar uma ação secreta sem o conhecimento da CIA, Ellis não se envolveria.

— Claro — respondeu Winderman. — O que você sabe sobre o Afeganistão? Ellis sentiu um súbito calafrio. Mais cedo ou mais tarde Jane estará envolvida, pensou ele. Sabem tudo a seu respeito, é claro: não fiz segredo do nosso relacionamento.

Contei a Bill em Paris que ia pedi-la em casamento. E depois liguei para ele a fim de verificar se ela fora mesmo para o Afeganistão. Tudo isso foi registrado em minha ficha. E agora este filho da puta tem conhecimento de Jane, vai usar a informação.

— Alguma coisa — respondeu ele cautelosamente.

Ellis recordou então alguns versos de Kipling e recitou-os: Quando estiver ferido e abandonado nas planícies do Afeganistão E as mulheres chegarem para retalhar o que restar de você, Trate de virar o rifle e estourar os miolos.

Vá ao encontro de seu Deus como um soldado. Winderman mostrou-se contrafeito, pela primeira vez.

— Depois de dois anos posando como um poeta, você deve saber muito dessas coisas.

— E os afegãos também — comentou Ellis. — Todos são poetas, da mesma forma que todos os franceses são gourmets, e todos os galeses são cantores.

— É mesmo?

— É porque eles não sabem ler nem escrever. A poesia é uma forma de arte falada.

Winderman estava ficando visivelmente impaciente: sua agenda não lhe permitia tempo para a poesia. Ellis acrescentou: — Os afegãos são montanheses tribais selvagens, miseráveis e impetuosos, mal saídos da Idade Média. Dizem que são excepcionalmente polidos, bravos como leões e implacavelmente cruéis. O país em que vivem é árido e difícil. Mas o que você sabe a respeito deles?

— Não existe o que se poderia chamar de um afegão — disse Winderman. — Há seis milhões de pushtuns no sul, três milhões de tajiks no oeste, um milhão de uzbeques no norte e mais uma dúzia de nacionalidades com menos de um milhão de pessoas. As fronteiras modernas pouco significam para eles: há tajiks na União Soviética e pushtuns no Paquistão. Alguns estão divididos em tribos. São como os nossos índios, que jamais se consideraram americanos, mas sim apaches, crows ou sioux. E tanto lutam entre si quanto lutam contra os russos. Nosso problema é promover a união dos apaches e sioux na luta contra os caras-pálidas.

— Estou entendendo. — Ellis especulou: Quando Jane entrará nesta história?

— Nesse caso, a questão principal é simples: quem será o Grande Chefe?

— Isso é fácil. O mais promissor dos líderes guerrilheiros é, de longe, Ahmed Shah Masud, do Vale de Panisher.

O Vale dos Cinco Leões. Onde está querendo chegar, seu filho da puta insidioso? Ellis estudou atentamente o rosto liso de Winderman. O homem se mantinha imperturbável.

Ellis indagou: — O que torna Masud tão especial?

— A maioria dos líderes rebeldes se contenta em controlar suas tribos, recolher impostos e negar ao governo acesso a seu território. Masud faz mais do que isso.

Ele sai de seu baluarte nas montanhas e ataca. Está à distância de atingir três alvos estratégicos: a capital, Kabul; o túnel Salang, na única estrada de Kabul para a União Soviética; e Bagram, a principal base aérea militar. Tem condições para infligir grandes danos, e é o que faz. Estudou a arte da guerra de guerrilhas. É leitor de Mão. É incontestavelmente o melhor cérebro militar do país. E dispõe de recursos. Esmeraldas são extraídas em seu vale e vendidas no Paquistão. Masud cobra uma taxa de dez por cento sobre todas as vendas e usa o dinheiro para financiar seu exército. Tem vinte e oito anos e é carismático, sendo idolatrado pelo povo. E, finalmente, é um tajik. O grupo maior é dos pushtuns e todos os outros os odeiam. Por isso, o líder não pode ser um pushtun. Os tajiks formam o segundo maior grupo. Há uma possibilidade de que todos se unam sob o comando de um tajik.

— E queremos criar todas as condições para que isso aconteça? — Exatamente. Quanto mais fortes forem os rebeldes, mais danos causarão aos russos. Além disso, um triunfo para a

comunidade de informações dos Estados Unidos seria muito importante este ano.

Não tinha a menor importância para Winderman e sua laia que os afegãos estivessem lutando por sua liberdade contra um invasor brutal, pensou Ellis. A moral andava fora de moda em Washington: o jogo do poder era tudo o que importava. Se Winderman tivesse nascido em Leningrado, em vez de em Los Angeles, seria igualmente feliz, bem-sucedido e poderoso, usaria as mesmas táticas de luta para o outro lado.

— E o que você quer de mim? — indagou Ellis.

— Quero aproveitar a sua inteligência. Há algum meio de um agente secreto promover uma aliança entre as diferentes tribos afegãs?

— Acho que sim.

A comida chegou, interrompendo Ellis e lhe proporcionando alguns momentos para pensar. Depois que o garçom se afastou, ele disse: — Deve ser possível, desde que haja alguma coisa que eles queiram de nós... e imagino que seriam armas.

— Certo. — Winderman começou a comer, hesitante, como um homem que sofre de úlcera. Entre pequenas porções, ele disse: — No momento eles compram suas armas do outro lado da fronteira, no Paquistão. Tudo o que podem obter ali são cópias de rifles britânicos vitorianos... ou, se não as cópias, então os artigos genuínos, com um século de existência e ainda funcionando. Também roubam Kalashnikovs de soldados russos mortos. Mas precisam desesperadamente de artilharia ligeira — canhões antiaéreos e lançadores manuais de mísseis terra-ar — a fim de poderem derrubar aviões e helicópteros.

— E estamos dispostos a lhes entregar essas armas?

— Estamos. Não diretamente... teríamos de encobrir nosso envolvimento, enviando-as através de intermediários. Mas isso não é problema. Poderíamos usar os sauditas.

— Muito bem. — Ellis provou a lagosta. Estava deliciosa. — Vou explicar o que considero a primeira providência. Em cada núcleo guerrilheiro será necessário um núcleo de homens que conheçam, compreendam e confiem em Masud. Esse núcleo torna-se o elemento de ligação para as comunicações com Masud. Ampliam a sua participação gradativamente: intercâmbio de informações no início, depois cooperação mútua e finalmente planos de batalha coordenados.

— Parece um bom esquema — comentou Winderman. — Como se poderia desenvolvê-lo?

— Eu faria Masud promover um programa de treinamento no Vale dos Cinco Leões. Cada grupo rebelde enviaria alguns jovens para lutar ao lado de Masud por algum tempo e aprender os métodos que o tornam tão vitorioso. Esses jovens aprenderiam também a respeitá-lo e a confiar nele, se é tão bom líder quanto você diz.

Winderman acenou com a cabeça, pensativo.

— É o tipo de proposta que pode ser aceito pelos líderes tribais, que rejeitariam qualquer plano que os obrigasse a aceitar ordens de Masud.

— Há algum líder rival em particular cuja cooperação seja essencial para uma aliança?

— Há, sim. E são dois: Jahan Kamil e Amai Azizi, ambos pushtuns.

— Nesse caso eu enviaria um agente com a missão de sentar os dois à mesa com Masud. Quando ele voltasse com as três assinaturas num documento, nós mandaríamos a primeira remessa de lançadores de foguetes. As remessas adicionais dependeriam do progresso do programa de treinamento.

Winderman largou o garfo e acendeu um cigarro. Não pode mais haver qualquer dúvida de que ele tem uma úlcera, pensou Ellis.

Winderman disse: — É justamente o que eu estava pensando.

Ellis percebeu que ele já calculava a maneira de assumir o crédito pela ideia. No dia seguinte estaria dizendo Nós elaboramos um plano durante o almoço e escreveria em seu relatório Especialistas em ações secretas julgaram que meu plano é viável.

— Qual é o risco maior? Ellis refletiu por um momento.

— se os russos pegarem o agente, poderão extrair um considerável valor de propaganda da operação. No momento, eles têm no Afeganistão o que a Casa Branca classificaria de "imagem problemática". Os aliados no Terceiro Mundo não gostam de vê-los tripudiando sobre um país pequeno e primitivo. Seus amigos muçulmanos, em particular, tendem a simpatizar com os rebeldes. O argumento soviético é de que os supostos rebeldes não passam de bandidos, financiados e armados pela CIA. Eles adorariam poder provar isso, capturando vivo um autêntico agente da CIA no país e submetendo-o a julgamento. Em termos de política global, imagino que isso poderia nos causar muitos prejuízos.

— Quais são as chances de os russos capturarem nosso homem?

— Mínimas. Se eles não conseguem pegar Masud, por que seriam capazes de capturar um agente secreto enviado para se encontrar com Masud?

— Ótimo. — Winderman apagou o cigarro. — Quero que você seja esse agente.

Ellis foi tomado de surpresa. Deveria ter percebido que isso estava para acontecer, mas se deixara absorver no problema.

— Não faço mais essas coisas.

Mas sua voz não era muito firme e ele não pôde deixar de pensar: Eu veria Jane. Eu veria Jane! — Conversei com seu chefe pelo telefone — informou Winderman. — A opinião dele foi de que uma missão no Afeganistão poderia tentá-lo a retornar ao trabalho de campo.

Então estava tudo armado. A Casa Branca queria ter uma ação incisiva no Afeganistão e por isso pedira à CIA o empréstimo de um agente. A CIA queria que Ellis voltasse ao trabalho de campo e por isso sugerira à Casa Branca que a missão lhe fosse oferecida, sabendo ou desconfiando de que a perspectiva de se encontrar outra vez com Jane era quase irresistível.

Ellis detestava ser manipulado.

Mas queria ir ao Vale dos Cinco Leões.

Houve um silêncio prolongado. Foi rompido por Winderman, que indagou, impaciente: — Aceita?

— Pensarei sobre isso.

O pai de Ellis arrotou discretamente, pediu desculpa e disse: — Estava uma delícia.

Ellis empurrou para o lado seu prato de torta de cereja com creme. Vigiava seu peso pela primeira vez na vida.

— Uma maravilha, mamãe, só que não consigo comer mais nada.

— Ninguém mais come como antigamente — comentou ela, levantando-se e começando a tirar a mesa.

— É porque todo mundo anda de carro hoje em dia.

O pai empurrou a cadeira para trás.

— Tenho de fazer umas contas.

— Ainda não tem um contador? — perguntou Ellis.

— Ninguém cuida do seu dinheiro tão bem quanto você mesmo. Vai descobrir isso se algum dia ganhar bastante dinheiro.

Ele saiu da sala, encaminhando-se para o escritório. Ellis ajudou a mãe a tirar a mesa. A família mudara-se para aquela casa de quatro quartos em Tea Neck, Nova Jersey, quando Ellis tinha treze anos, mas ele podia se lembrar da mudança como se fosse ontem. Fora protelada literalmente por anos. O pai construíra a casa, sozinho a princípio, depois usando os empregados de sua crescente empresa construtora, mas sempre realizando o trabalho nos períodos de pouco movimento e abandonando-o quando os negócios estavam bons. Ao se mudarem, a casa ainda não se encontrava realmente acabada: o aquecimento não funcionava, não havia armários na cozinha, nada fora pintado. Só tiveram água quente no dia seguinte porque a mãe ameaçara com o divórcio se ela não fosse providenciada. Mas a casa finalmente ficara pronta, e Ellis, os irmãos e irmãs tinham seus quartos para crescerem. Era maior do que o pai e a mãe precisavam agora, mas ele torcia para que conservassem a casa. Sentia-se muito bem ali.

Ao arrumarem a louça na lavadora, ele disse: — Mãe, lembra daquela mala que deixei aqui quando voltei da Ásia?

— Claro. Está no armário do quarto pequeno.

— Obrigado. Quero dar uma olhada.

— Pode ir. Deixe que terminarei tudo aqui.

Ellis subiu a escada e foi para o quarto pequeno no alto da casa. Raramente era usado, e a cama de solteiro estava ocupada por duas cadeiras quebradas, um sofá velho, quatro ou cinco caixas de papelão contendo livros infantis e brinquedos. Ellis abriu o armário e tirou uma pequena mala preta de plástico. Colocou-a na cama, virou os trincos de combinação e abriu-a. Havia um cheiro de mofo: há uma década que não era aberta. Tudo estava ali: as medalhas; as duas balas que haviam tirado de sua perna; o Manual Militar de Campanha FM 5-31, intitulado Armadilhas Pessoais; um retrato de Ellis parado ao lado de um helicóptero, seu primeiro Huey, sorrindo, parecendo jovem e (mas que merda!) magro; um bilhete de Frankie Amalfi que dizia Ao filho da puta que roubou minha perna — uma piada corajosa, pois Ellis desamarrara gentilmente o cordão e depois puxara a bota, levando junto o pé e a metade da perna, cortada no joelho por uma hélice em movimento; o relógio de Jimmy Jones, parado eternamente às cinco e meia — Fique com ele, filho, dissera o pai de Jimmy a Ellis, através de um nevoeiro alcoólico, porque era amigo dele e isso é mais do que eu fui; e o diário.

Folheou o diário. Só precisava ler algumas palavras para recordar um dia inteiro, uma semana, uma batalha. O diário começava na maior animação, com um senso de aventura, alguma inibição; aos poucos, tornava-se desencantado, sombrio, desolado, desesperado e até mesmo suicida. As frases mais lúgubres despertavam imagens nítidas em sua mente: malditos vietnamitas não queriam sair do helicóptero, se estão tão ansiosos em serem salvos do comunismo por que será que não lutam? e depois o Capitão Johnson sempre foi um idiota mas que maneira de morrer, recebendo uma granada de um dos seus próprios homens e mais adiante As mulheres têm rifles por baixo das saias e os garotos têm granadas por dentro das camisas então que merda a gente deve fazer, se render? A última anotação dizia: O que há de errado com esta guerra é que estamos no lado errado. Somos os bandidos. É por isso que os garotos fogem da convocação; é por isso que os vietnamitas não lutam; é por isso que matamos mulheres e

crianças; é por isso que os generais mentem para os políticos, os políticos mentem para os repórteres e a imprensa mente para o público. Depois disso, seus pensamentos haviam ficado subversivos demais para serem registrados no papel, o sentimento de culpa grande demais para ser expiado por meras palavras. Parecia-lhe que teria de passar o resto da vida endireitando os erros que cometera na guerra. Depois de tantos anos, ainda parecia assim. Quando somava os assassinos que prendera desde então, os sequestradores e terroristas que capturara nada representavam em comparação com as toneladas de explosivos que lançara e as milhares de balas que disparara no Vietnã, Laos e Camboja.

Ellis sabia que era irracional. Compreendera isso ao voltar de Paris e refletir por algum tempo sobre a maneira como o trabalho arruinara sua vida. Resolvera que não mais tentaria redimir os pecados da América. Mas aquilo... aquilo era diferente. Era uma oportunidade de lutar pelo homem comum, contra os generais mentirosos, os manipuladores do poder e os jornalistas de antolhos; uma oportunidade não apenas de lutar, não apenas de oferecer uma pequena contribuição, mas de fazer uma diferença concreta, mudar o curso de uma guerra, alterar o destino de um país, desfechar um golpe pela liberdade em grande escala.

E ainda havia Jane.

A simples perspectiva de tornar a vê-la reacendera sua paixão. Apenas poucos dias antes ele pudera pensar em Jane e no perigo que ela corria, depois afastara o pensamento da mente e virará a página da revista. Agora, mal conseguia parar de pensar nela. Especulou se os cabelos de Jane estariam compridos ou curtos, se ela estaria mais gorda ou mais magra, se estaria feliz com o que fazia com sua vida, se os afegãos gostavam dela e acima de tudo -se ainda amava Jean-Pierre. Aceite o meu conselho, dissera Gill. Procure-a. A esperta Gill.

Ele pensou em Petal. Bem que tentei, disse a si mesmo; tentei ao máximo e acho que não me saí muito mal. Mas era um projeto condenado. Gill e Bernard lhe proporcionam tudo o que ela precisa. Não há lugar para mim em sua vida. Ela está feliz sem a minha participação. Ellis fechou o diário e tornou a guardá-lo na caixa. Tirou uma caixa de jóia, pequena e ordinária. Lá dentro havia um par de pequenos brincos de ouro, cada um com uma pérola no centro. A mulher para quem os comprara, uma garota de olhos enviesados e seios pequenos, que lhe ensinara que nada é tabu, morrera antes que pudesse presentear-lá... assassinada por um soldado bêbado num bar de Saigon. Ele não a amava; apenas gostava dela e sentia-se grato. Os brincos seriam um presente de despedida.

Tirou um cartão em branco e uma caneta do bolso da camisa. Pensou por um instante e depois escreveu:

*A Petal: Pode furar as orelhas.
Com todo amor,
Papai.*

Capítulo 6

O Rio dos Cinco Leões nunca era quente, mas parecia um pouco menos frio agora, no fragrante ar vespertino, ao final de um dia seco, quando as mulheres desceram para o seu trecho exclusivo da margem, a fim de tomar banho. Jane rangeu os dentes contra o frio e entrou na água com as outras, levantando o vestido devagar, à medida que avançava mais para o fundo, até ficar na altura da cintura. Começou então a se lavar: depois de muita prática, dominara a peculiar técnica afegã de se limpar toda sem tirar as roupas.

Saiu do rio assim que acabou, estremecendo, parou perto de Zahara, que lavava os cabelos numa poça, espadanando muita água, ao mesmo tempo em que mantinha uma conversa animada. Zahara mergulhou a cabeça na água mais uma vez e depois estendeu a mão para a toalha. Tateou pela depressão na areia, mas não a encontrou.

— Onde está minha toalha? — gritou ela. — Deixei neste buraco. Quem roubou?

Jane pegou a toalha atrás de Zahara e disse: — Está aqui. Você pôs no buraco errado.

— Foi o que disse a esposa do mula! — berrou Zahara, arrancando gargalhadas das outras.

Jane era agora aceita pelas mulheres da aldeia como uma delas. Os últimos resquícios de reserva ou cautela haviam desaparecido depois do nascimento de Chantal, que parecia ter confirmado que Jane era uma mulher como qualquer outra. A conversa à beira do rio era surpreendentemente franca — talvez porque as crianças ficassem aos cuidados das irmãs mais velhas e avós, ou mais provavelmente por causa de Zahara.

Sua voz alta, os olhos faiscantes e o riso profundo e gutural dominavam a cena. Não havia dúvida de que ela era mais extrovertida ali por ter de reprimir sua personalidade pelo resto do dia. Possuía um senso de humor vulgar, que Jane não encontrara em qualquer outro afegão, homem ou mulher. Os comentários irreverentes de Zahara e suas piadas de duplo sentido muitas vezes abriam o caminho para conversas sérias. Assim, Jane podia às vezes transformar o banho vespertino numa aula improvisada sobre educação sanitária. O controle da natalidade era o tópico mais popular, embora as mulheres de Banda estivessem mais interessadas em garantir a gravidez do que em evitá-la. Contudo, havia alguma aceitação da ideia, que Jane tentava promover, de que uma mulher tinha melhores condições para alimentar e cuidar dos filhos se nascessem a intervalos de dois anos, em vez de separados por apenas doze ou quinze meses. No dia anterior elas haviam conversado sobre o ciclo menstrual e transpirara que as mulheres afegãs estavam convencidas de que o período fértil era pouco antes e pouco depois da menstruação. Jane dissera que era do décimo segundo ao décimo sexto dia e elas pareceram aceitar. Mas Jane tinha suspeita desconcertante de que as mulheres pensavam que ela estava enganada e eram polidas demais para dizê-lo.

Havia hoje um clima de expectativa. O último comboio procedente do Paquistão estava sendo esperado a qualquer momento. Os homens trariam pequenos luxos — um xale, algumas laranjas, carne enlatada — além das armas tão importantes, munições e explosivos para a guerra.

O marido de Zahara, Ahmed Gul, um dos filhos da parteira Rabia, era líder do comboio. Zahara mostrava-se visivelmente excitada com a perspectiva de revê-lo. Quando eles estavam juntos, eram como todos os casais afegãos: ela silenciosa e subserviente, ele autoritário. Mas Jane sabia, pela maneira como os dois se olhavam, que estavam apaixonados; e era evidente, pela maneira como Zahara falava, que o amor era intensamente físico. Hoje ela estava quase fora de

si de desejo, secando os cabelos com uma energia profunda e frenética. Jane podia compreendê-la; também já se sentira assim algumas vezes. Era indubitável que ela e Zahara haviam se tornado amigas porque reconheciam uma na outra um espírito afim.

A pele de Jane secou quase que imediatamente no ar quente e seco. Era agora o auge do verão, os dias eram compridos, secos e quentes. O bom tempo duraria mais um ou dois meses e depois, pelo resto do ano, seria terrivelmente frio.

Zahara ainda estava interessada no tema da conversa no dia anterior. E parou de esfregar os cabelos por um momento para dizer: — Não importa o que as outras pessoas possam dizer, a maneira para engravidar é fazer todos os dias. Houve concordância de Halima, a esposa de Mohammed Khan, mal-humorada, de olhos escuros.

— E a única maneira de não engravidar é nunca fazer.

Ela tinha quatro crianças, mas só um menino, Mousa. Ficara desapontada ao saber que Jane não conhecia nenhum meio de aumentar as suas chances de ter outro menino.

Zahara disse: — Mas então o que se pode dizer a seu marido quando ele volta para casa depois de seis semanas com um comboio? Jane comentou: — Seja como a esposa do mula e ponha no buraco errado. Zahara explodiu numa gargalhada. Jane sorriu. Essa era uma técnica de controle da natalidade que não fora mencionada no curso intensivo que ela fizera em Paris, mas era evidente que os métodos modernos não chegariam ao Vale dos Cinco Leões por muitos anos mais. Assim, os métodos tradicionais tinham de ser aproveitados... talvez com a ajuda de um pouco de instrução.

A conversa desviou-se para a colheita. O vale era um mar de trigo dourado e cevada, porque os jovens estavam longe, lutando, durante a maior parte do tempo, e os mais velhos trabalhavam devagar na colheita ao luar. Ao final do verão, todas as famílias contariam seus sacos de farinha de trigo e cestos de frutos secos, verificariam as galinhas e cabras, reuniriam seus parques recursos. Pensariam na iminente escassez de ovos e carne, arriscariam um palpite sobre os preços de inverno para o arroz e iogurte. Algumas famílias pegariam uns poucos bens preciosos e emprenderiam a longa jornada pelas montanhas para os campos de refugiados no Paquistão, como fizeram o comerciante da aldeia e milhões de outros afegãos.

Jane temia que os russos convertessem essa evacuação numa política oficial: incapazes de derrotar os guerrilheiros, eles tentariam destruir as suas comunidades, como os americanos fizeram no Vietnã, com o bombardeio intensivo de extensas áreas do interior. O Vale dos Cinco Leões se transformaria num deserto desabitado, e Mohammed, Zahara e Rabia se juntariam aos expatriados que viviam nos campos. Os rebeldes não poderiam resistir a uma blitz total, pois não dispunham de armas antiaéreas.

Mas as mulheres afegãs não tinham conhecimento dessas coisas. Jamais falavam da guerra, apenas das suas consequências. Pareciam não ter sentimentos em relação aos estrangeiros que traziam a morte súbita e a fome lenta ao vale. Encaravam os russos como um acidente da natureza, parecido com o tempo: um bombardeio era como uma geada, algo desastroso, mas que não era culpa de ninguém.

Estava escurecendo. As mulheres começaram a voltar à aldeia, Jane foi com Zahara, escutando sem muita atenção o que ela dizia e pensando em Chantal. Seus sentimentos em relação à filha haviam passado por vários estágios. Logo depois do nascimento, sentira-se exultante, com alívio, triunfo e alegria por ter gerado uma criança viva e perfeita. Depois que

essa reação assentara, sentira-se totalmente angustiada. Não sabia como cuidar de uma criança e, ao contrário do que as pessoas diziam, não possuía um conhecimento instintivo de tudo. Ficara apavorada com a criança. Não houvera um ímpeto de amor maternal. Em vez disso, ela tivera sonhos e fantasias estranhos e assustadores em que a criança morria — caindo no rio, morta por uma bomba ou roubada à noite pelo tigre da neve. Não contara esses pensamentos a Jean-Pierre, com receio de que ele a julgasse louca.

Houvera conflitos com a parteira, Rabia Gul. Ela dissera que as mulheres não deviam amamentar durante os três primeiros dias porque o que saía não era leite. Jane decidira que era absurdo acreditar que a natureza pudesse fazer os seios das mulheres produzirem alguma coisa que fosse prejudicial aos recém-nascidos. Ignorara o conselho da velha. Rabia também dissera que a criança não deveria ser lavada por quarenta dias, mas Chantal tomava banho todos os dias, como qualquer bebê ocidental.

E depois Jane surpreendera Rabia a dar a Chantal manteiga misturada com açúcar, na ponta de seu dedo enrugado. Jane ficara furiosa. No dia seguinte Rabia fora cuidar de outro parto e mandara uma de suas muitas netas, uma garota de treze anos chamada Fará, para ajudar Jane. Fora uma grande melhoria. Fará não tinha preconceitos sobre os cuidados infantis e simplesmente fazia o que lhe era mandado. Não exigia pagamento: trabalhava pela comida, que era melhor na casa de Jane do que na casa de seus pais, e pelo privilégio de aprender tudo sobre bebês, como preparatório para o seu próprio casamento, que provavelmente ocorreria dentro de um ou dois anos.

Jane achava que Rabia podia estar também preparando Fará para se tornar uma futura parteira; nesse caso, a moça ganharia renome por ter ajudado a enfermeira ocidental a cuidar de sua filha.

Com Rabia fora do caminho, Jean-Pierre assumira seu papel.

Era gentil mas confiante com Chantal, atencioso e amoroso com Jane. Fora ele quem sugerira, um tanto firmemente, que Chantal poderia tomar leite de cabra fervido ao acordar à noite. Improvisara uma mamadeira com seus suprimentos médicos, a fim de poder se levantar pessoalmente para alimentar a filha. É claro que Jane sempre acordava quando Chantal chorava e permanecia desperta enquanto Jean-Pierre a alimentava; mas era muito menos cansativo e finalmente ela se livrara da tão deprimente sensação de exaustão absoluta e desesperadora. Com o passar do tempo, ela descobrira em si mesma, embora ainda fosse ansiosa e insegura, um grau de paciência que nunca antes possuía. Podia não ser o conhecimento instintivo profundo e a segurança que esperava, mas pelo menos lhe permitia enfrentar as crises diárias com serenidade. E naquele momento mesmo compreendeu que estava longe de Chantal há quase uma hora sem se preocupar.

As mulheres chegaram às casas que formavam o núcleo da aldeia e uma a uma desapareceu por trás dos muros de seus pátios. Jane afugentou algumas galinhas e empurrou uma vaca esquelética para poder entrar em sua casa. Lá dentro estava Fará, cantando para Chantal, à luz do lampião. A menina estava alerta, olhos arregalados, parecendo fascinada pelo canto de Fará. Era um acalanto de palavras simples e uma melodia complexa, tipicamente oriental. É uma criança bonita, pensou Jane, com as faces rechonchudas, o nariz pequeno, os olhos muito azuis.

Ela mandou Fará fazer um chá. A garota era muito tímida e chegara amedrontada e

trêmula para o trabalho com os estrangeiros; mas o nervosismo diminuiu e o temor inicial por Jane se convertia gradativamente em uma lealdade adoradora.

Jean-Pierre apareceu poucos minutos depois. A camisa e a calça larga de algodão estavam sujas e manchadas de sangue, havia poeira nos cabelos castanhos compridos e na barba escura. Parecia cansado. Estivera em Khenj, uma aldeia no vale a quinze quilômetros de distância, a fim de tratar dos sobreviventes de um bombardeio.

Jane ergueu-se na ponta dos pés para beijá-lo.

— Como foi? — indagou ela, em francês.

— Horrível. — Jean-Pierre retribuiu o beijo e depois foi inclinar-se sobre Chantal. — Olá, menina. Ele sorriu e Chantal balbuciou.

— O que aconteceu? — perguntou Jane.

— A casa da família ficava a alguma distância do resto da aldeia e por causa disso eles pensaram que estavam seguros. — Jean-Pierre deu de ombros. — Levaram para lá alguns guerrilheiros feridos numa escaramuça mais ao sul.

É por isso que estou tão atrasado. — Sentou numa pilha de almofadas e indagou: — Tem chá? — Já está vindo — respondeu Jane. — Que espécie de escaramuça? Jean-Pierre fechou os olhos.

— A mesma coisa de sempre. O exército chegou em helicópteros e ocupou uma aldeia por motivos que só eles conhecem. Os aldeões fugiram. Os homens se reagruparam, receberam reforços e começaram a atacar os russos das encostas. Houve baixas nos dois lados. Os guerrilheiros finalmente ficaram sem munição e bateram em retirada.

Jane acenou com a cabeça. Sentia pena de Jean-Pierre: era deprimente cuidar das vítimas de uma batalha inútil. Banda nunca fora atacada, mas ela vivia com o temor constante de que isso pudesse acontecer. Tinha uma visão de pesadelo em que corria e corria, com Chantal no colo, enquanto os helicópteros circulavam por cima e as balas das metralhadoras se cravavam no terreno poeirento a seus pés.

Fará entrou na sala com chá verde quente, um pouco do pão achatado que eles chamavam nan e um pote de pedra com manteiga fresca. Jane e Jean-Pierre começaram a comer.

A manteiga era uma iguaria rara. O nan da noite era geralmente mergulhado em iogurte, coalhada ou óleo. Ao meio-dia normalmente comiam arroz com um molho de carne, que podia ou não ter carne dentro. Uma vez por semana tinham galinha ou cabra. Jane, ainda comendo por dois, dava-se o luxo de um ovo por dia. Naquela época do ano havia bastantes frutas frescas — damascos, ameixas, maçãs e amoras — para sobremesa. Jane sentia-se muito saudável com aquela dieta, embora a maioria das pessoas de origem inglesa pudesse considerar que eram rações de inanição e alguns franceses julgassem que era razão para suicídio. Ela sorriu para o marido e perguntou: — Quer mais um pouco de molho Bearnaise com seu bife? — Não, obrigado. — Ele estendeu a xícara. — Talvez outra gota do Chateau Cheval Blanc. Jane serviu-lhe mais chá e ele fingiu provar como se fosse vinho.

— A safra de 1962 é menosprezada, por ter sucedido à inesquecível 61, mas sempre achei que sua relativa suavidade proporcionava quase tanto prazer quanto a perfeição de elegância que é a característica austera de sua altiva antecessora.

Jane sorriu. Ele estava voltando a se sentir bem. Chantal gritou e Jane experimentou no

mesmo instante um comichão em resposta nos seios. Pegou a menina no colo e começou a amamentá-la. Jean-Pierre continuou a comer. Jane disse: — Deixe um pouco de manteiga para Fará.

— Está bem.

Ele saiu com o resto da refeição e retornou um instante depois com uma tigela cheia de amoras. Jane comeu enquanto Chantal mamava. Não demorou muito para que a menina estivesse adormecida, mas Jane sabia que ela despertaria dentro de poucos minutos e queria mais. Jean-Pierre afastou a tigela para o lado e disse: — Tenho outra queixa contra você.

— De quem? — indagou Jane bruscamente. Jean-Pierre parecia defensivo, mas obstinado.

— Mohammed Khan.

— Mas ele não falava por si mesmo.

— Talvez não.

— O que ele disse? — Que você tem ensinado as mulheres da aldeia a serem estéreis.

Jane suspirou. Não era apenas a estupidez dos homens da aldeia que a irritava, mas também a atitude acomodada de Jean-Pierre a suas queixas. Ela queria que o marido a defendesse, e não que se submetesse a seus acusadores.

— Abdullah Karim está por trás, é claro — murmurou ela. A mulher do mula estava sempre na beira do rio e sem dúvida comunicava ao marido tudo o que ouvia.

— Talvez você tenha de parar — comentou Jean-Pierre.

— Parar o quê? Jane podia perceber um tom perigoso se insinuando em sua própria voz.

— De dizer a elas como evitar a gravidez.

Não era uma descrição justa do que Jane ensinara às mulheres, mas ela não estava disposta a defender-se ou a pedir desculpas.

— Por que eu deveria parar? — Está criando dificuldades — disse Jean-Pierre, com um ar paciente que irritou Jane. — Se ofendermos demais o mula, talvez tenhamos de deixar o Afeganistão. E o que é mais importante, isso deixaria a Médecins pour la Liberté com péssima reputação e os rebeldes poderiam se recusar a aceitar outros médicos.

Afinal, esta é uma guerra santa... a saúde espiritual é mais importante que a física. Eles podem chegar à conclusão de que estarão melhor sem a gente.

Havia outras organizações que enviavam jovens médicos franceses idealistas ao Afeganistão, mas Jane nada falou a respeito. Em vez disso, comentou em tom incisivo: — Teremos de assumir esse risco.

— Teremos? — repetiu Jean-Pierre, deixando Jane perceber que estava cada vez mais irritado. — E por quê? — Porque só há uma coisa de valor permanente que podemos dar a esta gente: informação. É maravilhoso remendar seus ferimentos e lhes dar medicamentos para matar germes, mas eles jamais terão médicos e medicamentos em quantidade suficiente. Podemos melhorar a saúde dessa gente em caráter permanente se lhes ensinarmos noções básicas de nutrição, higiene e cuidados sanitários. É melhor ofender Abdullah do que parar de fazer isso.

— Mesmo assim, eu gostaria que você não fosse inimiga desse homem.

— Ele me bateu com um bastão! — gritou Jane, furiosa. Chantal começou a chorar. Jane forçou-se a manter a calma.

Embalou a filha por um momento e depois recomeçou a amamentá-la. Por que Jean-

Pierre não percebia como a sua atitude era covarde? Como podia se deixar intimidar pela ameaça de expulsão daquele país desolado? Jane suspirou. Chantal afastou o rosto do seio da mãe e deixou escapar alguns ruídos insatisfeitos. E antes que a discussão pudesse continuar eles ouviram gritos distantes.

Jean-Pierre franziu o rosto, escutando, e depois levantou-se. Uma voz de homem vinha do pátio. Jean-Pierre pegou um xale e passou-o pelos ombros de Jane. Ela apertou-o na frente. Era um acordo entre os dois: o xale não chegava a cobri-la de maneira suficiente, pelos padrões afegãos, mas ela se recusava terminantemente a se retirar como uma cidadã de segunda classe se um homem entrava em sua casa quando amamentava a filha; e quem quer que objetasse, ela anunciara, era melhor não procurar o médico.

Jean-Pierre gritou em dari: — Entre.

Era Mohammed Khan. Jane estava com vontade de dizer o que pensava dele e do resto dos homens da aldeia, mas hesitou quando viu a tensão em seu rosto bonito. E Mohammed mal olhou para ela.

— O comboio sofreu uma emboscada — disse ele, sem qualquer preâmbulo. — Perdemos vinte e sete homens... e todos os suprimentos.

Jane fechou os olhos em angústia. Viajara com um comboio assim ao chegar ao Vale dos Cinco Leões e não podia deixar de imaginar a emboscada: a linha de homens de pele escura e cavalos esqueléticos, iluminada pelo luar, estendendo-se de maneira irregular por uma trilha rochosa, ao longo de um vale estreito e cheio de sombras; o barulho dos helicópteros num súbito crescendo; os foguetes luminosos, as granadas, o fogo de metralhadoras; o pânico, enquanto os homens tentavam se abrigar na encosta nua; os tiros inúteis disparados contra os invulneráveis helicópteros; e, finalmente, os gritos dos feridos, os estertores dos agonizantes.

Pensou abruptamente em Zahara; o marido dela estava no comboio.

— O que... o que aconteceu com Ahmed Gul?

— Ele voltou!

— Graças a Deus! — Mas está ferido.

— Quem desta aldeia morreu? — Ninguém. Banda teve sorte. Meu irmão Matullah está bem e o mesmo acontece com Alishan Karim, o irmão do mula. Há três outros sobreviventes... dois feridos.

Jean-Pierre disse: — Irei vê-los imediatamente.

Ele passou para a sala da frente da casa, que fora outrora a loja, depois se transformara na clínica e era agora o depósito de suprimentos médicos.

Jane pôs Chantal no berço improvisado no canto e arrumou-se apressadamente. Jean-Pierre provavelmente precisaria de sua ajuda e, se não fosse necessária, poderia prestar um apoio moral a Zahara. Mohammed comentou: — Quase não temos mais munição.

Jane não sentiu muito pesar por isso. Estava revoltada com a guerra e não derramaria lágrimas se os rebeldes fossem obrigados por algum tempo a parar de matar os pobres soldados russos, garotos de dezessete anos com a maior saudade de casa. Mohammed acrescentou: — Perdemos quatro comboios em um ano. Apenas três conseguiram passar.

— Como os russos puderam descobri-los? Jean-Pierre, que escutava na sala ao lado, falou através da porta aberta: — Eles devem ter aumentado a vigilância nos desfiladeiros com helicópteros em voo baixo... ou talvez mesmo por fotografias de satélites.

Mohammed sacudi a cabeça.

— Os pushtuns nos traíram.

Jane refletiu que era bem possível. Nas aldeias por que passavam, os comboios eram às vezes encarados como um ímã para os ataques russos e era concebível que alguns aldeões pudessem comprar sua segurança com informações ao inimigo sobre as suas posições... embora Jane não pudesse imaginar como eles transmitiriam as informações aos russos.

Ela pensou no que estava esperando do comboio emboscado. Pedira mais antibióticos, algumas seringas hipodérmicas e uma porção de ataduras esterilizadas. Jean-Pierre escrevera uma lista comprida de medicamentos. A organização Médecins pour la Liberté tinha um homem de ligação em Peshawar, a cidade no noroeste do Paquistão em que os guerrilheiros compravam suas armas. Ele podia obter os suprimentos básicos ali, mas tinha de importar os medicamentos de avião da Europa Ocidental. Era um horrível desperdício. Podiam se passar meses antes que chegassem novos suprimentos. Para Jane, era uma perda muito maior do que a da munição.

Jean-Pierre voltou, carregando a sua bolsa. Os três saíram para o pátio. Estava escuro. Jane parou por um instante, dando instruções a Fará sobre a troca de fraldas de Chantal, e depois seguiu depressa atrás dos dois homens.

Alcançou-os quando se aproximavam da mesquita. Não era um prédio magnífico. Não possuía as cores deslumbrantes ou os ornamentos requintados que se encontra nos livros ilustrados sobre a arte islâmica. Era aberto de um lado, o telhado de esteiras sustentado por colunas de pedras. Jane achava que parecia um abrigo de ônibus embelezado ou talvez a varanda de uma mansão colonial em ruínas. Uma arcada no meio do prédio levava a um pátio murado. Os aldeões não lhe dispensavam muita reverência. Oravam ali, mas também usavam o lugar como centro de reuniões, mercado, sala de aula e casa de hóspedes. E naquela noite seria um hospital.

Lâmpioes a óleo pendiam de ganchos nas colunas de pedra e iluminavam agora a mesquita parecida com uma varanda. Os aldeões estavam agrupados à esquerda da arcada.

Estavam deprimidos, várias mulheres choravam baixinho, podia-se ouvir as vozes de dois homens, um deles fazendo perguntas, o outro respondendo. A multidão recuou para dar passagem a Jean-Pierre, Mohammed e Jane.

Os seis sobreviventes da emboscada estavam juntos, no chão de terra batida. Os três ilesos estavam acorados, ainda usando os gorros chitali redondos, parecendo sujos, desolados e exaustos. Jane reconheceu Matullah Khan, uma versão mais jovem do irmão Mohammed, e Alishan Karim, mais magro que o irmão mula, mas com a mesma aparência vil. Dois dos feridos estavam sentados no chão, encostados na parede, um deles com uma faixa ensanguentada em torno da cabeça, o outro com o braço numa tipóia improvisada. Jane não conhecia qualquer dos dois e avaliou automaticamente seus ferimentos: à primeira vista, não pareciam graves.

Ahmed Gul, o terceiro ferido, estava estendido numa maça feita com dois pedaços de pau e uma manta. Os olhos estavam fechados, a pele cinzenta. Sua mulher, Zahara, agachava-se por trás, aninhando-lhe a cabeça no colo, afagando-lhe os cabelos, chorando silenciosamente. Jane não podia ver seus ferimentos, mas calculava que deviam ser graves.

Jean-Pierre pediu uma mesa, água quente e toalhas, depois foi se ajoelhar ao lado de Ahmed. Poucos segundos depois ele olhou para os outros guerrilheiros e perguntou, em dari: — Ele estava no meio de uma explosão? — Os helicópteros tinham foguetes — respondeu um dos

homens ilesos. — E um deles explodiu ao lado de Ahmed.

Jean-Pierre virou-se para Jane e disse, em francês: — Ele está muito mal. É um milagre que tenha sobrevivido ao resto da jornada.

Jane podia ver as manchas de sangue no queixo de Ahmed: ele estivera tossindo sangue, um sinal de lesões internas. Zahara olhou suplicante para Jane.

— Como ele está? — perguntou ela, em dari.

-lamento muito, minha amiga — respondeu Jane, tão gentilmente quanto podia — mas ele está mal. Zahara acenou com a cabeça, resignada: já sabia disso, mas a confirmação trouxe novas lágrimas a seu rosto bonito.

— Examine os outros para mim — Jean-Pierre pediu a Jane. — Não quero perder um minuto sequer. Jane foi examinar os outros dois feridos.

— O ferimento na cabeça é apenas um arranhão — disse ela, depois de um momento.

— Cuide desse — murmurou Jean-Pierre.

Ele estava supervisionando a colocação de Ahmed em cima de uma mesa. Jane examinou o homem com o braço na tipóia. O ferimento era mais grave: parecia que uma bala despedaçara o osso.

— Deve ter doído muito — disse ela ao guerrilheiro, em dari. Ele sorriu e balançou a cabeça. Aqueles homens eram moldados em ferro. Jane informou a Jean-Pierre: — A bala quebrou o osso.

Jean-Pierre não levantou os olhos de Ahmed.

— Aplique uma anestesia local, limpe o ferimento, tire os fragmentos e providencie uma tipóia limpa. Consertaremos o osso depois.

Ela começou a preparar a injeção. Jean-Pierre chamaria quando precisasse de sua ajuda. Tudo indicava que seria uma noite longa.

Ahmed morreu alguns minutos depois de meia-noite, e Jean-Pierre sentiu vontade de chorar — não de tristeza, pois mal conhecia Ahmed, mas de pura frustração, pois sabia que poderia salvar a vida do homem se dispusesse de um anestésico, eletricidade e uma sala de operações. Cobriu o rosto do morto e olhou para a esposa, que estivera de pé, imóvel, observando, por horas, o lamento muito.

Ela acenou com a cabeça. Jean-Pierre ficou contente por ela estar calma. Às vezes acusavam-no de não tentar tudo; pareciam pensar que ele sabia tanto que não havia coisa alguma que não pudesse curar, deixando-o com vontade de gritar para todos: Eu não sou Deus. Mas aquela mulher dava a impressão de compreender.

Jean-Pierre afastou-se do cadáver. Estava esgotado. Passara o dia inteiro trabalhando em corpos mutilados, mas aquele era o primeiro paciente que perdia. As pessoas que assistiam, quase todas parentes do morto, adiantaram-se agora para cuidar do corpo. A viúva começou a chorar e Jane levou-a embora.

Jean-Pierre sentiu uma mão em seu ombro. Virou-se e se deparou com Mohammed, o guerrilheiro que organizava os comboios. Sentiu uma pontada de culpa.

— É a vontade de Alá — disse Mohammed. Jean-Pierre assentiu. Mohammed tirou do bolso um maço de cigarros paquistaneses e acendeu um. Jean-Pierre começou a recolher seus instrumentos e guardá-los na bolsa. E perguntou, sem olhar para Mohammed: — O que você vai fazer agora?

— Enviar outro comboio imediatamente. Precisamos de munição. Jean-Pierre ficou alerta no mesmo instante, apesar da fadiga.

— Quer dar uma olhada nos mapas? — Quero.

Jean-Pierre fechou a bolsa e os dois homens deixaram a mesquita. As estrelas iluminavam o caminho pela aldeia até a casa do comerciante. Fará dormia na sala, num tapete, ao lado do berço de Chantal. Ela acordou e levantou-se.

— Pode ir para casa agora — dissê-lhe Jean-Pierre.

Ela saiu sem falar. Jean-Pierre pôs a bolsa no chão, depois pegou o berço com extremo cuidado e levou-o para o quarto. Chantal continuou adormecida até que ele pôs o berço no chão, quando então desatou a chorar.

— Mas o que é isso? — murmurou Jean-Pierre. Ele olhou para seu relógio de pulso e compreendeu que a menina devia estar com fome. — Mamãe já vem.

Não adiantou. Ele tirou-a do berço e começou a niná-la. Chantal se aquietou. Jean-Pierre levou-a para a sala. Mohammed ainda estava de pé, esperando. Jean-Pierre disse: — Você sabe onde estão os mapas.

Mohammed balançou a cabeça e foi abrir uma arca de madeira pintada. Tirou um maço de mapas dobrados, selecionou vários, abriu-os no chão. Jean-Pierre, sempre ninando Chantal, espiou por cima do ombro de Mohammed, indagando: — Onde foi a emboscada? Mohammed apontou para um ponto próximo da cidade de Jalalabad.

As trilhas seguidas pelos comboios de Mohammed não eram indicadas naqueles ou em quaisquer outros mapas. Contudo, os mapas de Jean-Pierre mostravam alguns vales, platôs e córregos sazonais em que podia haver trilhas. Às vezes Mohammed sabia de cor o que havia ali. Em outras ocasiões ele tinha de adivinhar e discutia com Jean-Pierre a interpretação exata das linhas de contorno ou as características mais obscuras do terreno, como as morenas. Jean-Pierre sugeriu: — Podia passar mais pelo norte, contornando Jalalabad. Por cima da planície em que ficava a cidade havia um labirinto de vales, como uma teia de aranha, estendendo-se entre os rios Konar e Nuristan.

Mohammed acendeu outro cigarro — como a maioria dos guerrilheiros, era um fumante inveterado — e sacudiu a cabeça em dúvida, enquanto soprava a fumaça.

— Houve emboscadas demais naquela área — disse ele. — se ainda não estão nos traindo, certamente o farão em breve. O próximo comboio passará ao sul de Jalalabad.

Jean-Pierre franziu o rosto.

— Não sei como isso será possível. Não há nada além de campo aberto ao sul, desde o Passo Khyber. Seria avistado.

— Não usaremos o Passo Khyber — declarou Mohammed. Pôs o dedo no mapa e acompanhou a fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, para o sul. — Atravessaremos a fronteira em Teremengal.

O dedo alcançou a cidade indicada, depois traçou um percurso de lá até o Vale dos Cinco Leões. Jean-Pierre assentiu, disfarçando seu júbilo.

— Faz sentido. Quando o próximo comboio sairá daqui? Mohammed começou a dobrar os mapas.

— Depois de amanhã. Não há tempo a perder.

Ele tornou a guardar os mapas na arca pintada e encaminhou-se para a porta. Jane entrou

no instante em que ele saía. Mohammed disse-lhe "Boa noite" distraidamente.

Jean-Pierre sentia-se satisfeito porque o belo guerrilheiro não sentia mais tesão por Jane desde que ela engravidara. Ela era inegavelmente muito sensual, na opinião de Jean-Pierre, e bem capaz de se deixar seduzir; e ter um caso com um afegão causaria problemas intermináveis.

A bolsa médica de Jean-Pierre estava no chão, onde ele a deixara. Jane abaixou-se para pegá-la. O coração dele quase parou. Apressou-se em tirar a bolsa das mãos de Jane. Ela ficou um pouco surpresa e Jean-Pierre disse: — Vou guardá-la. E você cuide de Chantal. Ela está com fome.

Ele entregou-lhe a menina. Levou a bolsa e um lampião para a sala na frente, enquanto Jane se acomodava para alimentar Chantal. Caixas de suprimentos médicos estavam empilhadas no chão de terra. Caixas já abertas estavam arrumadas nas toscas prateleiras de madeira da antiga loja. Jean-Pierre pôs a bolsa médica no balcão de azulejos azuis e tirou um objeto preto de plástico, mais ou menos do tamanho e do formato de um telefone portátil. Guardou-o no bolso da calça.

Esvaziou a bolsa, pondo num lado os instrumentos que precisavam ser esterilizados e arrumando o que não usara nas prateleiras. Voltou à sala de estar e disse a Jane: — Vou descer até o rio para tomar um banho. Estou sujo demais para me deitar.

Jane ofereceu-lhe o sorriso sonhador e satisfeito que muitas vezes exibia quando amamentava a filha.

— Não demore. Ele saiu.

A aldeia estava finalmente adormecendo. Lâmpions ainda ardiam em algumas casas e ele ouviu por uma janela o som de um choro desesperado de mulher, mas a maioria das casas estava silenciosa e escura. Passando pela última casa da aldeia ele ouviu uma voz de mulher alteada num canto triste de lamento; por um momento, sentiu o peso opressivo das mortes que causara, mas tratou de afastar o pensamento da mente.

Seguiu por uma trilha pedregosa entre dois campos de cevada, olhando constantemente ao redor e escutando com atenção: os homens da aldeia deviam estar agora trabalhando.

Ouviu num campo o barulho das foices e num terraço estreito avistou dois homens arrancando as ervas daninhas à luz de um lampião. Não falou com eles.

Chegou ao rio, atravessou o vau, subiu pela trilha sinuosa no penhasco do outro lado. Sabia que estava perfeitamente seguro, mas mesmo assim sentia-se cada vez mais tenso, enquanto subia pelo caminho íngreme, à tênue claridade.

Depois de dez minutos alcançou o ponto elevado que procurava. Tirou o rádio do bolso da calça e puxou a antena embutida. Era o mais moderno e sofisticado transmissor pequeno que a KGB possuía, mas mesmo assim o terreno era tão adverso às transmissões de rádio que os russos haviam construído uma estação especial de retransmissão, no alto de uma colina, dentro do território que controlavam, a fim de captar seus sinais e passá-los adiante.

Jean-Pierre apertou o botão de falar e disse em inglês, no código combinado: — Aqui é Simplex. Entre, por favor.

Esperou um instante, tornou a chamar. Depois da terceira tentativa recebeu uma resposta cheia de estática, com forte sotaque: — Aqui é Butler. Pode falar, Simplex.

— Sua festa foi um grande sucesso.

— Repito: A festa foi um grande sucesso.

- Vinte e sete pessoas compareceram e mais uma apareceu depois.
- Repito: Vinte e sete pessoas compareceram e mais uma apareceu depois.
- Em preparativo para a próxima, preciso de três camelos. No código, isso significava "Encontre-se comigo daqui a três dias".
- Repito: Você precisa de três camelos.
- Verei você na mesquita.

Isso também era código: "a mesquita" era um local a alguns quilômetros de distância, em que três vales se encontravam.

- Repito: na mesquita.
- Hoje é domingo.

Isso não era código, mas sim uma precaução contra a possibilidade de que o idiota que estivesse recebendo a mensagem não compreendesse que já passava de meia-noite, trazendo como consequência a chegada do contato de Jean-Pierre ao ponto de encontro um dia antes.

- Repito: Hoje é domingo.
- Encerro e desligo.

Jean-Pierre baixou a antena e tornou a guardar o rádio no bolso da calça.

Tirou as roupas depressa. Pegou no bolso da camisa uma escovinha de unhas e um pedaço pequeno de sabão. O sabão era um artigo escasso, mas ele tinha prioridade, como médico.

Entrou cautelosamente no Rio dos Cinco Leões, ajoelhou-se, espalhou a água gelada pelo corpo. Ensaboou a pele e os cabelos, depois pegou a escovinha e começou a esfregar-se: pernas, barriga, peito, rosto, braços e mãos. Trabalhou especialmente as mãos, ensaboando-as várias vezes. Ajoelhando-se na água rasa, nu e tremendo, sob a luz das estrelas, ele esfregou e esfregou, como se nunca mais fosse parar.

Capítulo 7

— A criança tem sarampo, gastroenterite e tinha — disse Jean-Pierre. — Está também imunda e desnutrida.

— Não é o que acontece com todas? — murmurou Jane.

Eles falavam em francês, como normalmente faziam ao conversarem entre si, a mãe da criança olhava de um para outro, especulando sobre o que estariam dizendo. Jean-Pierre percebeu sua ansiedade e lhe falou, dizendo simplesmente, em dari: — Seu filho vai ficar bom.

Ele foi para o outro lado da caverna e abriu a caixa com os medicamentos. Todas as crianças levadas à clínica eram automaticamente vacinadas contra a tuberculose.

Enquanto preparava a injeção de BCG, ele observou Jane pelo canto do olho. Ela estava dando ao menino pequenos goles de uma bebida reidratante — uma mistura de glicose, sal, bicarbonato de sódio e cloreto de potássio, tudo dissolvido em água destilada. Entre os goles, ela lavava delicadamente o rosto sujo da criança. Seus movimentos eram rápidos e graciosos, como os de um artífice — talvez um oleiro moldando o barro ou um pedreiro manipulando sua pá. Jean-Pierre observou suas mãos estreitas tocarem de leve a criança assustada, em carícias tranquilizadoras. Ele gostava daquelas mãos.

Jean-Pierre virou-se ao ajeitar a agulha, a fim de que a criança não visse. Escondendo a seringa na mão, tornou a virar-se, esperando por Jane. Contemplou-lhe o rosto, enquanto ela limpava a pele no ombro direito do menino, esfregando uma mecha de algodão embebido em álcool. Era um rosto brejeiro, olhos grandes, nariz arrebitado, a boca larga que sorria com frequência. Mas agora a expressão era séria e Jane deslocava o queixo de um lado para outro, como se rangesse os dentes, um sinal de que estava se concentrando. Jean-Pierre conhecia todas as suas expressões, mas nenhum dos seus pensamentos.

Ele especulava muitas vezes — quase que continuamente — sobre o que Jane estaria pensando, mas tinha receio de perguntar, pois tal conversa poderia facilmente se desviar para território proibido. Ele precisava se manter em guarda constantemente, como um marido infiel, com receio de que alguma coisa que dissesse — ou mesmo a expressão de seu rosto — pudesse traí-lo. Era tabu qualquer conversa sobre verdade e desonestidade, confiança e traição ou liberdade e tirania; e o mesmo acontecia com os temas que podiam levar a isso, como amor, guerra e política. Jean-Pierre se mantinha cauteloso até mesmo quando falava de tópicos inocentes. Em consequência, havia uma estranha falta de intimidade em seu casamento. Fazer amor era difícil. Ele descobrira que não podia chegar ao orgasmo se não fechasse os olhos e imaginasse que se encontrava em outro lugar. Fora um alívio para ele não ter de encenar durante as últimas semanas, por causa do nascimento de Chantal.

— Estou pronta quando você estiver — anunciou Jane. Jean-Pierre percebeu que ela lhe sorria. Ele pegou o braço do menino e perguntou em dari: — Quantos anos você tem? — Sete.

Enquanto o menino falava, Jean-Pierre enterrava a agulha. O menino se pôs a berrar no mesmo instante. O som de sua voz levou Jean-Pierre a pensar em si mesmo quando tinha sete anos, andando em sua primeira bicicleta e caindo, chorando daquele mesmo jeito, um estridente uivo de protesto pela dor inesperada. Fitou atentamente o rosto contraído do paciente de sete anos, lembrando o quanto doera e como se sentira furioso. Descobriu-se pensando: Como vim de lá até aqui? Jean-Pierre soltou o menino e aproximou-se da mãe. Contou trinta cápsulas de 250

miligramas de griseofulvina e entregou-as à mãe.

— Ele tem de tomar uma por dia, até acabar — disse Jean-Pierre, no dari mais simples. — Não dê para qualquer outra pessoa... ele precisa de todas.

Aquilo cuidaria dos vermes. O sarampo e a gastroenterite seguiriam seu curso normal até o fim. Jean— Pierre acrescentou: — Faça ele ficar na cama até as manchas sumirem. E ele tem de beber muita água. A mulher assentiu.

— Ele tem irmãos?

— Cinco irmãos e duas irmãs — respondeu a mulher, orgulhosa.

— Ele deve dormir sozinho ou os outros também ficarão doentes.

A mulher parecia indecisa: provavelmente só tinha uma cama para todos os filhos. Não havia nada que Jean-Pierre pudesse fazer a respeito. Ele continuou: — Se o menino não melhorar até as cápsulas acabarem, traga-o de volta à clínica.

O que a criança realmente precisava era de uma coisa que nem Jean-Pierre nem a mãe podiam proporcionar — uma abundância de comida boa e nutritiva.

Os dois deixaram a caverna, o menino magro e doente, a mãe frágil e cansada. Era bem provável que tivessem percorrido muitos quilômetros, a mãe carregando o menino durante a maior parte do caminho. Agora, voltariam a pé. O menino podia morrer de qualquer maneira. Mas não de tuberculose.

Havia mais um paciente: o malang. Era o homem santo de Banda. Meio louco, quase sempre seminu, ele vagueava pelo Vale dos Cinco Leões, desde Cornar, a cerca de quarenta quilômetros de Banda, rio acima, até Charikar, na planície controlada pelos russos, cem quilômetros a sudoeste. Falava de maneira incoerente e tinha visões. Os afegãos acreditavam que os malangs davam sorte e não apenas toleravam seu comportamento, como também lhes davam comida, bebida e roupas.

Ele entrou, usando trapos na virilha e um quepe de oficial russo. Comprimiu a barriga, simulando dor. Jean-Pierre pegou um punhado de pilulas de diamorfina e entregou-as ao homem. O louco saiu correndo com suas pilulas de heroína sintética.

— Ele deve estar viciado a esta altura — comentou Jane. Havia um tom nítido de desaprovação em sua voz.

— Tem razão — admitiu Jean-Pierre.

— Então por que continua a dar? — O homem tem uma úlcera. O que mais posso fazer... operar? — você é o médico.

Jean-Pierre começou a arrumar a valise. Pela manhã estaria vendo os doentes em Cobak, a dez ou doze quilômetros de distância, através das montanhas... e no caminho tinha um encontro marcado.

O choro do menino de sete anos trouxera alguma coisa do passado para a caverna, como um cheiro de brinquedos velhos ou uma luz estranha que nos leva a esfregar os olhos. Jean-Pierre sentia-se um pouco desorientado. Não parava de ver as pessoas de sua infância, os rostos se sobrepondo às coisas ao redor, como cenas de um filme projetado por um aparelho fora de posição nas costas da audiência, e não na tela. Viu a sua primeira professora, de óculos de aros de aço, Mademoiselle Médecin; Jacques Lafontaine, que arrancara sangue de seu nariz por tê-lo chamado de safado; a mãe, magra, malvestida e sempre atormentada; e principalmente o pai, um homem enorme, irado, no outro lado de uma divisória gradeada.

Fez um esforço para se concentrar nos equipamentos e medicamentos de que precisaria em Cobak. Encheu um frasco com água destilada para beber enquanto estivesse lá.

Os aldeões lhe dariam comida.

Saiu com as valises e ajeitou-as no lombo da velha-égua de maus bofes que usava nessas viagens. A égua podia andar o dia inteiro em linha reta, mas relutava obstinadamente em virar nas curvas; por causa disso, Jane a apelidara de Maggie, em homenagem a Margaret Thatcher, a primeira-ministra britânica.

Jean-Pierre estava pronto. Voltou ao interior da caverna e deu um beijo leve na boca macia de Jane.

Quando se virava para ir embora, Fará entrou com Chantal. A menina estava chorando. Jean desabotoou a camisa e pôs Chantal no seio no mesmo instante. Jean-Pierre acariciou a face rosada da filha e murmurou: — Bon appétit.

E depois saiu. Desceu com Maggie para a aldeia deserta e seguiu para sudoeste, acompanhando a margem do rio. Andava depressa, incansável, sob o sol quente; estava acostumado.

Ao deixar a personalidade de médico para trás e pensar no encontro iminente, começou a sentir-se ansioso. Anatoly estaria lá? Ele podia ter se atrasado. Podia até ter sido capturado. Se fora capturado, teria contado tudo? Denunciara Jean-Pierre sob tortura? Um grupo de guerrilheiros estaria à espera de Jean-Pierre, implacável e sádico, sedento de vingança? Apesar de toda a sua poesia e toda a sua piedade, aqueles afegãos eram bárbaros.

O esporte nacional era o buzkashi, um jogo perigoso e sangrento: o corpo decapitado de um bezerro era colocado no centro de um campo e duas equipes rivais se alinhavam a cavalo, em lados opostos. A um tiro de rifle, todos disparavam para a carcaça. O objetivo era pegar o corpo do bezerro, levar a um ponto determinado, a cerca de um quilômetro e meio de distância, depois trazer de volta ao círculo, sem permitir que qualquer dos adversários o arrancasse de seu poder. Quando o macabro objeto era esquartejado, como acontecia com frequência, um juiz decidia qual a equipe que controlaria o remanescente maior. Jean-Pierre assistira a uma partida no inverno anterior, nos arredores da pequena cidade de Rokha, no fundo do vale. Assistia há uns poucos minutos quando percebeu que não estavam usando um bezerro, mas sim um homem, e o homem ainda estava vivo. Repugnado, ele tentara interromper a partida, mas alguém lhe dissera que o homem era um oficial russo, como se isso fosse toda e qualquer explicação que um homem poderia querer. Os jogadores simplesmente ignoraram Jean-Pierre e não havia nada que ele pudesse fazer para atrair a atenção dos cinquenta cavaleiros muito excitados, empenhados em seu jogo selvagem. Ele não ficara para observar o homem morrer, mas talvez devesse ter ficado, pois a imagem que permanecera em sua mente e lhe voltava cada vez que se preocupava em ser descoberto era a do russo, desamparado e sangrando, sendo dilacerado vivo.

O senso do passado ainda persistia; enquanto olhava para as paredes rochosas, cor de caqui, da ravina por que passava, ele viu cenas de sua infância se alternando com pesadelos de sua descoberta pelos guerrilheiros. A recordação mais antiga era a do julgamento, a sensação opressiva de indignação e injustiça que experimentara quando mandaram o pai para a cadeia. Não sabia ler, mas pôde reconhecer o nome do pai nas manchetes dos jornais. Naquela idade — devia ter quatro anos — não sabia o que significava ser um herói da Resistência. Sabia que o pai era um comunista, assim como também o eram os amigos do pai, o padre, o sapateiro e o

balconista da agência postal da aldeia; mas pensava que todos o chamavam de Roland Vermelho por causa de sua pele avermelhada. Quando o pai fora considerado culpado de traição e condenado a cinco anos de prisão, disseram a Jean-Pierre que era por causa de Tio Abdul, um homem assustado, de pele marrom, que passara várias semanas em sua casa e era da FLN. Mas Jean-Pierre não sabia o que era a FLN e pensara que estavam se referindo ao elefante do jardim zoológico. A única coisa que compreendia claramente, em que sempre acreditara, fora a de que a polícia era cruel, os juizes desonestos, e o povo enganado pelos jornais.

À medida que os anos passavam, ele compreendia mais, sofria mais, a indignação aumentava. Quando fora para a escola, os outros garotos disseram que seu pai era um traidor. Jean-Pierre declarara que, ao contrário, o pai lutara corajosamente e arriscara a vida na guerra. Mas os outros não acreditaram. Ele e a mãe foram viver em outra aldeia por algum tempo, mas os vizinhos acabaram descobrindo quem eram e ordenaram a seus filhos para não brincarem com Jean-Pierre. Mas o pior eram as visitas à prisão. O pai mudara visivelmente, tornando-se pálido, magro e doentio; e pior que isso era vê-lo confinado, usando um uniforme miserável, intimidado, dizendo "Senhor" a guardas arrogantes, armados de cassetetes. Não demorara muito para que o cheiro da prisão começasse a deixar Jean-Pierre nauseado.

Ele vomitava sempre que passava pelas portas e a mãe deixara de levá-lo nas visitas.

Só depois que o pai saíra da prisão é que Jean-Pierre pudera conversar com ele à vontade, compreendendo tudo então. Percebera que a injustiça do que acontecera era ainda pior do que imaginara. Depois que os alemães invadiram a França, os comunistas franceses, já organizados em células, desempenharam um papel da maior importância na Resistência. Terminada a guerra, o pai continuara na luta contra a tirania da extrema direita. A Argélia era na ocasião uma colônia francesa. Seu povo era oprimido e explorado, mas lutava bravamente pela liberdade. Jovens franceses eram recrutados para o exército e obrigados a combater os argelinos, numa guerra cruel, em que as atrocidades cometidas pelo exército francês lembravam a muitas pessoas o trabalho dos nazistas. A FLN, que para Jean-Pierre sempre estaria associada à imagem de um velho elefante sarnento, num zoológico provinciano, era a Frente de Libertação Nacional do povo argelino.

O pai de Jean-Pierre fora uma das cento e vinte e uma pessoas muito conhecidas que assinaram um manifesto em favor da liberdade para os argelinos. A França estava em guerra e o manifesto fora considerado subversivo, pois podia ser interpretado como um estímulo aos soldados franceses para desertarem. Mas o pai fizera mais do que isso: levava uma valise cheia de dinheiro coletado entre o povo francês para a FLN, atravessando a fronteira para a Suíça e depositando num banco; acolhera Tio Abdul, que não era absolutamente um tio, mas sim um argelino procurado pela polícia secreta francesa.

Ele explicara a Jean-Pierre que eram exatamente as mesmas coisas que fizera na guerra contra os nazistas. Continuava a travar a mesma luta. O inimigo nunca fora o povo alemão, assim como não era agora o povo francês: eram os capitalistas, os donos da propriedade, os ricos e privilegiados, a classe dominante, que recorreria a todos os meios para defender sua posição, por mais brutais que fossem. Eram tão poderosos que controlavam a metade do mundo — mas mesmo assim havia esperança para os pobres, os indefesos e oprimidos, pois em Moscou o povo predominava e no resto do mundo as classes trabalhadoras se voltavam para a União Soviética em busca de ajuda, orientação e inspiração, em sua luta pela liberdade.

À medida que Jean-Pierre foi ficando mais velho a imagem se tornou empanada e ele descobriu que a União Soviética não era o paraíso dos trabalhadores; mas nada aprendeu para alterar a sua convicção básica de que o movimento comunista, orientado por Moscou, era a única esperança para as pessoas oprimidas do mundo e o único meio de destruir a polícia, os juizes e os jornais, que haviam traído seu pai de maneira tão brutal.

O pai conseguira entregar a tocha ao filho. E, como se soubesse disso, o pai entrara em declínio. Jamais recuperara o rosto vermelho. Nunca mais comparecera a manifestações, organizara bailes de levantamento de fundos ou escrevera cartas para os jornais locais. Tivera uma série de empregos burocráticos simples. Continuara a pertencer ao Partido, como não podia deixar de ser, e a um sindicato, mas não retomara a presidência de comitês, a elaboração de atas, o preparo de agendas. Ainda jogava xadrez e bebia licor de anis com o padre, o sapateiro e o homem que dirigia a agência local dos correios, mas suas discussões políticas outrora veementes careciam agora de qualquer brilho, como se a revolução pela qual se empenharam estivesse indefinidamente adiada. O pai morrera poucos anos depois. Só então Jean-Pierre descobriu que ele contraíra tuberculose na prisão e nunca se recuperara. Havia-no privado da liberdade, destruído o seu espírito e arruinado sua saúde. Mas o pior de tudo fora o fato de marcarem-no como um traidor. Ele era um herói que arriscara a vida por seus semelhantes, mas morrera condenado por traição.

Eles se arrependeriam agora, papai, se soubessem da minha vingança, pensou Jean-Pierre, enquanto conduzia a égua esquelética pela trilha íngreme nas montanhas do Afeganistão. Graças às minhas informações, os comunistas daqui foram capazes de estrangular as linhas de suprimentos de Masud. No inverno anterior ele não conseguira estocar armas e munições. Este verão, em vez de desfechar ataques a bases aéreas, estações transmissoras de energia e comboios de caminhões nas estradas, Masud está lutando para se defender da ofensiva do governo em seu território. Sozinho, papai, quase que já destruí esse bárbaro que quer levar seu país de volta às eras sinistras da selvageria, subdesenvolvimento e superstição islâmica.

Claro que estrangular as linhas de suprimentos de Masud não era suficiente. O homem já possuía projeção nacional. Além disso, tinha inteligência e força de caráter para passar de líder rebelde a presidente legítimo. Era um Tito, um De Gaulle, um Mugabe. Tinha de ser não apenas neutralizado, mas destruído — capturado pelos russos, vivo ou morto.

A dificuldade era que Masud se deslocava depressa, em silêncio, como um cervo na floresta, surgindo de repente do mato e desaparecendo no instante seguinte. Mas Jean-Pierre era paciente, e os russos também. Chegaria o momento, mais cedo ou mais tarde, em que Jean-Pierre saberia com certeza o local exato em que Masud ficaria durante as próximas 24 horas — talvez ferido ou planejando assistir a um funeral. Jean-Pierre então usaria o rádio para transmitir um código especial e o gavião atacaria.

Ele gostaria de poder contar a Jane o que realmente estava fazendo ali. Podia mesmo convencê-la de que era certo. Ressaltaria que seu trabalho médico era inútil, pois ajudar os rebeldes servia apenas para perpetuar a miséria e ignorância em que o povo vivia, atrasando o momento em que a União Soviética agarraria aquele país pelo cachaço e o levaria esperneando para o século XX. Ela podia muito bem compreender. Contudo, Jean-Pierre sabia instintivamente que ela não o perdoaria por enganá-la durante tanto tempo. Ficaria furiosa, com toda certeza. Ele podia imaginá-la, inflexível, implacável, orgulhosa. Jane o deixaria prontamente, da mesma

forma como abandonara Ellis Thaler. E se sentiria ainda mais furiosa por ter sido enganada da mesma forma sucessivamente por dois homens.

Assim, no terror de perdê-la, ele continuava a enganá-la, como um homem à beira de um abismo paralisado pelo medo.

Claro que Jane sabia que alguma coisa estava errada; ele podia percebê-lo pela maneira como ela o observava às vezes. Mas Jean-Pierre tinha certeza de que ela achava que era um problema de relacionamento; não lhe ocorria que toda a vida do marido era uma farsa monumental.

A segurança absoluta não era possível, mas Jean-Pierre adotava todas as precauções para evitar a descoberta por ela ou qualquer outra pessoa. Quando usava o rádio, sempre falava em código, não porque os rebeldes pudessem estar na escuta — eles não tinham rádios — mas porque o exército afegão poderia captar a transmissão e estava tão infiltrado de traidores que não tinha segredos para Masud. O rádio de Jean-Pierre era bastante pequeno para ser escondido no fundo falso da maleta de médico ou no bolso de sua folgada calça afegã, quando não estava com a maleta. A desvantagem era que a potência só permitia conversas curtas com o posto avançado russo mais próximo, que era a base aérea em Bagram, a oitenta quilômetros.

Haveria necessidade de uma transmissão muito longa para informar todos os detalhes do percurso e horário dos comboios — especialmente em código — o que exigiria um rádio e uma bateria bem maiores. Jean-Pierre e Monsieur Leblond haviam chegado à conclusão de que isso não seria aconselhável. Em consequência, Jean-Pierre precisava se encontrar pessoalmente com o contato para passar as informações.

Ele subiu uma elevação e olhou para baixo. Estava na cabeceira de um pequeno vale. A trilha em que se encontrava descia para outro vale, que formava um ângulo reto com aquele e se bifurcava junto a um impetuoso córrego da montanha, faiscando ao sol da tarde. No outro lado do córrego mais um vale subia pelas montanhas, na direção de Cobak, seu destino final. No ponto em que os três vales se encontravam, neste lado do rio, havia uma pequena cabana de pedra. A região estava pontilhada por tais construções primitivas. Jean-Pierre imaginava que haviam sido erguidas por nômades e mercadores ambulantes, que as usavam como abrigo à noite.

Ele desceu a encosta, puxando Maggie. Era provável que Anatoly já estivesse ali. Jean-Pierre não conhecia seu verdadeiro nome ou posto, mas presumia que ele era da KGB e calculava, por alguma coisa que ele dissera certa ocasião a respeito de generais, que era um coronel. Qualquer que fosse o seu posto, no entanto, Anatoly certamente não era um burocrata. Entre aquele ponto e Bagram havia oitenta quilômetros de terreno montanhoso e Anatoly os percorria a pé, sozinho, levando um dia e meio. Era um russo oriental, de malares salientes e pele amarela, que com roupas afegãs passava por um uzbeque, um membro do grupo étnico mongólico do norte do Afeganistão.

Isso explicava seu dari hesitante, pois os uzbeques tinham uma língua própria. Anatoly era um homem corajoso. Como não falava a língua uzbeque, sempre havia a possibilidade de que pudesse ser desmascarado; e sabia que os guerrilheiros jogavam buzhashi com os oficiais russos capturados.

O risco de Jean-Pierre nesses encontros era um pouco menor. Suas viagens constantes a aldeias remotas para tratar dos doentes não despertavam muita atenção. Mas poderia haver suspeitas se alguém notasse que ele esbarrava por acaso mais de uma vez com o uzbeque

errante. E se algum afegão que falasse francês (como acontecia com os mais instruídos) ouvisse a conversa do médico com o uzbeque, só restaria a Jean-Pierre rezar por uma morte rápida.

As sandálias não faziam barulho na trilha, e os cascos de Maggie afundavam silenciosamente na terra. Ao se aproximar da cabana, ele começou a assoviar, para o caso de outra pessoa que não Anatoly estar lá dentro. Sempre tomava cuidado de não sobressaltar os afegãos, sempre armados e sobressaltados. Jean-Pierre baixou a cabeça e entrou na cabana. Para sua surpresa, o interior fresco estava vazio. Sentou-se, encostado na parede de pedra, e acomodou-se para esperar. Acabou fechando os olhos depois de alguns minutos. Estava cansado, porém tenso demais para dormir. Era a parte pior do que fazia: o misto de medo e tédio que o dominava durante aquelas longas esperas. Aprendera a aceitar os atrasos naquele país sem relógios de pulso, mas jamais adquirira a paciência imperturbável dos afegãos. E não pôde deixar de pensar agora nos vários desastres que poderiam ter ocorrido a Anatoly. Seria irônico se Anatoly tivesse pisado numa mina antipessoal russa e perdido o pé. Essas minas feriam mais os animais do que os seres humanos, mas nem por isso eram menos eficazes: a perda de uma vaca significaria, para uma família afegã, a mesma sorte se sua casa fosse bombardeada com todos lá dentro. Jean-Pierre não ria mais quando encontrava uma vaca ou uma cabra com uma tosca perna de madeira.

Em seu devaneio, sentiu a presença de outra pessoa e abriu os olhos, deparando com o rosto oriental de Anatoly a poucos centímetros do seu.

— Eu poderia tê-lo roubado — comentou Anatoly, num francês fluente.

— Eu não estava dormindo.

Anatoly sentou no chão de terra, cruzando as pernas. Era atarracado e musculoso, camisa e calça de algodão folgadas, turbante, lenço no pescoço e uma manta de lã marrom, chamada pattu, nos ombros. Baixou o lenço que cobria metade do rosto e sorriu, mostrando os dentes manchados do fumo.

— Como vai, meu amigo? — Muito bem.

— E sua esposa? Havia algo sinistro na maneira como Anatoly sempre perguntava por Jane. Os russos se opuseram à ideia de levá-la para o Afeganistão, alegando que iria interferir em seu trabalho. Jean-Pierre argumentara que de qualquer forma precisaria levar uma enfermeira, -a política da Médecins pour la Liberté era sempre enviar duplas e provavelmente dormiria com qualquer mulher que o acompanhasse, a menos que ela se parecesse com King Kong. Por fim os russos concordaram, embora com relutância.

— Jane está ótima — respondeu ele. — A criança nasceu há seis semanas. Uma menina.

— Meus parabéns! — Anatoly parecia genuinamente satisfeito. — Mas não foi um pouco prematuro? — Foi sim. Por sorte não houve complicações. E foi a parteira da aldeia quem cuidou de tudo.

— Por que não você? — Eu não estava lá. Tinha ido me encontrar com você.

— Oh, Deus! — Anatoly parecia horrorizado. — Eu o mantive longe num dia tão importante... Jean-Pierre ficou satisfeito com a preocupação de Anatoly, mas não deixou transparecer.

— Não se podia prever. Além do mais, valeu a pena: você acertou o comboio de que falei.

— É verdade. Suas informações foram preciosas. Parabéns outra vez.

Jean-Pierre experimentou um sentimento de orgulho, mas tentou parecer indiferente, comentando modestamente: — Nosso sistema parece estar funcionando muito bem. Anatoly acenou com a cabeça.

— Qual foi a reação deles à emboscada? — De crescente desespero. — Ocorreu a Jean-Pierre, enquanto falava, que outra vantagem de encontrar pessoalmente o contato era a possibilidade de lhe transmitir informações daquele tipo, sobre sentimentos e impressões, coisas que não eram bastante concretas para serem enviadas em código pelo rádio. — Eles estão constantemente ficando sem munição.

— E quando vai partir o próximo comboio? — Partiu ontem.

— Eles estão mesmo desesperados. Isso é ótimo. Anatoly tirou um mapa do bolso da camisa. Desdobrou-o no chão. Mostrava a região entre o Vale dos Cinco Leões e a fronteira do Paquistão.

Jean-Pierre concentrou-se, recordando os detalhes que memorizara durante a conversa com Mohammed. Depois, passou a indicar para Anatoly o percurso que o comboio seguiria ao voltar do Paquistão. Ele não sabia exatamente quando os homens voltariam, pois Mohammed não podia prever quanto tempo teriam de passar em Peshawar, comprando as coisas de que precisavam. Mas Anatoly tinha agentes em Peshawar que informariam a partida do comboio dos Cinco Leões e com isso ele poderia preparar a emboscada.

Anatoly não tomou notas, mas memorizou cada palavra que Jean-Pierre disse. Repassaram tudo outra vez, com Anatoly repetindo os detalhes para Jean-Pierre, a fim de conferir tudo. O russo finalmente dobrou o mapa e tornou a guardá-lo no bolso da camisa.

— E Masud? — perguntou ele.

— Não o vemos desde que falei com você pela última vez. Só tenho me encontrado com Mohammed... e ele nunca sabe onde Masud está ou quando vai aparecer.

— Masud é uma raposa — comentou Anatoly, com uma raia demonstração de emoção.

— Mas ainda vamos pegá-lo.

— Claro que vamos. Ele sabe que a caçada está no auge e por isso trata de esconder a sua pista. Mas os sabujos já o farejaram e ele não pode se esquivar para sempre somos muitos e fortes, estamos ansiosos em encontrá-lo.

Anatoly percebeu de repente que estava revelando seus sentimentos. Sorriu e voltou a ser prático. Tirou um pacote de pilhas do bolso e disse: — Pilhas.

Jean-Pierre pegou o pequeno rádio no fundo falso da maleta, e trocou as pilhas velhas pelas novas. Faziam isso a cada vez que se encontravam para evitar que Jean-Pierre perdesse o contato simplesmente por falta de pilhas. Anatoly levaria as velhas para Bagram, pois não havia sentido em correr o risco de jogar ali, no Vale dos Cinco Leões, onde não havia aparelhos elétricos, pilhas de fabricação russa. Enquanto Jean-Pierre guardava o rádio, Anatoly indagou: — Tem alguma coisa aí para bolhas? Meus pés...

Ele parou de falar abruptamente, franziu o rosto, e inclinou a cabeça para escutar melhor. Jean-Pierre ficou tenso. Até então, nunca haviam sido vistos juntos.

Provavelmente aconteceria, mais cedo ou mais tarde, e eles já haviam planejado o que fariam, comportando-se como estranhos partilhando um lugar de descanso, para continuar a conversa depois que o intruso fosse embora... ou, se o intruso desse a impressão de que tencionava permanecer por muito tempo, se afastariam juntos, como se por acaso seguissem na

mesma direção. Tudo fora combinado antes, mas mesmo assim Jean-Pierre sentia agora como se a culpa estivesse estampada por todo o seu rosto.

No instante seguinte ele ouviu passos lá fora e o barulho de uma respiração ofegante; depois uma sombra escureceu a entrada iluminada pelo sol e Jane entrou na cabana.

— Jane! Os dois homens levantaram-se bruscamente.

— O que aconteceu? — acrescentou Jean-Pierre. — Por que está aqui?

— Graças a Deus consegui alcançar você! — balbuciou ela. Pelo canto do olho, Jean-Pierre viu Anatoly cobrir o rosto com o lenço e se virar, como um afegão faria diante de uma mulher desavergonhada. O gesto ajudou Jean-Pierre a se recuperar do choque da presença dela. Ele olhou ao redor rapidamente. Por sorte, Anatoly guardara os mapas alguns minutos antes. Mas o rádio... o rádio se projetava dois ou três centímetros para fora da maleta médica.

Só que Jane não o vira... ainda.

— Sente-se — disse Jean-Pierre. — Trate de recuperar o fôlego.

Ele também se sentou e aproveitou o movimento como um pretexto para mudar a maleta de posição, escondendo o rádio de Jane.

— O que houve? — Um problema médico que não posso resolver.

A tensão de Jean-Pierre se atenuou um pouco: receara que ela pudesse tê-lo seguido por desconfiar de alguma coisa.

— Tome um pouco de água, Jane.

Ele puxou a maleta com uma das mãos e com a outra empurrou o rádio, enquanto vasculhava lá dentro. Tirou o frasco com água limpa e entregou-o a Jane. Sentiu que as batidas do coração voltavam ao normal. Estava recuperando a presença de espírito. A prova incriminadora não mais estava à vista. O que mais havia para deixá-la desconfiada? Jane podia ter ouvido Anatoly falar em francês, mas isso não chegava a ser excepcional: se um afegão tinha uma segunda língua, era quase sempre o francês. Além do mais, um uzbeque podia falar francês melhor do que falava dari. O que Anatoly estava dizendo quando ela entrara? Jean-Pierre lembrou: pedia um unguento para bolhas nos pés. Perfeito. Os afegãos sempre pediam um remédio quando encontravam um médico, mesmo que desfrutassem de ótima saúde. Jane bebeu um pouco de água e começou a falar: — Poucos minutos depois que você saiu trouxeram um garoto de dezoito anos com um grave ferimento na coxa. — Ela tomou outro gole. Ignorava Anatoly, e Jean-Pierre compreendeu que ela estava tão preocupada com a emergência médica que mal percebera a presença do outro homem. — Ele foi ferido na luta perto de Rokha e o pai carregou-o por todo o caminho até o vale... levou dois dias. O ferimento estava gangrenado quando eles chegaram. Apliquei seiscentos miligramas de penicilina, na nádega, e depois limpei o ferimento.

— Correto — disse Jean-Pierre.

— Alguns minutos depois ele começou a suar frio e a ficar tonto. Verifiquei o pulso: estava acelerado, mas fraco.

— Ele ficou pálido, com dificuldade para respirar? — Isso mesmo.

— O que você fez? — Apliquei o tratamento para choque... levantei seus pés, cobri-o com um cobertor, dei-lhe um chá... e depois vim atrás de você. — Jane estava à beira das lágrimas.

— O pai carregou-o por dois dias... não posso deixá-lo morrer.

— Isso não precisa acontecer necessariamente — disse Jean-Pierre. — O choque alérgico

é uma reação rara mas bastante conhecida às injeções de penicilina. O tratamento é meio mililitro de adrenalina, injetado num músculo, seguido por uma anti-histamina... digamos seis mililitros de difenidramina. Quer que eu volte com você? Ao fazer a proposta, ele olhou para Anatoly, mas o russo não deixou transparecer qualquer reação. Jane suspirou.

— Não precisa. Deve haver mais alguém morrendo no outro lado da encosta. Vá para Cobakse tem certeza de que quer assim...

— Tenho.

Um fósforo brilhou quando Anatoly acendeu um cigarro. Jane fitou-o por um instante e tornou a olhar para Jean-Pierre.

— Meio mililitro de adrenalina e depois seis mililitros de difenidramma. Ela levantou-se.

— Exatamente. — Jean-Pierre também se levantou e beijou-a. — Tem certeza de que pode cuidar de tudo sozinha?

— Claro.

— Tem que se apressar.

— Sim.

— Gostaria de levar Maggie?

Jane refletiu por um instante.

— É melhor não. Neste caminho a gente pode ir mais depressa se andar.

— Como achar melhor.

— Até logo.

— Até logo, Jane.

Jean-Pierre observou-a sair. Ficou imóvel por algum tempo. Nem ele nem Anatole disseram qualquer coisa. Depois de um ou dois minutos, Jean-Pierre foi até a entrada da cabana e olhou para fora. Avistou Jane a duzentos ou trezentos metros de distância, subindo o vale com determinação, sozinha na paisagem escura e poeirenta. Continuou olhando até que ela desapareceu numa dobra das colinas.

Tornou a entrar na cabana e sentou-se, encostado na parede. Olhou para Anatoly e murmurou: — Santo Deus, foi por pouco...

Capítulo 8

O garoto morreu.

Estava morto há quase uma hora quando Jane chegou, suada e empoeirada, exausta a ponto de um colapso. O pai a esperava na entrada da caverna, parecendo aturrido e acusador. Ela percebeu logo, por sua postura resignada e os olhos castanhos serenos, que estava tudo acabado. Ele não disse nada. Jane entrou na caverna e olhou para o garoto. Cansada demais para ficar furiosa, foi dominada pelo desapontamento. Jean-Pierre estava ausente e Zahara mergulhada em sua dor; assim, não tinha ninguém com quem partilhar sua angústia.

Chorou depois, quando estava deitada em sua cama no telhado da casa, com Chantal a seu lado, num pequeno colchão, arrulhando de vez em quando, num sono de feliz ignorância. Chorou tanto pelo pai quanto pelo garoto morto. Como ela, o pai se forcara a superar a exaustão comum, na tentativa de salvar o garoto. A tristeza dele deveria ser muito maior. As lágrimas de Jane apagaram as estrelas antes que ela adormecesse. Sonhou que Mohammed vinha para a sua cama e fazia amor com ela, a aldeia inteira assistindo; e depois ele disse que Jean-Pierre tinha um caso com Simone, a mulher do gordo jornalista Raoul Clermont, que os dois amantes se encontravam em Cobak, onde todos pensavam que Jean-Pierre estava cuidando dos doentes locais.

No dia seguinte ela estava com todo o corpo dolorido, em decorrência de ter corrido durante a maior parte do percurso até a pequena cabana de pedra. Fora uma sorte, refletiu ela, enquanto cuidava das tarefas de rotina, que Jean-Pierre tivesse parado — presumivelmente para descansar — na pequena cabana de pedra, dando-lhe assim a oportunidade de alcançá-lo.

Ela ficara profundamente aliviada ao avistar Maggie amarrada no lado de fora e encontrar Jean-Pierre na cabana, em companhia daquele uzbeque esquisito. Os dois ficaram sobressaltados quando ela entrara. Fora quase cômico. E também foi a primeira vez que ela vira um afegão levantar-se à entrada de uma mulher.

Jane subiu a encosta com a caixa de remédios e abriu o consultório na caverna. Enquanto cuidava dos casos habituais de desnutrição, malária, ferimentos infeccionados e parasitas intestinais, pensou na crise do dia anterior. Nunca ouvira falar antes de choque alérgico. Certamente as pessoas que tinham de aplicar injeções de penicilina aprendiam o que fazer nesses casos, mas seu treinamento fora tão apressado que muitas coisas foram esquecidas. Na verdade, os detalhes médicos haviam sido quase inteiramente omitidos, sob a alegação de que Jean-Pierre era um médico qualificado e estaria por perto para lhe explicar o que fazer.

Fora um período de ansiedade, sentada em salas de aula, às vezes com enfermeiras estagiárias, outras vezes sozinha, tentando absorver as regras e procedimentos da medicina e educação sanitárias, imaginando o que a aguardaria no Afeganistão. Algumas aulas não eram absolutamente tranquilizadoras. Disseram-lhe que sua primeira tarefa seria construir para seu uso uma privada de terra. Por quê? A maneira mais rápida de melhorar a saúde do povo em países subdesenvolvidos era fazer com que deixassem de usar os rios e córregos como privadas, o que se podia conseguir dando o exemplo. Sua professora, Stephanie, uma quarentena de óculos, do tipo maternal, de macacão e sandálias, também ressaltara os perigos de se receitar medicamentos com generosidade exagerada. A maioria das doenças e lesões menores melhoraria sem ajuda médica, mas as pessoas primitivas (e não-tão-primitivas) sempre queriam

pílulas e poções. Jane lembrou que o pequeno uzbeque estava pedindo a Jean-Pierre um unguento para bolhas nos pés. Devia ter passado toda a sua vida a percorrer longas distâncias a pé, mas dizia que os pés doíam só porque encontrara um médico. O problema do excesso de prescrição — além do desperdício de medicamentos — era que uma droga aplicada por uma aflição trivial podia levar o paciente a desenvolver tolerância; assim, quando tivesse uma doença mais grave, o tratamento não teria efeito. Stephanie também aconselhara Jane a tentar trabalhar com, e não contra, os curandeiros tradicionais da comunidade. Ela tivera sucesso com Rabia, a parteira, mas não com Abdullah, o mula. Aprender a língua fora a parte mais fácil. Em Paris, muito antes de sequer pensar em ir para o Afeganistão, ela estudara farsi, a língua persa, a fim de aperfeiçoar a sua função como intérprete. O farsi e o dari eram dialetos da mesma língua. A outra língua importante no Afeganistão era o pashto, falada pelos pushtuns. Mas o dari era a língua dos tajiks, e o Vale dos Cinco Leões se encontrava em território tajik. Os poucos afegãos que viajavam — os nômades, por exemplo — geralmente falavam tanto o pashto como o dari. Se conheciam uma língua europeia, era o inglês ou o francês. O uzbeque na cabana de pedra estava conversando com Jean-Pierre em francês.

Fora a primeira vez que Jane ouvira o francês falado com um sotaque uzbeque. Parecera igual ao sotaque russo.

Tornou a pensar no uzbeque várias vezes durante o dia. O que a deixou irritada. Era uma sensação que tinha às vezes, quando sabia que havia algo importante que deveria fazer mas não conseguia lembrar o que era. Talvez houvesse alguma coisa esquisita no homem. Ao meio-dia ela fechou a clínica, amamentou e trocou a fralda de Chantal, depois fez o almoço de arroz e molho de carne, partilhando-o com Fará. A garota se tornara totalmente devotada a Jane, ansiosa por fazer qualquer coisa para agradá-la, relutante em voltar para sua casa à noite. Jane tentava tratá-la mais como uma igual, mas isso parecia servir apenas para aumentar mais ainda a adoração de Fará.

No auge do calor, Jane deixou Chantal com Fará e desceu a encosta para o seu lugar secreto, o platô ensolarado, protegido por uma projeção rochosa por cima. Fez ali os seus exercícios pós-natais, determinada a recuperar o corpo que tinha antes. Enquanto contraía os músculos pélvicos, ela visualizou o uzbeque, levantando-se na pequena cabana de pedra, a expressão de espanto em seu rosto oriental. Por algum motivo, ela experimentou uma sensação de tragédia iminente.

Ao compreender a verdade, não foi num repentino relance de percepção, mas sim como uma avalanche, começando pequena, mas crescendo de maneira inexorável, até engolfar tudo.

Nenhum afegão se queixaria de bolhas nos pés, mesmo de fingimento, pois eles não tinham conhecimento de tais coisas: era tão improvável quanto um lavrador de Gloucestershire dizer que estava com beribéri. E nenhum afegão, por mais surpreso que ficasse, reagiria à entrada de uma mulher se levantando.

Se ele não era afegão, o que seria então? O sotaque revelava, embora bem poucas pessoas fossem capazes de reconhecer.

Ela só identificava porque era uma linguista, e falava tanto o russo como o francês.

Jean-Pierre se encontrara com um russo disfarçado de uzbeque numa cabana de pedra, em um local deserto.

Teria sido por acaso? Era possível, é claro. Mas ela podia lembrar o rosto do marido

quando entrara e agora era capaz de interpretar a expressão a que não dera atenção na ocasião: uma expressão de culpa.

-Não, não fora um encontro accidental, mas sim um encontro marcado. Talvez não tivesse sido o primeiro. Jean-Pierre viajava constantemente a aldeias remotas para tratar de pacientes locais. Era até desnecessariamente escrupuloso em cumprir a programação de visitas, uma insistência absurda num país sem calendários e agendas — mas não tão absurda se havia outros compromissos, uma série clandestina de encontros secretos. E por que ele se encontrava com o russo? Isso também era óbvio, e lágrimas quentes afloraram-lhe aos olhos quando concluiu que o propósito de Jean-Pierre só podia ser a traição. Ele fornecia informações, não havia qualquer dúvida. Falava sobre os comboios. Sempre conhecia os percursos, porque Mohammed usava os seus mapas.

Conhecia as datas aproximadas, porque via os homens partindo de Banda e de outras aldeias do Vale dos Cinco Leões. Contava tudo, e era por isso que os russos haviam se tornado tão bem-sucedidos em emboscar comboios durante o último ano; era por isso que havia agora no vale tantas viúvas desconsoladas e tantos órfãos tristes.

O que há de errado comigo?, pensou Jane, num súbito acesso de autocompaixão, novas lágrimas rolando-lhe pelas faces. Primeiro Ellis, depois Jean-Pierre... por que escolho esses filhos da puta? Há alguma coisa num homem dissimulado que me atrai? É o desafio de romper suas defesas? Por acaso sou louca? Lembrou-se de Jean-Pierre argumentando que a invasão soviética do Afeganistão era justificada. Ele mudara de ideia mais tarde, e Jane pensara tê-lo convencido de que estava enganado. Era evidente agora que a mudança fora simulada. Quando resolvera vir para o Afeganistão, a fim de espionar para os russos, Jean-Pierre adotara uma posição antissoviética como parte de seu disfarce.

Seu amor também seria simulado? A simples indagação já era dolorosa. Jane comprimiu o rosto contra as mãos. Era quase impossível pensar a respeito. Apaixonara-se por ele, casara com ele, beijara a sua mãe de rosto azedo, acostumara-se à sua maneira de fazer amor, sobrevivera às primeiras brigas, esforçara-se para que o relacionamento desse certo, dera à luz a sua filha em medo e dor... fizera tudo isso por uma ilusão, um marido falso, um homem que não se importava absolutamente com ela? Era como andar e correr tantos quilômetros para perguntar como curar o garoto de dezoito anos e voltar para encontrá-lo já morto? Era pior do que isso. Devia ser como o pai se sentira ao ver o filho morrer, depois de carregá-lo por dois dias.

Havia uma sensação de plenitude em seus seios e ela compreendeu que devia ser hora de Chantal mamar. Vestiu as roupas, enxugou o rosto com a manga e subiu a encosta.

A angústia foi diminuindo e ela passou a pensar mais claramente. Experimentara uma vaga insatisfação durante o ano de casamento e agora podia compreender. De certa forma, sempre sentira a impostura de Jean-Pierre. Por causa dessa barreira entre os dois, não conseguiram adquirir intimidade.

Chegando à caverna, Jane encontrou Chantal chorando, no colo de Fará. Pegou a menina e levou-a ao seio. Chantal começou a mamar. Jane sentiu o desconforto inicial, como uma câibra no estômago, e depois uma sensação no seio agradável e um tanto erótica. Queria ficar sozinha. Mandou Fará sair e fazer sua sesta na caverna da mãe.

Amamentar Chantal era tranquilizante. A traição de Jean-Pierre não parecia mais um

cataclisma tão terrível. Tinha certeza agora de que o amor de Jean-Pierre por ela não era simulado. De que isso serviria? Por que ele a traria para o Afeganistão? Ela não tinha qualquer utilidade em sua atividade de espionagem. Devia ser porque ele a amava.

E se a amava, todos os outros problemas podiam ser resolvidos. Jean-Pierre teria de parar de trabalhar para os russos, é claro. No momento, ela não podia se imaginar confrontando-o. Diria, por exemplo, "Já sei de tudo"? Não. Mas as palavras lhe ocorreriam quando precisasse delas. E, depois, ele teria de levá-la e a Chantal de volta à Europa.

De volta à Europa. Ao compreender que teriam de ir para casa, experimentou uma onda de alívio. Pegou-a de surpresa. Se alguém lhe perguntasse se gostava do Afeganistão, teria respondido que realizava um trabalho fascinante e meritório, que estava cumprindo muito bem sua missão, até gostando. Mas agora que tinha à sua frente a perspectiva de retornar à civilização, sua flexibilidade se dissipou e admitiu para si mesma que a paisagem árida, o frio terrível do inverno, as pessoas estranhas, os bombardeios e o fluxo interminável de homens e garotos mutilados afetaram seus nervos ao ponto de rompimento.

A verdade, pensou ela, é que este lugar é pavoroso.

Chantal parou de mamar e dormiu. Jane deitou-a, trocou a fralda, ajeitou-a em seu colchão, tudo sem acordá-la. A serenidade inabalável da filha era uma grande bênção.

Ela dormia em todas as crises — não havia barulho ou movimento que pudesse acordá-la, se estivesse bem alimentada e confortável. Mas Chantal também era sensível aos ânimos de Jane e muitas vezes despertava quando a mãe se sentia angustiada, mesmo quando não havia barulho.

Jane sentou em seu colchão de pernas cruzadas, observando a filha adormecida e pensando em Jean— Pierre. Gostaria que ele estivesse ali naquele momento, a fim de poderem conversar. Especulou por que não estava mais furiosa — para não dizer indignada — pelo fato de Jean-Pierre estar traindo os guerrilheiros, entregando-os aos russos. Seria porque aceitara o conhecimento de que todos os homens eram mentirosos? Passara a acreditar que as únicas pessoas inocentes naquela guerra eram as mães, as esposas e as filhas nos dois lados? Seria porque o fato de ser agora esposa e mãe alterara a sua personalidade, de tal forma que uma traição não mais a indignava? Ou seria apenas porque amava Jean-Pierre? Ela não sabia.

De qualquer forma, era um momento para pensar no futuro, e não no passado. Voltariam a Paris, onde havia carteiros, livrarias e água corrente? Chantal teria lindas roupas, um carrinho, fraldas descartáveis. Os três viveriam num apartamento pequeno, em algum bairro agradável, onde o único perigo real para a vida seriam os motoristas de táxi. Jane e Jean-Pierre recomençariam tudo, desta vez haveriam de se conhecer a fundo. Os dois se empenhariam por tornar o mundo um lugar melhor, através de meios gradativos e legítimos, sem intrigas ou traições. A experiência no Afeganistão os ajudaria a arrumar emprego para ajudar o desenvolvimento do Terceiro Mundo, talvez na Organização Mundial de Saúde. A vida conjugal seria como ela a imaginara, os três se sentindo felizes e seguros.

Fará entrou. A sesta terminara. Cumprimentou Jane respeitosamente, olhou para Chantal, constatou que a menina dormia e sentou no chão de pernas cruzadas, esperando por instruções. Era filha do filho mais velho de Rabia, Tamael Gul, que deixara a aldeia para acompanhar o novo comboio...

Jane sufocou um grito. Fará fitou-a, com uma expressão inquisitiva. Jane sacudiu a mão e Fará desviou os olhos.

Seu pai está com o comboio, pensou Jane.

Jean-Pierre traía o comboio para os russos. O pai de Fará morreria na emboscada... a menos que Jane pudesse fazer alguma coisa para impedi-lo. Mas o quê? Um mensageiro poderia ser enviado ao encontro do comboio em Passo Khyber e desviá-lo para uma nova rota. Mohammed cuidaria disso. Mas Jane teria de lhe contar como sabia que o comboio sofreria uma emboscada... e então Mohammed mataria Jean-Pierre, provavelmente com as mãos nuas.

Se um deles tem de morrer, então que seja Ismael, e não Jean-Pierre, pensou Jane.

Lembrou-se então dos outros trinta e tantos homens do vale que também estavam no comboio. Deveriam todos morrer para salvar meu marido- Kahmir Khan, com a barba rala, o velho Shahazai Gul, o rosto cheio de cicatrizes, Yussuf Gul, que canta tão bonito, Sher Kador, o pastor de cabras, Abdur Mohammed, sem dentes na frente, Ali Ghanin, que tem quatorze filhos? Tinha de haver outro meio.

Jane foi até a entrada da caverna e olhou para fora. Agora que a sesta terminara, as crianças haviam saído das cavernas e começavam suas brincadeiras, entre as rochas e espinheiros. Lá estava Mousa, de nove anos, o único filho de Mohammed — ainda mais mimado agora que só tinha uma mão — pavoneando-se com a faca nova que o apaixonado pai lhe dera. Lá estava a mãe de Fará, subindo a encosta com um feixe de lenha na cabeça. Lá estava a mulher do mula, lavando a camisa de Abdullah.

Ela não viu Mohammed ou sua mulher Halima. Mas sabia que ele estava em Banda, porque o vira pela manhã. Teria comido com a mulher e os filhos em sua caverna — a maioria das famílias tinha uma caverna própria. Estaria lá agora, mas Jane relutava em procurá-lo abertamente, pois escandalizaria a comunidade e precisava ser discreta.

O que direi a ele?, pensou Jane.

Considerou a possibilidade de um apelo direto: Faça isso por mim, porque estou pedindo. Funcionaria com qualquer ocidental que estivesse apaixonado por ela, mas os muçulmanos não pareciam ter uma visão romântica do amor; o que Mohammed sentia por ela era mais como um desejo um pouco terno. Não fazia com que ele se colocasse à sua disposição. E, além do mais, Jane não sabia se ele ainda sentia alguma coisa. O que fazer então? Mohammed não lhe devia coisa alguma. Ela nunca o tratara nem à sua mulher. Mas cuidara de Mousa... salvara a vida do menino. Mohammed tinha para com ela uma dívida de honra.

Faça isso por mim, porque salvei seu filho. Podia dar certo. Mas Mohammed perguntaria por quê.

Mais mulheres apareciam, buscando água, varrendo para fora a sujeira de suas cavernas, cuidando dos animais, começando a preparar a comida. Jane sabia que dali a pouco veria Mohammed. O que direi a ele? Os russos conhecem a rota do comboio. Como eles descobriram? Não sei, Mohammed. Então por que tem tanta certeza? Não posso dizer. Ouvi uma conversa. Recebi uma mensagem do Serviço Secreto Britânico. Tenho um pressentimento. Vi nas cartas. Tive um sonho.

Era isso: um sonho.

Ela o viu. Mohammed saiu de sua caverna, alto e bonito, usando roupas de viagem: o gorro redondo chitrali, igual ao de Masud, o tipo preferido pela maioria dos guerrilheiros; o pattu cor de lama, que servia como manto, toalha, cobertor e camuflagem; e as botas de couro que subiam até o meio das pernas, tiradas do cadáver de um soldado russo. Ele atravessou a área na

frente das cavernas com as passadas de alguém que tem um longo caminho a percorrer antes do pôr-do-sol. Pegou a trilha na encosta que descia para a aldeia deserta.

Jane observou o vulto alto desaparecer. É agora ou nunca, pensou ela; e saiu no encalço de Mohammed. A princípio, andou devagar, de maneira casual, a fim de não ficar óbvio que o estava seguindo; e depois, assim que ficou fora do âmbito de visão das cavernas, desatou a correr. Escorregava e tropeçava na trilha, pensando: não sei o que esta correria está fazendo com as minhas entranhas. Chamou Mohammed ao divisá-lo à sua frente. Ele parou, virou-se e esperou por ela.

— Deus esteja com você, Mohammed Khan — disse Jane, quando o alcançou.

— E com você também, Jane Debout — respondeu ele polidamente.

Ela fez uma pausa, recuperando o fôlego. Mohammed observava-a, com uma expressão de divertida tolerância.

— Como está Mousa? — Está bem e feliz, aprendendo a usar a mão esquerda. Um dia vai matar muitos russos com ela. Era uma piada: a mão esquerda era tradicionalmente usada para trabalhos "sujos", a direita, para comer. Jane sorriu em reconhecimento a seu espírito e disse: — Estou muito contente que tenhamos podido salvar sua vida.

Se ele achava que era um comentário desagracioso, não deixou transparecer.

— Serei eternamente seu devedor.

Era justamente o que Jane estava esperando.

— Há uma coisa que poderia fazer por mim agora. A expressão de Mohammed manteve-se impassível.

-se estiver ao meu alcance...

Ela olhou ao redor, procurando um lugar para sentar. Estavam parados perto de uma casa bombardeada. Pedras e terras da parede da frente haviam se derramado pelo caminho e podiam ver o interior da casa, onde as únicas coisas que restavam eram um penico rachado e, absurdamente, a fotografia colorida de um Cadillac, pregada na parede. Jane sentou-se nos escombros e, depois de um momento de hesitação, Mohammed sentou-se a seu lado.

— Está ao seu alcance — disse ela. — Mas vai lhe causar algum problema.

— O que é? — Pode pensar que se trata do capricho de uma mulher tola.

— É possível.

— Será tentado a me enganar, concordando com o pedido e depois "esquecendo" de cumprilo.

— Não.

— Peço para ser sincero comigo, quer recuse ou não.

— Está certo.

Já chega disso, pensou Jane.

— Quero que mande um mensageiro ao comboio e ordene que mude a rota de volta.

Ele ficou completamente aturdido: provavelmente esperava algum pedido doméstico, trivial.

— Mas por quê? — Acredita em sonhos, Mohammed Khan? Ele deu de ombros e respondeu, evasivo: — Sonhos são sonhos.

Talvez fosse o caminho errado, pensou Jane: uma visão podia ser melhor.

— Quando eu estava deitada na caverna, no auge do calor, tive a impressão de ver um

pombo branco. Ele se mostrou atento no mesmo instante e Jane compreendeu que dissera a coisa certa: os afegãos acreditavam que os pombos brancos eram às vezes habitados por espíritos.

Ela acrescentou: — Mas eu devia estar sonhando, porque o pombo tentou me falar.

— Ahn...

Mohammed encarou isso como um sinal de que ela tivera uma visão e não um sonho, pensou Jane. E continuou: — Não compreendi o que estava dizendo, embora prestasse toda atenção. Acho que falava em pashto. Mohammed estava agora de olhos arregalados.

— Um mensageiro do território pushtun!

— E depois vi Ismael Gul, o filho de Rabia, pai de Fará, parado ao lado do pombo.

Ela pôs a mão no braço de Mohammed e fitou-o nos olhos, pensando: Eu poderia acendê-lo como a uma lâmpada elétrica, seu homem tolo e vaidoso.

— Havia uma faca em seu coração e ele chorava lágrimas de sangue. Apontou para o cabo da faca, como se quisesse que eu a tirasse do seu peito. O cabo era incrustado de pedras preciosas. — Em algum lugar, no fundo de sua mente, Jane pensava: De onde tirei toda essa história? — Levantei e avancei em sua direção. Tinha medo, mas precisava salvar sua vida. E quando estendi a mão para pegar a faca...

— O que aconteceu?

— Ele desapareceu. Acho que acordei.

Mohammed fechou a boca escancarada, recuperou o controle, franziu o rosto, como se considerasse com extremo cuidado a interpretação do sonho. Agora, pensou Jane, era o momento de consumir a persuasão.

— Pode ser tudo uma tolice — disse ela, adotando no rosto uma expressão de garotinha, pronta para acatar o julgamento masculino superior. — É por isso que estou lhe pedindo para fazer isso por mim, para a pessoa que salvou a vida de seu filho, a fim de me proporcionar paz de espírito.

Mohammed mostrou-se um pouco insolente.

— Não há necessidade de invocar uma dívida de honra.

— Isso significa que vai fazer o que estou pedindo? Ele respondeu com uma pergunta: — Que tipo de pedras havia no cabo da faca? Oh, Deus, pensou Jane, qual deve ser a resposta correta? Ela pensou em dizer "esmeraldas", mas depois se lembrou que essas pedras estavam associadas ao Vale dos Cinco Leões e podiam insinuar que Ismael fora morto por um traidor do vale.

— Rubis.

Mohammed balançou a cabeça, lentamente.

— Ismael não falou com você?

— Parecia estar tentando falar, sem conseguir.

Ele tornou a assentir e Jane pensou: Vamos logo, tome uma decisão. Mohammed finalmente anunciou: — O presságio é claro. O comboio deve ser desviado. Graças a Deus, pensou Jane.

— Estou muito aliviada — murmurou ela, com absoluta sinceridade. — Não sabia o que fazer. E agora posso ter certeza de que Ahmed será salvo.

Imaginou o que poderia fazer para evitar que Mohammed mudasse de ideia. Não podia obrigá-lo a prestar um juramento. Perguntou-se se deveriam trocar um aperto de mão. Acabou

se decidindo por selar a promessa com um gesto ainda mais antigo: inclinou-se para a frente e beijou-o na boca, rápida mas gentilmente, sem lhe dar qualquer oportunidade de recusar ou retribuir.

— Obrigada! Sei que é um homem de palavra.

Jane levantou-se. Deixando-o sentado, parecendo um pouco atordoado, ela se virou e subiu correndo a trilha para as cavernas.

Lá no alto, parou e olhou para trás. Mohammed descia a encosta, já a alguma distância da casa bombardeada, a cabeça empenada, os braços balançando. Ele recebeu uma grande carga do beijo, pensou Jane. Eu deveria me sentir envergonhada. Tirei proveito de sua superstição, vaidade e sexualidade. Como uma feminista, não deveria explorar seus preconceitos — mulher psíquica, mulher submissa, mulher coquete — para manipulá-lo. Mas deu certo. Deu certo! Ela continuou a andar. Teria agora de lidar com Jean-Pierre. Ele voltaria ao anoitecer; esperaria até o meio da tarde, quando o sol estava um pouco menos quente, antes de iniciar a viagem, como Mohammed fizera. Jane tinha a impressão de que seria mais fácil manipular Jean-Pierre do que Mohammed. Por um lado, poderia dizer a verdade a Jean-Pierre. Por outro, ele estava errado.

Ela chegou às cavernas. O pequeno acampamento estava agora bastante movimentado. Jatos russos passaram ruidosos pelo céu. Todos pararam de trabalhar para observá-los, embora estivessem muito altos e muito distantes para um bombardeio. Depois que os aviões passaram, os garotos esticaram os braços como asas e saíram correndo, imitando o barulho das turbinas. Em seus voos imaginários, perguntou-se Jane, a quem estariam bombardeando? Ela entrou na caverna, verificou como estava Chantal, sorriu para Fará e pegou o diário. Tanto ela como Jean-Pierre escreviam no diário quase todos os dias. Era basicamente um registro médico, e o levariam de volta à Europa, em benefício de outros que seguiriam mais tarde para o Afeganistão. Havia sido encorajados a registrar também os sentimentos e problemas pessoais, a fim de que os outros soubessem o que os esperava. Jane escrevera comentários sobre a sua gravidez e o nascimento de Chantal, mas o relato da vida emocional fora bastante censurado.

Sentou-se encostada na parede da caverna, o diário sobre os joelhos. Escreveu a história do garoto de dezoito anos que morrera de choque alérgico. Deixou-a triste, mas não deprimida — uma reação saudável, disse a si mesma.

Acrescentou detalhes resumidos dos pequenos casos daquele dia e depois, devagar, folheou as páginas anteriores do diário. Os registros na letra desleixada, comprida e fina de Jean-Pierre eram sucintos, consistindo quase exclusivamente de sintomas, diagnósticos, tratamentos e resultados: Vermes, escrevia ele, ou Malária; depois Curado ou Estável, algumas vezes Morreu. Jane tendia a escrever frases como Ela se sentia melhor esta manhã ou A mãe tem tuberculose. Leu as anotações sobre os primeiros dias de sua gravidez, mamilos doloridos, coxas engrossando, enjôo pela manhã. Ficou interessada ao constatar que quase um ano antes escrevera Estou com medo de Abdullah.

Já tinha esquecido.

Jane guardou o diário. Passou as duas horas seguintes limpando e arrumando a caverna, junto com Fará; depois, estava na hora de descer para a aldeia e preparar-se para a noite. Enquanto descia pela trilha e se ocupava na casa, Jane pensou como poderia conduzir a conversa com Jean-Pierre. Sabia o que fazer — levá-lo-ia para dar um passeio — mas não sabia

exatamente o que dizer.

Ainda não tomara uma decisão quando ele chegou, poucos minutos depois. Limpou a poeira do rosto de Jean-Pierre com uma toalha úmida e depois serviu-lhe chá verde, numa xícara de porcelana. Ele estava agradavelmente cansado, em vez de exausto, Jane sabia; era um homem capaz de andar distâncias muito maiores. Ela sentou-se com ele enquanto ele tomava o chá, tentando não fitá-lo fixamente e pensando: Você mentiu para mim. Quando ele descansou por um instante, ela disse: — Vamos sair, como costumávamos fazer. Jean-Pierre ficou um pouco surpreso.

— Aonde quer ir? — A qualquer lugar. Não se lembra como sempre saíamos ao cair da noite no verão passado?

Ele sorriu.

— Claro que lembro.

Jane o amava quando ele sorria assim. Uma pausa e Jean-Pierre acrescentou: — Vamos levar Chantal? — Não. — Ela não queria ser distraída. — Chantal ficará muito bem com Fará.

— Está bem — murmurou ele, um pouco aturrido.

Jane mandou Fará preparar a refeição — chá, pão e iogurte — e depois saiu de casa com Jean-Pierre. A claridade do dia estava se desvanecendo e o ar vespertino era suave e fragrante. Era o melhor momento do dia no verão.

Enquanto passavam pelos campos, a caminho do rio, Jane recordou como se sentira naquele mesmo caminho no verão anterior: confusa, excitada, determinada a que tudo desse certo. Estava orgulhosa por ter se saído tão bem, mas contente porque a aventura terminaria em breve.

Começou a se sentir tensa à medida que se aproximava o momento do confronto, embora dissesse a si mesma que nada tinha a esconder, nada de que sentir-se culpada, nada a temer. Cruzaram o rio num ponto em que se alargava e ficava raso, sob uma projeção rochosa, depois subiram uma trilha sinuosa e íngreme pelo penhasco no outro lado. Lá no alto sentaram no chão, as pernas pendendo pelo precipício. Trinta metros abaixo o Rio dos Cinco Leões passava impetuoso, esbarrando em blocos de rocha e escumando furioso nas corredeiras. Jane contemplou o vale. O terreno cultivado era cruzado por canais de irrigação e muros de contenção de pedra. As cores verdes e douradas das colheitas maduras faziam com que os campos parecessem cacos de vidro colorido de um brinquedo quebrado. Aqui e ali a paisagem era estragada pelos danos das bombas — muros caídos, valas bloqueadas, crateras de lama entre o trigo ondulante. Um gorro redondo ou um turbante escuro ocasionais indicavam que alguns homens já estavam trabalhando, efetuando a colheita, enquanto os russos guardavam seus jatos e suas bombas para a noite. As cabeças cobertas por um lenço ou os vultos menores eram mulheres e crianças mais velhas, enquanto ainda restava alguma claridade. No outro lado do vale as terras aráveis faziam um esforço para subir pelas encostas inferiores da montanha, mas logo cediam à rocha poeirenta. Das casas à esquerda elevava-se a fumaça de alguns fogões, quase em linha reta, até ser desmanchada pela brisa. A mesma brisa trazia trechos ininteligíveis da conversa das mulheres, que tomavam banho além de uma curva do rio, correnteza acima. As vozes eram abafadas e não mais se ouvia a risada exuberante de Zahara, pois ela estava de luto. E tudo por causa de Jean-Pierre... O pensamento proporcionou coragem a Jane e ela disse abruptamente: — Quero que me leve para casa.

A princípio ele não entendeu e disse, irritado: — Ora, acabamos de chegar. — Depois ele fitou-a e franziu o rosto. — Ahn...

Havia um tom de serenidade em sua voz que Jane achou perigoso e compreendeu que não poderia impor sua vontade sem luta.

— Isso mesmo — disse ela, firmemente. — Quero voltar para casa.

Jean-Pierre passou o braço por seus ombros.

— Este país às vezes deixa as pessoas deprimidas. — Ele não a fitava, contemplando o rio que corria lá embaixo. — Você é especialmente vulnerável à depressão neste momento, logo depois do parto. Dentro de algumas semanas vai descobrir...

— Não me trate com esse jeito condescendente! — falou Jane com rispidez, pois não podia deixar que ele se esquivasse com aquelas bobagens. — Poupe isso para seus pacientes.

— Está bem. — Jean-Pierre retirou o braço. — Antes de partirmos, decidimos que ficaríamos aqui por dois anos. Concordamos que os períodos de serviços curtos são ineficientes, por causa do dinheiro e tempo desperdiçados em treinamento, viagem e assentamento. Estávamos determinados a causar um impacto de verdade e por isso assumimos o compromisso de um prazo de dois anos...

— E depois tivemos uma filha.

— Não foi ideia minha! — Seja como for, já não estou mais pensando como o antes.

— Não tem direito de mudar de ideia.

— Você não manda em mim! — protestou Jane, furiosa.

— É impossível. Vamos esquecer o problema. Não adianta discutir.

— Mal começamos! A atitude de Jean-Pierre deixava Jane cada vez mais enfurecida. A conversa se transformara numa discussão sobre os seus direitos como indivíduo e por algum motivo ela não queria ganhar pela revelação de que sabia tudo sobre o seu trabalho de espionagem — ou pelo menos ainda não. Queria que ele admitisse que ela era livre para tomar suas próprias decisões.

— Você não tem o direito de ignorar ou reprimir meus desejos. Quero ir embora neste verão.

— A resposta é não.

Jane resolveu que devia tentar argumentar.

— Estamos aqui há um ano. Já causamos um impacto. E também fizemos sacrifícios consideráveis, mais do que prevíamos. Não acha que é suficiente? — Concordamos que ficaríamos dois anos — insistiu Jean-Pierre, obstinado.

— Isso foi há muito tempo, e antes de Chantal nascer.

— Nesse caso, vocês duas podem partir e eu ficarei aqui. Jane considerou essa possibilidade por um momento. A viagem para o Paquistão num comboio, carregando uma criança pequena, era difícil e perigosa. Mas não era impossível. Só que significaria deixar Jean-Pierre para trás. Ele continuaria a traír os guerrilheiros, e a intervalos de poucas semanas mais maridos e filhos do vale morreriam. E havia outro motivo para que ela não o deixasse ali: isso destruiria o casamento.

— Não — disse ela, — não posso ir sozinha. Você tem de ir também.

— Não irei — respondeu ele, irritado. — Não irei de jeito nenhum! Jane teria agora de enfrentá-lo com o que sabia. Respirou fundo.

— Você terá de ir embora.

— Não irei. — Jean-Pierre apontou-lhe o indicador, ela o fitou nos olhos e descobriu algo que a assustou. — Não pode me obrigar. Nem tente.

— Acontece que eu posso...

— Aconselho você a não tentar — interrompeu-a Jean-Pierre, a voz terrivelmente fria. E de repente ele parecia um estranho, um homem que Jane não conhecia. Ela se manteve em silêncio por um momento, pensando. Observou um pombo se elevar da aldeia e voar em sua direção. Pousou na encosta do penhasco, um pouco abaixo de seus pés. Não conheço esse homem!, pensou ela, em pânico. Depois de um ano inteiro, ainda não sei quem ele é! — Você me ama? — murmurou Jane.

— Amá-la não significa que tenho de fazer tudo o que você quer.

— Isso é um sim? Ele fitou-a fixamente. Jane sustentou o olhar, inabalável. Pouco a pouco, o brilho implacável e maniaco desapareceu dos olhos de Jean-Pierre. Ele relaxou. E depois sorriu.

— É um sim.

Jane inclinou-se para ele, Jean-Pierre tornou a passar o braço por seus ombros e acrescentou, gentilmente: — Sim, eu amo você.

Ele beijou-a no alto da cabeça. Jane encostou o rosto em seu peito e olhou para baixo. O pombo que observara tornou a alçar voo. Era um pombo branco, como o de sua visão inventada. Flutuou para longe, planando sem esforço para a outra margem do rio. Jane pensou: Oh, Deus, o que Vou fazer agora? Foi o filho de Mohammed, Mousa — agora conhecido como Canhoto — o primeiro a avistar o comboio de volta. Ele entrou correndo na clareira diante das cavernas, gritando a plenos pulmões: — Eles voltaram! Eles voltaram! Ninguém precisava perguntar quem eram eles. A manhã ia pela metade, Jane e Jean-Pierre estavam trabalhando na clínica instalada na caverna. Uma insinuação de perplexidade surgiu no rosto de Jean-Pierre; ele se perguntava por que os russos não haviam usado suas informações para emboscar o comboio. Jane virou-se, a fim de que ele não percebesse o triunfo que sentia. Ela salvara as vidas de todos! Yussuf cantaria naquela noite, Sher Kador contaria suas cabras, Ali Ghanin beijaria cada um dos seus quatorze filhos. Yussuf era um dos filhos de Rabia: salvar sua vida era uma retribuição a Rabia por ajudá-la a trazer Chantal ao mundo. Todas as mães e filhas que estariam de luto agora, se não fosse por ela, podiam se regozijar.

Imaginou como Jean-Pierre estaria se sentindo. Furioso, frustrado ou desapontado? Era difícil imaginar alguém desapontado porque pessoas não haviam morrido. Jane lançou um olhar rápido para o marido, mas o rosto dele se mantinha impassível. Eu gostaria de saber o que está se passando em sua mente, pensou ela.

Os pacientes se retiraram em poucos minutos, pois todos queriam descer até a aldeia para dar as boas-vindas aos viajantes.

— Vamos descer? — perguntou Jane.

— Vá na frente — disse Jean-Pierre. — Terminarei tudo aqui e depois descerei também.

— Está certo.

Jane calculou que ele precisava de algum tempo para recuperar o controle, a fim de poder simular satisfação pelo retorno seguro, quando se encontrasse com os homens.

Pôs Chantal no colo e encaminhou-se para a trilha íngreme que descia para a aldeia.

Podia sentir o calor da rocha através das solas finas das sandálias.

Ainda não enfrentara Jean-Pierre. Só que aquela situação não poderia se prolongar indefinidamente. Mais cedo ou mais tarde, Jean-Pierre saberia que Mohammed enviara um mensageiro para desviar o comboio da rota predeterminada. Perguntaria a Mohammed por que fizera isso e Mohammedalaria da "visão" de Jane. Mas Jean-Pierre sabia que Jane não acreditava em visões...

Por que tenho medo?, perguntou a si mesma. Não sou a culpada... ele é que é. Mas sinto como se o seu segredo fosse alguma coisa de que devo me envergonhar. Deveria ter falado com ele imediatamente, naquela noite em que subimos para o topo do penhasco. Guardando o segredo por tanto tempo, também me tornei uma impostora. Talvez seja isso. Ou talvez seja a expressão estranha que descubro às vezes nos olhos de Jean-Pierre... Ela não desistira de voltar para casa, mas até agora não conseguira pensar num meio de persuadir Jean-Pierre a partir. Imaginara uma dúzia de esquemas bizarros, de simular uma mensagem dizendo que a mãe dele estava morrendo a envenenar seu iogurte com alguma coisa que provocaria os sintomas de uma doença que o obrigaria a voltar à Europa para tratamento. A mais simples e menos forçada de suas ideias fora a de ameaçar contar a Mohammed que Jean-Pierre era um espião. Nunca faria isso, é claro, pois desmascará-lo seria a mesma coisa que matá-lo. Mas Jean-Pierre pensaria que ela seria capaz de cumprir a ameaça? Provavelmente não. Seria preciso um homem duro, implacável, de coração de pedra, para acreditar que ela fosse capaz de virtualmente matar o marido — e se Jean-Pierre fosse tão duro, implacável e de coração de pedra, podia muito bem matar Jane.

Ela estremeceu, apesar do calor. Aquela história de matar era grotesca. Quando duas pessoas encontram tanto prazer no corpo uma da outra, como fazemos, pensou ela, como poderiam cometer qualquer violência contra quem amavam? Ao chegar à aldeia, ela começou a ouvir os disparos ao acaso que caracterizavam uma comemoração afegã. Encaminhou-se para a mesquita — tudo acontecia na mesquita.

O comboio estava no pátio, homens, cavalos e bagagem, cercados por mulheres sorrindo e crianças gritando. Jane parou à beira da multidão, observando. Valeu a pena, pensou ela. Valeu a pena a preocupação e o medo, valeu a pena manipular Mohammed de forma tão indigna, a fim de testemunhar este espetáculo, os homens voltando a se encontrar, são e salvos, com suas esposas, mães e filhos.

O que aconteceu em seguida foi provavelmente o maior choque da vida de Jane.

Ali, no meio da multidão, entre os gorros e turbantes, aparecia uma cabeça de cabelos louros e crespos. A princípio, ela não reconheceu aquela cabeça, apesar de parecer tão familiar que lhe provocou um aperto no coração. E depois a cabeça emergiu da multidão e ela viu, escondido por trás de uma barba loura extremamente cerrada, o rosto de Ellis Thaler.

Os joelhos de Jane ficaram subitamente fracos. Ellis? Ali? Impossível! Ele se aproximou. Usava a roupa de algodão larga dos afegãos, parecida com um pijama, uma manta suja em torno dos ombros largos. O pouco do rosto ainda visível por cima da barba estava muito bronzeado, tornando os olhos azul-celestes ainda mais impressionantes do que o habitual, como centáureas num trigal maduro.

Jane ficou atordoadas. Ellis parou na sua frente, com uma expressão solene.

— Olá, Jane.

Ela descobriu que não mais o odiava. Um mês antes o teria condenado por enganá-la e espionar seus amigos, mas agora sua raiva se desvanecera. Jamais gostaria de Ellis, mas podia tolerá-lo. E era bom ouvir alguém falar inglês, pela primeira vez em mais de um ano.

— Ellis... — murmurou ela, debilmente. — O que está fazendo aqui? — A mesma coisa que vocês.

O que isso significava? Espionar? Não, Ellis não sabia o que Jean-Pierre era. Ele percebeu a confusão de Jane e acrescentou: — Estou aqui para ajudar os rebeldes.

Ele descobriria sobre Jean-Pierre? Jane sentiu de repente medo pelo marido. Ellis poderia matá-lo.

— De quem é a criança? — indagou Ellis.

— Minha. E de Jean-Pierre. Seu nome é Chantal.

Jane reparou que Ellis parecia profundamente triste. E compreendeu que ele esperava encontrá-la infeliz com o marido. Oh, Deus, acho que ele ainda está apaixonado por mim, pensou ela. E tentou mudar de assunto: — Mas como vai ajudar os rebeldes? Ele levantou sua bolsa. Era grande, comprida, no formato de uma salsicha, de lona caqui, como uma antiga mochila de soldado.

— Vou ensiná-los a explodir estradas e pontes. Nesta guerra, estou no mesmo lado que você.

Mas não no mesmo lado que Jean-Pierre, pensou Jane. O que vai acontecer agora? Os afegãos não desconfiavam de Jean-Pierre, mas Ellis era treinado nos métodos da espionagem. Mais cedo ou mais tarde descobriria o que estava acontecendo.

— Quanto tempo ficará aqui? Se fosse uma permanência curta, ele talvez não tivesse tempo de desenvolver suspeitas.

— Durante o verão — respondeu Ellis, vagamente. Talvez ele não passasse muito tempo nas proximidades de Jean-Pierre.

— Onde vai se instalar? — Nesta aldeia.

— Ahn...

Ellis percebeu o desapontamento na voz dela e exibiu um sorriso irônico.

— Acho que eu não deveria esperar que você ficasse contente em me ver...

A mente de Jane estava num turbilhão. Se pudesse forçar Jean-Pierre a partir, ele não mais correria qualquer perigo. Ela se sentiu subitamente capaz de confrontá-lo.

Por que será?, especulou ela. É porque não tenho mais medo dele. E por que não tenho mais medo? Porque Ellis está aqui.

Eu não sabia que tinha medo de meu marido.

— Ao contrário — disse ela a Ellis, pensando Como estou calma! — Fico feliz porque você está aqui. Houve um momento de silêncio. Era evidente que Ellis não sabia o que concluir da reação de Jane. Ele acabou murmurando: — Tenho muitos explosivos e outros materiais no meio desta confusão. É melhor pegá-los. Jane assentiu.

— Está bem.

Ellis virou-se e desapareceu no meio da multidão. Jane deixou o pátio, andando devagar, sentindo-se um pouco atordoada. Ellis estava ali, no Vale dos Cinco Leões, e aparentemente ainda a amava.

Jean-Pierre estava saindo quando ela chegou em casa. Ele passara por ali a caminho da

mesquita, provavelmente para guardar a maleta médica. Jane não sabia o que lhe dizer.

— O comboio trouxe alguém que você conhece.

— Um europeu? — Isso mesmo.

— Quem é? — Vá descobrir. Terá uma surpresa e tanto.

Ele se afastou apressadamente. Jane entrou. O que Jean-Pierre faria em relação a Ellis?, pensou ela. Informaria aos russos. E os russos iam querer matar Ellis. A perspectiva deixou-a furiosa.

— Não vai haver mais mortes! — exclamou ela em voz alta. — Não permitirei! O som de sua voz fez Chantal chorar. Jane ninou-a por um momento e a menina ficou quieta. O que Vou fazer?, refletiu Jane.

Tenho de impedir que Jean-Pierre entre em contato com os russos.

Mas como? O contato não pode encontrá-lo na aldeia. Portanto, tudo o que tenho de fazer é manter Jean-Pierre aqui.

Direi a ele: Deve prometer que não deixará a aldeia. Se recusar, contarei a Ellis que você é um espião e ele cuidará então para que não deixe a aldeia.

E se Jean-Pierre fizesse a promessa e depois a quebrasse? Eu saberia que ele deixou a aldeia, saberia que estava indo ao encontro de seu contato russo, poderia alertar Ellis.

Ele tem qualquer outro meio de se comunicar com os russos? Deve haver alguma maneira de fazer contato no caso de uma emergência.

Mas não há telefones aqui, não há agência postal, não há serviço de mensageiros, não há pombos— correio.

Ele deve ter um rádio.

Se ele tem um rádio, então não tenho como impedi-lo.

Quanto mais pensava a respeito, mais convencida Jane ficava de que o marido tinha um rádio. Ele precisava marcar os encontros em cabanas de pedra. Em teoria, podiam ter sido todos marcados antes de sua partida de Paris, mas na prática isso era quase impossível: o que aconteceria quando ele fosse obrigado a faltar a um encontro, quando se atrasasse ou quando precisasse falar urgente com o contato? Ele deve ter um rádio.

O que posso fazer se ele tem um rádio? Posso tirar o rádio dele.

Ela pôs Chantal no berço e olhou ao redor. Foi para a sala da frente. Ali, sobre o balcão ladrilhado, no meio do que fora outrora uma loja, estava a maleta médica de Jean-Pierre.

Era o lugar óbvio. Ninguém tinha permissão para abrir a maleta, à exceção de Jane, que nunca tinha motivo para isso.

Ela abriu-a e começou a verificar o conteúdo, tirando uma coisa de cada vez. Não havia rádio.

Não seria tão fácil.

Ele deve ter um rádio e eu tenho de encontrá-lo, pensou Jane; se isso não acontecer, Ellis vai matá-lo ou ele matará Ellis.

Decidiu revistar a casa.

Verificou entre os suprimentos médicos nas prateleiras, procurando em todas as caixas e embalagens cujos lacres haviam sido rompidos, apressando-se com medo de que Jean-Pierre voltasse antes de acabar. Nada encontrou.

Foi para o quarto. Vasculhou as roupas de Jean-Pierre, depois as cobertas de inverno,

guardadas num canto. Nada. Movendo-se mais depressa, passou para a sala de estar e procurou freneticamente por possíveis esconderijos. A arca dos mapas! Abriu-a. Somente os mapas estavam ali. Fechou-a, fazendo o maior barulho. Chantal mexeu-se no berço, mas não chorou, embora estivesse quase na hora de mamar. Você é uma boa menina, pensou Jane; graças a Deus! Olhou atrás do armário de mantimentos e levantou o tapete, para o caso de haver algum buraco escondido no chão. Nada.

Tinha de estar em algum lugar. Não podia conceber que Jean-Pierre corresse o risco de esconder o rádio fora da casa, pois haveria o perigo de ser descoberto por acaso.

Voltou à loja. Se conseguisse encontrar o rádio, tudo ficaria direito: ele não teria outra opção senão ceder.

A maleta era mesmo o esconderijo óbvio, pois ele a levava a toda parte. Jane pegou-a. Era bastante pesada. Tornou a tatear por dentro. Tinha um fundo grosso.

Subitamente sentiu uma inspiração. A maleta podia ter um fundo falso.

Sondou o fundo com os dedos. Deve estar aqui, pensou; tem de estar. Ela enfiou os dedos pelo lado do fundo e puxou.

O fundo falso se desprende com facilidade.

E ali, no compartimento secreto, estava uma caixa preta de plástico. Jane pegou-a. É isto, pensou ela; ele faz contato com os russos por este pequeno rádio.

Por que também se encontra com eles pessoalmente? Talvez não possa revelar segredos pelo rádio, com medo de que alguém esteja na escuta. Talvez o rádio seja apenas para marcar os encontros e para emergências.

Como nas ocasiões em que ele não pode deixar a aldeia.

Ela ouviu a porta dos fundos se abrir. Apavorada, largou o rádio no chão e virou-se, olhando para a sala de estar. Viu Fará entrar, com uma vassoura.

— Santo Deus! — exclamou ela, bem alto.

Virou-se de novo, o coração disparado. Tinha de se livrar do rádio antes que Jean-Pierre voltasse. Mas como? Não podia jogá-lo fora, pois acabaria sendo encontrado.

Tinha de destruí-lo. Com quê? Não dispunha de um martelo. Uma pedra serviria.

Passou pela sala e saiu para o pátio. O muro do pátio era feito de pedras irregulares, unidas por argamassa arenosa. Ela levantou a mão e sacudiu uma das pedras de cima. Parecia firme. Experimentou outra e mais outra. A quarta pedra pareceu se desprender um pouco. Puxou com mais força. A pedra mexeu.

— Vamos, vamos! — gritou ela.

Puxou com força. A pedra cortou a pele de suas mãos. Fez mais força ainda e a pedra se desprende. Deu um pulo para trás quando a pedra caiu. Era mais ou menos do tamanho de uma lata de conserva.

Dava perfeitamente. Pegou-a com as duas mãos e voltou apressada para dentro da casa.

Foi para a sala da frente. Pegou no chão o rádio preto e colocou-o no balcão ladrilhado.

Levantou a pedra por cima da cabeça e baixou com toda a força sobre o rádio.

A caixa de plástico rachou.

Teria de bater com mais força ainda.

Levantou a pedra, tornou a bater. Desta vez a caixa quebrou, revelando as entranhas do instrumento. Jane viu um circuito impresso, um cone de alto-falante e duas pilhas com inscrições

em russo. Tirou as pilhas e jogou-as no chão, e começou a despedaçar o mecanismo.

Duas mãos agarraram-na por trás abruptamente e a voz de Jean-Pierre gritou: — O que está fazendo?

Jane debateu-se, desvencilhou-se por um momento e desfechou outro golpe no pequeno rádio.

Ela a agarrou pelos ombros, obrigou-a a se virar. Jane cambaleou e caiu no chão. E caiu de mau jeito, torcendo o pulso. Jean-Pierre olhava fixamente para o rádio; murmurou: — Está arruinado! E é irreparável! — Agarrou-a pela camisa e levantou-a. — Não sabe o que fez! Havia desespero e uma raiva intensa em seus olhos.

—largue-me! — berrou Jane. Jean-Pierre não tinha o direito de agir assim, quando fora ele quem mentira para ela. — Como se atreve a me tratar assim? — Como me atrevo? Jean-Pierre largou a camisa, esticou o braço para trás e depois agrediu-a com toda força. O golpe acertou-a no meio da barriga. Por uma fração de segundo, Jane ficou paralisada pelo choque; depois veio a dor, lá do fundo, onde ainda estava dolorida do nascimento de Chantal. Ela gritou e dobrou-se, as mãos comprimindo a barriga.

Os olhos estavam fechados e por isso ela não viu o segundo golpe se aproximando.

O murro acertou em cheio na sua boca. Ela gritou. Mal podia acreditar que Jean-Pierre estivesse lhe fazendo aquilo. Abriu os olhos e fitou-o, com pavor de que ele a agredisse outra vez.

— Como me atrevo? — berrou Jean-Pierre. — Como me atrevo? Jane caiu de joelhos no chão de terra e começou a chorar de dor, choque e desespero. A boca doía tanto que mal podia falar.

— Por favor, não me bata — conseguiu balbuciar. — Não me bata mais.

Ela estendeu a mão à frente, numa atitude defensiva. Jean-Pierre ajoelhou-se, empurrou sua mão para o lado e aproximou o rosto, quase encostando no dela.

— Há quanto tempo você sabia? Jane passou a língua pelos lábios. Já estavam inchando. Comprimiu-os com a manga, e o pano ficou manchado de sangue.

— Desde que o encontrei naquela cabana de pedra... a caminho de Cobak

— Mas não viu nada! — Ele falou com sotaque russo e disse que tinha bolhas nos pés.

Deduzi tudo daí. Houve uma pausa enquanto Jean-Pierre absorvia a informação.

— E por que só resolveu agir agora? Por que não quebrou o rádio antes? — Não tive coragem.

— E agora? — Ellis está aqui.

— E daí? Jane recorreu à pouca coragem que ainda lhe restava.

— Se você não parar com isso... espionar... contarei a Ellis e ele o impedirá. Jean-Pierre segurou-a pela garganta.

— E se eu estrangular você, sua puta? -se alguma coisa me acontecer... Ellis vai querer saber por quê. Ele ainda me ama. Jane não podia desviar os olhos do marido. O ódio ardia nos olhos dele.

— Agora nunca mais Vou pegá-lo! — disse ele.

Jane especulou a quem ele estaria se referindo. Ellis? Não. Masud? Seria possível que o objetivo final de Jean-Pierre fosse matar Masud? As mãos dele ainda estavam em sua garganta. Ela sentiu que apertavam. Continuou a fitá-lo, apavorada.

E foi nesse instante que Chantal chorou.

A expressão de Jean-Pierre mudou drasticamente. A hostilidade desapareceu dos olhos, o brilho tenso e obsessivo de ira se apagou; e, finalmente, para espanto de Jane, ele pôs as mãos sobre os olhos e começou a chorar.

Ela ficou incrédula. Descobriu-se a sentir pena de Jean-Pierre e pensou: Não seja idiota, o filho da puta acaba de espancá-la. Mas, contra sua vontade, ela ficou comovida pelas lágrimas e murmurou: — Não chore...

Sua voz era surpreendentemente gentil. Ela encostou a mão no rosto do marido, que balbuciou: — Desculpe... lamento muito o que fiz com você. O trabalho de minha vida... tudo por nada.

Jane compreendeu com espanto e um pouco de repulsa por si mesma que não estava mais com raiva de Jean-Pierre, apesar dos lábios inchados e da dor na barriga. Cedeu ao sentimento, enlaçou-o e afagou as costas dele, como se confortasse uma criança.

— Só por causa do sotaque de Anatoly — murmurou ele. — Só por causa disso.

— Esqueça Anatoly. Deixaremos o Afeganistão e voltaremos à Europa. Partiremos com o próximo comboio.

Ele tirou as mãos do rosto e fitou-a.

— Quando voltarmos a Paris...

— O quê? — Quando estivermos em casa... ainda Vou querer que continuemos juntos.

Pode me perdoar? Amo você... sinceramente, sempre amei. E estamos casados. E há Chantal.

Por favor, Jane... por favor, não me deixe. Está bem? Para sua surpresa, Jane não sentiu qualquer hesitação. Ali estava o homem que ela amava, seu marido, o pai de sua filha; e ele estava em dificuldade, clamando por socorro.

— Não irei a lugar nenhum.

— Prometa... prometa que não vai me deixar.

— Ela sorriu, com a boca sangrando.

— Amo você e prometo que não vou deixá-lo.

Capítulo 9

Ellis sentia-se frustrado, impaciente e irritado. Frustrado porque chegara ao Vale dos Cinco Leões há sete dias e ainda não se encontrara com Masud. Impaciente porque era um purgatório diário para ele ver Jane e Jean-Pierre vivendo juntos, trabalhando juntos, partilhando o prazer da filha. E irritado porque fora ele e mais ninguém quem o levara à deplorável situação.

Fora informado de que se encontraria naquele mesmo dia com o grande homem, mas Masud ainda não aparecera. Ellis passara todo o dia anterior andando, a fim de chegar ali. Estava na extremidade sudoeste do Vale dos Cinco Leões, em território russo. Deixara Banda em companhia de três guerrilheiros — Ali Ghanin, Matullah Khan e Yussuf Gul — mas em cada aldeia pelo caminho mais dois ou três homens haviam aderido ao grupo e agora havia um total de trinta. Sentaram-se num círculo, por baixo de uma figueira, no topo de uma colina, comendo figos e esperando.

Na base da colina começava uma planície que se estendia para o sul — até Kabul, embora a cidade estivesse a oitenta quilômetros de distância e não pudessem vê-la.

Na mesma direção, só que bem mais perto, ficava a base aérea de Bagram, a apenas quinze quilômetros: seus prédios não eram visíveis, mas podiam ver de vez em quando um jato alçando voo. A planície era um mosaico fértil de campos arados e pomares, cruzada por córregos, todos desaguando no Rio dos Cinco Leões, que corria, mais largo e mais profundo agora, mas igualmente rápido, na direção da capital. Uma estrada irregular passava pela base da colina e subia o vale, indo até a cidadezinha de Rokha, limite setentrional do território russo ali. Não havia muito movimento na estrada: umas poucas carroças de camponeses e um ou outro carro blindado. No ponto em que a estrada cruzava o rio havia uma ponte nova, construída pelos russos. Ellis ia explodir essa ponte.

As aulas sobre explosivos que ele estava dando, a fim de encobrir por tanto tempo quanto possível a sua verdadeira missão, eram extremamente populares e ele fora obrigado a limitar o número de alunos. E tudo isso apesar de seu dari precário. Lembrava um pouco do farsi de Teerã e aprendera muita coisa de dari na viagem com o comboio até o vale. Podia falar sobre a paisagem, comida, cavalos e armas, mas ainda não era capaz de dizer coisas como A depressão no material explosivo tem o efeito de concentrar a detonação. Mesmo assim, a ideia de explodir coisas era um apelo tão grande para o machismo afegão que ele sempre tinha uma audiência atenta.

Não podia ensinar as fórmulas para calcular a quantidade de TNT necessária para um trabalho ou mesmo mostrar como usar a fita computadorizada à prova de idiotas do exército americano, pois nenhum deles conhecia a matemática da escola primária e a maioria não sabia ler. Não obstante, podia mostrar-lhes como destruir coisas com mais eficácia e ao mesmo tempo usar menos material — o que era muito importante, pois havia escassez de material bélico. Também tentara fazer com que adotassem precauções básicas de segurança, mas nisso falhara: para aqueles homens, a cautela era covardia. E durante todo o tempo ele era torturado por Jane.

Sentia ciúme quando a via tocar em Jean-Pierre; sentia inveja quando via os dois trabalhando na clínica da caverna, com tanta eficiência e harmonia; e era consumido pelo desejo

ao vislumbrar os seios intumescidos de Jane nas ocasiões em que ela amamentava a filha. Passava noites acordado, no saco de dormir, na casa de Ismael Gul, onde estava hospedado, virando-se constantemente, às vezes suando, às vezes tremendo, incapaz de encontrar qualquer posição confortável no chão de terra batida, tentando não ouvir os sons abafados de Ismael e a mulher fazendo amor, a poucos metros de distância, no quarto ao lado, e as palmas de suas mãos começavam a comichar, na ânsia de acariciarem Jane.

Não podia culpar ninguém por tudo aquilo, a não ser a si próprio. Oferecera-se para a missão na tola esperança de recuperar Jane. Fora uma atitude antiprofissional, além de imatura. Tudo o que podia fazer era sair dali o mais depressa possível. E não podia fazer nada enquanto não encontrasse Masud.

Levantou-se e deu uma volta, irrequieto, mas tomando cuidado de permanecer à sombra da árvore, a fim de não ser visível da estrada. A poucos metros de distância havia uma massa de metal retorcido, onde um helicóptero caíra. Viu um pedaço de aço fino, mais ou menos do tamanho e do formato de um prato de jantar, o que lhe deu uma ideia. Estivera imaginando como demonstrar o efeito de cargas moldadas e agora percebia uma maneira.

Tirou da mochila um pedaço pequeno e achatado de TNT e um canivete. Os guerrilheiros se agruparam ao seu redor. Entre eles estava Ali Ghanin, um homem pequeno e disforme — nariz torto, dentes deformados, um pouco corcunda — que os outros diziam ter quatorze filhos. Ellis esculpiu o nome Ali, em caracteres persas, no TNT.

Mostrou aos homens. Ali reconheceu seu nome.

— Ali — disse ele, sorrindo e mostrando os dentes horríveis. Ellis pôs o explosivo no pedaço de aço, o lado esculpido para baixo.

— Espero que dê certo — comentou ele sorrindo.

Todos retribuíram o sorriso, embora nenhum falasse inglês. Ele tirou um rolo de estopim da espaçosa mochila e cortou um pedaço de um metro e vinte centímetros. Pegou a caixa de detonadores, tirou um, e inseriu a extremidade do estopim na cápsula cilíndrica. Prendeu o detonador na carga de TNT.

Olhou para a estrada. Não havia qualquer tráfego. Desceu a encosta com a pequena bomba e colocou — a no chão, a cerca de cinquenta metros de distância. Acendeu o estopim com um fósforo e tornou a subir para a figueira.

Era um estopim que queimava devagar. Enquanto esperava, Ellis especulou se Masud mandara que os outros guerrilheiros o observassem e avaliassem. O líder estaria esperando pela garantia de que Ellis era um homem sério, a quem os guerrilheiros poderiam respeitar? O protocolo era sempre importante num exército, mesmo sendo um exército revolucionário. Mas Ellis não podia aguardar por muito mais tempo. Se Masud não aparecesse hoje, ele teria de abandonar toda aquela história de explosivos, confessar que era um enviado especial da Casa Branca e exigir um encontro imediato com o líder rebelde.

Houve uma explosão insignificante e uma pequena nuvem de poeira. Os guerrilheiros pareciam desapontados. Ellis foi pegar o pedaço de metal, usando o lenço, para o caso de estar muito quente. O nome Ali cortara o aço, nas letras irregulares da escrita persa. Ele mostrou aos guerrilheiros, que desataram numa conversa excitada.

Ellis ficou satisfeito: era uma demonstração incontestável de que o explosivo se tornava mais poderoso onde era deprimido, ao contrário do que o bom senso podia sugerir.

Os guerrilheiros ficaram subitamente em silêncio. Ellis olhou ao redor e avistou outro grupo se aproximando da colina, formado por sete ou oito homens. Os rifles e gorros redondos indicavam que eram guerrilheiros. Ao chegarem perto, Ali empertigou-se, quase como se estivesse prestes a bater continência. Ellis perguntou: — Quem são? — Masud — respondeu Ali.

— Qual deles? — O que está no meio. Ellis observou atentamente a figura central do grupo. Masud parecia com os outros, a princípio: um homem magro, de estatura mediana, vestindo roupas caquís e botas russas. Ellis observou o rosto. Tinha a pele clara, um bigode escasso, a barba rala de um adolescente. O nariz era comprido e adunco. Os olhos escuros alertas estavam cercados por rugas que o faziam parecer cinco anos mais velho do que a sua apregoadada idade de 28 anos. Não era um rosto bonito, mas oferecia um ar de inteligência intensa e autoridade serena que o distinguia dos homens ao redor. Avançou diretamente para Ellis, a mão estendida.

— Sou Masud.

— Ellis Thaler.

Ellis apertou-lhe a mão e Masud acrescentou, em francês: — Vamos explodir aquela ponte.

— Quer começar agora? — Quero.

Ellis pôs o equipamento na mochila, enquanto Masud circulava pelo grupo de guerrilheiros, apertando as mãos de alguns, acenando com a cabeça para outros, abraçando um ou dois, dirigindo umas poucas palavras a cada um.

Quando estavam prontos, desceram a colina como um bando irregular, a fim de que — Ellis presumiu — os observadores pensassem, se fossem vistos, que se tratava de um grupo de camponeses, em vez de uma unidade do exército rebelde. Ao chegarem à base da colina não eram mais visíveis da estrada, embora pudessem ser avistados de um helicóptero. Ellis calculou que procurariam cobertura se ouvissem um helicóptero se aproximar. Encaminharam-se para o rio, seguindo por uma trilha entre os campos cultivados. Passaram por várias casas pequenas e foram observados por pessoas que trabalhavam nos campos; algumas os ignoraram deliberadamente, outras acenaram e gritaram saudações. Alcançaram o rio e foram andando pela margem, aproveitando a possível cobertura dos blocos de rocha e da vegetação escassa à beira d'água. Quando estavam a cerca de trezentos metros da ponte um pequeno comboio de caminhões militares começou a atravessá-la; todos os guerrilheiros se esconderam, enquanto os veículos passavam, ruidosamente, a caminho de Rokha. Ellis foi postar-se sob um salgueiro e descobriu Masud ao seu lado.

— Se destruírmos a ponte — disse Masud — cortaremos a linha de suprimentos deles para Rokha. Depois que o comboio passou, eles esperaram mais alguns minutos antes de percorrerem o resto do caminho até a ponte. Agruparam-se embaixo da ponte, invisíveis da estrada.

No meio, a ponte se elevava seis ou sete metros acima do rio, que parecia ter uns três metros de profundidade ali. Ellis constatou que era uma ponte simples, com duas vigas de aço compridas, ou longarinas, sustentando um bloco de concreto e estendendo-se de uma margem a outra, sem qualquer suporte intermediário. O concreto era uma carga morta, as vigas sustentavam toda a tensão. Bastava parti-las e a ponte estaria destruída. Ellis iniciou os preparativos. A TNT estava em blocos amarelos de meio quilo. Fez uma pilha com dez blocos e prendeu-os juntos. Fez mais três pilhas idênticas, usando todo o seu explosivo. Usava o TNT porque era o material encontrado com mais frequência em bombas, granadas, minas e granadas

de mão, e os guerrilheiros obtinham a maior parte de seus suprimentos de artefatos russos que não explodiam. O explosivo plástico seria mais apropriado a suas necessidades, pois podia ser enfiado em buracos, enrolado em vigas, moldado em qualquer forma necessária — mas eles tinham de trabalhar com os materiais que podiam encontrar e roubar. Talvez conseguissem de vez em quando arrumar um pouco de plástico de engenheiros russos, trocando pela maconha cultivada no vale, mas a transação — que envolvia intermediários no exército afegão regular — era arriscada e os suprimentos, limitados. Ellis fora informado de tudo isso pelo homem da CIA em Peshawar e constataria a realidade. As vigas estavam separadas por cerca de dois metros e meio. Ellis disse em dari indicando essa distância: — Alguém me traga um galho deste tamanho.

Um guerrilheiro afastou-se pela margem do rio e arrancou uma árvore nova. Ellis acrescentou: — Preciso de outro, do mesmo tamanho.

Colocou uma pilha de TNT na parte inferior de uma das vigas e pediu a um guerrilheiro que a segurasse na posição. Pôs uma segunda pilha na outra viga, na mesma posição; ajeitou o galho entre as duas pilhas, a fim de mantê-las no lugar. Vadeou o rio e fez exatamente a mesma coisa no outro lado da ponte.

Descreveu tudo o que estava fazendo numa mistura de dari, francês e inglês, deixando-os entender o que pudessem — o mais importante era que observassem o que estava fazendo e vissem os resultados. Usou Primacord, o estopim detonador que queimava seis mil metros por segundo, ligando as quatro cargas para que explodissem simultaneamente.

Fez um laço, fazendo o Primacord voltar sobre si mesmo. Explicou a Masud, em francês, que o efeito seria o estopim queimar até o TNT pelas duas extremidades; assim, se o estopim fosse cortado, por algum motivo, em um ponto, a bomba ainda explodiria. Recomendou que sempre se fizesse isso, como precaução de rotina.

Ellis sentia-se estranhamente feliz enquanto trabalhava. Havia algo de calmante nas tarefas mecânicas e no cálculo frio da quantidade de explosivo. E agora que já mostrara tudo a Masud, poderia cuidar de sua verdadeira missão.

Puxou o Primacord pela água, a fim de que ficasse menos visível — queimaria perfeitamente debaixo d'água — e levou para a margem do rio. Prendeu um detonador na extremidade do Primacord, depois acrescentou um estopim comum, de queima lenta, para quatro minutos.

— Está pronto? — ele perguntou a Masud.

— Estou.

Ellis acendeu o estopim.

Todos se afastaram depressa, subindo o rio, pela margem. Ellis sentia um certo júbilo infantil secreto pela enorme explosão que estava prestes a criar. Os outros também pareciam excitados, e ele se perguntou se seria tão ruim em disfarçar seus sentimentos quanto aqueles guerrilheiros afegãos. Mas de repente as expressões se alteraram dramaticamente. Todos ficaram alertas, como passarinhos escutando minhocas na terra; e depois Ellis ouviu também — o rumor distante de lagartas de tanques.

A estrada não era visível do lugar em que se encontravam, mas um dos guerrilheiros subiu depressa por uma árvore e informou: — Dois.

Masud pegou o braço de Ellis.

— Pode destruir a ponte quando os tanques estiverem passando?

Mas que merda, pensou Ellis, isto é um teste!

— Posso — respondeu ele.

Masud balançou a cabeça, sorrindo.

— Ótimo.

Ellis subiu pela árvore e foi se postar ao lado do guerrilheiro, olhando através dos campos para a estrada. Dois tanques pretos rodavam pesadamente pela estrada pedregosa, vindo de Kabul. Ficou tenso: era a primeira visão do inimigo, com as placas blindadas e os enormes canhões, os tanques pareciam invulneráveis, especialmente em contraste com os guerrilheiros maltrapilhos e seus rifles; apesar disso, o vale estava coalhado dos destroços de tanques que os guerrilheiros haviam destruído, com minas de fabricação doméstica, granadas bem lançadas e foguetes roubados.

Não havia outros veículos com os tanques. Não era uma patrulha, portanto, nem uma expedição ofensiva; os tanques provavelmente estavam sendo levados para Rokha depois de consertados em Bagram ou talvez chegados da União Soviética. Começou a calcular.

Os tanques avançavam a cerca de quinze quilômetros horários; chegariam portanto à ponte dentro de um minuto e meio. O estopim estava queimando há menos de um minuto, faltavam pelo menos três minutos. Daquele jeito, os tanques atravessariam a ponte e estariam a uma distância segura antes da explosão.

Ellis desceu da árvore e começou a correr, pensando: Quantos anos já se passaram desde a última vez em que estive numa zona de combate? Ouviu passos em seu encalço e olhou para trás. Ali o seguia, sorrindo horrivelmente, e mais dois homens o acompanhavam. Os outros se abrigavam pela margem do rio.

Um momento depois ele alcançou a ponte e se abaixou, apoiado num joelho, ao lado do estopim de queima lenta, ao mesmo tempo em que tirava a mochila do ombro. Continuou a calcular, enquanto tateava pela mochila aberta e encontrava o canivete. Os tanques deviam estar agora a um minuto de distância. O estopim queimava à velocidade de trinta centímetros a cada trinta ou quarenta e cinco segundos. Aquele rolo em particular seria lento, médio ou rápido? Ellis tinha a impressão de que era rápido.

Ou seja, trinta centímetros para uma espera de trinta segundos. E em trinta segundos ele poderia correr cerca de cento e cinquenta metros, o suficiente para se pôr em segurança, embora por um triz.

Abriu o canivete e entregou-o a Ali, que se ajoelhou ao seu lado. Depois, pegou o estopim a cerca de trinta centímetros do ponto em que se unia ao detonador, segurando com as duas mãos, para Ali cortar. Segurou a extremidade cortada com a mão esquerda e o estopim ardendo com a direita. Não sabia se já estava na hora de reacender a ponta cortada. Precisava verificar a que distância estavam os tanques.

Subiu o barranco, ainda segurando os dois pedaços de estopim. Por trás dele, o Primacord estendia-se pelo rio. Levantou a cabeça por cima do parapeito da ponte.

Os enormes tanques pretos se aproximavam. Quanto tempo ainda faltava? Ellis calculou rapidamente. Contou os segundos, avaliando o avanço dos tanques; e depois, sem calcular, mas torcendo pelo melhor, encostou a ponta acesa do estopim cortado à outra extremidade, ainda ligada às bombas.

Pôs o estopim no chão, com todo cuidado, e começou a correr. Ali e os outros dois

guerrilheiros o seguiram.

A princípio, estavam ocultos dos tanques pela margem do rio; mas quando os tanques chegaram mais perto, os quatro homens correndo se tornaram claramente visíveis.

Ellis contava os lentos segundos, enquanto o ronco dos tanques virava um estrondo.

Os artilheiros nos tanques hesitaram apenas por um momento: podia-se presumir que afegãos correndo eram guerrilheiros e, portanto, sujeitos à prática de tiro ao alvo. Houve um estampido duplo e duas granadas voaram por cima da cabeça de Ellis. Ele mudou de direção, correndo para o lado, afastando-se do rio, enquanto pensava: O artilheiro ajusta a mira... vira o cano em minha direção... acerta o alcance... agora. Tornou a mudar de direção, correndo de volta ao rio, e um segundo depois ouviu outro estampido. A granada caiu bastante perto para salpicá-lo de terra e pedras. A próxima vai me acertar, pensou ele, a menos que a porra da bomba exploda.

Mas que merda! Por que eu tinha de mostrar a Masud como sou macho? E depois ele ouviu uma metralhadora abrir fogo. É difícil mirar de um tanque em movimento, pensou; mas talvez eles parem. Imaginou a chuva de balas de metralhadora aproximando-se e passou a correr em ziguezague. Compreendeu de repente que podia adivinhar exatamente o que os russos fariam: parariam os tanques no ponto em que tivessem uma vista melhor dos guerrilheiros em fuga, que seria em cima da ponte. Mas a bomba explodiria antes de as metralhadoras atingirem os alvos? Ellis correu ainda mais depressa, o coração batendo forte, respirando aos arrancos. Não quero morrer, mesmo que ela o ame, pensou. Viu balas lascarem um bloco de rocha quase à sua frente. Mudou de rumo abruptamente, mas as balas seguiram-no. Parecia irremediável, era um alvo fácil.

Ouviu um dos guerrilheiros por trás soltar um grito, depois foi alvejado, duas vezes, em rápida sucessão: sentiu uma dor ardente no quadril e depois um impacto, como um golpe vigoroso, na nádega direita. A segunda bala paralisou a perna por um instante, ele tropeçou e caiu, machucando o peito, rolando, para ficar de costas no chão. Sentou, ignorando a dor, e tentou se mexer. Os dois tanques haviam parado na ponte. Ali, que corria logo atrás dele, pôs as mãos agora sob as axilas de Ellis, tentou levantá-lo. Os dois eram alvos imóveis: os artilheiros nos tanques não poderiam errar.

E foi nesse instante que a bomba explodiu. Um espetáculo sensacional.

As quatro explosões simultâneas partiram a ponte nas extremidades, deixando a parte do meio — com os dois tanques em cima — totalmente sem apoio. A princípio caiu devagar, as extremidades rompidas rangendo; depois se desprende por completo e tombou de maneira espetacular no rio impetuoso, com um estrondo colossal. As águas se entreabriram, deixando o leito do rio visível por um momento, e depois tornaram a se unir, com um troar medonho.

Depois que o barulho se desvaneceu, Ellis ouviu os guerrilheiros aclamando.

Alguns saíram de seus abrigos e correram para os tanques parcialmente submersos. Ali levantou Ellis. A sensação voltou às suas pernas e era de dor intensa.

— Não sei se posso andar — murmurou ele para Ali, em dari. Ellis deu um passo e teria caído se Ali não o amparasse. Ele disse, em inglês: — Oh merda! Estou com uma bala no rabo! Ouviu tiros. Virou a cabeça para ver os russos sobreviventes tentando escapar dos tanques e sendo alvejados pelos guerrilheiros. Aqueles afegãos eram filhos da puta implacáveis. Olhando para baixo, Ellis constatou que a perna direita da calça estava encharcada de sangue. Presumiu

que devia ser do ferimento superficial; sentia que a bala ainda estava encravada no outro ferimento. Masud aproximou-se, com um sorriso largo.

— bom trabalho com a ponte — disse ele, em seu francês carregado. — Magnífico! — Obrigado. Mas não vim até aqui para explodir pontes. — Ellis sentia-se fraco e um pouco tonto, mas aquele era o momento de declarar sua missão. — Vim para fazer um acordo.

Masud fitou-o com uma expressão de curiosidade.

— De onde você é?

— Washington. Casa Branca. Represento o Presidente dos Estados Unidos. Masud acenou com a cabeça, sem deixar transparecer qualquer surpresa.

— Ótimo. Estou contente.

Foi nesse momento que Ellis desmaiou. Apresentou a proposta a Masud naquela noite.

Os guerrilheiros armaram uma maca e carregaram-no pelo vale acima até Astana, onde pararam ao anoitecer. Masud já enviara um mensageiro a Banda para buscar Jean-Pierre, que chegaria no dia seguinte para extrair a bala da nádega de Ellis. Todos se acomodaram no pátio de uma casa de fazenda. A dor de Ellis abrandara, mas a viagem o deixara mais fraco. Os guerrilheiros haviam posto ataduras improvisadas em seus ferimentos. Cerca de uma hora depois da chegada serviram-lhe chá verde, quente e adocicado, que o recuperou um pouco. Mais tarde, todos comeram amoras e iogurte como jantar.

Era o que geralmente acontecia com os guerrilheiros, como Ellis já observara durante a viagem com o comboio do Paquistão para o vale: uma ou duas horas depois de chegarem a algum lugar, a comida aparecia. Ellis não sabia se eles compravam, requisitavam ou recebiam de presente, mas calculava que lhes era dada de graça, algumas vezes de bom grado, outras com relutância.

Depois de comerem, Masud sentou-se ao lado de Ellis. Durante os minutos seguintes, os outros guerrilheiros se afastaram, deixando Masud e dois de seus lugares-tenentes a sós com Ellis. Ellis sabia que precisava falar agora com Masud, pois talvez não houvesse outra oportunidade por uma semana ou mais. Mas sentia-se muito fraco e exausto para aquela tarefa sutil e difícil. Masud disse: — Há muitos anos um país estrangeiro pediu ao rei do Afeganistão quinhentos guerreiros para ajudar numa guerra. O rei afegão enviou cinco homens do nosso vale, com uma mensagem dizendo que é melhor ter cinco leões do que quinhentas raposas. É por isso que nosso vale passou a ser chamado de Vale dos Cinco Leões. — Ele sorriu.

— Você foi um leão hoje.

Ellis disse: — Ouvi uma lenda dizendo que havia cinco grandes guerreiros, conhecidos como Cinco Leões, que guardavam as cinco entradas para o vale. E ouvi dizer que é por isso que chamam você de Sexto Leão.

— Já chega de lendas — disse Masud, sorrindo outra vez. — O que tem para me falar? Ellis ensaiara aquela conversa e em seu roteiro ela não começava de maneira tão abrupta. Era evidente que Masud não adotava o estilo oriental indireto.

— Gostaria primeiro de conhecer a sua avaliação da guerra. Masud acenou com a cabeça e pensou por alguns segundos.

— Os russos têm doze mil homens em Rokha, o portão para o vale. A disposição é a de sempre: primeiro, campos minados, depois tropas afegãs, em seguida as tropas russas, a fim de impedir os afegãos de fugirem. Estão esperando mais doze mil homens como reforços.

Planejam lançar uma grande ofensiva pelo vale dentro de duas semanas. O objetivo é destruir nossas forças.

Ellis se perguntou como Masud teria obtido informações tão precisas, mas não cometeu a falta de tato de indagar. Em vez disso, limitou-se a perguntar: — E a ofensiva será vitoriosa? — Não — respondeu Masud com serena confiança. — Quando eles atacarem, nós desapareceremos nas colinas, e assim não há ninguém para combaterem. Quando eles param, nós os atacamos de terreno mais alto e cortamos suas linhas de comunicação. Vamos desgastando-os aos poucos. E eles se descobrem a gastar vastos recursos para controlar um território que não lhes proporciona qualquer vantagem militar. E acabam batendo em retirada. É sempre assim.

Era um relato de manual sobre a guerra de guerrilhas, refletiu Ellis. Não havia a menor dúvida de que Masud poderia ensinar muito aos outros líderes tribais.

— Por quanto tempo os russos podem continuar a desfechar esses ataques inúteis? Masud deu de ombros.

— Está nas mãos de Deus.

— Conseguirão algum dia expulsá-los do país? — Os vietnamitas expulsaram os americanos — respondeu Masud, sorrindo.

— Sei disso... eu estava lá. Sabe como eles conseguiram? — Um fator importante, em minha opinião, é que os vietnamitas recebiam dos russos carregamentos das armas mais modernas, especialmente mísseis portáteis terra-ar.

É a única maneira de forças guerrilheiras reagirem aos aviões e helicópteros.

— Concordo plenamente. E o que é ainda mais importante, o governo dos Estados Unidos também concorda. Gostaríamos de ajudá-los a obter armas melhores. Mas precisaríamos dar um jeito para que vocês tivessem um progresso concreto contra o inimigo com essas armas. O povo americano gosta de saber o que está recebendo em troca de seu dinheiro. Quando você acha que a resistência afegã será capaz de desfechar ataques unificados, em escala nacional, contra os russos, da maneira como os vietnamitas faziam ao final da guerra? Masud sacudiu a cabeça, hesitante.

— A unificação da resistência ainda se encontra num estágio inicial.

— Quais são os principais obstáculos? Ellis prendeu a respiração, rezando para que Masud desse a resposta esperada.

— A desconfiança entre os diferentes grupos combatentes é o principal obstáculo. Ellis soltou um disfarçado suspiro de alívio. Masud acrescentou: — Somos tribos diferentes, nações diferentes, temos comandantes diferentes. Outros grupos guerrilheiros emborcam meus comboios e roubam meus suprimentos.

— Desconfiança — repetiu Ellis. — O que mais? — Comunicação. Precisamos de uma rede regular de mensageiros. Em algum momento, no futuro, vamos precisar também do contato de rádio.

— Desconfiança e comunicações insuficientes. — Era isso o que Ellis esperava ouvir. — Vamos conversar a respeito de outra coisa.

Sentia-se extremamente cansado, pois perdera muito sangue. Tinha uma vontade quase irresistível de fechar os olhos.

— Vocês aqui no vale desenvolveram a arte da guerrilha com mais sucesso do que os grupos em outras regiões do Afeganistão. Outros líderes ainda desperdiçam seus recursos

defendendo terras baixas e atacando posições fortes. Gostaríamos que treinassem homens de outras partes do país em táticas modernas de guerrilha. Poderia aceitar essa possibilidade? — Claro... e creio que sei onde você está querendo chegar. De pois de um ano, haveria em cada zona da Resistência um pequeno efetivo de homens treinados no Vale dos Cinco Leões. Poderiam formar uma rede de comunicações. Compreenderiam uns aos outros, confiariam em mim...

A voz de Masud sumiu, mas Ellis pôde perceber, pela expressão em seu rosto, que ele ainda estava desenvolvendo na cabeça todas as implicações.

— Muito bem. — Ellis já estava esgotado, mas quase concluía o acordo. — Aqui está a minha proposta. Se conseguir obter a concordância dos outros comandantes e iniciar o programa de treinamento, os Estados Unidos fornecerão os lançadores de foguetes RPG-7, mísseis terra-ar e equipamento de rádio. Mas há dois outros comandantes em particular que devem participar do acordo: Jahan Kamil, do Vale Pich; e Amai Azizi, o comandante de Faizabad.

Masud sorriu, pesaroso.

— Escolheu os mais difíceis.

— Sei disso. Pode dar um jeito?

— Dê-me algum tempo para pensar a respeito.

— Está certo.

Exausto, Ellis estendeu-se no chão frio e fechou os olhos. Um momento depois estava dormindo.

Capítulo 10

Jean-Pierre andava a esmo pelos campos enlaurados, mergulhado na mais profunda depressão. Uma semana antes estava realizado e feliz, senhor da situação, realizando um trabalho útil, enquanto aguardava sua grande oportunidade. Agora, estava tudo acabado, sentia-se imprestável, um fracasso, superado.

Não havia saído. Repassara muitas vezes as possibilidades, terminando sempre com a mesma conclusão: tinha de deixar o Afeganistão.

Sua utilidade como espião acabara. Não tinha meios de entrar em contato com Anatoly; e mesmo que Jane não tivesse destruído o rádio, ele seria incapaz de deixar a aldeia para se encontrar com o russo, pois ela saberia no mesmo instante o que estava fazendo e contaria a Ellis. Poderia dar um jeito de silenciar Jane (não pense nisso, nem mesmo pense a respeito), mas se alguma coisa acontecesse a ela Ellis haveria de querer saber por quê. Tudo acabava em Ellis. Eu gostaria de matar Ellis, pensou Jean-Pierre, se tivesse coragem. Mas como? Não tenho revólver. O que poderia fazer... cortar sua garganta com um bisturi? Ele é muito mais forte... eu jamais conseguiria dominá-lo.

Jean-Pierre refletiu sobre o que saíra errado. Ele e Anatoly haviam se tornado negligentes. Deveriam ter se encontrado num lugar de onde tivessem uma boa vista de todos os acessos, a fim de saberem com antecedência da aproximação de qualquer pessoa. Mas quem poderia prever que Jane o seguiria? Ele fora vítima do azar mais terrível: de o garoto ferido ser alérgico a penicilina; de Jane ter ouvido Anatoly falar; de ela reconhecer o sotaque russo; e de Ellis ter aparecido para lhe dar coragem. Fora azar. Mas os livros de história não se lembram dos homens que quase alcançaram a grandeza. Fiz o melhor, papai, pensou ele. Quase pôde ouvir a resposta do pai: Não estou interessado se você fez o melhor, quero saber apenas se foi vitorioso ou se fracassou.

Estava se aproximando da aldeia. Resolveu voltar. Vinha dormindo mal, mas não tinha outra coisa a fazer senão ir para a cama. Encaminhou-se para a casa.

O fato de ainda ter Jane não era um grande consolo. A descoberta do seu segredo parecia tê-los tornado menos íntimos, e não mais. Uma nova distância surgira entre os dois, apesar de estarem planejando o retorno e até conversando sobre o que fariam na Europa. Mas pelo menos ainda se abraçavam na cama à noite. Era alguma coisa.

Entrou em casa. Esperava encontrar Jane já na cama, mas para sua surpresa ela ainda estava de pé. E falou no instante em que ele entrou: — Masud mandou um mensageiro. Você tem de ir a Astana. Ellis está ferido. Ellis ferido. O coração de Jean-Pierre bateu mais depressa.

— Como? — Não é grave. Pelo que disse o mensageiro, acho que ele tem uma bala na bunda.

— Irei até lá pela manhã. Jane assentiu.

— O mensageiro irá com você. Poderá voltar ao cair da noite.

— Está certo.

Jane cuidava para que ele não tivesse qualquer oportunidade de se encontrar com Anatoly. A cautela era desnecessária: Jean-Pierre não tinha meios de marcar um encontro.

E Jane estava se precavendo contra um perigo menor e esquecendo um maior. Ellis estava ferido. Isso o deixava vulnerável. O que mudava tudo.

Agora, Jean-Pierre podia matá-lo.

Jean-Pierre passou a noite inteira acordado, pensando a respeito. Imaginou Ellis estendido sobre um colchão, por baixo de uma figueira, rangendo os dentes contra a dor de um osso estilhaçado, talvez muito pálido e fraco da perda de sangue. Viu-se preparando uma injeção. "Vou aplicar um antibiótico para evitar a infecção do ferimento", diria. E injetaria uma dose excessiva de digital, que provocaria um ataque cardíaco.

Um ataque cardíaco natural era improvável mas não impossível num homem de trinta e quatro anos, especialmente alguém que vinha desenvolvendo um esforço físico intenso, depois de um longo período de trabalho mais ou menos sedentário. De qualquer forma, não haveria inquérito, autópsia ou suspeitas; no Ocidente, com toda certeza, pensariam que Ellis fora ferido em ação e morreria dos ferimentos. E ali no vale todos aceitariam o diagnóstico de Jean-Pierre. Confiavam nele tanto quanto em qualquer dos lugares-tenentes de Masud — o que era natural, pois se sacrificara tanto quanto os outros pela causa, ao que lhes parecia. Somente Jane ficaria desconfiada.

E o que ela poderia fazer? Jean-Pierre não sabia. Jane era uma adversária formidável quando contava com o apoio de Ellis, mas se tornava relativamente impotente sozinha. Jean-Pierre poderia até persuadi-la a continuar no vale por mais um ano. Podia prometer que não voltaria a trair os comboios, depois encontrar um meio de restabelecer o contato com Anatoly e aguardar a oportunidade de apontar Masud aos russos.

Deu a mamadeira a Chantal às duas horas da madrugada e depois voltou para a cama. Nem mesmo tentou dormir. Estava muito ansioso, excitado e assustado. Deitado, esperando que o sol nascesse, pensou em todas as coisas que poderiam sair erradas: Ellis podia recusar o tratamento, ele podia aplicar uma dose errada, Ellis podia ter sofrido um mero arranhão e estaria andando normalmente, Ellis e Masud já poderiam ter deixado Astana. O sono de Jane foi perturbado pelos sonhos. Ela se mexia e virava ao seu lado, de vez em quando murmurando sílabas incompreensíveis. Somente Chantal dormiu bem.

Jean-Pierre levantou-se pouco antes do amanhecer, acendeu o fogo e foi ao rio tomar um banho. Ao voltar, o mensageiro já estava em seu pátio, tomando o chá feito por Fará e comendo a sobra do pão do dia anterior. Jean-Pierre tomou chá, mas não foi capaz de comer qualquer coisa.

Jane amamentava Chantal no telhado. Jean-Pierre subiu e beijou as duas em despedida. Cada vez que tocava em Jane lembrava de como a esmurrara e sentia todo o seu ser estremecer de vergonha. Ela parecia tê-lo perdoado, mas ele não podia se perdoar.

Ele conduziu a velha égua pela aldeia e desceu para o rio, com o mensageiro ao lado, foi seguindo correnteza abaixo. Havia uma estrada para Astana, ou o que parecia ser uma estrada em Cinco Leões: uma faixa de terra rochosa, com dois ou três metros de largura, apropriada para carroças de madeira ou jipes militares, mas capaz de destruir um carro comum em poucos minutos. O vale era uma sucessão de gargantas rochosas estreitas, alargando-se a intervalos para formar pequenas planícies cultivadas, com dois ou três quilômetros de comprimento, pouco mais de um quilômetro de largura, em que os aldeões ganhavam um sustento escasso do solo relutante pelo trabalho árduo e irrigação eficiente. A estrada permitia que Jean-Pierre montasse nos trechos de descida. (A égua não era bastante boa para que ele montasse nas subidas.) O vale devia ter sido, no passado, um lugar idílico, pensou ele, enquanto seguia para o sul, ao sol claro da

manhã. Irrigado pelo Rio dos Cinco Leões, protegido pelos altos paredões do vale, organizado de acordo com as tradições antigas e intocado, a não ser por um ocasional transportador de manteiga de Nuristan ou um vendedor de fitas de Kabul, devia ser um remanescente da Idade Média. Agora, o século XX o alcançara, com uma vingança. Quase todas as aldeias haviam sofrido danos por bombas: um moinho de vento destruído, uma campina cheia de crateras, um antigo aqueduto de madeira arreventado, uma ponte de pedra reduzida a escombros no rio impetuoso.

O efeito de tudo isso sobre a vida econômica do vale era evidente ao exame metucioso de Jean— Pierre. Aquela casa era um açougue, mas o cepo de madeira na frente não mostrava carne alguma. Aquele campo invadido pelo mato fora outrora uma horta, mas seu dono fugira para o Paquistão. Havia um pomar com as frutas apodrecendo pelo chão, quando deveriam estar secando num telhado a fim de serem armazenadas para o frio e longo inverno; a mulher e as crianças que cuidavam do pomar haviam morrido, o marido se dedicava inteiramente à guerrilha. Aquela pilha de terra e madeira fora uma mesquita, e os aldeões resolveram não reconstruí-la, pois provavelmente seria bombardeada outra vez. Todo esse desperdício e destruição acontecia porque homens como Masud tentavam resistir à maré da história e enganavam os camponeses ignorantes, persuadindo-os a apoiá-los. com Masud fora do caminho, tudo aquilo terminaria. E com Ellis fora do caminho, Jean-Pierre poderia cuidar de Masud.

Perguntou-se, ao se aproximarem de Astana, por volta de meio-dia, se teria alguma dificuldade para espetar a agulha. A ideia de matar um paciente era tão grotesca que ele não sabia como reagir.

Já vira pacientes morrerem, é claro; mas sempre se sentia consumido pelo pesar por não ter podido salvá-los. Quando tivesse Ellis desamparado à sua frente, com a seringa na mão, seria torturado pela dúvida, como Macbeth, ou vacilaria, como Raskolnikov em Crime e Castigo? Passaram por Sangana, com seu cemitério e sua praia arenosa, seguiram a estrada por uma curva do rio. Havia um trecho de terra cultivada à frente e um grupo de casas na encosta. Um ou dois minutos depois um garoto de onze ou doze anos atravessou os campos ao encontro deles e conduziu-os não para a aldeia na colina, e sim para uma casa grande à beira da terra cultivada.

Jean-Pierre ainda não tinha dúvidas, nenhuma hesitação; experimentava apenas uma apreensão ansiosa, como momentos antes de alguma prova.

Tirou a maleta da égua, entregou a rédea ao garoto e entrou no pátio da casa.

Vinte ou mais guerrilheiros estavam espalhados por ali, acocorados, olhando para o espaço, esperando com uma paciência nativa. Jean-Pierre correu os olhos ao redor e constatou que Masud não estava ali, mas avistou dois dos seus principais auxiliares. Ellis estava num canto ensombreado, deitado sobre uma manta.

Jean-Pierre ajoelhou-se ao seu lado. Era evidente que Ellis sofria alguma dor da bala. Estava deitado de barriga para baixo, o rosto contraído, rangendo os dentes.

A pele era pálida e havia gotas de suor na testa. A respiração parecia áspera.

— Dói muito? — indagou Jean-Pierre, em inglês.

— E como! — respondeu Ellis, entre os dentes semicerrados.

Jean-Pierre puxou o lençol que o cobria. Os guerrilheiros haviam cortado as roupas de Ellis e ajeitado uma atadura improvisada no ferimento. Jean-Pierre tirou-a.

Pôde verificar no mesmo instante que o ferimento não era grave. Ellis sangrara muito e a

bala ainda se achava alojada no músculo, devia doer muito, mas não atingira qualquer osso ou vasos sanguíneos maiores; curaria depressa.

Não, não vai curar, Jean-Pierre lembrou a si mesmo. Não vai curar absolutamente.

— Vou lhe dar primeiro algo para atenuar a dor.

— Agradeço — murmurou Ellis.

Jean-Pierre viu que Ellis tinha uma cicatriz enorme nas costas, no formato de uma cruz, e especulou como ele a conseguira. Nunca saberei, refletiu ele. Abriu a maleta.

Vou matar Ellis agora, pensou. Nunca matei ninguém, nem mesmo por acidente. Como é ser um assassino? Há pessoas fazendo isso todos os dias: homens matam as esposas, mulheres matam os filhos, assassinos matam políticos, assaltantes matam os donos das casas, carrascos matam condenados. Pegou uma seringa grande e começou a enchê-la com digitoxina: a droga vinha em frascos pequenos e tinha de esvaziar quatro para obter uma dose letal.

Como seria observar Ellis morrer? O primeiro efeito da droga seria a aceleração dos batimentos cardíacos. Ellis sentiria isso, ficaria ansioso e incomodado. E depois, quando o veneno afetasse o mecanismo de ritmo do coração, ele teria batimentos extras, um pequeno depois de cada normal. E se sentiria terrivelmente nauseado. Os batimentos acabariam se tornando totalmente irregulares, as cavidades superior e inferior do coração bateriam independentes, e Ellis morreria em agonia e terror.

O que farei, pensou Jean-Pierre, quando ele gritar de dor e pedir a mim, o médico, para socorrê-lo? Deixarei que ele saiba que o quero morto? Ele vai adivinhar que o envenenei? Direi palavras reconfortantes, tentarei atenuar a angústia de sua morte? Trate de relaxar, é apenas o efeito colateral normal do analgésico, tudo acabará bem.

A injeção estava pronta.

Posso fazê-lo, compreendeu Jean-Pierre. Posso matá-lo. Só não sei o que me acontecerá depois.

Ele descobriu a parte superior do braço de Ellis e, por pura força do hábito, esfregou uma mecha com álcool.

Masud chegou nesse momento.

Jean-Pierre não o ouvira se aproximar e por isso teve a impressão de que ele surgiu do nada, o que lhe provocou um sobressalto. Masud pôs a mão em seu ombro.

— Eu lhe dei um susto, Monsieur le docteur. — Ele ajoelhou-se junto à cabeça de Ellis. E acrescentou, em francês, para o ferido: — Pensei muito na proposta do governo americano.

Jean-Pierre também estava ajoelhado, paralisado, a seringa na mão direita. Que proposta? O que estava acontecendo? Masud falava abertamente, como se Jean-Pierre fosse um dos seus companheiros — o que, de certa forma, era verdade — mas Ellis... Ellis podia sugerir que conversassem em particular.

Ellis soergueu-se, apoiado num cotovelo, com bastante esforço. Jean-Pierre prendeu a respiração. Mas tudo o que Ellis disse foi: — Continue.

Ele está exausto demais, pensou Jean-Pierre, sente muita dor, não pode pensar em precauções; além do mais, assim como Masud, não tem motivos para desconfiar de mim.

— É boa — declarou Masud. — Mas tenho pensado como posso cumprir a minha parte do acordo. Mas é claro!, pensou Jean-Pierre. Os americanos não mandaram para cá um dos mais importantes agentes da CIA só para ensinar alguns guerrilheiros a explodir pontes e túneis. Ellis

está aqui para fazer um acordo. Masud continuou: — O plano de treinar homens de outras regiões deve ser explicado aos diversos comandantes. O que será bastante difícil. Eles ficarão desconfiados... especialmente se eu apresentar a proposta. Acho que você é que deve fazer isso e lhes contar o que seu governo oferece.

Jean-Pierre estava totalmente absorto na conversa. Um plano para treinar homens de outras áreas! Mas qual era a ideia por trás? Ellis falou com alguma dificuldade: — Eu teria o maior prazer em fazer isso. Mas você precisaria reuni-los.

— Não há problema. — Masud sorriu. — Convocarei uma conferência de todos os líderes da Resistência, aqui, no Vale dos Cinco Leões, na aldeia de Darg, dentro de oito dias.

Despacharei os mensageiros hoje, com a informação de que um representante do governo dos Estados Unidos está aqui para discutir o fornecimento de armas.

Uma conferência! Fornecimento de armas! Os contornos do acordo estavam se tornando definidos para Jean-Pierre. Mas o que ele deveria fazer? — Eles virão? — indagou Ellis.

— Muitos virão — respondeu Masud. — Nossos camaradas dos desertos ocidentais não vão aparecer... é muito longe e eles não nos conhecem.

— E os dois que queremos especialmente, Kamil e Azizi? Masud deu de ombros.

— Está nas mãos de Deus.

Jean-Pierre tremia de excitação. Aquele seria o acontecimento mais importante na história da Resistência afegã. Ellis remexeu na mochila, que estava no chão, perto de sua cabeça.

— Posso ajudá-lo a persuadir Kamil e Azizi. — Tirou dois pacotes pequenos e abriu um. Continha um pedaço retangular de metal amarelo. — Ouro. Cada barra dessas vale cinco mil dólares.

Era uma fortuna: cinco mil dólares representavam mais do que o rendimento de dois anos de um afegão médio. Masud pegou a barra, apontou para uma gravação no meio e perguntou: — O que é isto? — O selo do Presidente dos Estados Unidos — explicou Ellis.

Muito esperto, pensou Jean-Pierre. O tipo de coisa que impressionaria os líderes tribais e os deixaria com uma curiosidade irresistível de conhecer Ellis.

— Isso ajudará a persuadir Kamil e Azizi? — acrescentou Ellis.

Masud acenou com a cabeça.

— Acho que eles virão.

Pode apostar qualquer coisa como eles virão, pensou Jean-Pierre.

E de repente ele sabia exatamente o que tinha de fazer. Masud, Kamil e Azizi, os três grandes líderes da Resistência, estariam juntos na aldeia de Darg, dentro de oito dias.

Tinha de avisar a Anatoly.

E Anatoly poderia então matar a todos.

É isso, refletiu Jean-Pierre; é esse o momento por que tenho esperado desde que cheguei ao vale. Tenho Masud onde o quero... e também mais dois líderes rebeldes.

Mas como avisar a Anatoly? Tem de haver um meio.

— Uma conferência de cúpula — comentou Masud, sorrindo, orgulhoso. — Será um bom começo para a nova união da Resistência, não é mesmo? Ou isso ou o começo do fim, pensou Jean-Pierre. Baixou a mão, apontando a agulha para o chão, comprimiu o embolo, esvaziando a seringa. Observou o veneno ser absorvido pela terra. Um novo começo ou o princípio do fim.

Jean-Pierre aplicou um anestésico em Ellis, extraiu a bala, limpou o ferimento, pôs um

novo curativo e injetou um antibiótico para evitar a infecção. Cuidou também de dois guerrilheiros que haviam sofrido ferimentos menores na escaramuça. A esta altura, já se espalhara pela aldeia a notícia de que o doutor estava ali, e os pacientes se agrupavam no pátio. Jean-Pierre tratou de um bebê com bronquite, três pequenas infecções e um mula com vermes. E, depois, almoço. No meio da tarde arrumou sua maleta e montou em Maggie para a viagem de volta.

Deixou Ellis para trás. Seria muito melhor para Ellis continuar onde estava por alguns dias, pois o ferimento sararia mais depressa se ficasse em repouso. Jean-Pierre sentia-se agora paradoxalmente ansioso para que Ellis permanecesse com boa saúde, já que a conferência de cúpula seria cancelada se ele morresse.

Enquanto subia pelo vale, na velha égua, Jean-Pierre vasculhava o cérebro à procura de um meio de entrar em contato com Anatoly. Claro que podia simplesmente dar a volta e descer o vale até Rokha, apresentando-se aos russos. Desde que não fosse fuzilado à primeira vista, estaria em pouco tempo na presença de Anatoly. Mas Jane saberia aonde fora e o que fizera, contaria a Ellis, que prontamente mudaria o local e a data da conferência.

Precisava encontrar um jeito de enviar uma carta a Anatoly. Mas quem a levaria? Havia um tráfego constante de pessoas pelo vale a caminho de Charikar, a cidade ocupada pelos russos na planície, a mais de cem quilômetros de distância, ou de Kabul, a capital, a cento e cinquenta quilômetros de distância. Eram fazendeiros de Nuristan levando manteiga e queijo, mercadores ambulantes vendendo panelas e outros utensílios, pastores conduzindo pequenos rebanhos de ovelhas ao mercado, famílias de nômades empenhadas em suas misteriosas atividades. Podia-se subornar qualquer um deles para levar uma carta a uma agência do correio ou simplesmente entregá-la a um soldado russo. Kabul ficava a três dias de viagem, Charikar a dois. Rokha, onde havia soldados russos, mas não tinha agência do correio, ficava a apenas um dia de viagem. Jean-Pierre estava convencido de que poderia encontrar alguém que aceitaria sua missão. Havia um perigo, é claro: a carta podia ser aberta e lida, Jean-Pierre seria descoberto, torturado e morto. Ele podia estar disposto a assumir esse risco. Mas havia outro obstáculo. Depois de receber o dinheiro, o mensageiro entregaria a carta? Não havia qualquer garantia de que ele não a "perderia" pelo caminho. Jean-Pierre talvez jamais soubesse o que acontecera. O plano era incerto demais.

Ainda não encontrara uma solução quando chegou a Banda, ao anoitecer. Jane estava no telhado da casa, aproveitando a brisa vespertina, com Chantal nos joelhos. Jean-Pierre acenou para elas, entrou na casa e pôs a maleta médica no balcão ladrilhado. Foi quando a esvaziava, ao ver as pílulas de diamorfina, que compreendeu que havia uma pessoa a quem poderia confiar a carta para Anatoly. Encontrou um lápis na maleta. Tirou o papel de embalagem das mechas de algodão e rasgou um retângulo — no vale não havia papel para se escrever. Escreveu em francês: Ao Coronel Anatoly, da KGB: Parecia estranhamente melodramático, mas ele não sabia de que outra forma começar. Não conhecia o nome inteiro de Anatoly e não dispunha de um endereço. E continuou: Masud convocou uma reunião dos líderes da Rebelião. Eles vão se encontrar daqui a oito dias, na quinta-feira, 27 de agosto, em Darg, a aldeia mais próxima ao sul de Banda. Provavelmente todos dormirão na mesquita naquela noite e passarão juntos a sexta-feira, que é um dia santo. A conferência foi promovida para que todos possam conversar com um agente da CIA que conheço pelo nome de Ellis Thaler e que chegou ao vale há uma semana.

Esta é a nossa grande oportunidade! Acrescentou a data e assinou "Simplex".

Não tinha um envelope — não via nenhum desde que deixara a Europa. Tentou imaginar qual seria a melhor maneira de cobrir a carta. Olhando ao redor, viu uma caixa de recipientes de plástico para distribuir pílulas. Vinham com rótulos adesivos que Jean-Pierre nunca usava, porque não conhecia a escrita persa. Enrolou a carta num cilindro e ajeitou-a num dos recipientes.

Perguntou-se como endereçá-la. Em algum ponto da viagem, a mensagem passaria por um soldado russo. Jean-Pierre imaginou um burocrata de óculos, muito nervoso, num escritório frio, ou talvez um sentinela bronco, postado à frente de uma cerca de arame farpado. Não podia haver a menor dúvida de que a arte de transferir responsabilidade era tão desenvolvida no exército soviético quanto no francês na ocasião em que Jean-Pierre prestara serviço militar. Pensou na maneira de fazer a coisa parecer bastante importante para ser encaminhada a um superior. Não havia sentido em escrever "Importante", "KGB" ou qualquer outra coisa em francês, inglês ou mesmo dari, pois o soldado não seria capaz de ler qualquer delas. Jean-Pierre, por sua vez, não sabia a escrita russa. Era irônico que a mulher no teto, cuja voz ele podia ouvir a entoar um acalanto, falasse russo com fluência e, se quisesse, poderia lhe ensinar a escrever qualquer coisa. Por fim, escreveu "Anatoly — KGB", em caracteres latinos, grudou o rótulo no recipiente, colocou-o numa caixa vazia de remédio que tinha o aviso Veneno! em quinze línguas diferentes e três símbolos internacionais.

Amarrou a caixa com um barbante.

Agindo com rapidez, guardou tudo na mala médica e substituiu as coisas que usara em Astana. Pegou um punhado de pílulas de diamorfina e meteu-as no bolso da camisa.

Finalmente envolveu a caixa de Veneno! com uma toalha puída. Saiu da casa, gritando para Jane: — Vou ao rio tomar um banho.

— Está bem.

Jean-Pierre atravessou depressa a aldeia, acenando com a cabeça bruscamente para algumas pessoas, e saiu para os campos. Sentia o maior otimismo. Muitos riscos eram inerentes a seus planos, mas podia outra vez acalentar a esperança de um grande triunfo. Contornou um campo de trevos que pertencia ao mulo e desceu uma série de terraços. A cerca de um quilômetro e meio da aldeia, num afloramento rochoso na encosta, havia uma cabana solitária que fora bombardeada. Estava escurecendo quando Jean-Pierre se aproximou. Foi avançando devagar, cauteloso, pelo terreno irregular, lamentando não ter trazido um lampião.

Parou diante da pilha de escombros que fora outrora a frente da casa. Pensou em entrar, mas foi dissuadido pelo cheiro e pela escuridão. Limitou-se a gritar: — Ei! Um vulto informe mexeu-se no chão, assustando-o. Ele deu um pulo para trás, praguejando. O malang levantou-se.

Jean-Pierre fitou o rosto esquelético e a barba emaranhada do louco. E recuperando o controle, disse em dari: — Deus esteja com você, santo homem.

— E com você, doutor.

Jean-Pierre o encontrava numa fase coerente. Ótimo.

— Como está sua barriga? O homem acalentava uma dor de estômago: como sempre, queria drogas. Jean-Pierre deu-lhe uma pílula de diamorfina, deixando que visse as outras, antes de guardá-las no bolso. O malang tomou a pílula e murmurou: — Quero mais.

— Pode ter mais — respondeu Jean-Pierre. — Muito mais. O homem estendeu a mão.

— Mas tem de fazer uma coisa para mim — acrescentou Jean-Pierre. O louco assentiu,

ansiosamente.

— Tem de ir a Charikar e entregar isto a um soldado russo. Jean-Pierre optara por Charikar, apesar de envolver mais um dia de viagem, porque temia que Rokha, sendo uma cidade rebelde temporariamente ocupada pelos russos, pudesse estar em plena confusão, acarretando a perda da mensagem; Charikar, por outro lado, ficava em território russo permanente. E optara por um soldado, em vez de uma agência do correio, porque o malang talvez não fosse capaz de comprar um selo e despachar alguma coisa.

Observou atentamente o rosto sujo do homem. Estivera se perguntando se o malang compreenderia até mesmo essas instruções simples. Mas a expressão de medo à menção de um soldado russo indicava que ele entendia perfeitamente.

Haveria algum meio de Jean-Pierre garantir que o malang de fato cumpriria as ordens? Ele também podia jogar o pacote fora e voltar jurando que realizara a missão, pois se era bastante inteligente para compreender o que devia fazer, poderia igualmente mentir a respeito. Jean-Pierre teve uma ideia inspirada.

— E compre um maço de cigarros russos. O malang estendeu as mãos vazias.

— Sem dinheiro.

Jean-Pierre sabia que ele não tinha dinheiro. Deu-lhe cem afeganes. Isso garantiria que ele fosse a Charikar. Mas haveria algum meio de obrigá-lo a entregar o pacote? -se fizer o que estou pedindo, eu lhe darei todas as pílulas que quiser. Mas não tente me enganar... eu saberei se o fizer, nunca mais lhe darei as pílulas, a dor na barriga vai ficar cada vez pior, você vai inchar e depois explodir como uma granada, morrendo em agonia. Está me entendendo? — Estou.

Jean-Pierre observou-o à claridade precária. O branco dos olhos brilhava. O malang parecia apavorado. Jean-Pierre entregou-lhe o resto das pílulas de diamorfina.

— Tome uma em cada manhã, até voltar a Banda. O louco balançou a cabeça.

— Vá agora e não tente me enganar. O homem virou-se e começou a correr pela trilha irregular, com seu jeito esquisito, parecendo um animal.

Observando-o desaparecer na escuridão que se adensava, Jean-Pierre pensou: O futuro deste país está em suas mãos imundas, seu pobre louco. Que Deus o acompanhe. Uma semana depois o malang ainda não voltara.

Na quarta-feira, o dia anterior à conferência, Jean-Pierre estava transtornado. A cada hora dizia a si mesmo que o homem poderia chegar na hora seguinte. Ao final de cada dia, pensava que o veria no dia seguinte.

A atividade aérea no vale aumentara, acrescentando um novo fator às preocupações de Jean-Pierre. Durante a semana inteira os jatos passaram uivando, indo bombardear outras aldeias. Banda tivera sorte: apenas uma bomba caíra ali e abriu um único e enorme buraco no campo de trevos de Abdullah. Mas o constante barulho e perigo deixavam todos nervosos. A tensão produziu um incremento previsível de pacientes com sintomas de estresse na clínica de Jean-Pierre: abortos espontâneos, acidentes domésticos, vômitos inexplicáveis, dores de cabeça. Eram as crianças que tinham as dores de cabeça. Na Europa, Jean-Pierre teria recomendado a psiquiatria. Ali, encaminhava-as ao mula. Nem a psiquiatria nem o Islã seriam de grande proveito, pois o problema das crianças era a guerra.

Ele cuidou dos pacientes da manhã de maneira mecânica fazendo as perguntas de rotina em dari, anunciando o diagnóstico a Jane em francês, pondo curativos em ferimentos, aplicando

injeções e distribuindo recipientes de plástico com pílulas e vidrinhos de medicamentos coloridos. O malang devia ter levado dois dias para percorrer a pé o caminho até Charikar. Podia-se calcular um dia para que ele reunisse a coragem para abordar um soldado russo, uma noite para superar o impacto, mais dois dias na viagem de volta. Deveria ter chegado anteontem. O que acontecera? Perdera o pacote e preferira se manter ao largo, tremendo de medo? Tomara todas as pílulas de uma vez e ficara doente? Caíra no rio e se afogara? Fora usado pelos russos para um exercício de tiro ao alvo? Jean-Pierre olhou para o relógio de pulso. Eram dez e meia. A qualquer momento o malang poderia chegar, trazendo um maço de cigarros russos como prova de que estivera em Charikar. Jean-Pierre especulou por um instante como explicaria o maço a Jane, pois ele não fumava. Concluiu que não havia necessidade de qualquer explicação para os atos de um lunático.

Ele fazia um curativo num garoto do vale vizinho, que queimara a mão numa fogueira, quando ouviu lá fora o barulho de passos e saudações, indicando que alguém chegara.

Jean-Pierre contevê a ansiedade e continuou a fazer o curativo no garoto.

Olhou para trás quando ouviu Jane falar e descobriu, desapontado, que não era o malang, mas sim dois estranhos.

Um deles disse: — Deus esteja com você, doutor.

— E com você também. — A fim de evitar uma troca prolongada de saudações, Jean-Pierre apressou-se em acrescentar: — Qual é o problema? — Houve um terrível bombardeio em Skabun. Muitas pessoas morreram e há inúmeros feridos.

Jean-Pierre olhou para Jane. Ainda não podia deixar Banda sem a permissão dela, pois Jane receava que ele desse um jeito de entrar em contato com os russos. Mas era evidente que ele não poderia ter promovido aquela emergência.

— Devo ir? — ele perguntou a Jane, em francês. — Ou você vai? Jean-Pierre não queria realmente ir, pois era bem provável que teria de passar a noite inteira em Skabun. Preferia permanecer em Banda, esperando o malang.

Jane hesitou. Jean-Pierre sabia que ela estava pensando que se fosse teria de levar Chantal. Além do mais, ela sabia que não tinha condições de cuidar de ferimentos traumáticos.

— A decisão é sua — acrescentou Jean-Pierre.

— Vá você.

— Está bem. — Skabun ficava a duas horas de viagem. Se trabalhasse depressa e não houvesse muitos feridos, pensou Jean-Pierre, poderia voltar ao anoitecer. — Tentarei voltar ainda esta noite.

Ela se adiantou e beijou-o no rosto, murmurando: — Obrigada.

Ele verificou a maleta médica: morfina para dor, penicilina para evitar infecções, seringas e fio cirúrgico, um bom suprimento de ataduras. Pôs um gorro na cabeça e uma manta nos ombros.

— Não levarei Maggie — ele informou a Jane. — Skabun não é tão longe e o caminho é péssimo. Jean-Pierre tornou a beijá-la, depois virou-se para os dois mensageiros e acrescentou: — Vamos embora.

Desceram para a aldeia, vadearam o rio, subiram a trilha íngreme no outro lado. Jean-Pierre pensava em Jane. Se o seu plano desse certo e os russos matassem Masud, como ela reagiria? Saberia que ele estivera por trás. Mas certamente não o denunciaria. Jane continuaria a

amá-lo? Jean-Pierre a queria. Desde que viviam juntos que sofria cada vez menos das profundas depressões que antes o dominavam regularmente. Pelo simples fato deamá-lo, Jane fazia com que ele se sentisse bem. E Jean-Pierre queria isso. Mas também queria ter sucesso em sua missão. Pensou: creio que quero mais o sucesso do que a felicidade, e é por isso que estou disposto a correr o risco de perdê-la para ter a oportunidade de matar Masud. Os três homens foram andando para sudoeste, pela trilha no alto do penhasco, o estrondo do rio ressoando em seus ouvidos. Jean-Pierre perguntou: — Quantos mortos? — Muitos — respondeu um dos mensageiros. Jean-Pierre estava acostumado a respostas assim. Paciente, ele insistiu: — Cinco? Dez? Vinte? Quarenta? — Cem.

Jean-Pierre não acreditou, pois não havia tantos habitantes em Skabun.

— Quantos feridos? — Duzentos.

Era absurdo. Será que o homem não sabia?, especulou Jean-Pierre. Ou estava exagerando, com receio de que o médico resolvesse voltar se indicasse números pequenos? Talvez, simplesmente, ele não fosse capaz de contar além de dez.

— Que tipo de ferimentos? — Buracos, cortes e gente sangrando.

Pareciam mais ferimentos de uma batalha. Os bombardeios produziam concussões, queimaduras e lesões decorrentes do desmoroamento de prédios. Aquele homem era obviamente uma péssima testemunha. Não havia sentido em continuar a interrogá-lo.

Três quilômetros além de Banda eles deixaram a trilha do penhasco e seguiram para o norte, por um caminho que Jean-Pierre não conhecia.

— Este é o caminho para Skabun? — É, sim.

Devia ser um atalho que ele nunca descobrira. A direção geral era aquela mesma.

Poucos minutos depois eles avistaram uma das pequenas cabanas de pedra em que os viajantes podiam descansar ou passar a noite. Para surpresa de Jean-Pierre, os mensageiros encaminharam-se para a entrada sem porta.

— Não temos tempo para descansar — declarou ele irritado. — Há feridos à minha espera. E foi nesse instante que Anatoly saiu da cabana.

Jean-Pierre ficou atordoado. Não sabia se se sentia exultante porque agora poderia falar da conferência a Anatoly ou apavorado com a possibilidade de os afegãos matarem o russo.

— Não se preocupe — disse Anatoly, interpretando sua expressão. — Eles são soldados do exército regular afegão. Mandeí que fossem buscá-lo.

Era brilhante. Não houvera qualquer bombardeio em Skabun. Tudo não passava de um estratégia inventado por Anatoly para atrair Jean-Pierre.

— Amanhã vai acontecer uma coisa da maior importância...

— Já sei, já sei — interrompeu-o Anatoly. — Recebi sua mensagem. E é por isso que estou aqui.

— E vai pegar Masud? Anatoly sorriu sombriamente, mostrando os dentes manchados de tabaco.

— Pegaremos Masud. Acalme-se.

Jean-Pierre compreendeu que se comportava como uma criança excitada no Natal. Reprimiu seu entusiasmo com algum esforço.

— Quando o malang não voltou, pensei...

— Ele chegou ontem a Charikar — explicou Anatoly. — Só Deus sabe o que lhe aconteceu

no caminho. Por que não usou o rádio? — Quebrou. — Jean-Pierre não queria explicar o problema de Jane naquele momento. — O malang fará qualquer coisa por mim porque lhe forneço heroína, em que está viciado.

Anatoly fitou-o duro por um momento, um pouco de admiração se insinuando em seus olhos, depois murmurou: — Fico contente que você esteja do meu lado. Jean-Pierre sorriu.

— Quero saber mais. — Anatoly passou um braço pelos ombros de Jean-Pierre, levando-o para o interior da cabana. Sentaram-se no chão de terra. Anatoly acendeu um cigarro e depois perguntou: — Como tomou conhecimento da conferência? Jean-Pierre falou sobre Ellis, o ferimento a bala, a conversa de Masud com o americano quando ele estava prestes a matá-lo, as barras de ouro, o programa de treinamento e as armas prometidas.

— É fantástico! — comentou Anatoly. — Onde Masud está agora? — Não sei. Mas é bem provável que ele chegue a Darg hoje. Ou amanhã, o mais tardar.

— Como sabe? — Ele convocou a reunião... como poderia deixar de comparecer? Anatoly acenou com a cabeça.

— Descreva o homem da CIA.

— Ele deve ter 1,80 m de altura, setenta quilos, louro, olhos azuis, trinta e quatro anos, parece um pouco mais velho, instrução superior.

— Passarei as informações pelo computador.

Anatoly levantou-se. Deixou a cabana e Jean-Pierre seguiu-o. Lá fora, Anatoly tirou do bolso um pequeno rádio transmissor, puxou a antena, apertou um botão e falou em russo. Depois, virou-se para Jean-Pierre e disse: — Teve sucesso em sua missão, meu amigo. É verdade, pensou Jean-Pierre. Tive sucesso.

— Quando vão atacar? — Amanhã, é claro.

Amanhã. Jean-Pierre experimentou um intenso júbilo. Amanhã.

Os outros olhavam para cima. Ele acompanhou os olhares e viu um helicóptero baixando. Anatoly devia tê-lo convocado pelo transmissor. O russo estava agora abandonando toda e qualquer cautela: o jogo quase terminava, aquela era a última cartada, o segredo e o disfarce deviam ser substituídos pela ousadia e rapidez. O aparelho pousou, com alguma dificuldade, num pequeno trecho plano, a cem metros de distância.

Jean-Pierre encaminhou-se para o helicóptero com os três outros homens. Não sabia para onde ir depois que eles partissem. Não tinha nada a fazer em Skabun, mas também não podia voltar a Banda imediatamente sem revelar que não encontrara vítimas de bombardeio. Concluiu que o melhor era passar algumas horas sentado na cabana de pedra e depois voltar. Estendeu a mão para Anatoly.

— Au revoir.

Anatoly não apertou sua mão.

— Entre.

— Como? — Entre no helicóptero. Jean-Pierre ficou aturdido.

— Por quê? — Você vai conosco.

— Para onde? Bagram? Para território russo? — Isso mesmo.

— Mas não posso...

— Pare por um instante e preste atenção — disse Anatoly, paciente. — Seu trabalho está feito. A missão no Afeganistão terminou. Alcançou seu objetivo. Vamos capturar Masud

amanhã. Você pode voltar para casa. E, agora, tornou-se um risco de segurança. Sabe o que planejamos fazer amanhã. Assim, não pode permanecer em território rebelde.

— Mas eu não contaria a ninguém! — E se o torturassem? E se torturassem sua mulher em sua presença? E se esquarterassem sua filha na presença de sua mulher? — Mas o que acontecerá com elas se eu for embora? — Amanhã, no ataque, vamos pegar as duas e levá-las para você.

— Não posso acreditar nisso.

Jean-Pierre sabia que Anatoly estava certo, mas a ideia de não voltar a Banda era tão inesperada que o deixava desorientado. Jane e Chantal ficariam seguras? Os russos realmente iriam buscá-las? Anatoly permitiria que os três voltassem a Paris? Quando poderiam partir? — Entre — repetiu Anatoly.

Os dois afegãos estavam parados nos lados de Jean-Pierre e ele compreendeu que não tinha opção: se se recusasse a embarcar, eles o poriam à força no helicóptero.

Ele entrou.

Anatoly e os afegãos embarcaram também e o helicóptero alçou voo. Ninguém fechou a porta. Enquanto o helicóptero subia, Jean-Pierre teve a sua primeira visão aérea do Vale dos Cinco Leões. O rio branco ziguezagueava pela terra parda, fazendo-o lembrar da cicatriz de um antigo ferimento de faca na testa escura de Shahazai Gul, o irmão da parteira. Avistou a aldeia de Banda, com seus campos amarelos e verdes, parecendo uma colcha de retalhos. Observou atentamente o topo da colina em que ficavam as cavernas, mas não percebeu sinais de ocupação: os aldeões haviam escolhido muito bem o seu esconderijo. O helicóptero subiu ainda mais e fez uma volta, ele não pôde mais ver Banda. Procurou por outros pontos de referência. Passei um ano de minha vida ali, pensou ele, e agora nunca mais tornarei a ver a aldeia. Identificou a aldeia de Darg, com sua mesquita de domo. Este vale foi o baluarte da Resistência, refletiu Jean-Pierre. Mas amanhã será um memorial a uma rebelião fracassada. E tudo por minha causa.

O helicóptero virou para o sul e cruzou a montanha, e em poucos segundos o vale desaparecera.

Capítulo 11

Fará chorou um dia inteiro quando soube que Jane e Jean-Pierre partiriam com o próximo comboio. Sentia um profundo afeto por Jane e adorava Chantal. Jane ficou satisfeita, mas embaraçada: parecia às vezes que Fará a preferia à sua própria mãe. Mas Fará dera a impressão de aceitar a ideia de que Jane iria embora e no dia seguinte voltara a ser como antes, igualmente devotada, mas não mais desolada.

A própria Jane estava nervosa com a perspectiva da viagem. Do vale ao Passo Khyber o percurso era de duzentos e cinquenta quilômetros. Na vinda, a viagem levava quatorze dias. Jane ficara com bolhas e diarreia, além das inevitáveis dores no corpo. Agora, tinha de fazer a mesma viagem carregando uma criança de dois meses.

Haveria cavalos, mas durante uma boa parte do caminho não seria seguro montá-los, pois os comboios viajavam pelas mais íngremes e estreitas trilhas nas montanhas, muitas vezes à noite.

Ela fez uma espécie de rede de algodão para pendurar em seu pescoço e carregar Chantal assim. Jean— Pierre teria de carregar os suprimentos de que precisassem durante o dia, pois cavalos e homens — como Jane aprendera na vinda — avançavam em velocidades diferentes, os cavalos indo mais depressa que os homens nas subidas e mais devagar nas descidas. com isso, as pessoas ficavam separadas da bagagem por longos períodos. Decidir que suprimentos levar era o problema que a absorvia naquela tarde, enquanto Jean-Pierre estava em Skabun. Teria de haver suprimentos médicos essenciais antibióticos, ataduras, morfina — que Jean-Pierre providenciaria. Precisariam levar alguma comida.

Na vinda, dispunham de rações ocidentais de muita energia, como chocolate, envelopes de sopa e bolinhos em pacote. Partindo agora, só poderiam levar o que havia no vale: arroz, frutas secas, queijo, pão duro, além de qualquer outra coisa que pudessem comprar pelo caminho. Ainda bem que não tinham de se preocupar com a alimentação de Chantal.

Havia, no entanto, outras dificuldades com a criança. As mães ali não usavam fraldas; deixavam a parte inferior do bebê descoberta e lavavam a toalha em que ele ficava. Jane achava este arranjo muito mais saudável que o sistema ocidental, mas não servia para uma viagem. Jane fizera três fraldas de toalha e improvisara, dos sacos de polietileno dos suprimentos médicos de Jean-Pierre, uma calça de plástico para Chantal. Teria de lavar uma fralda todas as noites — com água fria, é claro — e tentar secá-la até o amanhecer. Se não secasse, haveria uma de reserva; e se as duas estivessem úmidas, Chantal sofreria com assaduras. Mas nenhuma criança jamais morrera de assaduras, pensou ela. O comboio, com toda certeza, não pararia para que uma criança fosse amamentada, dormisse ou trocasse a fralda. Assim, teria de amamentar Chantal e pô-la para dormir em movimento, trocando a fralda sempre que surgisse uma oportunidade.

Sob alguns aspectos, Jane estava mais resistente do que um ano antes. A pele dos pés estava mais dura e o estômago resistente às bactérias locais mais comuns. As pernas, que tanto doeram na viagem de vinda, haviam se acostumado a andar muitos quilômetros. Mas a gravidez parecia tê-la deixado propensa a dores nas costas, e se preocupava com a perspectiva de carregar uma criança o dia inteiro. O corpo parecia já ter se recuperado do trauma do parto. Sentia que seria capaz de fazer amor, mas não o dissera a Jean-Pierre — não sabia direito por quê.

Tirara muitas fotografias ao chegar, com a câmara Polaroid. Deixaria a câmara — era barata — mas levaria a maior parte das fotografias. Contemplou-as agora, tentando decidir quais jogaria fora. Tinha fotografias da maioria dos aldeões. Ali estavam os guerrilheiros, Mohammed, Alishan, Kahmir e Matullah, fazendo poses ridiculamente heróicas e parecendo ferozes. Ali estavam as mulheres, a sensual Zahara, a velha e encarquilhada Rabia, Halima de olhos escuros, todas rindo como colegiais. Ali estavam as crianças: as três meninas de Mohammed, seu filho Mousa; os filhos de Zahara, de dois, três, quatro e cinco anos; e as quatro crianças do mula. Não podia jogar nenhuma fora: levaria todas.

Começou a arrumar as roupas numa bolsa, enquanto Fará varria o chão e Chantal dormia no quarto ao lado. Havia descido mais cedo das cavernas, a fim de aprontar tudo. Só que não havia muita coisa para arrumar: além das fraldas de Chantal, um calção para ela e outro para Jean-Pierre, um par de meias de reserva para cada um.

Nenhum deles levaria uma muda de roupas externas. Chantal não as tinha de qualquer forma, pois vivia de xale ou nua. Para Jane e Jean-Pierre, uma calça, uma camisa, um lenço para a cabeça e uma manta seriam suficientes para toda a viagem, a serem provavelmente queimados num hotel em Peshawar, comemorando o retorno à civilização.

O pensamento lhe daria forças para a viagem. Lembrava-se vagamente de ter pensado que o Dean's Hotel em Peshawar era primitivo, mas era difícil recordar qual era o problema. Seria possível que tivesse se queixado que o ar-condicionado fazia muito barulho? Mas o lugar tinha chuveiro!

— Civilização. — Fará fitou-a, com uma expressão inquisitiva, Jane sorriu e acrescentou, em dari: — Estou feliz porque Vou voltar para uma cidade grande.

— Gosto da cidade grande — disse Fará. — Já estive uma vez em Rokha. — Continuou a varrer, enquanto acrescentava, com um tom de inveja: — Meu irmão foi a Jalalabad.

— Quando ele voltará? Mas Fará estava aturdida e embaraçada, e depois de um momento Jane compreendeu o motivo: o som de assvio e passos de homem vinham do pátio. Houve uma batida na porta e Ellis Thaler indagou: — Tem alguém em casa? — Entre — disse Jane.

Ele entrou, claudicando. Embora não estivesse mais interessada por ele em termos amorosos, Jane se preocupava com o seu ferimento. Ellis ficara se recuperando em Astana. Devia ter voltado naquele dia.

— Como se sente, Ellis? — Como um idiota — respondeu ele, com um sorriso triste. — É um lugar embaraçoso para se levar um tiro.

—se embaraço é tudo o que sente, então já está melhor. Ele acenou com a cabeça.

— O doutor está? — Ele foi a Skabun. Houve um terrível bombardeio lá e mandaram chamá-lo. Alguma coisa que eu possa fazer? — Eu só queria dizer a ele que minha convalescença terminou.

— Jean-Pierre voltará ainda esta noite ou amanhã de manhã. — Jane observava Ellis atentamente: com os cabelos louros e a barba encaracolada, ele parecia um leão.

— Por que não corta os cabelos? — Os guerrilheiros me disseram para deixá-lo crescer e não fazer a barba.

— Eles sempre recomendam isso. O objetivo é fazer com que os ocidentais não chamem tanta atenção. No seu caso, porém, o efeito é justamente o inverso.

— Sempre chamarei atenção neste país, com os cabelos compridos ou aparados.

— Tem razão.

Ocorreu a Jane que aquela era a primeira vez que se encontrava ali com Ellis sem a presença de Jean— Pierre. E haviam retomado com a maior facilidade o jeito antigo de conversar. Era difícil lembrar como ela ficara furiosa com ele. Ellis olhava para as coisas arrumadas, curioso.

— O que está fazendo? — Preparando-me para a viagem de volta.

— E como tencionava viajar? — com um comboio, da mesma forma como viemos.

— Os russos capturaram muito território durante os últimos dias. Ainda não sabia? Jane sentiu um calafrio de apreensão.

— Como assim? — Os russos desfecharam sua ofensiva de verão. E avançaram por muitos trechos pelos quais os comboios normalmente passam.

— Está querendo dizer que a rota para o Paquistão foi fechada? — A rota regular foi. Não é possível ir daqui ao Passo Khyber. Mas pode haver outros caminhos... Jane viu o sonho de voltar para casa se desvanecer.

— Ninguém me contou nada! — exclamou ela, furiosa.

— Jean-Pierre não devia saber. Tenho me encontrado muito com Masud e por isso estou melhor informado.

— Tem razão — murmurou Jane, sem olhar para ele.

Talvez Jean-Pierre realmente não soubesse. Ou talvez soubesse, mas não lhe contara porque não queria voltar à Europa. Qualquer que fosse o caso, ela não aceitaria a situação. Primeiro, precisava confirmar se Ellis estava certo. E depois procuraria meios de resolver o problema.

Foi até a arca de Jean-Pierre e tirou os mapas americanos do Afeganistão. Estavam enrolados num cilindro e presos com um elástico. Impaciente, Jane arrebentou o elástico e deixou os mapas caírem no chão. Em algum lugar, no fundo de sua mente, uma voz disse: Este devia ser o único elástico num raio de cem quilômetros.

Acalme-se, disse a si mesma.

Ajoelhou-se no chão e começou a examinar os mapas. Eram numa escala bastante grande, e teve de juntar vários para abranger todo o território entre o vale e o Passo Khyber. Ellis olhou por cima de seu ombro e comentou: — Esses mapas são excelentes. Onde foi que os conseguiram? — Jean-Pierre trouxe de Paris.

— São melhores que os de Masud.

— Sei disso. Mohammed sempre os usa para planejar os comboios. Muito bem, mostre-me até onde os russos avançaram.

Ellis ajoelhou-se no tapete, ao seu lado, e traçou uma linha pelo mapa com o dedo. Jane sentiu um ímpeto de esperança.

— Não me parece que o Passo Khyber esteja isolado. Por que não podemos ir por aqui? Ela traçou uma rota imaginária pelo mapa, um pouco ao norte da frente russa.

— Não sei se existe uma rota — respondeu Ellis. — Pode ser intransponível. Teriam de perguntar aos guerrilheiros. Mas há um outro problema: as informações de Masud têm pelo menos um ou dois dias, e os russos continuam a avançar. Um vale ou desfiladeiro pode estar aberto num dia e fechado no seguinte.

— Mas que droga! — Ela não seria derrotada. Inclinou-se para o mapa e examinou com

toda atenção a zona da fronteira. — O Passo Khyber não é a única passagem.

— Um rio corre pela fronteira, com montanhas no lado afegão. Talvez só se possa alcançar esses desfiladeiros pelo sul... ou seja, através de território ocupado pelos russos.

— Não há sentido em especular. — Jane reuniu os mapas e enrolou-os. — Alguém deve saber.

— Tem razão. Ela se levantou.

— Deve haver mais de uma saída deste maldito país. Pondo os mapas debaixo do braço, ela saiu, deixando Ellis ajoelhado no tapete.

As mulheres e crianças haviam voltado das cavernas e a aldeia ressuscitara. A fumaça das fogueiras de cozinhar fluuavam por cima dos muros dos pátios. Na frente da mesquita cinco crianças sentavam em círculo, empenhadas num jogo chamado (sem qualquer razão aparente) "Melão". Era um jogo de contar histórias, em que o contador parava antes do final e a criança seguinte tinha de continuar. Jane avistou Mousa, o filho de Mohammed, sentado no círculo, usando no cinto a faca de aparência ameaçadora que o pai lhe dera depois do acidente com a mina. Mousa estava contando a história e Jane ouviu suas palavras: — ... e o urso tentou arrancar a mão do menino com uma mordida, mas o menino pegou sua faca...

Ela seguiu para a casa de Mohammed. Talvez ele não estivesse — Jane não o via há muito tempo — mas vivia com os irmãos, na típica família afegã, que também eram guerrilheiros — todos os jovens em condições físicas eram — e assim poderiam lhe dar alguma informação.

Ela hesitou diante da casa. Pelo costume, deveria parar no pátio e falar com as mulheres, que estariam preparando a refeição noturna; depois de uma troca de cortesias, a mulher mais velha poderia entrar na casa para indagar se os homens condescenderiam em falar com Jane. Ela ouviu a voz da mãe: "Não vire um espetáculo público!" E disse, em voz alta: — Não enche, mamãe! Jane entrou, ignorando as mulheres no pátio, e foi direto para a sala da frente da casa, onde os homens ficavam.

Três homens estavam ali: Kahmir Khan, o irmão de dezoito anos de Mohammed, com um rosto bonito e uma barba rala; seu cunhado Matullah; e o próprio Mohammed. Era insólito haver tantos guerrilheiros na casa. Todos a fitaram, surpresos.

— Deus esteja com você, Mohammed Khan. — Sem esperar pela resposta, Jane acrescentou: — Quando voltou? — Hoje — respondeu ele, automaticamente.

Ela acorou-se como os homens. Eles estavam aturdidos demais para dizer qualquer coisa. Jane abriu os mapas no chão. Os três homens se inclinaram para a frente, num reflexo, observando-os; já estavam esquecendo que Jane violara a etiqueta.

— Os russos avançaram até aqui... é isso mesmo? Ela traçou a linha que Ellis indicara. Mohammed balançou a cabeça em concordância.

— Então a rota regular dos comboios está bloqueada.

Mohammed tornou a acenar.

— Qual é o melhor caminho para sair? Todos pareciam em dúvida e sacudiram a cabeça. Era uma atitude normal: diante de uma dificuldade, eles gostavam de dar a impressão de que o problema era muito mais árduo. Jane achava que se comportavam assim porque seu conhecimento local era o único poder de que dispunham sobre estrangeiros como ela. Geralmente se mostrava tolerante, mas hoje não estava com paciência.

— Por que não este caminho? — indagou ela, traçando uma linha paralela à frente russa.

— Perto demais dos russos — respondeu Mohammed.

— E este? Jane indicou uma rota mais cautelosa, acompanhando os contornos da terra.

— Não.

— Por que não? — Aqui... — Mohammed apontou para um ponto no mapa, entre as cabeceiras de dois vales, onde Jane passara o dedo por uma cordilheira. — Não tem sela.

Uma sela era um desfiladeiro. Jane traçou um percurso mais ao norte.

— E este caminho?

— Pior ainda.

— Mas tem de haver outra saída! — Jane tinha a impressão de que eles se divertiam com a sua frustração. Resolveu dizer alguma coisa um pouco ofensiva, a fim de estimulá-los.

— Este país é uma casa com uma só porta, isolado do resto do mundo só porque não podem alcançar o Passo Khyber? A expressão casa com uma só porta era um eufemismo para latrina.

— Claro que não — respondeu Mohammed, empertigando-se. — No verão existe a Trilha da Manteiga.

— Mostre-me.

O dedo de Mohammed traçou uma rota complexa que partia para leste do vale, passando por uma sucessão de desfiladeiros altos e leitos de rios secos, virando para o norte pelo Himalaia e cruzando a fronteira perto do desabitado Corredor Waikhan, antes de virar para sudeste, até a cidade paquistanesa de Chitral.

— É assim que o povo de Nuristan leva sua manteiga, iogurte e queijo para o mercado no Paquistão. — Ele sorriu e tocou no gorro redondo. — E é onde arrumamos os chapéus.

Jane recordou que aqueles gorros eram conhecidos como chitrali.

— Ótimo — disse ela. — Voltaremos para casa por esse caminho. Mohammed sacudiu a cabeça.

— Não pode.

— E por que não? Kahmir e Matullah sorriam com um ar superior. Jane ignorou-os.

Depois de um momento, Mohammed disse: — O primeiro problema é a altitude. Essa rota passa acima da linha do gelo. Isso significa que a neve nunca derrete e não há água correndo, nem mesmo no verão. O segundo é o terreno. As colinas são muito íngremes e as trilhas, estreitas e traiçoeiras. É difícil encontrar o caminho. Os próprios guias locais podem se perder.

Mas o pior de todos os problemas é o povo. A região é chamada Nuristan, mas já foi conhecida como Kafiristan, porque os habitantes eram incrédulos e bebiam vinho. Agora são verdadeiros crentes, mas ainda roubam, trapaceiam e às vezes matam os viajantes. A rota não é boa para os europeus, impossível para as mulheres. Só os homens mais jovens e mais fortes podem percorrê-la... e mesmo assim muitos são mortos.

— Mandará comboios por esse caminho? — Não. Vamos esperar até que a rota do sul seja reaberta. Jane estudou o rosto bonito. Compreendeu que ele não estava exagerando. Levantou-se e começou a arrumar os mapas. Sentia um desapontamento profundo. A volta estava adiada indefinidamente. A tensão da vida no vale parecia subitamente insuportável, e ela tinha vontade de chorar. Enrolou os mapas e forçou-se a ser polida.

— Passou muito tempo ausente — disse ela a Mohammed.

— Fui a Faizabad.

— Uma longa viagem. — Faizabad era uma cidade relativamente grande ao norte. A Resistência local era muito forte: o exército se amotinara e os russos nunca recuperaram o controle. — Não está cansado?

Era uma pergunta formal, da mesma forma que Como vai? no Ocidente. Mohammed deu a resposta formal: — Ainda estou vivo.

Ela enfiou o rolo de mapas debaixo do braço e saiu. As mulheres no pátio fitaram-na apreensivas quando ela passou. Jane acenou com a cabeça para Halima, a mulher de olhos escuros de Mohammed, recebendo em resposta um meio sorriso nervoso.

Os guerrilheiros andavam fazendo muitas viagens ultimamente. Mohammed fora a Faizabad, o irmão de Fará viajara a Jalalabad... Jane recordou que uma de suas pacientes, uma mulher de Dasht-i-Rewat, comentara que o marido fora enviado a Pagman, perto de Kabul. E Yussuf Gul, o cunhado de Zahara, irmão de seu falecido marido, seguira para o Vale Logar, no outro lado de Kabul. Todos os quatro lugares eram baluartes rebeldes. Alguma coisa estava acontecendo.

Jane esqueceu o desapontamento por um momento, enquanto tentava imaginar o que seria. Masud enviara mensageiros a muitos outros comandantes da Resistência, talvez mesmo a todos. Seria uma coincidência que isso acontecesse logo depois da chegada de Ellis ao vale? Se não fosse, o que Ellis estaria tramando? Talvez os Estados Unidos quisessem colaborar com Masud na organização de uma ofensiva conjunta. Se todos os rebeldes agissem em cooperação, poderiam conseguir alguma coisa, talvez mesmo capturar Kabul temporariamente.

Jane entrou em casa e largou os mapas na arca. Chantal ainda dormia. Fará preparava o jantar: pão, iogurte e maçãs. Jane perguntou: — Por que seu irmão foi a Jalalabad? — Ele foi mandado — respondeu Fará, com o ar de alguém que anuncia o óbvio.

— Quem o mandou? — Masud.

— Para quê? — Não sei.

Fará parecia espantada por Jane formular tal pergunta: como podia ser tão tola a ponto de pensar que um homem contaria à irmã o motivo de uma viagem? — Ele tinha alguma coisa para fazer lá, levou uma mensagem, ou o quê? — Não sei — repetiu Fará, começando a parecer nervosa.

— Não importa — disse Jane, sorrindo.

Entre todas as mulheres da aldeia, Fará era a que tinha menos possibilidade de saber o que estava acontecendo. E quem era a mais provável? Zahara, é claro.

Jane pegou uma toalha e seguiu para o rio.

Zahara não estava mais de luto pelo marido, embora se mostrasse muito menos exuberante do que antes.

Jane se perguntou quando ela tornaria a casar. Zahara e Ahmed formavam o único casal que Jane conhecera que parecia ser realmente apaixonado. Contudo, Zahara era uma mulher extremamente sensual e teria dificuldade em viver sem um homem por muito tempo. O irmão mais moço de Ahmed, Yussuf, o cantor, morava na mesma casa que Zahara e ainda era solteiro, aos dezoito anos; as mulheres da aldeia insinuavam que Yussuf poderia casar com Zahara.

Os irmãos viviam juntos ali; as irmãs eram sempre separadas. Uma jovem esposa ia viver com o marido na casa dos pais dele. Era apenas uma das maneiras pelas quais os homens do país oprimiam suas mulheres.

Jane avançou mais depressa pela trilha através dos campos. Alguns homens trabalhavam à pouca claridade do crepúsculo. A colheita estava terminando. Muito em breve seria tarde demais para seguir a Trilha da Manteiga: Mohammed explicara que era uma rota que só existia no verão.

Ela chegou à praia das mulheres. Oito ou dez se banhavam no rio ou em poças na margem. Zahara se encontrava no meio da correnteza, espadanando água, como sempre, mas sem rir nem gracejar.

Jane largou a toalha e entrou na água. Resolveu ser um pouco menos direta com Zahara do que fora com Fará. Claro que não poderia enganar Zahara, mas tentaria dar a impressão de que estava apenas comentando, não fazendo um interrogatório. Não se aproximou de Zahara imediatamente. Depois que as outras mulheres saíram da água, ela esperou mais um ou dois minutos e foi se enxugar em silêncio. Só quando Zahara e algumas outras mulheres começaram a voltar para a aldeia é que Jane falou.

— Quando Yussuf vai voltar? — perguntou ela a Zahara, em dari.

— Hoje ou amanhã. Ele foi ao Vale Logar.

— Eu já sabia. Ele foi sozinho? — Foi... mas disse que pode trazer alguém para casa em sua companhia.

— Quem? Zahara deu de ombros.

— Talvez uma esposa.

Jane distraiu-se por um momento. Zahara se mostrava muito fria e indiferente. Isso significava que estava preocupada; não queria que Yussuf voltasse com uma esposa.

Parecia que eram verdadeiros os rumores que circulavam pela aldeia. Jane esperava que sim. Afinal, Zahara precisava de um homem.

— Não creio que ele tenha ido buscar uma esposa — comentou Jane.

— Por quê? — Alguma coisa importante está acontecendo. Masud enviou muitos mensageiros. Não podem estar todos atrás de esposas.

Zahara continuou a tentar parecer indiferente, mas Jane percebeu que ela se sentia satisfeita. Haveria algum significado na possibilidade de Yussuf ter ido ao Vale Logar para buscar alguém? A noite caía quando se aproximaram da aldeia. Um canto baixo vinha da mesquita: o som estranho dos homens mais sanguinários do mundo em oração. Sempre fazia Jane se lembrar de Josef, um jovem soldado russo que sobrevivera à queda de seu helicóptero na montanha, perto de Banda. Algumas mulheres levaram-no para a casa do comerciante — fora no inverno, antes de transferirem a clínica para a caverna — Jean-Pierre e Jane cuidaram dos ferimentos, enquanto se enviava uma mensagem a Masud, indagando o que fazer. Jane soubera da resposta de Masud na noite em que Alishan Karim entrara na sala da frente, onde Josef estava, encostara o cano do rifle em seu ouvido e puxara o gatilho. Fora mais ou menos naquela hora, e o som dos homens em oração estavam no ar enquanto Jane lavava o sangue da parede e recolhia do chão os miolos do rapaz.

As mulheres percorreram o último trecho da trilha que subia do rio e pararam diante da mesquita, concluindo as conversas, antes de seguirem para suas casas. Jane olhou para a mesquita. Os homens oravam de joelhos, levados por Abdullah, o mula. As armas, a mistura habitual de rifles antigos e submetralhadoras modernas, estavam empilhadas num canto. As orações chegavam ao fim. Enquanto os homens se levantavam, Jane constatou que havia

diversos estranhos entre eles. Ela perguntou a Zahara: — Quem são? — Pelos turbantes, devem ser do Vale Pich e de Jalalabad — respondeu Zahara. — São pushtuns... normalmente nossos inimigos. Por que estão aqui? Enquanto ela falava, um homem muito alto, com uma venda no olho, emergiu da multidão. Zahara acrescentou: — Aquele deve ser Jahan Kamil... o grande inimigo de Masud.

— Mas lá está Masud, falando com ele — disse Jane, para logo acrescentar, em inglês: — Essa não! Zahara imitou-a: — Essa não! Era o primeiro gracejo de Zahara depois da morte do marido. Um bom sinal: Zahara estava se recuperando.

Os homens começaram a deixar a mesquita e as mulheres seguiram apressadamente para suas casas, à exceção de Jane. Ela tinha a impressão que começava a compreender o que estava acontecendo e queria uma confirmação. Quando Mohammed saiu, ela se aproximou e lhe disse em francês: — Esqueci de perguntar se sua viagem a Faizabad foi bem-sucedida.

— Foi, sim — respondeu ele sem parar, pois não queria que seus companheiros ou os pushtuns o vissem respondendo às perguntas de uma mulher.

Jane acompanhou-o, em passos rápidos, enquanto ele se encaminhava para sua casa.

— Quer dizer que o comandante de Faizabad está aqui?

— Está.

Jane acertara em cheio: Masud convidara todos os comandantes rebeldes para um encontro.

— O que acha da ideia? — indagou ela, ainda tentando descobrir mais detalhes.

Mohammed estava pensativo e abandonou sua altivez, como sempre fazia quando se interessava pela conversa.

— Tudo depende do que Ellis fizer amanhã — disse ele. -se conseguir impressionar como um homem de honra e ganhar o respeito de todos, acho que eles concordarão com o plano.

— E você acha que o plano dele é bom? — Claro que será ótimo se a Resistência estiver unida e receber armas dos Estados Unidos.

Então era isso! Armas americanas para os rebeldes, com a condição de que lutassem juntos contra os russos, em vez de lutarem entre si durante a metade do tempo.

Chegaram à casa de Mohammed e Jane desviou-se com um aceno de mão. Sentia os seios intumescidos; estava na hora de amamentar Chantal. O seio direito dava a impressão de estar mais pesado, porque na última mamada ela começara pelo esquerdo e Chantal sempre esvaziava completamente o primeiro.

Jane entrou na casa e foi para o quarto. Chantal estava nua sobre uma toalha dobrada, dentro do berço, que era na verdade uma caixa de papelão cortada ao meio. Não precisava de roupas no ar quente do verão afegão. À noite, era coberta com um lençol e mais nada. Os rebeldes e a guerra, Ellis, Mohammed e Masud, tudo recuou para segundo plano, enquanto Jane contemplava a filha. Sempre achara que bebês eram feios, mas Chantal lhe parecia a coisa mais linda do mundo. Enquanto Jane observava, Chantal remexeu-se, abriu a boca e gritou. O seio direito de Jane vazou leite no mesmo instante, em resposta, e uma trilha quente de umidade espalhou-se pela blusa. Ela desabotoou a blusa e pegou Chantal.

Jean-Pierre dizia que ela devia lavar os seios com desinfetante cirúrgico antes da amamentação, mas Jane nunca o fazia, porque sabia que Chantal não apreciaria o gosto. Sentou-se num tapete, encostada na parede, e aninhou Chantal no braço direito. A menina balançava os

bracinhos roliços e sacudia a cabeça de um lado para outro, procurando freneticamente, com a boca escancarada. Jane guiou-a para o mamilo. As gengivas desdentadas apertaram com força, e Chantal pôs-se a sugar. Jane estremeceu ao primeiro arranco e depois ao segundo. A terceira mamada foi mais suave. A mão pequena e roliça levantou-se e encostou no lado do seio intumescido de Jane, comprimindo-o numa carícia cega e desajeitada. Jane relaxou.

Amamentar a filha fazia com que ela se sentisse muito terna e protetora. E também, para sua surpresa, era erótico. A princípio ela se sentira culpada por ficar excitada, mas logo concluiu que não podia ser uma coisa horrível se era natural, e passou a desfrutar a sensação.

Ansiava em exibir Chantal se algum dia voltassem à Europa. A mãe de Jean-Pierre certamente lhe diria que estava fazendo tudo errado e sua própria mãe haveria de querer batizar Chantal o mais depressa possível. Mas seu pai adoraria Chantal através da bruma alcoólica, e a irmã ficaria orgulhosa e entusiasmada. Quem mais? O pai de Jean-Pierre já morrera... Uma voz soou no pátio: — Tem alguém em casa? Era Ellis.

— Entre — gritou Jane.

Ela não sentiu necessidade de se cobrir. Ellis não era um afegão e, além do mais, já fora seu amante. Ele entrou, viu-a amamentando a filha e teve uma reação inesperada: — Devo me retirar? Jane sacudiu a cabeça.

— Já vi meus peitos antes.

— Acho que não. Você deve tê-los mudado. Ela riu.

— A gravidez deixa as mulheres com peitos enormes. — Ela sabia que Ellis já fora casado e tinha uma filha, embora ele desse a impressão de que não mais via qualquer das duas. Era uma das coisas de que ele não gostava de falar. — Não se lembra de quando sua mulher ficou grávida? — Não acompanhei a gravidez. — Ele falou no tom brusco que usava quando queria encerrar um assunto. — Estava viajando.

Jane estava relaxada demais para responder no mesmo tom. E sentia pena dele. Ellis fizera a maior confusão com sua vida, embora nem tudo fosse culpa sua; e certamente fora punido por seus pecados, inclusive por ela.

— Jean-Pierre não voltou — comentou ele.

— Não.

O movimento de sugar se atenuou, enquanto o seio de Jane se esvaziava. Ela tirou gentilmente o mamilo da boca de Chantal e levantou a menina para o ombro, afagando as costas estreitas para fazê-la arrotar.

— Masud gostaria de tomar emprestados os mapas dele — explicou Ellis.

— Não há problema. Você sabe onde estão. — Chantal arrotou alto. — Boa menina...

Ela ajeitou a filha no seio esquerdo. Faminta outra vez, depois de arrotar, Chantal recomeçou a sugar.

Cedendo a um súbito impulso, Jane perguntou: — Por que não visita sua filha? Ele tirou os mapas da arca, fechou-a, e empertigou-se.

— Eu visito... mas não com muita frequência.

Jane ficou aturdida. Vivi com ele por quase seis meses e nunca o conheci realmente, pensou ela.

— É mesmo uma menina? — É sim.

— Deve estar...

— Treze anos.

— Puxa! Era praticamente uma garota crescida. Jane sentiu de repente a maior curiosidade. Por que nunca o interrogara a respeito de tudo aquilo? Talvez ela não estivesse interessada, antes de ter também uma filha.

— Onde ela vive? Ellis hesitou.

— Não precisa dizer — acrescentou Jane, entendendo a expressão dele. — Estava prestes a mentir.

— Tem razão. Mas pode compreender por que tenho de mentir a respeito? Ela pensou por um instante.

— Tem medo de que seus inimigos possam atacá-lo por intermédio de sua filha? — Isso mesmo.

— É um bom motivo.

— Obrigado. E obrigado também por isto.

Ela acenou com os mapas e saiu. Chantal adormecera com o mamilo de Jane na boca. Ela levantou a filha à altura do ombro. Chantal arrotou sem acordar. Era capaz de dormir em qualquer situação.

Jane gostaria que Jean-Pierre já tivesse voltado. Tinha certeza de que ele não poderia causar qualquer mal, mas ainda assim se sentiria mais tranquila se o marido estivesse ali. Jean-Pierre não poderia fazer contato com os russos porque ela quebrara o rádio. Não havia outros meios de comunicação entre Banda e o território russo. Masud podia enviar mensageiros a pé, mas Jean-Pierre não dispunha de mensageiros; e se mandasse alguém, toda a aldeia saberia. A única coisa que ele podia fazer era ir a pé até Rokha, e não tivera tempo para isso.

Além de estar preocupada, ela detestava dormir sozinha. Não se importava na Europa, mas ali sentia-se assustada com os afegãos brutais e imprevisíveis, que julgavam ser tão normal um homem espancar a mulher quanto uma mãe bater no filho. E Jane não era uma mulher comum para eles: com suas posições liberadas, olhar direto e atitudes de desafio, era um símbolo dos prazeres sexuais proibidos. Ela não seguia as convenções do comportamento sexual, e as únicas outras mulheres assim que eles conheciam eram as prostitutas.

Quando Jean-Pierre estava ao seu lado, ela sempre estendia a mão para tocá-lo um momento antes de cair no sono. Ele sempre dormia encolhido, virado para o outro lado; mexia-se muito no sono, mas nunca se estendia para ela. O único outro homem com quem ela partilhara uma cama por um período mais prolongado fora Ellis, que tinha um comportamento oposto: ele a tocava durante a noite inteira, abraçava-a, beijava-a, às vezes meio acordado, em outras profundamente adormecido. Duas ou três vezes Ellis tentara fazer amor com ela, rudemente, enquanto dormia; Jane ria e tentava aceitá-lo, mas depois de alguns segundos ele rolava para o lado e se punha a roncar, sem se lembrar pela manhã do que fizera. Ellis era muito diferente de Jean-Pierre. Ele a tocava com uma afeição desajeitada, como uma criança brincando com seu animal de estimação; Jean-Pierre a acariciava como um violinista faria com um Stradivarius. Os dois a amaram de modos diversos, mas a traíram da mesma maneira.

Chantal gorgolejou. Estava acordada. Jane ajeitou-a em seu colo, levantando a cabeça, a fim de que pudessem se fitar. Pôs-se a conversar com a filha, dizendo sílabas que não faziam qualquer sentido, mas também palavras concretas. Chantal gostava. Depois de algum tempo, Jane esgotou a conversa fiada e se pôs a cantar. Estava no meio de Papai foi a Londres de trem

quando foi interrompida por uma voz lá fora.

— Entre — gritou Jane, acrescentando depois para a filha: — Não acha que estamos recebendo visitantes a todo momento? Parece até que vivemos no Museu Nacional.

Ela puxou a blusa na frente, a fim de cobrir os seios. Mohammed entrou e perguntou em dari: — Onde está Jean-Pierre? — Foi a Skabun. Posso ajudar em alguma coisa? — Quando ele voltará? — Espero que de manhã. Quer me explicar qual é o problema ou pretende continuar a falar como um guarda de Kabul? Mohammed sorriu. Achava sensual quando ela lhe falava desrespeitosamente, o que não era o efeito visado por Jane.

— Alishan chegou com Masud. Ele quer mais pílulas.

— Ah...

Alishan Karim era o irmão do mulá e sofria de angina. Como ele não estava disposto a renunciar a suas atividades como guerrilheiro, Jean-Pierre lhe dava trinitrina para tomar imediatamente antes da batalha ou outro esforço físico.

— Vou pegar algumas pílulas.

Ela levantou-se e entregou Chantal a Mohammed. Ele pegou a criança automaticamente e depois ficou embaraçado. Jane sorriu e foi para a sala na frente. Encontrou as pílulas numa prateleira por baixo do balcão. Despejou cem cápsulas num recipiente de plástico e voltou à sala de estar. Chantal olhava fixamente para Mohammed, fascinada. Jane pegou a filha e entregou as pílulas.

— Diga a Alishan para descansar mais. Mohammed sacudiu a cabeça.

— Ele não tem medo de mim. Diga você.

Jane riu. Partindo de um afegão, o gracejo era quase feminista. Mohammed acrescentou:

— Por que Jean-Pierre foi a Skabun? — Houve um bombardeio lá esta manhã.

— Não, não houve.

— Claro que hou...

Jane parou de falar abruptamente. Mohammed deu de ombros.

— Passei o dia inteiro lá com Masud. Você deve estar enganada. Ela tentou manter o controle.

— É isso mesmo. Devo ter ouvido mal.

— Obrigado pelas pílulas.

Mohammed saiu. Jane sentou-se num banco. Não houvera bombardeio em Skabun. Jean-Pierre fora se encontrar com Anatoly. Não sabia como ele conseguira, mas não tinha mais qualquer dúvida.

O que ela devia fazer agora? Se Jean-Pierre tinha conhecimento da reunião no dia seguinte e pudesse informar aos russos, então os russos poderiam atacar.

E poderiam liquidar toda a liderança da Resistência afegã em apenas um dia. Tinha de falar com Ellis.

Envolveu Chantal com um xale — o ar estaria um pouco mais fresco agora — e saiu, encaminhando-se para a mesquita. Ellis estava no pátio com os outros homens. Estudava os mapas de Jean-Pierre junto com Masud, Mohammed e o homem com a venda no olho. Alguns guerrilheiros fumavam de um narguilé, outros comiam. Ficaram espantados quando ela entrou com a criança no quadril.

— Ellis... — Ele levantou os olhos. — Preciso falar com você. Pode sair? Ele levantou-se,

os dois passaram pela arcada e pararam na frente da mesquita.

— O que é? — perguntou Ellis.

— Jean-Pierre sabe dessa reunião que você promoveu com todos os líderes da Resistência? — Sabe. Ele estava presente, tirando a bala do meu traseiro, quando Masud e eu falamos a respeito pela primeira vez. Por quê? Jane sentiu um aperto no coração. Sua última esperança era a de que Jean-Pierre não soubesse. Ela olhou ao redor. Não havia ninguém por perto e além do mais estavam falando em inglês.

— Tenho de lhe contar uma coisa, mas quero que me prometa que nada acontecerá a ele. Ele fitou-a aturdido por um momento e depois exclamou: — Oh, merda! Jean-Pierre trabalha para eles! Mas é claro! Como não adivinhei? Em Paris ele deve ter levado os homens a meu apartamento! Tem informado os russos sobre os comboios... é por isso que eles perderam tantos! O filho da puta... — Ele parou de falar bruscamente e depois acrescentou, em tom mais suave: — Deve ter sido horrível para você.

— Foi, sim.

Jane perdeu o controle, as lágrimas afloraram a seus olhos e ela começou a soluçar. Sentia-se fraca, tola e envergonhada por chorar, mas também experimentava a sensação de que um enorme peso fora removido de seus ombros. Ellis abraçou-a e a Chantal, murmurando.

— Pobre coitada...

— Foi horrível — balbuciou Jane.

— Há quanto tempo você sabe? — Há poucas semanas.

— Não sabia quando se casou com ele? — Não.

— Nós dois fizemos isso com você.

— É verdade.

— Apaixonou-se pelos homens errados.

— Tem razão.

Jane comprimiu o rosto contra o peito de Ellis e chorou incontrolavelmente por todas as mentiras e traições, tempo perdido e amor desperdiçado. Chantal também chorou.

Ellis apertou Jane com mais força, afagou-lhe os cabelos, até que ela parou de tremer, começou a se acalmar, e limpou o nariz em sua manga.

— Quebrei o rádio de Jean-Pierre e pensei que ele não tinha mais meios de entrar em contato com os russos. Mas hoje ele foi chamado a Skabun para cuidar dos feridos do bombardeio... só que não houve qualquer bombardeio em Skabun...

Mohammed saiu da mesquita. Ellis largou Jane, embaraçado, perguntando a Mohammed, em francês: — O que está acontecendo? — Eles estão discutindo. Alguns acham que é um bom plano caos ajudará a derrotar os russos. Outros perguntam por que Masud é considerado o único bom comandante e quem é Ellis Thaler para julgar os líderes afegãos. Você tem de voltar e conversar mais um pouco com eles.

— Espere um pouco — disse Ellis. — Surgiu um fato novo. Jane pensou: Oh, Deus, Mohammed vai querer matar alguém quando souber.

— Houve um vazamento.

— Como assim? — indagou Mohammed, em tom ameaçador.

Ellis hesitou, como se relutasse em contar tudo. Mas acabou! Murmurando: — Os russos talvez saibam da conferência...

— Quem é o traidor? — perguntou Mohammed.

— Possivelmente o doutor, mas...

Mohammed virou-se para Jane.

— Há quanto tempo você sabe?

— Vai falar comigo de maneira polida ou nem quero ouvi-lo — respondeu ela, bruscamente.

— Calma, calma — interveio Ellis.

Jane não podia permitir que Mohammed mantivesse o tom acusador. E disse: — Eu não avisei você? Mandei que mudasse a rota do comboio. Salvei sua vida. Não queira me acusar agora.

A ira de Mohammed se dissipou e ele ficou um pouco envergonhado. Ellis comentou: — Então foi por isso que a rota mudou.

Ele olhou para Jane com uma expressão em que havia alguma admiração. Mohammed perguntou: — Onde ele está agora?

— Não sabemos — respondeu Ellis.

— Deve ser morto se voltar.

— Não! — gritou Jane.

Ellis pôs a mão em seu ombro para contê-la e disse a Mohammed: — Você mataria um homem que salvou as vidas de tantos de seus companheiros?

— Ele tem de enfrentar a justiça — insistiu Mohammed.

Mohammed falara se ele voltasse, e Jane compreendeu que sempre presumira que Jean-Pierre voltaria. Ele seria capaz de abandoná-la e à filha?

Ellis estava dizendo: — Se ele é um traidor e se conseguiu entrar em contato com os russos, então lhes falou do encontro de amanhã. Os russos vão atacar e tentar capturar Masud.

— Isso é terrível — disse Mohammed. — Masud deve partir imediatamente. A conferência terá de ser cancelada e...

— Não necessariamente — interrompeu-o Ellis. — Pense um pouco. Podemos tirar proveito da situação.

— Como?

— Para dizer a verdade, quanto mais penso a respeito, mais a situação me atrai. Talvez seja a melhor coisa que poderia nos acontecer...

Capítulo 12

Eles evacuaram a aldeia de Darg durante a madrugada. Os homens de Masud foram de casa em casa, acordando gentilmente os moradores e avisando que a aldeia seria atacada pelos russos naquele dia, e que deviam subir o vale até Banda, levando os seus pertences mais preciosos. Ao amanhecer havia uma fila irregular de mulheres, crianças, velhos e gado serpenteando pela estrada de terra que saía de Darg e corria pela beira do rio.

Darg tinha uma situação diferente de Banda. Em Banda, as casas se agrupavam na extremidade leste da planície, onde o vale se estreitava e o terreno era rochoso.

Em Darg, todas as casas se concentravam numa pequena prateleira entre a base do penhasco e a margem do rio. Havia uma ponte em frente à mesquita, e os campos ficavam no outro lado do rio.

Era um bom lugar para uma emboscada.

Masud desenvolvera o plano durante a noite, e agora Mohammed e Alishan tomavam as providências necessárias. Movimentavam-se com uma eficiência tranquila, Mohammed alto, bonito e gracioso, Alishan baixo e de aparência mesquinha, ambos dando instruções em voz baixa, imitando o estilo suave de seu líder.

Ellis perguntou-se, enquanto instalava suas cargas, se os russos viriam mesmo. Jean-Pierre não voltara, e assim parecia certo que ele conseguira entrar em contato com seus chefes; e era quase inconcebível que eles pudessem resistir à tentação de capturar ou matar Masud. Mas tudo era circunstancial. E se eles não aparescessem, Ellis pareceria um tolo por fazer com que Masud preparasse uma armadilha elaborada para uma vítima inexistente. Os guerrilheiros não fariam um pacto com um idiota. Mas se os russos aparecerem, pensou Ellis, se a emboscada der certo, meu prestígio e o de Masud aumentarão a tal ponto que não haverá dificuldades em selar o acordo.

Ele fazia um esforço para não pensar em Jane. Quando a abraçara e à criança, Jane molhara sua camisa com as lágrimas, e toda a paixão por ela se reacendera. Era como lançar lenha seca numa fogueira. Ellis sentira vontade de ficar ali para sempre, os ombros estreitos de Jane tremendo sob seus braços, a cabeça dela comprimida contra seu peito. Pobre Jane. Ela era tão honesta e só tivera homens traiçoeiros.

Ele estendeu o estopim pelo rio e levou a extremidade para sua posição, uma pequena casa de madeira, à beira d'água, a cerca de duzentos metros da mesquita, correnteza acima. Prendeu um detonador no estopim, depois concluiu a montagem com um artefato de disparo simples, um cordão com uma argola para puxar.

Ellis aprovara o plano de Masud. Aprendera tudo sobre emboscada e contra-emboscada em Forte Bragg, durante um ano, entre as duas estadas na Ásia, e daria nove numa escala de dez à armadilha preparada por Masud. O ponto que faltava era porque Masud não dispunha de uma rota de saída para suas tropas caso o combate se tornasse adverso. Mas talvez Masud não considerasse isso um erro.

Por volta das nove horas estava tudo pronto, e os guerrilheiros comeram. Até isso era parte da emboscada: podiam todos ocupar suas posições em minutos, até mesmo em segundos, e a aldeia vista do ar pareceria normal, como se os aldeões tivessem corrido para se esconder dos helicópteros, deixando para trás as tigelas, tapetes e fogueiras acesas; assim, o comandante das

forças russas não teria motivos para desconfiar de uma armadilha.

Ellis comeu pão, tomou várias xícaras de chá verde, e depois acomodou-se para esperar, enquanto o sol subia pelo vale. Sempre havia muita espera. Podia lembrar que era também assim na Ásia. Naquele tempo muitas vezes estava alto, com maconha ou cocaína, e a espera parecia não ter a menor importância, porque até gostava. Era curioso, pensou ele, como perdera o interesse por tóxicos depois da guerra.

Ellis esperava que o ataque fosse desfechado naquela tarde ou na madrugada do dia seguinte. Se fosse o comandante russo, ele raciocinaria que os líderes rebeldes haviam se reunido no dia anterior e partiriam no dia seguinte; o ataque deveria ser desfechado tarde o bastante para apanhar todos os retardatários, mas não tão tarde que alguns já pudessem ter ido embora.

As armas pesadas chegaram no meio da manhã, um par de Dashokas, metralhadoras antiaéreas de,7mm, cada uma puxada por um guerrilheiro. Um burro seguia atrás, levando as caixas de balas chinesas capazes de perfurar as blindagens.

Masud anunciou que uma das armas seria manejada por Yussuf, o cantor, que deveria casar com Zahara, a amiga de Jane, segundo os rumores que circulavam pela aldeia; a outra estaria guarnecida por um guerrilheiro do Vale Pich, chamado Abdur, que Ellis não conhecia. Ao que se dizia, Yussuf já derrubara três helicópteros com sua Kalashnikov. Ellis se mantinha cético quanto a isso; pilotara helicópteros na Ásia e sabia que era quase impossível abater o aparelho com um rifle. Mas Yussuf explicara, sorrindo, que o segredo era se postar acima do alvo, disparando para baixo da encosta de uma montanha, uma tática que não era possível no Vietnam, porque o terreno era diferente.

Yussuf dispunha hoje de uma arma muito maior e usaria a mesma técnica. As armas foram desmontadas e levadas por dois homens pelos degraus íngremes escavados na encosta do penhasco que pairava por cima da aldeia. Os burros e a munição seguiram.

Ellis observou lá de baixo enquanto eles tornavam a montar as armas. No topo do penhasco havia uma prateleira com três ou quatro metros de largura, depois a encosta continuava a subir numa inclinação mais suave. Os guerrilheiros instalaram as armas com um intervalo de dez metros e camuflaram-nas. Os pilotos de helicóptero logo descobririam onde estavam as armas, mas teriam dificuldade para silenciá-las na posição em que se encontravam.

Quando tudo já estava pronto, Ellis voltou a seu posto, na pequena casa de madeira à beira do rio. Seus pensamentos voltaram aos anos 60. Começara a década como colegial e terminara como soldado. Fora para Berkeley em 1967 convencido de que sabia o que o futuro lhe reservava: queria ser produtor de documentários para a televisão.

Como era inteligente e criativo, como a era a Califórnia, onde qualquer um podia ser qualquer coisa desde que se empenhasse a fundo, não havia motivo que pudesse imaginar para não realizar sua ambição. Fora então engolfado pela paz e poder da flor, as marchas contra a guerra, jeans boca-de-sino e LSD. Mais uma vez, pensara que sabia o que o futuro lhe reservava: iria mudar o mundo. Esse sonho também durara pouco e não demorara muito para ser engolfado de novo, desta vez pela brutalidade insensata do exército e o horror drogado do Vietnam. Sempre que olhava para trás, podia constatar que era nas ocasiões em que se sentia confiante e assentado que a vida o atingia com grandes mudanças.

O meio-dia passou sem almoço. Devia ser porque os guerrilheiros não tinham comida. Ellis achava difícil se acostumar à ideia de que ninguém podia almoçar quando não havia

comida. Ocorreu-lhe que talvez fosse por isso que quase todos os guerrilheiros fumavam muito: o tabaco arrefecia o apetite.

Fazia calor mesmo na sombra. Sentou-se à entrada da casa, tentando aproveitar a pouca brisa que soprava. Podia ver os campos, o rio com sua ponte em arco, a aldeia com sua mesquita e o penhasco projetado. A maioria dos guerrilheiros estava em suas posições, que lhes proporcionava abrigo do sol, além de cobertura. Quase todos se encontravam em casas próximas do penhasco, onde os helicópteros teriam dificuldade para metralhá-los; mas, como era inevitável, alguns se encontravam em posições mais vulneráveis, perto do rio. A fachada de pedra da mesquita tinha três entradas em arco e em cada uma sentava-se um guerrilheiro, de pernas cruzadas. Faziam Ellis pensar em sentinelas em guaritas. Ele conhecia os três: lá estava Mohammed, na arcada mais distante; seu irmão Kahmir, com a barba rala, no meio; e na mais próxima Ali Ghanim, o homem feio de espinha torta com quatorze filhos, que fora ferido com Ellis na planície. Cada um tinha um Kalashnikov nos joelhos e um cigarro nos lábios.

Ellis se perguntou qual deles estaria vivo no dia seguinte.

O primeiro ensaio que ele escrevera no colégio fora sobre a expectativa da batalha em Shakespeare. Comparara dois discursos antes do combate: um inspirado, de Henry V, em que o Rei diz "Mais uma vez sob ataque, meus amigos, mais uma vez; a muralha fechemos com nossos mortos ingleses", e o solilóquio cínico de Falstaff sobre a honra, em Henry IV, "Pode a honra reparar uma perna? Não. Ou um braço? Não. A honra não tem competência médica? Não... Quem a tem? Aquele que morreu na quarta-feira." O Ellis de dezenove anos recebera a nota máxima pelo seu primeiro e último ensaio, pois depois estivera ocupado demais a argumentar que Shakespeare e todo o curso de inglês eram "irrelevantes".

Seu devaneio foi interrompido por uma sucessão de gritos. Não compreendia as palavras em dari, mas também não precisava: pela urgência do tom, sabia que sentinelas em colinas ao redor haviam avistado helicópteros distantes e avisado a Yussuf no alto do penhasco, que espalhara a notícia. Houve um fluxo de movimento na aldeia crestada pelo sol, enquanto os últimos guerrilheiros corriam para seus postos, abrigavam-se, verificavam suas armas, acendiam novos cigarros. Os três homens nas arcadas da mesquita fundiram-se com o interior escuro. Agora, a aldeia vista do ar parecia deserta, como normalmente acontecia durante a parte mais quente do dia, quando a maioria das pessoas descansava.

Ellis prestou atenção e ouviu o barulho ameaçador dos helicópteros se aproximando. Sentiu um aperto nas entranhas. Eram os nervos. Era assim que os vietcongues se sentiam, pensou ele, escondidos em sua selva úmida, quando ouviram seu helicóptero se aproximar pelas nuvens. Você colhe o que semeia, meu caro.

Afrouxou as travas de segurança no mecanismo de disparo.

Os helicópteros estavam mais perto, mas ele ainda não podia vê-los. Tentou calcular quantos eram. Não dava para determinar pelo barulho. Ellis percebeu algo pelo canto do olho e virou a cabeça para observar um guerrilheiro mergulhar no rio da margem oposta e começar a nadar em sua direção. Quando o vulto emergiu perto, Ellis constatou que era o velho Shahazai Gul, com suas cicatrizes, o irmão da parteira. Shahazai era especialista em minas. Passou correndo por Ellis e foi se abrigar numa casa.

Por algum tempo a aldeia ficou silenciosa e nada se ouvia além da pulsação assustadora das pás dos rotores. Ellis pensou: Quantos eles mandaram? O primeiro apareceu, por cima do

penhasco, avançando veloz, e baixou para a aldeia. Hesitou sobre a ponte, como um gigantesco beija-flor.

Era um Mi-24, conhecido no Ocidente como Hind (os russos chamavam esses helicópteros de Corcundas, por causa das enormes turbinas instaladas sobre a cabine de passageiros).

O artilheiro sentava mais abaixo, na frente, com o piloto por trás e por cima, como crianças brincando de carregar outra nas costas; e as janelas pareciam o olho multifacetado de um inseto monstruoso. O helicóptero tinha um trem de pouso de três rodas e asas curtas e grossas, com os tubos de foguetes por baixo.

Como uns poucos guerreiros tribais esfarrapados conseguiam lutar contra tais máquinas? Mais cinco Hinds surgiram, em rápida sucessão. Sobrevoaram a aldeia e a área ao redor, efetuando um reconhecimento, presumiu Ellis, das posições inimigas. Era uma precaução de rotina, pois os russos não tinham motivos para esperar uma resistência maior, já que estavam convencidos de que o ataque seria de surpresa.

Um segundo tipo de helicóptero se aproximou e Ellis reconheceu o Mi-8, conhecido como Hip.

Maior que o Hind, mas menos temível, podia transportar vinte ou trinta homens, e sua finalidade era o transporte de tropas, e não o ataque. O primeiro pairou sobre a aldeia, depois baixou subitamente de lado e foi pousar na plantação de cevada. Mais cinco pousaram. Um total de cento e cinquenta homens, pensou Ellis. Assim que os Hips pousavam, os soldados pulavam e deitavam no terreno, apontando as armas para a aldeia, mas sem disparar.

Para tomar a aldeia eles teriam de atravessar o rio, e para atravessar o rio teriam de tomar a ponte. Mas não sabiam disso. Estão apenas sendo cautelosos, pois esperam que o elemento surpresa lhes permita prevalecer com a maior facilidade.

Ellis preocupou-se com a possibilidade de a aldeia parecer deserta demais. A esta altura, poucos minutos depois de o primeiro helicóptero ter aparecido, haveria normalmente algumas pessoas à vista, correndo. Prestou atenção para ouvir o primeiro tiro. Não se sentia mais assustado. Concentrava-se em coisas demais para ficar com medo. Do fundo de sua mente veio um pensamento: É sempre assim depois que começa.

Ellis lembrou que Shahazai instalara minas na plantação de cevada. Por que nenhuma explodira? Um momento depois teve a resposta. Um dos soldados levantou-se — devia ser um oficial — e gritou uma ordem. Vinte ou trinta homens se ergueram e correram para a ponte. E de repente houve uma explosão ensurdecadora, ainda mais alta que o barulho dos helicópteros, depois outra e mais outra, o chão parecendo se fragmentar sob os pés dos soldados correndo. Ellis pensou: Shahazai temperou suas minas com TNT extra. Nuvens de terra marrom e cevada dourada obscureceram os homens, à exceção de um, que foi lançado bem alto no ar e caiu devagar, girando como um acrobata, até bater no solo e ficar imóvel. Enquanto os ecos morriam, surgiu outro som, um tamborilar intenso, que vinha do alto do penhasco, quando Yussuf e Abdur abriram fogo. Os russos bateram em retirada na maior confusão, enquanto os guerrilheiros na aldeia começavam a disparar seus Kalashnikovs através do rio.

A surpresa proporcionara aos guerrilheiros uma imensa vantagem inicial, mas não duraria sempre: o comandante russo reagruparia suas tropas. Mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, ele tinha de desobstruir o acesso à ponte.

Um dos Hips na plantação de cevada explodiu, e Ellis concluiu que devia ter sido atingido por Yussuf ou Abdur. Ficou impressionado.

A Dashoka tinha um alcance de quilômetro e meio, e os helicópteros se encontravam a menos de um quilômetro, mas era preciso ser um excelente artilheiro para destruir um aparelho àquela distância.

Os Hinds ainda estavam no ar, circulando sobre a aldeia. O comandante russo lançou-os em ação. Um deles sobrevoou o rio e metralhou o campo minado de Shahazai. Yussuf e Abdur tentaram acertá-lo, mas não conseguiram. As minas de Shahazai explodiram inofensivamente, uma depois da outra. Ellis pensou, apreensivo: Eu gostaria que as minas tivessem derrubado mais inimigos, pois cerca de vinte em cento e cinquenta homens não chegam a ser muita coisa. O Hind subiu, perseguido por Yussuf, mas outro baixou e tornou a metralhar o campo minado. Yussuf e Abdur despejaram uma chuva de balas em sua direção. O helicóptero subitamente deu uma guinada, e parte de uma hélice caiu. Ele mergulhou no rio. Ellis pensou: bom tiro, Yussuf! Mas o acesso à ponte estava limpo, os russos ainda contavam com mais de cem homens e dez helicópteros. Ellis concluiu, com um calafrio de medo, que os guerrilheiros poderiam perder aquela batalha.

Os russos se animaram e a maioria — Ellis calculou que oitenta ou mais homens — começou a avançar para a ponte, rastejando, disparando constantemente. Eles não podem ser tão desestimulados ou indisciplinados quanto dizem os jornais americanos, pensou Ellis, a menos que esta seja uma unidade de elite. E depois percebeu que todos os soldados pareciam ter pele branca. Não havia afegãos naquela força. Era como no Vietnã, onde os vietnamitas eram sempre mantidos fora de qualquer ação mais importante.

E de repente houve um hiato. Os russos na plantação de cevada e os guerrilheiros na aldeia trocavam tiros irregulares através do rio, os primeiros atirando mais ou menos ao acaso, os segundos comidos com a munição. Ellis levantou os olhos. Os Hinds no ar estavam atacando Yussuf e Abdur no penhasco. O comandante russo identificara acertadamente as metralhadoras pesadas como seu alvo principal.

Enquanto um Hind se lançava contra os artilheiros no penhasco, Ellis experimentou um instante de admiração pelo piloto, por voar diretamente para as armas; ele sabia quanta coragem era necessária para isso. O aparelho desviou-se, sem que ninguém fosse atingido.

As chances eram mais ou menos iguais, pensou Ellis: era mais fácil para Yussuf mirar acuradamente, porque estava parado, enquanto o helicóptero se mantinha em movimento; mas, por outro lado, ele era um alvo mais fácil por estar parado. Ellis recordou que nos Hinds os foguetes nas asas eram disparados pelo piloto, enquanto o artilheiro operava a metralhadora no nariz. Não seria fácil para um piloto mirar com precisão naquelas circunstâncias adversas, pensou Ellis; e como as Dashokas tinham um alcance maior que a metralhadora do Hind, talvez Yussuf e Abdur contassem com uma pequena vantagem. Espero que assim seja, pensou Ellis, pelo bem de todos nós.

Outro Hind desceu para o penhasco como um gavião se lançando sobre um coelho, mas as armas matraquearam e o aparelho acabou explodindo em pleno ar. Ellis sentiu vontade de aclamar, o que era irônico, pois conhecia muito bem o terror e o pânico mal controlado da tripulação de um helicóptero sob fogo.

Outro Hind se aproximou. Os artilheiros estavam um pouco atrasados desta vez, mas

conseguiram atingir a cauda, o aparelho se descontrolou e foi se chocar contra o penhasco. Ellis pensou: Ainda podemos liquidar todos! Mas o som das metralhadoras mudara, e depois de um momento Ellis compreendeu que apenas uma estava disparando.

O outro homem fora abatido. Ellis esquadrinhou pela poeira e divisou um gorro chitrali se mexendo lá em cima. Yussuf estava vivo. Abdur fora atingido.

Os três Hinds restantes circularam e assumiram novas posições. Um deles se elevou acima da batalha: o comandante russo deve estar naquele aparelho, pensou Ellis.

Os outros dois baixaram para Yussuf num movimento de pinça. Era um movimento hábil, pensou Ellis, pois Yussuf não podia atirar nos dois ao mesmo tempo. Ellis ficou observando a aproximação. Quando Yussuf mirava um, o outro se aproximava. Ellis notou que os russos voavam com as portas abertas, exatamente como os americanos faziam no Vietnam.

Os Hinds atacaram. Um mergulhou para Yussuf e se desviou, mas foi atingido e pegou fogo; e depois o segundo se lançou sobre o alvo, todas as armas disparando. Ellis pensou: Yussuf não tem a menor chance! O segundo Hind pareceu hesitar em pleno ar. Teria sido atingido? Caiu subitamente, baixando sete ou oito metros. Quando o motor pára, dissera o instrutor na escola de voo, seu helicóptero vai planar como um piano de cauda. O aparelho bateu na platibanda, a poucos metros de Yussuf, mas depois o motor tornou a pegar e, para espanto de Ellis, começou a subir de novo. É mais resistente que um Huey, pensou ele: os helicópteros melhoraram consideravelmente nos últimos dez anos. O artilheiro estivera disparando durante todo o tempo, mas agora havia parado. Ellis viu por que e sentiu um aperto no coração.

Uma Dashoka despencou pela beira do penhasco, no meio da camuflagem de galhos e arbustos; foi seguida quase que no mesmo instante por uma massa inerte e parda Yussuf. O corpo bateu num afloramento no meio do paredão e o gorro chitrali redondo se desprende. Um momento depois ele desapareceu da vista de Ellis. Quase ganhara a batalha sozinho; não haveria medalha para ele, mas sua história seria contada em torno das fogueiras de acampamento nas frias montanhas afegãs por cem anos.

Os russos haviam perdido quatro dos seis Hinds, um Hip e cerca de vinte e cinco homens; mas os guerrilheiros estavam sem as suas metralhadoras pesadas e não tinham defesa contra os dois Hinds restantes, que começaram a metralhar a aldeia. Ellis encolheu-se dentro da casa, desejando que não fosse de madeira. Era uma tática de preparação: depois de uns poucos minutos, como a um sinal, os russos na plantação de cevada levantaram e correram para a ponte.

Vai ser agora, pensou Ellis; estamos chegando ao fim, de um jeito ou de outro.

Os guerrilheiros na aldeia atiraram contra os soldados que avançavam, mas estavam inibidos pela cobertura aérea, e poucos russos caíram. Quase todos os russos estavam de pé agora, oitenta ou noventa homens, disparando às cegas para o outro lado do rio enquanto corriam. Gritavam com o maior entusiasmo, encorajados pela fragilidade da defesa. Os tiros dos guerrilheiros se tornaram um pouco mais precisos quando os russos chegaram à ponte, e vários caíram, mas não o suficiente para conter o ataque.

Segundos depois o primeiro russo cruzara o rio e mergulhava em busca de cobertura entre as casas da aldeia.

Havia cerca de sessenta homens na ponte ou perto quando Ellis puxou a alça do artefato de disparo. A ponte antiga explodiu como um vulcão.

Ellis instalara as cargas para matar, não para uma demolição impecável. A explosão

espalhou fragmentos de pedra letais, como uma rajada de uma metralhadora gigantesca, liquidando todos os homens na ponte e muitos que ainda se encontravam na plantação de cevada. Ellis encolheu-se na pequena casa, enquanto os escombros choviam sobre a aldeia. Quando tudo silenciou, tornou a olhar.

Onde antes existira a ponte, havia apenas uma pilha baixa de pedras e corpos, numa mistura macabra. Parte da mesquita e duas casas da aldeia também haviam desmoronado. E os russos batiam em retirada.

Enquanto ele observava, os vinte ou trinta homens ainda vivos correram para as portas abertas dos Hips. Ellis não os culpava por isso. Se ficassem na plantação de cevada, sem cobertura, seriam exterminados gradativamente pelos guerrilheiros, em posições superiores na aldeia; e se tentassem atravessar o rio, seriam liquidados na água, como peixes num barril.

Segundos depois, os três Hips alçaram voo para se juntar aos dois Hinds no ar. Sem um único tiro de despedida, os helicópteros elevaram-se acima do penhasco e desapareceram.

Enquanto o barulho dos rotores se desvanecia, Ellis ouviu outro som. Depois de um momento, compreendeu que era o som de homens aclamando. Nós ganhamos, pensou ele.

É incrível, mas ganhamos. E começou a aclamar também.

Capítulo 13

— E para onde foram todos os guerrilheiros? — perguntou Jane.

— Eles se dispersaram — explicou Ellis. — É a técnica de Masud. Ele desaparece nas colinas antes que os russos possam recuperar o fôlego. Talvez voltem com reforços... podem até estar em Darg neste momento... mas não encontrarão ninguém para lutar. Todos os guerrilheiros se foram, à exceção dos poucos que estão aqui.

Havia sete homens feridos na clínica de Jane. Nenhum deles morreria. Mais doze foram tratados por ferimentos menores e já haviam sido liberados. Apenas dois homens haviam morrido na batalha, mas por terrível azar um deles fora Yussuf. Zahara estaria de luto outra vez... e novamente por causa de Jean-Pierre.

Jane sentia-se deprimida, apesar da euforia de Ellis. Tenho de parar de remoer, pensou ela. Jean— Pierre foi embora e não voltará, não há sentido lamentar. Devo pensar de maneira positiva. Devo me interessar pelas vidas das outras pessoas.

— Como ficou a conferência? — ela perguntou a Ellis. -se todos os guerrilheiros foram embora...

— Todos entraram em acordo — explicou Ellis. — Estavam tão eufóricos com o sucesso da emboscada que se dispunham a dizer sim a qualquer coisa. De certa forma, a emboscada provou o que alguns duvidavam: que Masud é um líder brilhante e que, se unindo sob o seu comando, podem conquistar grandes vitórias. Também consolidou as minhas credenciais de macho, o que ajudou muito.

— Então você conseguiu o que queria.

— É verdade. Tenho até um tratado, assinado por todos os líderes rebeldes e testemunhado pelo mula.

— Deve estar orgulhoso.

Jane inclinou-se e apertou-lhe o braço, e depois retirou a mão rapidamente. Sentia-se tão contente por tê-lo ali, impedindo que ela ficasse sozinha, que experimentava algum remorso por ter ficado com raiva dele durante tanto tempo. Mas receava que pudesse de alguma forma dar a impressão errônea de que ainda gostava dele da maneira antiga, o que seria constrangedor.

Ela se virou e correu os olhos pela caverna. As ataduras e seringas estavam nas caixas, os medicamentos em sua bolsa. Os guerrilheiros feridos estavam confortáveis em tapetes ou mantas. Passariam a noite na caverna, pois era muito difícil transportá-los para a aldeia. Tinham água e pão, e dois ou três estavam em condições de levantar e fazer um chá. Mousa, o filho maneta de Mohammed, estava acorado na entrada da caverna, empenhado num jogo misterioso na terra com a faca que o pai lhe dera. Ficaria com os feridos e, no caso improvável de alguém precisar de cuidados médicos durante a noite, desceria correndo a encosta para chamar Jane.

Tudo estava em ordem. Ela desejou boa-noite a todos, afagou a cabeça de Mousa e saiu. Ellis foi atrás. Jane sentiu uma insinuação de frio na brisa vespertina. Era o primeiro sinal do final do verão. Levantou os olhos para os distantes cumes das montanhas do Hindu Kush, de onde viria o inverno. Os picos nevados estavam rosados pelo reflexo do sol poente. Aquele era um país lindo, um fato muito fácil de esquecer, especialmente em dias movimentados. Estou feliz por ter conhecido esta terra, pensou ela, embora me sinta ansiosa em voltar para casa.

Desceu a colina, com Ellis ao seu lado. Olhava para ele de vez em quando. O pôr-do-sol fazia com que o rosto dele parecesse bronzeado e rude. Era bem provável que ele quase não tivesse dormido na noite anterior. Ela comentou: — Você parece cansado.

— Faz muito tempo que eu não me envolvia numa guerra de verdade. A paz deixa a gente mole.

Ele falou com indiferença. Pelo menos não se regozijava com a carnificina, ao contrário dos afegãos. Ellis contara apenas que explodira a ponte em Darg, mas um dos guerrilheiros feridos relatara os detalhes a Jane, explicando como a explosão no momento preciso mudara a sorte da batalha e descrevendo a matança com exuberância.

Havia um clima de comemoração na aldeia de Banda. Homens e mulheres conversavam em grupos, com a maior animação, em vez de se retirarem para seus pátios. As crianças brincavam ruidosos jogos de guerra emboscando russos imaginários, imitando os mais velhos. Um homem cantava em algum lugar, ao ritmo de um tambor. A perspectiva de passar a noite sozinha pareceu de repente insuportável para Jane. Num súbito impulso, ela disse a Ellis: — Vamos tomar um chá... se não se importa que eu amamente Chantal.

— Boa ideia.

A criança estava chorando quando entraram na casa. Como sempre acontecia, o corpo de Jane reagiu no mesmo instante: um dos seios começou a vaziar. Ela se apressou em dizer: — Sente-se e Fará lhe servirá um chá.

Ela correu para o outro cômodo antes que Ellis pudesse perceber a mancha embaraçosa na blusa. Desabotoou a blusa o mais depressa possível e pegou a filha. Houve o momento habitual de pânico cego, enquanto Chantal procurava o mamilo, depois começava a sugar, dolorosamente a princípio, e logo com mais delicadeza. Jane sentiu-se constrangida em voltar ao outro cômodo. Não seja tola, disse para si mesma; você o convidou, ele aceitou, além do mais houve um tempo em que dormiam juntos quase todas as noites... Mesmo assim sentiu que corava um pouco quando passou pela porta. Ellis estudava os mapas de Jean-Pierre.

— Era uma das manobras mais hábeis que se podia conceber — comentou ele. — Jean-Pierre conhecia todas as rotas porque Mohammed sempre usava os seus mapas. — Levantou os olhos, viu a expressão de Jane e tratou de acrescentar: — Mas não vamos falar sobre isso. O que você vai fazer agora? Ela se sentou na almofada, encostada na parede, sua posição preferida para amamentar. Ellis não parecia embaraçado pelo seio à mostra, e Jane começou a se sentir mais à vontade.

— Tenho de esperar. Assim que a rota para o Paquistão estiver aberta e os comboios recomeçarem, irei para casa. E você? — A mesma coisa. Meu trabalho aqui terminou. Claro que o acordo precisará de supervisão, mas a Agência dispõe de homens no Paquistão que podem cuidar disso.

Fará trouxe o chá. Jane especulou qual seria a próxima missão de Ellis: tramar um golpe na Nicarágua, chantagear um diplomata soviético em Washington ou assassinar um comunista africano? Ela o interrogara sobre o Vietnã, quando eram amantes, e ele contara que todos esperavam que fugisse à convocação, mas era um filho da puta do contra e por isso fizera justamente o oposto. Jane não sabia se podia acreditar, mas mesmo que fosse verdade não explicava por que ele permanecera naquela linha de trabalho violento depois de sair do exército.

— O que vai fazer quando voltar para casa, Ellis? Continuar a maquirar meios de matar

Castro? — A Agência não pode cometer assassinatos.

— Mas comete assim mesmo.

— Há um elemento lunático que nos dá uma péssima reputação. Infelizmente, os presidentes americanos não podem resistir à tentação de se empenhar em jogos de agente secreto, e isso estimula a facção dos alucinados.

— Por que não vira as costas a todos eles e se junta à raça humana? — A América está cheia de pessoas que acreditam que outros países, assim como o seu, têm o direito de ser livres... mas são do tipo que "viram as costas e se juntam à raça humana". É por isso que a Agência emprega muitos psicopatas e poucos cidadãos decentes e compassivos. E quando a Agência derruba um governo estrangeiro, por capricho de algum presidente, todos perguntam como essas coisas podem acontecer. A resposta é porque eles deixaram. Meu país é uma democracia, e por isso não há ninguém a culpar, a não ser eu, quando as coisas saem erradas; e se é preciso endireitar as coisas, tenho de fazê-lo, porque é minha responsabilidade.

Jane não estava convencida.

— Diria que a maneira de reformar a KGB é aderir ao grupo?

— Não, porque a KGB em última análise não é controlada pelo povo. A Agência é.

— O controle não é tão simples assim — disse Jane. — A CIA conta mentiras ao povo. Não se pode controlá-los quando não se tem meios de saber o que eles estão fazendo.

— Mas afinal é nossa Agência e nossa responsabilidade.

— Você poderia trabalhar para acabar com ela, em vez de se juntar a ela.

— Mas precisamos de uma agência central de informações. Vivemos num mundo hostil e precisamos de informações sobre os nossos inimigos.

Jane suspirou.

— Mas pense a que isso leva. Estão planejando enviar mais e maiores armas a Masud, a fim de que ele possa matar mais pessoas e mais depressa. É o que vocês sempre acabam fazendo.

— Não é apenas para que ele possa matar mais pessoas e mais depressa — protestou Ellis.

— Os afegãos lutam por sua liberdade... e lutam contra um bando de assassinos...

— Todos estão lutando por sua liberdade — interrompeu-o Jane. — A OLP, os exilados cubanos, o IRA, os brancos sul-africanos e o Exército de Gales Livre.

— Alguns estão certos, outros não.

— E a CIA conhece a diferença? — Deve conhecer...

— Mas não conhece. Masud está lutando pela liberdade de quem? — A liberdade de todos os afegãos.

— Não diga besteira — disse Jane com veemência. — Ele é um muçulmano fundamentalista. Se algum dia tomar o poder, sua primeira providência será reprimir as mulheres.

Nunca lhes dará o direito de voto... e quer tirar os poucos direitos que elas possuem. E como acha que ele vai tratar os adversários políticos, tendo em vista que seu herói político é o Aiatolá Komeini? Os cientistas e professores terão liberdade acadêmica? Os homens e mulheres homossexuais terão liberdade sexual? O que acontecerá com os hinduístas, budistas, ateus e protestantes? — Acha realmente que o regime de Masud seria pior que o dos russos? Jane pensou por um momento.

— Não sei. A única coisa de que tenho certeza é que o regime de Masud será uma tirania afegã, em vez de uma tirania russa. E não vale a pena matar pessoas para trocar um ditador estrangeiro por um ditador local.

— Os afegãos parecem pensar que vale.

— Nunca perguntaram à maioria.

— Creio que é óbvio. Seja como for, não faço normalmente esse tipo de trabalho. Em geral, atuo mais como um detetive.

Era um assunto pelo qual Jane se sentia curiosa há um ano.

— Qual era exatamente a sua missão em Paris?

— Quando espionei todos os nossos amigos? — Ellis sorriu. — Jean-Pierre nunca lhe contou? — Ele disse que não sabia.

— Talvez não soubesse mesmo. Eu estava caçando terroristas.

— Entre nossos amigos? — Quase sempre é onde são encontrados... no meio dos dissidentes, rebeldes e criminosos.

— Rahmi Coskun era um terrorista? Jean-Pierre dissera que Rahmi fora preso por causa de Ellis.

— Era sim. Foi o responsável pela explosão do escritório da Turkish Airlines na Avenue Felix Faure.

— Rahmi? Como sabe? — Ele me contou. E quando o prendi, ele estava planejando outro atentado a bomba.

— Ele também lhe contou isso? — Pediu-me para ajudá-lo com a bomba.

— Oh Deus! O belo Rahmi, com os olhos flamejantes e o ódio intenso ao governo de seu pobre país... Ellis ainda não acabara.

— Lembra de Pepe Gozzi? Jane franziu o rosto.

— Está falando daquele corso esquisito que tinha um Rolls Royce?

— Esse mesmo. Ele fornecia armas e explosivos para todos os loucos de Paris. Vendia a qualquer um que pudesse pagar seus preços, mas se especializava em clientes políticos.

Jane estava aturdida. Presumira que Pepe era um personagem escuso apenas por ser rico e corso, mas calculara que na pior das hipóteses ele estava envolvido em crimes corriqueiros, como contrabando ou tráfico de tóxicos. E pensar que ele vendia armas a assassinos! Jane começava a sentir que vivera num sonho, com toda a intriga e violência do mundo real ao seu redor. Sou tão ingênua assim? Ellis continuou: — Também peguei um russo que financiara uma porção de assassinatos e sequestros. Pepe foi interrogado e denunciou a metade dos terroristas da Europa.

— Então era isso o que você fazia durante todo o tempo em que éramos amantes... — murmurou ela com expressão sonhadora.

Podia recordar as festas, os concertos de rock, as manifestações, as discussões políticas em cafés, as intermináveis garrafas de *vin rouge ordinaire* nos estúdios em sótãos... Desde o rompimento entre os dois que ela presumira vagamente que Ellis escrevia pequenos relatórios sobre todos os radicais, informando quem era influente, quem era extremista, quem tinha dinheiro, quem contava com mais adeptos entre os estudantes, quem mantinha ligações com o Partido Comunista e assim por diante. Era difícil agora aceitar a ideia de que ele estava na pista de criminosos de verdade e encontrara alguns entre os seus amigos.

- Não posso acreditar — disse Jane, aturdida.
- Foi um grande triunfo, se quer saber a verdade.
- Provavelmente não deveria me contar.
- Tem razão. Mas quando menti para você no passado, arrependi-me profundamente...

para dizer o mínimo.

Jane sentiu-se constrangida, sem saber o que dizer. Passou Chantal para o seio esquerdo. Percebendo o olhar de Ellis, cobriu o seio direito com a blusa. A conversa estava se tornando perigosamente pessoal, mas ela experimentava uma curiosidade intensa, queria saber mais. Podia entender agora como ele se justificava — embora não concordasse com seu raciocínio — mas ainda especulava sobre seus motivos. Se não descobrir agora, pensou ela, talvez nunca mais tenha outra oportunidade.

— Não entendo o que leva um homem a tomar a decisão de consumir sua vida fazendo esse tipo de coisa.

Ellis desviou os olhos.

— Sou bom nisso, vale a pena fazer, e o pagamento é espetacular.

— E imagino que você gostou também do plano de aposentadoria e do cardápio da cantina. Muito bem, não precisa me explicar nada, se não quiser.

Ele tornou a fitá-la nos olhos, como se tentasse ler seus pensamentos.

— Quero contar tudo — disse Ellis. — Mas você tem certeza de que quer ouvir? — Tenho, sim. Por favor.

— O problema está relacionado com a guerra — começou Ellis, levando Jane a compreender de repente que ele estava prestes a dizer algo que jamais contaria a ninguém.

— Uma das coisas terríveis de se voar no Vietnã era o fato de ser muito difícil diferenciar os vietcongues dos civis. Sempre que proporcionávamos apoio aéreo a tropas de solo, minávamos uma trilha na selva ou declarávamos que uma zona estava sujeita a bombardeio, sabíamos que matariamos mais mulheres, crianças e velhos do que guerrilheiros. Costumávamos dizer que eles ofereciam abrigo ao inimigo. Mas quem podia ter certeza? E quem se importava? Nós os matávamos. Éramos os terroristas então. E não estou falando de casos isolados — embora tenha testemunhado atrocidades terríveis — mas sim de nossa tática regular cotidiana. Não havia justificativa, o que era o problema maior. Fizemos todas essas coisas por uma causa que descobrimos ser feita de mentiras, corrupção e fraude. Estávamos no lado errado.

O rosto de Ellis estava contraído, como se ele sentisse dor de uma lesão interna persistente. À luz irrequieta do lampião, sua pele era amarelada e ensombreada quando acrescentou: — Não há desculpa... não há perdão. Gentilmente, Jane estimulou-o a falar mais.

— Então por que ficou? Por que se ofereceu como voluntário para um segundo período de serviço? — Porque na época eu não percebia tudo isso tão claramente, porque lutava por meu país e não se pode deixar uma guerra no meio, porque era um bom oficial e se voltasse para casa poderia ser substituído por algum idiota e meus homens morreriam. Claro que nenhum desses motivos é bastante convincente, e por isso em determinado momento me perguntei: "O que vai fazer?" Eu queria... não compreendi isso na ocasião, mas queria fazer alguma coisa para me redimir. Nos anos 60 teríamos chamado de viagem de culpa.

— Mas... — Ellis parecia tão inseguro e vulnerável que Jane tinha dificuldade para lhe fazer perguntas diretas. Mas como ele precisava falar e ela queria ouvir, acabou perguntando: —

Mas por que assumiu esse trabalho depois? — Eu estava no serviço de informações, quase no final, e ofereceram-me a oportunidade de continuar na mesma linha de trabalho no mundo civil. Disseram que eu poderia trabalhar como agente secreto porque conhecia o meio. Estavam a par do meu passado radical. E achei que poderia compensar algumas das coisas que fizera se caçasse terroristas. E por isso me tornei um especialista em contraterrorismo. Parece simplista quando se traduz em palavras... mas a verdade é que tenho sido bem-sucedido.

A Agência não gosta de mim porque às vezes recuso uma missão, como na ocasião em que mataram o Presidente do Chile, e os agentes não devem recusar missões. Mas fui responsável pela captura de pessoas perniciosas, e me orgulho disso.

Chantal estava dormindo. Jane ajeitou-a na caixa que era o seu berço e disse a Ellis: — Creio que devo dizer uma coisa... parece que o julguei errado. Ele sorriu.

— Graças a Deus que pensa assim.

Por um momento, Jane foi dominada pela nostalgia, ao pensar no tempo — fora há apenas um ano e meio? — em que ela e Ellis eram felizes e nada daquilo acontecera: não havia CIA, Jean-Pierre ou Afeganistão.

— Não se pode apagar nada, não é mesmo? — murmurou ela. — Tudo o que aconteceu... suas mentiras, minha raiva...

— Não, não se pode.

Ele estava sentado no banco, fitando-a, de pé à sua frente, estudando-a atentamente. Estendeu os braços, hesitou, depois pôs as mãos nos quadris de Jane, num gesto que poderia ser de afeição fraternal ou algo mais. E foi então que Chantal interveio: — Hummmmm...

Jane virou-se e contemplou-a, Ellis baixou as mãos. Chantal estava acordada, sacudindo pernas e braços no ar. Jane pegou-a no colo e ela arrotou no mesmo instante.

Jane virou-se para Ellis. Ele cruzara os braços no peito e a observava, sorrindo.

Subitamente, ela não queria que Ellis fosse embora. E disse, num impulso: — Por que não janta comigo? Mas só tenho pão e coalhada.

— Está bem.

Jane estendeu Chantal para ele.

— Vou falar com Fará.

Ellis pegou a menina, e ela saiu para o pátio. Fará estava esquentando água para o banho de Chantal. Jane verificou a temperatura com o cotovelo e constatou que estava no ponto.

— Providencie pão para duas pessoas, por favor — disse ela, em dari.

Os olhos de Fará se arregalaram e Jane compreendeu que era chocante uma mulher sozinha convidar um homem para jantar. Ora, que se danasse tudo, pensou ela. Pegou o caldeirão com a água quente e voltou a entrar na casa.

Ellis estava sentado na almofada grande, por baixo do lampião de óleo, com Chantal nos joelhos, entoando em voz baixa uma cantiga de ninar. Suas mãos grandes e peludas envolviam o corpo pequeno e rosado de Chantal. Ela o fitava, gorgulhando feliz, sacudindo os pés. Jane parou na porta, hipnotizada pela cena, e um pensamento espontâneo aflorou-lhe à mente: Ellis deveria ter sido o pai de Chantal.

Isso é verdade? perguntou a si mesma, enquanto os contemplava. É o que realmente desejava? Ellis terminou a cantiga, olhou para ela e sorriu, meio embaraçado. Jane pensou: É de fato o que eu quero.

Eles subiram a encosta da montanha à meia-noite, Jane na frente, Ellis seguindo-a com o saco de dormir debaixo do braço. Havia dado banho em Chantal, comido o parco jantar de pão e coalhada, alimentado Chantal outra vez e a acomodado para a noite no telhado, onde estava agora profundamente adormecida, ao lado de Fará, que a protegeria com a própria vida. Ellis quisera tirar Jane da casa em que ela fora a esposa de outro homem e Jane sentira a mesma coisa, dizendo: — Conheço um lugar para onde podemos ir.

Agora, ela deixou a trilha e levou Ellis pelo terreno íngreme e pedregoso até o seu refúgio, a platibanda oculta em que tomava banho de sol nua e passava manteiga na barriga, antes de Chantal nascer. Encontrou o lugar facilmente, ao luar. Olhou para a aldeia lá embaixo, onde as brasas das fogueiras de cozinhar ainda ardiam nos pátios e uns poucos lampiões faiscavam nas janelas sem vidro. Podia divisar os contornos de sua casa. Dentro de poucas horas, assim que o dia comesse a raiar, veria os vultos adormecidos de Chantal e Fará no telhado. E ficaria contente: era a primeira vez que se afastava de Chantal à noite.

Ela virou-se. Ellis abriu o saco de dormir e estendia-o no chão, como uma manta. Jane sentia-se constrangida e apreensiva. Já desaparecera o impulso de afeto e desejo que a dominara na casa, quando o observara entoando uma cantiga de ninar para sua filha. Todos os seus antigos sentimentos haviam ressurgido naquele instante: a vontade de tocá-lo, seu amor pela maneira como ele sorria quando se sentia inibido, a necessidade de sentir aquelas mãos grandes em sua pele, o desejo obsessivo de vê-lo nu. Ela perdera o interesse pelo sexo poucas semanas antes do nascimento de Chantal e não tornara a senti-lo até aquele momento. Mas o ânimo se dissipara, pouco a pouco, nas horas subsequentes, enquanto adotavam as medidas práticas desajeitadas para ficarem a sós, como um casal de adolescentes tentando escapar dos pais para uma sessão de carícias.

— Venha sentar — murmurou Ellis.

Jane sentou-se ao seu lado, no saco de dormir. Os dois ficaram olhando para a aldeia quase mergulhada na escuridão total. Não estavam se tocando. Houve um momento de silêncio tenso.

— Nenhuma outra pessoa jamais esteve aqui — comentou Jane, só para dizer alguma coisa.

— Para que você usava este lugar? — Ficava deitada ao sol, sem pensar em nada. — Mas Jane disse a si mesma: Ora, pare com isso! E acrescentou: — Não, isso não é verdade. Eu costumava me masturbar.

Ellis riu, estendeu um braço para enlaçá-la e puxou-a.

— Estou contente que você ainda não tenha aprendido a medir suas palavras.

Jane virou o rosto. Ele beijou-a na boca, gentilmente. Ele gosta de mim por meus defeitos, pensou ela: a falta de tato, o temperamento explosivo, o jeito destemperado de falar, a determinação e obstinação.

— Você não quer me mudar — murmurou ela.

— Oh, Jane, como senti saudade... — Ele fechou os olhos, quase sussurrava ao continuar: — E na maior parte do tempo nem mesmo compreendia que sentia saudade de você.

Ellis deitou-se de costas, puxando-a, de tal forma que Jane acabou se estendendo por cima. Ela beijou-o no rosto, de leve. A sensação de constrangimento se dissipava depressa. Jane pensou: Ele não tinha barba na última vez em que o beije. Ela sentiu as mãos de Ellis se

mexerem, desabotoando sua blusa. Não usava sutiã — não tinha nenhum bastante grande — os seios pareciam nus demais. Enfiou a mão por dentro da camisa de Ellis, tocando os cabelos compridos em torno do mamilo. Quase esquecera como eram os homens. Há meses que sua vida estava ocupada pelas vozes suaves e os rostos lisos de mulheres e crianças: agora, subitamente, queria sentir uma pele áspera, coxas duras, faces barbadas. Entrelaçou os dedos na barba e abriu sua boca com a ponta da língua. As mãos de Ellis encontraram seus seios intumescidos e ela experimentou uma onda de prazer... e compreendeu então o que estava para acontecer, mas não tinha forças para impedir, pois no instante mesmo em que se desvencilhava bruscamente o leite quente esguichou dos mamilos sobre as mãos de Ellis. Jane corou de vergonha e balbuciou: — Oh, Deus... sinto muito... que coisa repulsiva... não pude evitar... Ellis silenciou-a, encostando um dedo em seus lábios.

— Está tudo bem — murmurou ele, acariciando os seios, que se tornaram completamente molhados. — É normal. Sempre acontece. E é sensual.

Não pode ser sensual, pensou Jane. Mas ele mudou de posição e aproximou o rosto, começando a beijar os seios e a afagá-los ao mesmo tempo. Aos poucos, Jane relaxou e começou a apreciar a sensação. Experimentou outra pontada de prazer quando os seios tornaram a vaziar, mas desta vez não se importou. Ellis murmurou "Ahn..." e a superfície áspera da língua tocou num mamilo sensível. Jane pensou: Se ele chupar, Vou acabar gozando.

Foi como se Ellis lesse os seus pensamentos. Fechou os lábios em torno de um mamilo comprido, puxou-o para dentro da boca e chupou, enquanto segurava o outro entre o indicador e o polegar, apertando gentilmente, no mesmo ritmo. Impotente, Jane entregou-se à sensação; enquanto os seios esguichavam leite, um em sua mão, outro na boca, a sensação era tão intensa que ela estremeceu incontrolavelmente e gemeu "Ahn... ahn...", até que gozou e desabou por cima dele.

Por algum tempo, não havia nada em sua mente além do que podia sentir: o sopro quente de Ellis em seus seios molhados, a barba arranhando sua pele, o ar frio da noite em suas faces quentes, o saco de dormir de náilon e o chão duro por baixo. Depois de algum tempo, a voz sufocada de Ellis balbuciou: — Estou sufocando.

Jane saiu de cima, indagando: — Somos esquisitos?

— Somos.

Ela soltou uma risadinha.

— Você já tinha feito isso antes? Ellis hesitou por um instante.

— Já.

— Como... — Jane ainda se sentia um pouco embaraçada. — Qual é o gosto? — Quente e doce. Como leite condensado. Você gozou? — Não notou? — Não tive certeza. Às vezes é difícil saber com as mulheres. Jane beijou-o.

— Gozei. Um pouco, mas intenso. Um orgasmo peitoral. ! — E eu quase gozei.

— É mesmo? Ela passou a mão pelo corpo de Ellis. Ele usava a calça e a camisa de algodão fino que parecia um pijama, o traje comum dos afegãos. Jane pôde sentir as costelas e o quadril: Ellis perdera a camada de gordura que todos os ocidentais tinham, a não ser os mais magros. A mão encontrou o pênis, ereto, dentro da calça. Ela murmurou "Ahn" e segurou-o, dizendo: — É gostoso.

— Também deste lado.

Ela queria lhe proporcionar tanto prazer quanto Ellis lhe dera.

Sentou-se, desamarrou o cordão da calça, puxou-lhe o pênis para fora. Afagando-o gentilmente, inclinou-se e beijou a ponta. Um espírito de malícia a dominou e ela perguntou: — Quantas mulheres teve desde que nos separamos? — Continue a fazer isso e eu lhe direi.

— Está bem. — Jane começou a acariciar. Ele se manteve em silêncio. Depois de um minuto, ela insistiu: — Muito bem, quantas? — Espere um pouco, Ainda estou contando.

— Filho da puta! Jane deu uma mordida de leve no membro.

— Ai! Não foram muitas... juro! — O que você faz quando não tem uma mulher? — Pode dar três palpite.

Ela não estava disposta a desistir.

— Faz com a mão? — Ora bolas! Fico envergonhado.

— Faz, sim! — exclamou Jane, triunfante. — Em que pensa quando está fazendo? — Acreditaria na Princesa Diana? — Não.

— Agora estou mesmo envergonhado. Jane não podia conter a curiosidade.

— Tem de contar a verdade.

— Pam E wing.

— E quem é ela? — Você está realmente fora do mundo. É a mulher de Bobby Ewing, em Dallas. Jane lembrou-se do seriado de televisão e da atriz, e ficou atônita.

— Não pode estar falando sério.

— Pediu a verdade.

— Mas ela é toda de plástico! — Estamos falando de fantasia.

— Não pode fantasiar uma mulher liberada? — Não há lugar para a política na fantasia.

— Estou chocada. — Jane hesitou. — Como faz? — O quê? — O que você faz com a mão.

— Mais ou menos o que você está fazendo agora, só que com mais força.

— Mostre como é.

— Agora não estou apenas envergonhado, mas também mortificado.

— Mostre, por favor. Sempre quis ver um homem fazer isso. Nunca antes tive coragem de pedir... e se você recusar, talvez eu nunca saiba.

Ela pegou a mão de Ellis e pôs onde estava a sua. Depois de um momento, ele começou a mover a mão, devagar. Fez vários movimentos, sem muito entusiasmo, depois suspirou, fechou os olhos, e passou a se masturbar com todo o vigor.

— Você é tão rude! — exclamou Jane. ? Ele parou.

— Não posso fazer... a menos que você também faça.

— Negócio fechado — disse ela, ansiosamente.

Jane abaixou apressadamente a calça e a calcinha. Ajoelhou-se ao lado de Ellis e começou a se acariciar.

— Chegue mais perto — murmurou ele, a voz um pouco rouca. — Não posso vê-la.

Ellis estava deitado de costas. Jane adiantou-se, de joelhos, até ficar ao lado de sua cabeça, a luar prateando seus mamilos e os pêlos púbicos. Ele começou a se masturbar, desta vez mais depressa, olhando atentamente para a mão de Jane, como se estivesse hipnotizado, enquanto ela se acariciava.

— Oh, Jane...

Ela começou a desfrutar as pontadas do prazer familiares que se irradiavam das pontas

de seus dedos. Viu os quadris de Ellis começarem a subir e descer, no ritmo de sua mão. E disse: — Quero que você goze. Quero ver sair.

Parte de Jane estava chocada por seu comportamento, mas era sufocada pelo excitamento e desejo. Ellis gemeu. Ela fitou seu rosto. Ele estava com a boca aberta, a respiração acelerada, os olhos fixados na vagina. Ela afagou os lábios com o dedo do meio.

— Enfie o dedo — balbuciou ele. — Quero ver seu dedo entrar.

Era uma coisa que Jane não fazia normalmente, mas enfiou a ponta do dedo. Entrou suave, escorregadio. Jane enfiou tudo. Ellis ofegou; e porque ele estava tão excitado pelo que ela fazia, Jane também ficou, ainda mais. Olhou para o pênis. Os quadris de Ellis se movimentavam mais depressa, enquanto ele fodia a própria mão. Jane mexia o dedo na vagina com crescente prazer. Subitamente, ele se arqueou, empinando a pelve pelo ar e gemendo, esguichando um jato de sêmen branco. Involuntariamente, Jane gritou "Oh, Deus!", enquanto olhava, fascinada, para o pequeno buraco na ponta do pênis, de onde saiu outro jato, um terceiro e um quarto, brilhando ao luar, caindo no peito de Ellis, no braço e nos cabelos de Jane; e depois, quando ele desabou, Jane foi sacudida por espasmos de prazer, provocados por seu dedo em rápido movimento, até que tombou também, exausta. Estendeu-se ao lado de Ellis, sobre o saco de dormir, a cabeça em sua coxa. O pau ainda estava duro. Jane inclinou-se e beijou-o. Sentiu um vestígio de sêmen salgado na ponta. E sentiu o rosto de Ellis se aninhar entre suas coxas em resposta.

Os dois ficaram quietos por algum tempo. Os únicos sons eram de suas respirações e do rio correndo no outro lado do vale. Jane olhou para as estrelas. Cintilavam intensamente, não havia nuvens. O ar noturno esfriava. Não demora muito para que tenhamos de nos meter no saco de dormir, pensou ela. Ansiava em adormecer junto de Ellis.

— Somos estranhos? — indagou ele.

— Somos.

O pênis caíra para o lado, estava estendido sobre a barriga. Ela passou as pontas dos dedos pelos pêlos vermelho-dourados. Quase esquecera como era fazer amor com Ellis. Muito diferente de Jean-Pierre. Jean-Pierre gostava de muitos preparativos: óleos de banho, perfume, luz de vela, vinho, violinos. Era um amante meticuloso.

Gostava que ela se lavasse antes de fazer amor e sempre ia ao banheiro depois, assim que acabava. Jamais a tocara durante a menstruação, certamente não chuparia seus peitos e engoliria o leite, como Ellis fizera. Mas Ellis podia fazer qualquer coisa, pensou Jane, e quanto mais anti-higiênico, melhor. Ela sorriu no escuro.

Ocorreu-lhe que nunca se convencera de que Jean-Pierre gostava de fato do sexo oral, por melhor que fosse o desempenho dele. com Ellis, não havia a menor dúvida.

O pensamento deixou-a com vontade. Abriu as coxas, convidativa. Sentiu que Ellis a beijava, seus lábios roçando os pêlos púbicos, a língua começando a sondar lascivamente entre as dobras dos lábios vaginais. Depois de um momento, ele deitou-a de costas, ajoelhou-se entre suas coxas, levantou as pernas de Jane por cima de seus ombros.

Ela sentiu-se totalmente nua, completamente aberta e vulnerável, mas mesmo assim extremamente acariciada. A língua de Ellis deslocou-se numa curva longa e lenta, começando na base da espinha. — Oh, Deus, pensou Jane, estou lembrando como ele faz isso! — lambendo a fenda entre as nádegas, fazendo uma pausa para penetrar fundo na vagina e depois subindo para provocar a pele sensível onde os lábios vaginais se encontravam, com o clitóris ansioso no meio.

Depois de sete ou oito lambidas longas, Jane manteve a cabeça sobre o clitóris, obrigando-o a se concentrar nisso. Ela começou a levantar e baixar os quadris, dizendo pela pressão de seus dedos nas têmporas de Ellis se devia lambar com mais vigor ou mais suave, mais alto ou mais baixo, à esquerda ou à direita. Sentiu a mão de Ellis em sua vagina, comprimindo o interior úmido, adivinhou o que ele ia fazer: um momento depois ele retirou a mão e em seguida enfiou devagar um dedo molhado por seu ânus. Jane lembrou como ficara chocada na primeira vez em que ele fizera isso e como logo aprendera a gostar.

Jean-Pierre jamais faria uma coisa assim, nem em um milhão de anos. Enquanto os músculos de seu corpo começavam a se contrair para o orgasmo, ocorreu-lhe que sentira saudade de Ellis mais do que jamais admitira; o motivo de ter continuado furiosa com ele por tanto tempo fora o fato de continuar a amá-lo. Ao reconhecer isso, um terrível peso saiu de sua mente e começou a gozar, tremendo como uma árvore num vendaval. Ellis, sabendo o que ela gostava, enfiou a língua o mais fundo possível, enquanto Jane esfregava seu sexo contra o rosto dele, freneticamente.

Parecia que se prolongaria por toda a eternidade. Cada vez que as sensações arrefeciam, ele metia o dedo ainda mais fundo no seu ânus, lambia o clitoris ou mordida os lábios vaginais, fazendo tudo recomeçar; finalmente, por pura exaustão, Jane suplicou: — Pare, pare, não tenho mais forças, vai acabar me matando...

Ellis levantou o rosto e baixou as pernas de Jane. Ele se inclinou, apoiado nas mãos, e beijou-a na boca. Tinha o cheiro de vagina na barba. Jane permaneceu deitada de costas, cansada demais para abrir os olhos, cansada demais até para retribuir o beijo. Sentiu a mão de Ellis em sua vagina, abrindo-a, e depois o pênis entrando.

E pensou: Ele ficou duro outra vez muito depressa. E um momento depois: Oh, Deus, faz tanto tempo e é tão bom! Ele começou a mexer, para dentro e para fora, devagar a princípio, depois mais depressa. Jane abriu os olhos. O rosto de Ellis estava por cima do seu, contemplando-a.

Ele dobrou o pescoço e olhou para o lugar em que os corpos se encontravam. Arregalou os olhos, abriu a boca, enquanto observava o membro entrando e saindo da vagina. A cena inflamou-o tanto que desejou que Jane também pudesse ver.

Diminuiu o ritmo subitamente e penetrou mais fundo. Jane lembrou que ele sempre fazia isso antes do orgasmo. Ellis fitou-a nos olhos e murmurou: — Beije-me enquanto eu gozo.

Ele baixou os lábios cheirando a vagina. Jane enfiou a língua em sua boca. Adorava quando ele gozava. Ellis arqueou as costas e levantou a cabeça, soltando um grito animal. Ela sentiu o sêmen inundá-la.

Quando acabou, ele baixou a cabeça para o ombro de Jane, roçando os lábios gentilmente sobre a pele macia de seu pescoço e sussurrando palavras que ela não pôde entender. Depois de um ou dois minutos, ele deixou escapar um suspiro profundo de satisfação, beijou-a na boca, depois ajoelhou-se e beijou-lhe os seios. E finalmente beijou a vagina. O corpo de Jane reagiu no mesmo instante, os quadris se erguendo para a vagina se comprimir contra os lábios. Sabendo que ela estava ficando outra vez com tesão, Ellis começou a chupar; e, como sempre, o pensamento de Ellis lambar sua vagina, enquanto o sêmen ainda escorria, quase levou-a à loucura. Ela gozou imediatamente, gritando o nome dele, até que o espasmo acabou.

Ellis arriou ao seu lado. Automaticamente, os dois assumiram a posição em que sempre

ficavam depois de fazer amor: o braço de Ellis a envolvia, a cabeça de Jane repousava em seu ombro, a coxa se estendia por cima dos quadris dele. Ellis bocejou, ela riu. Eles se tocaram, letárgicos, Jane estendendo a mão para brincar com o pênis inerte, Ellis enfiando os dedos na vagina encharcada. Ela lambeu seu peito, sentiu o suor salgado na pele. Olhou para seu pescoço. A lua iluminava as linhas e sulcos, traíndo sua idade. Ele é dez anos mais velho do que eu, pensou Jane. Talvez seja por isso que sabe trepar de maneira tão maravilhosa, porque é mais velho.

— Por que você é uma grande foda? — disse ela, em voz alta. Ellis não respondeu; estava dormindo. Ela acrescentou, um instante antes de fechar os olhos: — Eu amo você, meu querido. Durma bem.

Depois de um ano no vale Jean-Pierre achou a cidade de Kabul desconcertante e assustadora. Os prédios eram enormes, os carros andavam muito depressa, havia gente demais. Tinha de tapar os ouvidos quando os imensos tanques russos passavam em comboio, ruidosamente. Tudo o agredia com o choque da novidade: prédios de apartamentos, colegiais de uniforme, lâmpões na rua, elevadores, toalhas de mesa, o gosto do vinho. Depois de vinte e quatro horas, ele continuava nervoso. O que era irônico: afinal, era um parisiense! Recebera um quarto no alojamento dos oficiais solteiros. Prometeram-lhe que teria um apartamento assim que Jane chegasse com Chantal. Enquanto isso, ele tinha a impressão de que estava vivendo num hotel ordinário. O prédio provavelmente fora um hotel antes da chegada dos russos. Se Jane viesse agora — ela deveria chegar a qualquer momento — os três teriam de se acomodar ali da melhor forma possível pelo resto da noite. Não posso me queixar, pensou Jean-Pierre; não sou um herói... ainda.

Postou-se de pé junto à janela, contemplando Kabul à noite. Durante duas horas toda a cidade estivera sem energia, presumivelmente pela ação dos equivalentes urbanos de Masud e seus guerrilheiros, mas poucos minutos depois a eletricidade voltara e havia uma tênue claridade no centro da cidade, que tinha iluminação nas ruas. Os únicos sons eram os roncões dos motores, enquanto carros, caminhões e tanques do exército russo atravessavam a cidade, seguindo apressados para seus misteriosos destinos.

O que havia de tão urgente, à meia-noite, em Kabul? Jean-Pierre prestara o serviço militar e refletiu que se o exército russo era parecido com o francês, a missão a ser realizada no meio da noite, em ritmo acelerado, devia ser algo como levar quinhentas cadeiras de um quartel para um salão no outro lado da cidade, em preparativo para um concerto que aconteceria dentro de duas semanas e provavelmente acabaria cancelado. Ele não podia sentir o cheiro do ar noturno porque a janela estava fechada e pregada. A porta não estava trancada, mas havia um sargento russo com uma pistola no fim do corredor, perto do banheiro, sentado numa cadeira de encosto reto, a expressão impassível. Jean-Pierre tinha a impressão de que o sargento o impediria se tentasse sair.

Onde estava Jane? O ataque a Darg devia ter acabado ao cair da noite. Um helicóptero levaria poucos minutos para ir de Darg a Banda, pegar Jane e Chantal. E podia seguir de Banda a Kabul em menos de uma hora. Mas talvez a força de ataque tivesse voltado a Bagram, a base aérea perto da entrada do vale. Nesse caso, Jane seguiria para Kabul pela estrada, sem dúvida acompanhada por Anatoly.

Ela ficaria tão contente em ver o marido que perdoaria a traição, compreenderia seu ponto de vista sobre Masud, esqueceria o passado, pensou Jean-Pierre. Por um momento, ele se

perguntou se isso não seria apenas o seu desejo. Concluiu que não; conhecia Jane muito bem e ela estava basicamente sob o seu controle.

E ela saberia de tudo. Apenas umas poucas pessoas partilhariam o segredo e compreenderiam a grandeza do que ele fizera: ele estava contente porque Jane seria uma delas.

Jean-Pierre torcia para que Masud tivesse sido capturado, e não morto. Se ele fosse capturado, os russos poderiam levá-lo a julgamento, a fim de que todos os rebeldes soubessem sem qualquer sombra de dúvida que seu líder estava liquidado. A morte era quase tão boa, desde que os russos tivessem se apoderado do corpo. Se não houvesse corpo ou apenas um cadáver irreconhecível, os propagandistas dos rebeldes em Peshawar alegariam que Masud ainda estava vivo. Claro que acabaria ficando patente que ele morrera, mas o impacto seria um pouco atenuado. Jean-Pierre torcia para que os russos estivessem com o corpo.

Ouviu passos no corredor. Seria Anatoly ou Jane... ou talvez os dois? Os passos pareciam masculinos. Abriu a porta e deparou com dois enormes soldados russos e um terceiro homem, pequeno, num uniforme de oficial. Certamente vinham buscá-lo para levá-lo ao lugar em que se encontravam Jane e Anatoly. Ficou desapontado. Olhou inquisitivo para o oficial, que fez um gesto com a mão. Os dois soldados passaram pela porta, bruscamente. Jean-Pierre recuou um passo, um protesto aflorando a seus lábios. Mas antes que pudesse falar, um dos soldados agarrou-o pela camisa e acertou com o punho enorme em seu rosto.

Jean-Pierre deixou escapar um uivo de dor e medo. O outro soldado chutou-o na virilha. A dor foi insuportável, e Jean-Pierre caiu de joelhos, sabendo que chegara o momento mais terrível de sua vida.

Os dois soldados levantaram-no, cada um segurando um braço, e o oficial entrou no quarto. Pela cortina de lágrimas, Jean-Pierre divisou um homem ainda jovem, baixo e corpulento, com uma deformidade que fazia um lado do rosto parecer avermelhado e inchado, o que lhe emprestava uma aparência de escárnio permanente. Sua mão enluvada empunhava um cassete.

Durante os cinco minutos seguintes os dois soldados seguraram o corpo de Jean-Pierre, a se contorcer e tremer, enquanto o oficial batia com o cassete de madeira, repetidamente, em seu rosto, ombros, joelhos, canelas, barriga e virilha... sempre terminando na virilha. Cada golpe era desfechado com cuidado, havia sempre uma pausa entre um e outro, a fim de que a agonia do anterior pudesse se desvanecer o suficiente para permitir a Jean-Pierre temer o seguinte, um segundo antes de ser aplicado. Cada golpe o fazia gritar de dor, cada pausa o fazia gritar na expectativa do próximo. Houve finalmente uma pausa mais prolongada e Jean-Pierre se pôs a balbuciar, sem saber se eles o entenderiam: — Oh, por favor, não me batam mais, por favor, senhor, não me bata de novo, farei qualquer coisa, tudo o que quiser, por favor, não me bata mais, não me bata...

— Já chega! — disse uma voz em francês.

Jean-Pierre abriu os olhos e tentou ver, através do sangue que lhe escorria pelo rosto, seu salvador que dissera Já chega. Era Anatoly.

Os dois soldados deixaram Jean-Pierre deslizar para o chão, lentamente. Ele tinha a sensação de que o corpo estava em fogo. Cada movimento era uma agonia. Cada osso parecia quebrado, os colhões esmagados, o rosto completamente inchado. Abriu a boca e o sangue escorreu. Engoliu e depois balbuciou, pelos lábios arrebetados: — Por que... por que fizeram

isso? — Você sabe por quê — respondeu Anatoly. Jean-Pierre sacudiu a cabeça de um lado para outro, devagar, e tentou evitar o mergulho para a loucura total.

— Arrisquei minha vida por vocês... dei tudo... por quê? — Preparou-nos uma armadilha — explicou Anatoly. — E oitenta e um homens morreram hoje por sua causa.

O ataque deve ter fracassado, pensou Jean-Pierre, e estão me culpando por isso.

— Não... eu não...

— Você esperava estar a muitos quilômetros de distância quando a armadilha fosse consumada — continuou Anatoly. — Mas eu o surpreendi, obrigando-o a entrar no helicóptero e me acompanhar. E agora está aqui para receber sua punição... que será bastante dolorosa e muito prolongada.

Ele virou-se para sair.

— Não! — balbuciou Jean-Pierre. — Espere! Anatoly voltou. Jean-Pierre fazia um tremendo esforço para pensar direito, apesar da dor.

— Eu vim aqui... arrisquei a vida... dei informações sobre os comboios... vocês atacaram os comboios... os danos que causaram foram muito maiores do que a perda de oitenta homens... não é lógico... não é lógico... — Ele recorreu a todas as suas forças para pronunciar uma frase coerente. — Se eu tivesse conhecimento de alguma armadilha, poderia ter avisado ontem e suplicado sua compaixão.

— Então como eles souberam que atacaríamos a aldeia? — indagou Anatoly.

— Devem ter adivinhado...

— Como? Jean-Pierre vasculhou o cérebro atordoado.

— Skabun foi bombardeada? — Acho que não.

Então foi isso, compreendeu Jean-Pierre; alguém descobrira que não houvera bombardeio em Skabun.

— Deveriam ter bombardeado — murmurou ele. Anatoly assumiu uma expressão pensativa.

— Alguém por lá é muito bom em estabelecer ligações.

Foi Jane, pensou Jean-Pierre, odiando-a por um segundo. Anatoly acrescentou: — Ellis Thaler possui alguma característica distintiva? Jean-Pierre sentia que estava prestes a desmaiar, mas tinha medo de que tornassem a espancá-lo.

— Tem sim — murmurou ele desesperado. — Uma cicatriz grande nas costas, no formato de uma cruz.

— Então é ele! — disse Anatoly, num quase sussurro.

— Quem? — John Michael Raleigh, trinta e quatro anos, nascido em Nova Jersey, filho mais velho de um empreiteiro. Deixou a Universidade da Califórnia em Berkeley e tornou-se capitão dos fuzileiros americanos. É agente da CIA desde 1972. Estado civil: divorciado uma vez, com uma filha, o paradeiro da família é um segredo muito bem guardado.

— Acenou com a mão, como a descartar esses detalhes. — Não resta a menor dúvida de que foi ele quem nos preparou a armadilha em Darg hoje. É brilhante e muito perigoso.

Se eu pudesse escolher entre todos os agentes das nações imperialistas ocidentais, preferiria capturá-lo. Nos últimos dez anos ele nos causou danos irreparáveis em pelo menos três ocasiões. No ano passado, em Paris, destruiu uma rede que exigira sete ou oito anos de trabalho paciente para ser desenvolvida. E um ano antes descobriu um agente que infiltráramos no

Serviço Secreto americano em 1965... um homem que poderia um dia assassinar um Presidente dos Estados Unidos. E agora...agora ele está aqui.

Jean-Pierre, ajoelhado no chão, os braços enlaçando o corpo todo doído, deixou a cabeça pender para a frente e fechou os olhos, em desespero: estivera muito além de sua capacidade, enfrentando alegremente os grandes mestres daquele jogo brutal, uma criança desprotegida na cova dos leões.

E acalentara as maiores esperanças. Trabalhando sozinho, desfecharia um golpe de que a Resistência afgã nunca mais se recuperaria. Mudaria o curso da história naquela parte do mundo. E se vingaria dos presunçosos líderes do Ocidente, enganaria e assustaria o sistema que traía e matara seu pai. Em vez de conquistar o triunfo, no entanto, fora derrotado. Tudo lhe fora arrebatado no último momento... por Ellis. Ouviu a voz de Anatoly, como um murmúrio ao fundo: — Podemos ter certeza de que ele conseguiu o que queria com os rebeldes. Não conhecemos os detalhes, mas as linhas gerais são suficientes: um pacto de união entre os líderes dos bandidos, em troca de armas americanas. Esse tipo de coisa pode manter a rebelião por muitos anos mais. Temos de impedir, antes que comece.

Jean-Pierre abriu os olhos e levantou a cabeça.

— Como? — Temos de capturar esse homem antes que ele possa voltar aos Estados Unidos. Dessa maneira ninguém saberá que ele consumou o tratado, os rebeldes não receberão as armas, e todo o plano fracassará.

Jean-Pierre escutava fascinado, apesar da dor. Seria possível que ainda houvesse uma chance de desferir sua vingança? — A captura desse homem quase compensaria a perda de Masud — continuou Anatoly, fazendo o coração de Jean-Pierre bater mais depressa, com nova esperança. — Não liquidaríamos apenas o agente mais perigoso do Ocidente. Pense um pouco: um genuíno homem da CIA capturado aqui no Afeganistão... Há três anos que a máquina de propaganda americana vem dizendo que os bandidos afgãos são guerrilheiros pela liberdade, travando uma heróica luta de Davi-e-Golias contra o poderio da União Soviética. E agora temos a prova do que dizíamos desde o início... que Masud e os outros não passam de lacaios do imperialismo americano. Podemos levar Ellis a julgamento...

— Mas os jornais ocidentais negariam tudo — interveio Jean-Pierre. — A imprensa capitalista...

— Quem está preocupado com o Ocidente? São os países não alinhados, os hesitantes do Terceiro Mundo, as nações muçulmanas em particular que queremos impressionar.

Era mesmo possível, concluiu Jean-Pierre, transformar a situação em triunfo; e ainda seria um triunfo pessoal, porque fora ele quem alertara os russos para a presença de um agente da CIA no Vale dos Cinco Leões.

— Onde se pode encontrar Ellis esta noite? — perguntou Anatoly.

— Ele está com Masud — respondeu Jean-Pierre.

Era mais fácil falar em capturar Ellis do que fazê-lo: Jean-Pierre levava um ano inteiro para conseguir estabelecer previamente o paradeiro de Masud.

— Não há motivo para que Ellis continue a acompanhar Masud — comentou Anatoly. — Ele tinha uma base? — Tinha... estava hospedado na casa de uma família em Banda, teoricamente. Mas raramente podia ser encontrado ali.

— Mesmo assim, é o lugar óbvio para se iniciar a busca.

Tem toda razão, pensou Jean-Pierre. Se Ellis não está em Banda, alguém pode saber onde se encontra... Alguém como Jane. Se Anatoly for a Banda à procura de Ellis, pode também encontrar Jane. A dor de Jean-Pierre parecia se atenuar à medida que ele compreendia que podia se vingar do sistema, capturar Ellis, o homem que o privara de seu triunfo, e ainda recuperar Jane e Chantal.

— Irei com você a Banda? — perguntou ele. Anatoly pensou por um momento.

— Acho que sim. Conhece a aldeia e seus habitantes... pode ser útil tê-lo ali.

Jean-Pierre fez um esforço enorme para se levantar, rangendo os dentes contra a agonia na virilha.

— Quando partimos? — Agora — respondeu Anatoly.

Capítulo 14

Ellis se apressava para pegar um trem e entrou em pânico, mesmo sabendo que estava sonhando. Primeiro, não conseguiu estacionar o carro — estava guiando o Honda de Gill — depois não foi capaz de encontrar o guichê de venda de passagens. Resolvendo embarcar no trem sem passagem, descobriu-se abrindo caminho por uma multidão compacta no vasto saguão da Grand Central Station. A esta altura, lembrou-se de que já tivera esse sonho antes, várias vezes, até recentemente; e nunca pegava o trem. O sonho sempre o deixava com uma sensação insuportável de que toda felicidade passara por ele, em caráter permanente. Ficou agora apavorado com a perspectiva de a mesma coisa tornar a acontecer. Empurrou as pessoas na multidão com crescente violência e finalmente alcançou o portão. Fora ali que parará, nas vezes anteriores, observando o último vagão do trem desaparecer na distância. Hoje, no entanto, o trem ainda estava na estação. Correu pela plataforma e embarcou, no exato instante em que o trem começava a andar.

Ficou tão satisfeito por pegar o trem que se sentiu quase inebriado. Foi ocupar seu lugar e não lhe pareceu absolutamente estranho que fosse num saco de dormir, junto com Jane. Além das janelas do trem o dia estava raiando sobre o Vale dos Cinco Leões.

Não houve uma divisão brusca entre o sono e a vigília. O trem foi se desvanecendo aos poucos, até que só restaram o saco de dormir, o vale, Jane e a sensação de prazer. Em algum momento, durante a curta noite, eles haviam fechado o saco e agora estavam quase colados, mal podendo se mexer. Ele podia sentir a respiração quente de Jane em seu pescoço, os seios intumescidos espremidos contra suas costelas. Os ossos de Jane o espetavam, o quadril e o joelho, o cotovelo e o pé, mas ele gostava. Lembrou que sempre dormiam colados. Quando menos não fosse porque a cama antiga no apartamento de Jane em Paris era pequena demais para que ficassem de outra maneira. Sua própria cama era bem maior, mas mesmo assim dormiam nela colados. Jane sempre alegara que ele a incomodava durante a noite, mas Ellis nunca se lembrava pela manhã.

Fazia muito tempo que ele não dormia a noite inteira com uma mulher. Tentou recordar quem fora a última e descobriu que fora Jane: as mulheres que levava para o seu apartamento em Washington nunca ficavam para o café da manhã.

Jane fora a última e a única pessoa com quem fizera um sexo tão desinibido. Repassou mentalmente as coisas que haviam feito na noite anterior e começou a ter uma ereção. Parecia não haver limite para o número de vezes em que podia ficar duro com ela. Houvera ocasiões em Paris em que passavam o dia inteiro na cama, levantando apenas para buscar comida na geladeira ou abrir uma garrafa de vinho. Ele gozava cinco ou seis vezes, e Jane perdia a conta de seus orgasmos. Nunca se julgara um atleta sexual, e a experiência subsequente comprovava que não era, a não ser com ela. Jane libertava alguma coisa que ficava aprisionada quando estava com outras mulheres, por medo, culpa ou outro fator. Nenhuma outra jamais lhe fizera aquilo, embora uma mulher chegasse perto: uma vietnamita com quem tivera uma ligação breve e trágica em 1970.

Era evidente agora que ele jamais deixara de amar Jane. Durante o último ano realizara o seu trabalho, saíra com mulheres, visitara Petal e fora ao supermercado como um ator representando um papel, pretendendo, pelo bem da verossimilhança, que aquele era o seu

verdadeiro eu, mas sabendo no fundo do coração que não era verdade.

Teria lamentado eternamente a perda de Jane se não tivesse vindo ao Afeganistão.

Parecia-lhe que muitas vezes estivera cego aos fatos mais importantes a seu respeito. Não compreendera, em 1968, que queria lutar por seu país; não compreendera que não queria casar com Gill; no Vietnã, não compreendera que era contra a guerra. Cada uma dessas revelações o surpreendera e mudara sua vida. Ele achava que a auto-ilusão não era necessariamente uma coisa ruim: não poderia sobreviver à guerra sem isso, e o que faria se nunca viesse ao Afeganistão, além de dizer a si mesmo que não queria Jane? Será que a tenho agora?, especulou ele. Jane não dissera muito, exceto Eu amo você, meu querido, durma bem, no instante em que ele adormecia. Ellis refletiu que haviam sido as palavras mais maravilhosas que já ouvira.

— De que está sorrindo? Ele abriu os olhos e fitou-a.

— Pensei que ainda estivesse dormindo.

— Estava observando você. Parecia muito feliz.

— E era como eu me sentia.

Ellis respirou fundo o ar fresco da manhã e soergueu-se, apoiado num cotovelo, para contemplar o vale. Os campos estavam quase sem cor à claridade do amanhecer, e o céu era de um cinza-pérola. Ele já ia dizer a Jane o que o deixava tão feliz quando ouviu um zumbido.

Inclinou a cabeça para escutar melhor.

— O que é? — perguntou Jane.

Ellis encostou um dedo nos lábios dela. E um momento depois Jane também ouviu. Em poucos segundos o barulho aumentou, até se tornar o som inconfundível de helicópteros se aproximando. Ellis teve o pressentimento de desastre iminente.

— Mas que merda! — exclamou ele.

O aparelho surgiu sobre suas cabeças, saindo de trás da montanha. Logo todos estavam à vista, três Hinds com seus armamentos e um enorme Hip transportando soldados.

— Ponha a cabeça dentro! — Ellis disse asperamente a Jane. O saco de dormir era pardo, mais ou menos da cor do terreno em torno: se ficassem por baixo, poderiam se tornar invisíveis para quem estivesse lá em cima. Os guerrilheiros usavam a mesma técnica para se esconder de helicópteros e aviões: cobriam-se com as mantas cor de lama, chamadas pattus, que todos carregavam.

Jane enfiou-se no saco de dormir. Havia uma aba na extremidade aberta para conter um travesseiro, embora não houvesse nenhum no momento. Se puxassem essa aba, cobririam suas cabeças. Ellis comprimiu-se contra Jane e virou-se, puxando a aba. Estavam agora praticamente invisíveis.

Ficaram deitados de barriga para baixo, Ellis parcialmente por cima de Jane, olhando para a aldeia. Os helicópteros pareciam estar descendo. Jane disse: — Eles vão pousar aqui! Ellis respondeu bem devagar: — Acho que vão...

Jane começou a se levantar.

— Tenho de descer...

— Não! — Ellis segurou-a pelos ombros, usando o seu peso para obrigá-la a continuar deitada. — Espere... espere mais alguns segundos para vermos o que acontece...

— Mas Chantal...

— Espere! Ela desistiu da luta, mas Ellis continuou a segurá-la firmemente. Pessoas

sonolentas sentavam-se nos telhados das casas, esfregando os olhos e contemplando aturdidas os enormes aparelhos, aproximando-se como gigantescos pássaros. Ellis localizou a casa de Jane. Divisou Fará, de pé, enrolando-se com um lençol. Ao seu lado estava o colchão pequeno em que ficava Chantal, oculta pelas cobertas.

Os helicópteros deram uma volta, cautelosos. Eles tencionam pousar aqui, pensou Ellis, mas estão receosos, depois da emboscada em Darg.

Os aldeões estavam atordoados. Alguns saíam correndo de suas casas, enquanto outros corriam para elas. Crianças e animais eram reunidos e levados para o interior das casas. Várias pessoas tentaram fugir, mas um dos Hinds voou baixo sobre as trilhas que saíam da aldeia e obrigou-as a voltar.

A cena convenceu o comandante russo de que não havia emboscada ali. O Hip que transportava os soldados e um dos três Hinds efetuaram uma descida desgraciosa e pousaram num campo. Segundos depois os soldados emergiram do Hip, saltando de sua enorme barriga como insetos.

— Não dá mais! — gritou Jane. — Tenho de descer agora!

— Ela não corre perigo. O que quer que os russos queiram, não estão atrás de crianças.

Mas podem estar procurando por você.

— Preciso ficar com ela...

— Pare com o pânico! — gritou Ellis. -se você estiver lá embaixo é que ela correrá perigo.

Se você continuar aqui, sua filha estará segura. Será que não entende? Correr para ela é a pior coisa que você poderia fazer neste momento.

— Ellis, não posso...

— Mas tem — Oh, Deus! — Jane fechou os olhos. — Aperte-me com força. Ele segurou-a com força pelos ombros.

Os soldados cercaram a pequena aldeia. Somente uma casa ficou fora de sua rede, a do mula, a quatrocentos ou quinhentos metros das outras, na trilha que subia pela encosta da montanha. Enquanto Ellis olhava, um homem saiu correndo da casa. Estava bastante perto para que Ellis pudesse ver a barba pintada de vermelho: era Abdullah. Três crianças de tamanhos diferentes e uma mulher carregando um bebê também deixaram a casa e subiram correndo em seu encalço.

Os russos viram-no quase que no mesmo instante. Ellis e Jane puxaram o saco de dormir ainda mais por cima de suas cabeças, enquanto um helicóptero no ar se afastava da aldeia e sobrevoava a trilha. Houve uma rajada de metralhadora e a poeira se levantou numa linha pontilhada aos pés de Abdullah. Ele estacou abruptamente, tropeçou, parecendo quase cômico, depois virou-se e correu de volta, acenando com as mãos e gritando para que a família voltasse. Ao se aproximarem da casa, outra rajada de advertência da metralhadora impediu que entrassem; depois de um momento, toda a família desceu para a aldeia.

Podiam-se ouvir tiros intermitentes em meio ao barulho dos rotores, mas os soldados pareciam estar atirando para o ar, a fim de intimidar os aldeões. Entravam nas casas e tiravam os moradores, em trajes de dormir e roupas de baixo. O Hind que cercara o mula e sua família começou agora a dar voltas pela aldeia, como se procurasse por mais extraviados.

— O que eles vão fazer? — perguntou Jane, a voz trêmula.

— Não sei.

— É uma... represália? — Deus nos livre.

— O que é então? Ellis sentiu vontade de dizer Porra, como posso saber?, mas limitou-se a murmurar: — Eles podem estar fazendo outra tentativa de capturar Masud.

— Mas eles nunca fica nas proximidades do local de uma batalha.

— Os russos podem estar pensando que ele se tornou descuidado ou indolente... ou então que está ferido...

Ellis não tinha a menor ideia do que estava acontecendo, mas temia que fosse um massacre ao estilo de My-Lay.

Os aldeões eram conduzidos ao pátio da mesquita pelos soldados, que pareciam tratá-los rudemente, mas não brutalmente. De repente, Jane gritou: — Fará! — O que foi? — O que ela está fazendo? Ellis localizou o telhado da casa de Jane. Fará estava ajoelhada ao lado do pequeno colchão de Chantal, e Ellis pôde divisar uma pequena cabeça rosada. Durante a madrugada, Chantal devia ter tomado uma mamadeira, dada por Fará. Mas embora ela ainda não estivesse com fome, o barulho dos helicópteros poderia tê-la despertado.

Ellis torceu para que isso não tivesse acontecido.

Ele viu Fará ajustar uma almofada ao lado da cabeça de Chantal e depois puxar um lençol sobre o rosto da criança.

— Ela está escondendo Chantal — murmurou Jane. — A almofada suspende o lençol para deixar o ar entrar.

— É uma garota esperta.

— Eu gostaria de estar lá...

Fará amarrotou o lençol e depois estendeu outro sobre o corpo de Chantal. Ficou parada por um instante, verificando o efeito. À distância, a criança parecia exatamente uma pilha de roupa de cama abandonada às pressas. Fará aparentemente ficou satisfeita com a ilusão, pois foi até a beira do telhado e desceu os degraus para o pátio.

— Ela está deixando Chantal — balbuciou Jane.

— Sua filha está tão segura quanto seria possível nas circunstâncias...

— Eu sei, eu sei! Fará foi empurrada para a mesquita junto com os outros. Foi uma das últimas pessoas a entrar.

— Todos os bebês estão com as mães — disse Jane. — Acho que Fará devia ter levado Chantal...

— Não devia, não. Espere um pouco e verá.

Ellis ainda não podia imaginar o que aconteceria, mas se houvesse um massacre Chantal estaria mais segura onde se encontrava agora.

Quando todos pareciam estar dentro dos muros da mesquita, os soldados começaram a revistar a aldeia, disparando para o ar. Eles não tinham escassez de munição, pensou Ellis. O helicóptero que permanecera no ar voou baixo, esquadrinhou os arredores da aldeia, em círculos sempre crescentes, como se procurando alguma coisa.

Um dos soldados entrou no pátio da casa de Jane. Ellis sentiu que ela ficava rígida e murmurou em seu ouvido: — Tudo vai acabar bem.

O soldado desapareceu no interior da casa. Ellis e Jane ficaram olhando fixamente para a porta.

O soldado saiu poucos segundos depois e subiu correndo a escada externa.

— Deus a guarde — sussurrou Jane.

Ele parou no telhado, olhou para a pilha de roupa de cama, observou os telhados próximos, tornou a concentrar sua atenção no de Jane. O colchão de Fará estava perto do soldado, o de Chantal logo depois. Ele cutucou o colchão de Fará com a ponta da bota. Subitamente, virou-se e desceu a escada depressa. Ellis voltou a respirar e olhou para Jane. Ela estava muito pálida.

— Eu disse que tudo acabaria bem — murmurou ele. Jane começou a tremer. Ellis tornou a olhar para a mesquita.

Podia ver apenas uma parte do pátio. Os aldeões pareciam sentados em fileiras, mas havia algum movimento de um lado para outro. Tentou adivinhar o que estava acontecendo.

Os russos interrogavam os aldeões sobre Masud e seu paradeiro? Havia apenas três pessoas lá embaixo que podiam saber, três guerrilheiros que eram de Banda e que não haviam partido com Masud no dia anterior: Shahazai Gul, o homem da cicatriz; Alishan Karim, o irmão de Abdullah, o mula; e Sher Kador, o garoto das cabras. Shahazai e Alishan já estavam na casa dos quarenta anos, poderiam facilmente representar o papel de velhos assustados. Sher Kador tinha apenas quatorze anos. Todos os três poderiam alegar plausivelmente que nada sabiam de Masud. Ainda bem que Mohammed não estava ali, pois não seria fácil os russos acreditarem em sua inocência. As armas dos guerrilheiros estavam bem escondidas, em lugares onde os russos não procurariam: no telhado de uma privada, entre as folhas de uma amoreira, num buraco fundo na margem do rio.

— Olhe ali! — balbuciou Jane. — O homem que está na frente da mesquita! Ellis olhou.

— O oficial russo de quepe? — Esse mesmo. Sei quem ele é já o vi antes. É Anatoly, o homem que estava na cabana de pedra com Jean-Pierre.

— O contato — murmurou Ellis.

Ele observou atentamente, tentando distinguir as feições do homem; à distância, ele parecia um tanto oriental. Como seria? Arriscara-se sozinho em território rebelde para se encontrar com Jean-Pierre, o que significava que devia ser corajoso. com toda certeza estava agora furioso por ter levado os russos a uma armadilha em Darg.

Haveria de querer atacar o mais depressa possível, a fim de recuperar a iniciativa.

As especulações de Ellis foram abruptamente interrompidas quando outro vulto emergiu da mesquita, um homem barbado, camisa branca aberta no pescoço e calça escura, ao estilo ocidental.

— Santo Deus! — exclamou Ellis. — É Jean-Pierre! — Oh, não! — balbuciou Jane.

— Mas o que está acontecendo? — Pensei que nunca mais tornaria a vê-lo — disse Jane.

Ellis olhou para ela. O rosto de Jane exibía uma expressão estranha. Depois de um momento, ele compreendeu que era uma expressão de remorso.

Ellis voltou a se concentrar na cena na aldeia. Jean-Pierre falava com o oficial russo, gesticulando muito, apontando para a encosta da montanha.

— Ele está com uma postura esquisita — comentou Jane. — Acho que se machucou.

— Está apontando para nós? — Jean-Pierre não conhece este lugar... ninguém mais conhece. Ele pode nos ver? — Não.

— Mas nós podemos vê-lo — murmurou Jane, em dúvida.

— Acontece que ele está de pé lá embaixo, enquanto nós estamos em cima, deitados,

espiando de baixo de uma manta, numa encosta escura. Ele não poderia nos avistar, mesmo que soubesse onde procurar.

— Então ele deve estar apontando para as cavernas.

— Isso mesmo.

— Deve estar dizendo aos russos para procurar lá.

— Tem razão.

— Mas isso é horrível! Como ele pode... — A voz de Jane se apagou e depois de uma pausa ela acrescentou: — Mas é o que ele vem fazendo desde que chegou aqui... traindo as pessoas, entregando-as aos russos.

Ellis notou que Anatoly parecia estar falando por um walkie-talkie. Um momento depois um dos Hinds passou ruidosamente por cima das cabeças cobertas de Jane e Ellis para pousar, audível mas fora de visão, no alto da colina.

Jean-Pierre e Anatoly começaram a se afastar da mesquita. Jean-Pierre mancava.

— Ele está mesmo machucado — confirmou Ellis.

— O que terá acontecido? Ellis tinha a impressão de que Jean-Pierre fora espancado, mas não o disse. Especulou sobre o que se passava na mente de Jane. Lá estava seu marido, andando com um oficial do KGB — um coronel, Ellis calculava pelo uniforme.

Aqui estava ela, numa cama improvisada, com outro homem. Jane se sentia culpada? Envergonhada? Desleal? Ou não tinha qualquer arrependimento? Odiava Jean-Pierre ou estava apenas desapontada com o marido? Estivera apaixonada por ele; ainda restaria algum amor? Ellis perguntou: — Como se sente em relação a ele? Jane lançou um olhar prolongado e firme para Ellis e por um momento ele chegou a pensar que ela estava enlouquecendo. Mas a reação era apenas porque ela estava levando a pergunta muito a sério. E, finalmente, ela murmurou: — Triste, Jane tornou a concentrar sua atenção na aldeia. Jean-Pierre e Anatoly encaminhavam-se para sua casa, onde Chantal estava escondida, no telhado. Jane disse: — Acho que estão à minha procura.

Sua expressão era tensa e assustada, enquanto observava atentamente os dois homens lá embaixo. Ellis tinha quase certeza de que os russos não haviam vindo até ali com tantos homens e máquinas só por causa de Jane, mas se absteve do comentário. Jean-Pierre e Anatoly atravessaram o pátio e entraram na casa. Jane sussurrou: — Não chore, minha filha.

Era um milagre que a criança ainda estivesse dormindo, pensou Ellis. Mas talvez não estivesse; talvez estivesse acordada e chorando, mas os gritos eram abafados pelo barulho dos helicópteros. Talvez o soldado não a tivesse ouvido porque havia um helicóptero diretamente por cima dele no momento. Talvez os ouvidos mais sensíveis do pai captassem sons que não atraíam a atenção de um estranho desinteressado. Talvez... Os dois homens saíram da casa.

Pararam no pátio por um instante, conversando. Jean-Pierre aproximou-se claudicando da escada de madeira que levava ao telhado. Subiu no primeiro degrau com evidente dificuldade e tornou a descer. Houve outra troca de palavras e depois o russo subiu a escada. Ellis prendeu a respiração.

Anatoly chegou ao topo da escada e pisou no telhado. Como o soldado antes, ele olhou para as roupas de cama, observou os outros telhados, e tornou a se concentrar naquele em que estava. Como o soldado, cutucou o colchão de Fará com a ponta da bota. Depois, ajoelhou-se ao lado de Chantal.

Gentilmente, puxou o lençol.

Jane soltou um grito estrangulado, enquanto o rosto rosado de Chantal aparecia.

Se estão atrás de Jane, pensou Ellis, vão levar Chantal, pois sabem que ela se entregaria para ficar junto da filha.

Anatoly ficou olhando fixamente para a menina por vários segundos.

— Oh, Deus, não posso mais suportar, não posso... — balbuciou Jane. Ellis apertou-a firmemente, murmurando: — Vamos esperar para ver o que acontece.

Ele se esforçou para divisar a expressão no rosto da criança, mas a distância era muito grande. O russo parecia estar pensando.

E, abruptamente, deu a impressão de que tomara uma decisão.

Largou o lençol, ajeitou-o em torno da criança, levantou-se e afastou-se. Jane desatou a chorar.

Do telhado, Anatoly falou a Jean-Pierre, sacudindo a cabeça em negação. E depois desceu para o pátio.

— Por que ele fez isso? — especulou Ellis, pensando em voz alta.

O movimento da cabeça indicava que Anatoly mentira para Jean-Pierre, dizendo "Não há ninguém no telhado". A dedução era de que Jean-Pierre ia querer levar a criança, mas Anatoly não. Isso significava que Jean-Pierre queria encontrar Jane, mas o russo não estava interessado nela.

Mas então no que ele estava interessado? Era óbvio. Anatoly estava atrás de Ellis.

— Acho que estraguei tudo — murmurou Ellis, mais para si mesmo.

Jean-Pierre queria Jane e Chantal, mas Anatoly estava à sua procura. Queria se vingar da humilhação do dia anterior; queria impedir que Ellis voltasse ao Ocidente com o tratado assinado pelos comandantes rebeldes; e queria levar Ellis a julgamento, a fim de provar ao mundo que a CIA estava por trás da rebelião afegã. Eu deveria ter pensado em tudo isso ontem, refletiu Ellis amargurado, mas estava inebriado pelo sucesso e preocupado apenas com Jane. Anatoly não podia saber que eu estava aqui — poderia me encontrar em Darg, Astana ou num esconderijo nas montanhas com Masud — deve ter sido um tiro no escuro. Mas quase dera certo. Anatoly possuía um bom instinto. Era um oponente formidável... e a batalha ainda não terminara.

Jane estava chorando. Ellis afagou-lhe os cabelos e soltou alguns murmúrios tranquilizadores, enquanto observava Jean-Pierre e Anatoly voltarem aos helicópteros, que ainda estavam parados no campo, as pás dos rotores girando.

O Hind que pousara no alto da colina, perto das cavernas, alçou voo, subindo por cima das cabeças de Jane e Ellis. Ele especulou se os sete guerrilheiros feridos que estavam na clínica na caverna teriam sido interrogados e aprisionados.

Tudo acabou muito depressa. Os soldados saíram da mesquita rapidamente e embarcaram no Hip com a mesma presteza com que haviam saltado. Jean-Pierre e Anatoly entraram num dos Hinds. Os horrendos aparelhos decolaram um a um, subindo a um ponto mais alto que a colina, e depois seguiram para o sul a toda velocidade, em linha reta.

Ellis, sabendo o que estava na mente de Jane, disse: — Vamos esperar mais alguns segundos até que os helicópteros estejam bem longe... não estrague tudo agora.

Ela acenou com a cabeça em aquiescência, os olhos marejados de lágrimas.

Os aldeões começam a deixar a mesquita, parecendo apavorados. O último helicóptero

afastou-se para o sul. Jane saiu do saco de dormir, vestiu a calça e desceu correndo, escorregando e tropeçando, abotoando a blusa pelo caminho. Ellis observou-a ir, sentindo que de alguma forma ela o rejeitara, sabendo que o sentimento era irracional, mas mesmo assim incapaz de ignorá-lo. Decidiu que não a seguiria, pelo menos por enquanto. Era melhor deixá-la sozinha para o reencontro com Chantal.

Ela sumiu de sua vista, além da casa do mula. Ellis observou a aldeia. Começava a voltar ao normal. Ele podia ouvir vozes alteadas em excitação. As crianças corriam de um lado para outro, fingindo que eram helicópteros, apontando armas imaginárias, reunindo as galinhas nos pátios para serem interrogadas. Quase todos os adultos voltavam para suas casas, lentamente, parecendo intimidados.

Ellis lembrou-se dos sete guerrilheiros feridos e do garoto maneta na caverna. Resolveu verificar o que lhes acontecera. Vestiu as roupas, enrolou o saco de dormir e começou a subir pela trilha.

Pensou em Allen Winderman, com seu terno cinza e gravata listrada, comendo uma salada num restaurante de Washington e indagando: "Quais são as possibilidades de os russos pegarem nosso homem?" Mínimas respondera Ellis. Se eles não conseguem capturar Masud, por que seriam capazes de apanhar um agente secreto enviado ao encontro de Masud. Ele sabia agora a resposta: Poderiam muito bem, graças a Jean-Pierre.

— Maldito Jean-Pierre! — exclamou Ellis, em voz alta. Ele chegou à clareira. Não havia qualquer barulho na caverna que servia como clínica. Ellis torcia para que não tivessem levado o menino Mousa, além dos guerrilheiros feridos — Mohammed ficaria inconsolável.

Ele entrou na caverna. O sol já se levantara e podia ver muito bem. Estavam todos ali, deitados, imóveis, em silêncio.

— Vocês estão bem? — perguntou Ellis, em dari. Não houve resposta, ninguém se mexeu.

— Oh, Deus! — balbuciou Ellis.

Ele se ajoelhou ao lado do guerrilheiro mais próximo e tocou no rosto barbudo. O homem estava estendido numa poça de sangue. Levava um tiro na cabeça, à queima-roupa.

Movimentando-se depressa, Ellis examinou um a um. Estavam todos mortos.

Inclusive o menino.

Capítulo 15

Jane correu pela aldeia num pânico cego, empurrando as pessoas para o lado, esbarrando nos muros, tropeçando, caindo, tornando a se levantar, soluçando, ofegando e gemendo o tempo todo. "Ela deve estar bem", repetia para si mesma, como uma litania. Mas ainda assim seu cérebro insistia em indagar Por que Chantal não acordou?, O que Anatoly fez? e Minha filha estará ferida? Entrou cambaleando no pátio da casa do negociante, subiu a escada para o telhado de dois em dois degraus. Caiu de joelhos e puxou o lençol que cobria o pequeno colchão.

Os olhos de Chantal estavam fechados. Jane pensou: Ela está respirando? Ela está respirando? Um instante depois os olhos da menina se abriram, fitou a mãe e — pela primeira vez — sorriu.

Jane pegou-a e apertou-a com força, com a sensação de que seu coração estava prestes a estourar. Chantal chorou com o aperto súbito e Jane chorou também, dominada pela alegria e alívio porque a filha ainda estava ali, viva, quente, chorando, e também porque sorria pela primeira vez.

Jane acalmou-se depois de algum tempo, e Chantal, sentindo a mudança, também ficou quieta. Jane embalou-a, afagando suas costas ritmadamente, beijando o topo da cabeça macia e calva. Terminou se lembrando que havia outras pessoas no mundo e se perguntou o que teria acontecido com os aldeões na mesquita, se estariam bem.

Desceu para o pátio, onde se encontrou com Fará.

Jane contemplou-a por um momento, a silenciosa e nervosa Fará, tão tímida, chocando-se com tanta facilidade: onde ela encontrara a coragem e presença de espírito para esconder Chantal sob um lençol amarrotado, enquanto os russos pousavam os helicópteros e disparavam seus rifles a poucos metros de distância? — Você salvou minha filha — murmurou Jane.

Fará parecia apavorada, como se aquilo fosse uma acusação. Jane transferiu Chantal para o quadril esquerdo e passou o braço direito por Fará, apertando.

— Você salvou minha filha! — repetiu ela. — Obrigada! Muito obrigada! Fará ficou radiante de prazer por um instante, e depois desatou a chorar. Jane acalmou-a, afagando suas costas, como fizera com Chantal. Assim que Fará ficou quieta, Jane indagou: — O que aconteceu na mesquita? O que eles fizeram? Alguém foi ferido?

— Sim — respondeu Fará, atordoada.

Jane sorriu: não se podia apresentar a Fará três perguntas consecutivas e esperar uma resposta coerente.

— O que aconteceu quando vocês entraram na mesquita? — Eles perguntaram pelo americano.

— A quem eles perguntaram? — A todos. Mas ninguém sabia. O doutor me perguntou onde estavam você e a criança, eu respondi que não sabia. Eles pegaram então três homens: meu tio Shahazai, o mula e Alishan Karim, o irmão do mula. Perguntaram de novo a eles, mas não adiantava, porque os homens não sabiam para onde fora o americano. E por isso bateram neles.

— Eles estão muito machucados? — Apenas levaram uma surra.

— Cuidarei deles. — Jane recordou, preocupada, que Alishan tinha um problema cardíaco. — Onde eles estão agora? — Ainda na mesquita.

— Venha comigo.

Jane entrou na casa e Fará seguiu-a. A bolsa de enfermagem estava na sala da frente, em cima do balcão. Jane acrescentou algumas pilulas de nitroglicerina aos medicamentos regulares e tornou a sair. Enquanto se encaminhava para a mesquita, ainda segurando Chantal tensamente, ela disse a Fará: — O que mais aconteceu? — O doutor me perguntou onde você estava. Eu disse que não sabia. Era verdade.

— Eles machucaram você? — Não. O doutor parecia muito zangado, mas eles não me bateram.

Jane se perguntou se Jean-Pierre ficara zangado por ter adivinhado que ela passara a noite com Ellis. Ocorreu-lhe que toda a aldeia devia estar pensando a mesma coisa. Especulou como reagiriam. Podia ser a prova final de que ela era a Prostituta da Babilônia. Mesmo assim não a escorraçariam, pelo menos enquanto houvesse pessoas feridas para cuidar. Ela chegou à mesquita e entrou no pátio. A mulher de Abdullah viu-a, aproximou-se com um ar de importante e levou-a para o lugar em que o marido estava deitado. À primeira vista ele parecia bem, e Jane estava mais preocupada com o coração de Alishan.

Por isso deixou o mula — ignorando os protestos indignados de sua esposa — e foi examinar Alishan, que estava deitado próximo.

Ele estava muito pálido, respirava com dificuldade, uma das mãos comprimia o peito: como Jane receara, a surra provocara um ataque de angina. Ela deu-lhe um tablete, recomendando: — Mastigue bem, não engula inteiro.

Entregou Chantal a Fará e concluiu um exame rápido de Alishan. Ele estava bastante machucado, mas não havia ossos fraturados.

— Como foi que espancaram você? — com os rifles — respondeu ele, a voz rouca.

Jane balançou a cabeça. Ele tinha sorte: o único dano real fora a tensão, tão perigosa para o seu coração, mas Alishan já se recuperava desse problema. Ela passou iodo nos cortes e dissê-lhe que continuasse deitado ali por mais uma hora.

Voltou então a Abdullah. Ao vê-la se aproximar, no entanto, o mula acenou para que se afastasse, soltando um rugido irado. Jane sabia o que o enfurecera: ele se julgava com direito a tratamento prioritário e se sentira insultado por ela ter cuidado primeiro de Alishan. Mas ela não pediria desculpas. Já lhe dissera antes que tratava das pessoas na ordem de urgência, e não de posição. Ela virou-se. Não adiantava insistir em examinar o velho idiota. E se ele estava bastante bem para gritar com ela, também haveria de sobreviver.

Ela passou para Shahazai, o velho guerreiro coberto de cicatrizes. Ele já fora examinado por sua irmã Rabia, a parteira, que estava lavando os cortes. Os ungentos de ervas de Rabia não eram tão anti-sépticos quanto deveriam, mas Jane calculou que provavelmente fariam mais bem do que mal.

Assim, contentou-se em fazê-lo mexer os dedos das mãos e dos pés. Ele estava bem.

Tivemos sorte, pensou Jane. Os russos vieram, mas escapamos sem ferimentos mais graves. Graças a Deus. Talvez agora possamos esperar que nos deixem em paz por algum tempo... talvez até que a rota para o Passo Khyber seja reaberta...

— O doutor é um russo? — perguntou Rabia, abruptamente.

— Não. — Pela primeira vez, Jane se perguntou o que teria passado pela mente de Jean-Pierre. Se ele tivesse me encontrado, o que me diria? — Não, Rabia, ele não é um russo. Mas parece ter passado para o lado deles.

— Então é um traidor.

— Acho que sim.

Jane se perguntou agora o que estaria passando pela cabeça da velha Rabia.

— Uma cristã pode se divorciar do marido por ser um traidor? Na Europa, pensou Jane, ela pode se divorciar por muito menos.

— Pode.

— Então é por isso que você está agora casada com o americano? Jane compreendeu como Rabia estava pensando. Passar a noite na encosta da montanha com Ellis confirmara a acusação de Abdullah de que ela era uma prostituta ocidental.

Rabia, que há muito era a mais destacada defensora de Jane na aldeia, estava planejando contestar a acusação com uma interpretação alternativa, segundo a qual ela se divorciara do traidor, nos termos de estranhas leis cristãs que os Verdadeiros Crentes desconheciam, casando logo em seguida com Ellis. Que assim seja, pensou Jane, respondendo: — É sim... é por isso que me casei com o americano. Rabia acenou com a cabeça, satisfeita.

Jane quase sentiu que havia um fundo de verdade no epíteto do mula. Afinal, ela passara da cama de um homem para a de outro com uma rapidez indecente. Sentiu-se um pouco envergonhada, mas logo se recuperou: jamais permitira que seu comportamento fosse determinado pelas expectativas de outras pessoas. Que eles pensem o que quiserem, disse a si mesma.

Não se considerava casada com Ellis. Perguntou a si mesma: Eu me sinto divorciada de Jean-Pierre?

A resposta era Não. Contudo, sentia que suas obrigações para com ele haviam acabado. Depois do que Jean-Pierre fez, pensou, não lhe devo mais coisa alguma. Deveria ser um alívio, mas na verdade sentia-se triste.

Seus devaneios foram interrompidos. Houve uma comoção à entrada da mesquita, e Jane virou-se para deparar com Ellis, que entrava carregando alguma coisa nos braços.

Quando ele chegou mais perto, Jane constatou que seu rosto era uma máscara de raiva. Num relance, ela se lembrou que já o vira assim antes: quando um motorista de táxi negligente fizera uma súbita curva em U e derrubara um rapaz de motocicleta, ferindo-o gravemente. Ellis e Jane testemunharam o acidente e chamaram a ambulância — ela não tinha qualquer conhecimento de medicina naquele tempo. Ellis repetira muitas vezes: "Foi tão desnecessário, tão desnecessário..." Ela reconheceu o que Ellis tinha nos braços: era um menino... e a julgar pela expressão dele, o menino estava morto. Sua primeira e vergonhosa reação foi pensar: Graças a Deus que não é minha filha. Olhando mais atentamente, descobriu que era a única criança na aldeia que às vezes parecia sua: o maneta Mousa, o menino cuja vida ela salvara. Experimentou o terrível sentimento de desapontamento e perda que ocorria quando um paciente morria depois que ela e Jean-Pierre lutavam por muito tempo e com todo o empenho para salvar sua vida. Mas aquela morte era especialmente angustiante, pois Mousa se mostrara corajoso e determinado ao enfrentar sua desvantagem física; e o pai tinha o maior orgulho dele. Por que ele?, pensou Jane, as lágrimas aflorando-lhe aos olhos. Por que ele? Os aldeões se agruparam em torno de Ellis, mas ele olhou para Jane.

— Estão todos mortos — informou ele, em dari, a fim de que os outros pudessem entender. Algumas mulheres começaram a chorar, enquanto Jane indagava: — Como? — Foram fuzilados

pelos russos, um a um.

— Oh, Deus! Na noite anterior ela dissera Nenhum deles morrerá... dos ferimentos, ela queria dizer, prevendo que haveriam de melhorar, mais depressa ou mais devagar, recuperando a plena saúde e força, sob os seus cuidados. E agora... estavam todos mortos.

— Mas por que eles mataram o menino? — gritou ela.

— Acho que ele os provocou. Jane franziu o rosto, aturdida. Ellis mudou o corpo de posição, mostrando a mão de Mousa.

Os dedos seguravam rigidamente o cabo da faca que o pai lhe dera. Havia sangue na lâmina.

Um gemido profundo soou de repente, e Halima abriu caminho pela multidão. Pegou o corpo do filho dos braços de Ellis e arriou no chão, o menino morto nos braços, gritando seu nome. As mulheres se agruparam ao seu redor. Jane afastou-se.

Fazendo sinal a Fará para segui-la com Chantal, ela deixou a mesquita e voltou para casa, andando devagar. Poucos minutos antes ela pensara que a aldeia tivera sorte em escapar praticamente incólume. Agora, sabia que havia sete homens e um menino mortos. Não restavam lágrimas a Jane, pois já chorara demais; sentia-se apenas fraca com a angústia. Entrou na casa e sentou-se para amamentar Chantal.

— Como você tem sido paciente, minha querida — murmurou ela, enquanto ajeitava a filha no seio.

Ellis entrou um ou dois minutos depois. Inclinou-se e beijou-a. Fitou-a em silêncio por um momento e depois murmurou: — Você parece zangada comigo. Jane compreendeu que estava mesmo.

— Os homens são sanguinários — disse ela, amargurada. — É evidente que aquele menino tentou atacar soldados russos armados com sua faca de caça... quem lhe ensinou a ser tão temerário? Quem lhe disse que sua função na vida era matar russos? Quando ele avançou para o homem com o Kalashnikov, quem era o seu modelo? Não a mãe, mas sim o pai. Foi por culpa de Mohammed que ele morreu... de Mohammed e sua. Ellis ficou atônito.

— Por que minha? Jane sabia que estava sendo muito dura, mas não podia se conter.

— Eles espancaram Abdullah, Alishan e Shahazai, numa tentativa de obrigá-los a revelar onde você estava. Queriam você. Era esse o objetivo da incursão.

— Sei disso. Mas por que é culpa minha que tenham atirado no menino? — Aconteceu porque você está aqui, um lugar a que não pertence.

— É possível. Seja como for, tenho a solução para esse problema. Estou indo embora. Minha presença acarreta violência e morte, como você se apressou em ressaltar.

Se eu ficar, não só posso ser apanhado... tivemos muita sorte hoje... como também o meu frágil plano para unir as tribos contra o inimigo comum fracassará. Na verdade, é pior do que isso. Os russos me submeteriam a um julgamento público para tirar o máximo efeito de propaganda. Vejam como a CIA tenta explorar os problemas internos de um país do Terceiro Mundo. Esse tipo de coisa.

— Você é mesmo muito importante, hem? — Parecia estranho que os acontecimentos ali no Vale, entre aquele pequeno grupo de pessoas, pudessem ter tão grandes consequências globais. — Mas não pode ir embora. A rota para o Passo Khyber está bloqueada.

— Há outro caminho: a Trilha da Manteiga.

— Oh, Ellis, é muito árdua... e perigosa. — Jane pensou na escalada dos desfiladeiros muito altos, sob ventos intensos. Ele poderia se perder e congelar até a morte na neve ou ser assaltado e assassinado pelos bárbaros nuristanis. — Por favor, não faça isso.

— Pode estar certa de que eu aceitaria qualquer outra opção, se a tivesse.

Ela o perderia outra vez, ficaria sozinha. A perspectiva deixou-a desesperada. O que era surpreendente. Só passara uma noite com ele. O que esperava? Não sabia direito. Certamente mais do que aquela separação abrupta.

— Não pensei que tornaria a perdê-lo tão cedo.

Jane passou Chantal para o outro seio. Ele ajoelhou-se à sua frente, pegou-lhe a mão.

— Você ainda não pensou bem na situação, Jane. Não lhe passou pela cabeça que Jean-Pierre ia quer de volta? Jane refletiu por um momento. Ellis tinha razão. Jean-Pierre estaria agora se sentindo humilhado e fragilizado, seus ferimentos só curariam se a tivesse de volta, em sua cama, sob seu poder.

— Mas o que ele faria comigo? — Vai querer que você e Chantal vivam o resto de suas vidas em alguma cidadezinha mineira da Sibéria, enquanto ele espiona na Europa e as visita a cada dois ou três anos, para umas férias entre suas missões.

— O que ele poderia fazer se eu recusasse? — Poderia obrigá-la. Ou poderia matá-la.

Jane lembrou de Jean-Pierre a esmurrá-la. E sentiu-se um pouco nauseada.

— Os russos o ajudarão a me encontrar?

— Claro.

— Mas por quê? Qual o motivo para se importarem comigo? — Primeiro, porque devem isso a Jean-Pierre. Segundo, por que acham que você o manterá feliz.

Terceiro, porque você sabe demais. Conhece Jean-Pierre muito bem e já viu Anatoly: pode fornecer boas descrições dos dois para o computador da CIA, se conseguir voltar à Europa.

O que significava que haveria mais mortes, pensou Jane; os russos atacariam as aldeias, interrogariam pessoas, espancariam e torturariam, a fim de descobrir onde ela estava.

— Aquele oficial russo... Anatoly é seu nome. Ele viu Chantal. — Jane apertou a filha com mais força, ao recordar aqueles terríveis segundos. — Pensei que ia pegá-la.

Não entendi sua atitude. Se ele a tivesse levado, eu teria me entregado só para ficar junto de minha filha.

Ellis balançou a cabeça.

— Isso também me espantou na ocasião. Mas sou mais importante para eles do que você. Tenho a impressão de que ele chegou à conclusão de que pode querer eventualmente capturá-la, mas enquanto isso tem outro uso para você.

— Que outro uso? O que podem querer que eu faça? — Retardar-me.

— Obrigando-o a ficar aqui? — Não. Indo comigo.

Assim que Ellis acabou de falar, Jane compreendeu que ele estava certo. Um sentimento de perdição a envolveu, como uma mortalha. Tinha de ir também, levando sua filha; não havia alternativa. Se morrermos, então morreremos, pensou ela, fatalista. Que assim seja.

— Creio que tenho uma chance maior de escapar daqui com você do que escapar da Sibéria sozinha — murmurou ela.

Ellis assentiu.

— É justamente o que eu estava querendo dizer.

— Vou começar a arrumar as coisas. — Não havia tempo a perder. — É melhor sairmos daqui amanhã de manhã, bem cedo.

Ellis sacudiu a cabeça.

— Quero sair daqui dentro de uma hora.

Jane entrou em pânico. Vinha planejando partir, mas não tão de repente; agora, sentia que não havia tempo para pensar. Desatou a correr pela pequena casa, jogando roupas, alimentos e suprimentos médicos, de maneira indiscriminada, em diversas bolsas, apavorada com a possibilidade de esquecer alguma coisa essencial, mas agitada demais para pensar direito.

Ellis percebeu o seu ânimo e deteve-a. Segurou-a pelos ombros, beijou sua testa e disse calmamente: — Quero que me responda uma coisa. Por acaso sabe qual é a montanha mais alta da Grã-Bretanha? Jane se perguntou se ele não teria enlouquecido, mas respondeu assim mesmo: — O Ben Nevis. Fica na Escócia.

— Qual é a sua altura? — Mais de mil e duzentos metros.

— Alguns dos desfiladeiros que vamos escalar têm cerca de cinco mil metros... ou seja, quatro vezes mais que a mais alta montanha da Grã-Bretanha. Embora a distância seja de apenas duzentos e cinquenta quilômetros, levaremos pelo menos duas semanas. Portanto, pare, pense, planeje. Se levar mais de uma hora para arrumar as coisas, é uma pena... é melhor partir de qualquer maneira, mesmo sem os antibióticos. Jane balançou a cabeça, respirou fundo e recomeçou.

Tinha dois alforjes que podiam servir como mochilas. Pôs roupas em um: fraldas de Chantal, uma muda de roupas de baixo para todos, o casaco acolchoado que Ellis comprara em Nova York, a capa de chuva forrada com pêlo e capuz que ela trouxera de Paris. Usou o outro alforje para guardar alimentos e suprimentos médicos. Não havia nenhum pacote de bolinhos, mas Jane descobrira um substituto local, um bolo feito de nozes e amoras secas, quase indigesto, mas que oferecia uma energia concentrada.

Também dispunham de muito arroz e um pedaço de queijo duro. A única lembrança que Jane levou foi a sua coleção de fotografias Polaroid dos aldeões. Também separaram os sacos de dormir, uma panela e a mochila militar de Ellis, que continha alguns explosivos e equipamento de detonação — a única arma. Ellis prendeu toda a bagagem em Maggie, a égua unidirecional.

A partida apressada foi chorosa. Jane foi abraçada por Zahara, a velha Rabia, a parteira, e até mesmo Halima, a mulher de Mohammed. A nota desagradável veio de Abdullah, que passou pouco antes de eles partirem e cuspiu no chão, tangendo a família para longe; mas poucos minutos depois sua esposa voltou, parecendo assustada, mas determinada, e colocou na mão de Jane um presente para Chantal: uma boneca de trapo primitiva, com xale e véu em miniatura.

Jane abraçou e beijou Fará, que estava inconsolável. A garota estava com treze anos, e muito em breve teria um marido para adorar.

Casaria dentro de um ou dois anos e iria morar na casa dos pais do marido. Teria oito ou dez filhos, dos quais talvez apenas a metade sobreviveria além dos cinco anos. As filhas casariam e sairiam de casa. Os filhos que não morressem na guerra casariam e trariam suas esposas para a casa. Algum dia, quando a família se tornasse muito grande, os filhos, noras e netos começariam a sair, a fim de iniciar suas próprias famílias ampliadas. Fará se tornaria então uma parteira, como a avó, Rabia. Espero que ela se lembre de algumas das lições que lhe ensinei, pensou Jane.

Ellis foi abraçado por Alishan e Shahazai, e depois partiram aos gritos de "Deus os acompanhe!" As crianças da aldeia seguiram junto com eles até a curva do rio.

Jane parou ali por um momento e olhou para trás, contemplando o pequeno amontoado de casas pardas que fora o seu lar durante um ano. Sabia que nunca mais retornaria, mas tinha o pressentimento de que, se sobrevivesse, contaria histórias de Banda a seus netos.

Foram avançando rapidamente pela margem do rio. Jane descobriu-se a aguçar os ouvidos, esperando a qualquer instante ouvir o barulho de helicópteros. Quando os russos começariam a procurá-los? Mandariam alguns helicópteros para vasculhar a região mais ou menos ao acaso ou levariam tempo para organizar uma busca realmente meticulosa? Jane não sabia o que seria pior.

Levaram menos de uma hora para chegar a Dasht-i-Rewat, "A Planície com um Forte", uma aldeia aprazível em que os chalés com seus pátios ensombrados pontilhavam a margem norte do rio. Era ali que terminava a estrada das carroças, o caminho de terra esburacado e sinuoso, ora-você-vê-ora-você-não-vê, que passava por uma estrada no Vale dos Cinco Leões. Qualquer veículo de rodas bastante resistente para enfrentar a estrada tinha de parar ali, proporcionando à aldeia alguns negócios no comércio de cavalos. O forte mencionado no nome ficava no alto de um vale transversal e era agora uma prisão, controlada pelos guerrilheiros, com alguns soldados do governo capturados, uns poucos russos e um ou outro ladrão. Jane a visitara uma vez, a fim de tratar de um pobre nômade do deserto ocidental que fora recrutado para o exército regular, contraíra pneumonia no frio inverno de Kabul e desertara. Ele estava sendo "reeducado", antes de receber permissão para se juntar aos guerrilheiros.

Já era meio-dia, mas nenhum dos dois queria parar e comer. Esperavam chegar a Saniz, a quinze quilômetros de distância, na cabeceira do vale, ao cair da noite. Quinze quilômetros podiam não ser muita coisa em terreno plano, mas naquela paisagem o percurso poderia exigir várias horas.

O último trecho da estrada serpenteava entre as casas na margem norte. A margem sul era um penhasco de sessenta metros de altura. Ellis puxava a égua e Jane carregava Chantal, na tipóia que ela idealizara e que lhe permitia alimentar a filha sem ter que parar. A aldeia terminava num moinho de água perto da entrada do vale lateral chamado Riwat, onde ficava a prisão. Depois de passarem por esse ponto, não puderam mais andar tão depressa. O terreno começou a subir, mais ou menos suave a princípio, depois cada vez mais íngreme. Continuaram, sob o sol quente. Jane cobriu a cabeça com o pattu. Chantal estava protegida do sol pela tipóia. Ellis usava o gorro chitali, um presente de Mohammed.

Ao chegarem ao cume do desfiladeiro, Jane notou, com alguma satisfação, que não estava sequer respirando fundo. Nunca estivera em tão boa forma física em toda a sua vida — e provavelmente nunca mais tornaria a ficar assim. Observou que Ellis não só ofegava, mas também estava suando. Ele estava em boa forma, mas não calejado por caminhar muitas horas, como acontecia com ela. Jane sentiu-se um tanto presunçosa, até lembrar que ele sofrerá dois ferimentos de bala apenas nove dias antes.

Além do desfiladeiro o caminho seguia pela encosta da montanha, muito acima do Rio dos Cinco Leões. Ali, excepcionalmente, o rio era vagaroso. Onde era profundo e sereno, a água aparecia de um verde intenso, a cor das esmeraldas que eram encontradas por todo o Dasht-i-Rewat e levadas ao Paquistão para serem vendidas. Jane ficou apavorada quando seus ouvidos

supersensíveis captaram o som de aparelhos aéreos distantes: não havia onde se esconder no penhasco nu, e ela ficou invadida por um súbito desejo de pular no rio, trinta metros abaixo. Mas era apenas uma esquadrilha de jatos, muito alto para que pudessem perceber qualquer pessoa no solo.

Mesmo assim, desse momento em diante Jane passou a esquadrinhar o terreno constantemente, à procura de árvores, moitas e depressões em que pudessem se esconder.

Um demônio interior lhe dizia: Você não precisa fazer isso, pode voltar, pode se entregar, reunir-se a seu marido. Mas, de certa forma, isso parecia uma questão acadêmica, um mero problema técnico.

O caminho continuava a subir, só que agora com mais suavidade, o que lhes permitiu seguir mais depressa. Eram atrasados, a cada dois ou três quilômetros, pelos afluentes que desciam velozes de vales laterais para se juntarem ao rio principal, a trilha descendo para uma ponte de troncos ou um vau. Ellis tinha de puxar a relutante Maggie para a água, com Jane gritando e atirando-lhe pedras por trás.

Um canal de irrigação corria por toda a extensão da garganta, na encosta do penhasco, muito acima da água. O objetivo era ampliar a área cultivável na planície.

Jane especulou há quantos anos o vale dispusera de tempo, homens e paz suficiente para realizar um projeto de engenharia tão extraordinário: talvez centenas de anos.

A garganta se estreitou e o rio lá embaixo estava agora coalhado de blocos de granito. Havia cavernas nos penhascos de calcário: Jane registrou-as como possíveis esconderijos. A paisagem tornou-se desolada, um vento frio soprou pelo vale, fazendo Jane estremecer por um momento, apesar do sol. O terreno rochoso e os penhascos íngremes eram apropriados aos pássaros: havia dezenas de pegas asiáticas.

A garganta finalmente desembocou em outra planície. Jane avistou a leste uma serra, com as montanhas brancas de Nuristan assomando por cima. Oh, Deus, é para lá que estamos indo!, pensou Jane, sentindo medo. Havia um pequeno agrupamento de casas pobres na planície, e Ellis comentou: — Acho que é aqui. Bem-vinda a Saniz.

Entraram na planície, procurando por uma mesquita ou uma cabana de pedra para viajantes. Ao se aproximarem da primeira casa, um homem saiu e Jane reconheceu o rosto bonito de Mohammed. Ele ficou tão espantado quanto ela. Mas a surpresa de Jane logo foi substituída pelo horror, quando pensou que teria que lhe contar que o filho fora morto. Ellis deu-lhe tempo para pôr os pensamentos em ordem, ao perguntar, em dari: — Por que você está aqui? — Vim com Masud — explicou Mohammed. Jane compreendeu que aquele devia ser um dos esconderijos dos guerrilheiros, enquanto Mohammed acrescentava: — E por que vocês estão aqui? — Estamos indo para o Paquistão.

— Por este caminho? — O rosto de Mohammed tornou-se grave. — O que aconteceu? Jane sabia que devia assumir o fardo de contar a ele, já que o conhecia há mais tempo.

— Trazemos más notícias, meu amigo Mohammed. Os russos estiveram em Banda. Mataram sete homens e uma criança...

Ele adivinhou nesse instante o que estava para ouvir e a expressão de angústia em seu rosto deixou Jane com vontade de chorar. Ela arrematou: — Mousa foi a criança. Mohammed controlou-se, rigidamente.

— Como meu filho morreu?

— Foi Ellis quem o encontrou — disse Jane.

Ellis informou, fazendo um esforço para encontrar em dari as palavras de que precisava:

— Ele morreu... com a faca na mão e sangue na faca. Os olhos de Mohammed se arregalaram.

— Quero saber de tudo.

Jane se encarregou de explicar, porque falava melhor a língua.

— Os russos chegaram ao amanhecer. Procuravam a Ellis e a mim. Estávamos na encosta da montanha, e por isso não nos encontraram. Espancaram Alishan, Shahazai e Abdullah, mas não os mataram. E depois descobriram a caverna. Os sete guerrilheiros feridos estavam lá, assim como Mousa de prontidão para correr até a aldeia se eles precisassem de alguma coisa durante a noite. Depois que os russos partiram, Ellis foi até a caverna. Todos os homens foram mortos, e Mousa também...

— Como? — interrompeu Mohammed. — Como o mataram? Jane olhou para Ellis, que disse "Kalashnikov", usando uma palavra que não precisava de tradução. Ele apontou para o seu coração, a fim de indicar onde a bala acertara. Jane acrescentou: — Ele deve ter tentado defender os feridos, pois havia sangue na ponta de sua faca.

Mohammed estufou o peito de orgulho, mesmo enquanto as lágrimas lhe afluíam aos olhos.

— Ele os atacou... homens crescidos, armados com rifles... ele os atacou com sua faca! A faca que o pai lhe deu! O garoto de uma só mão está agora no paraíso dos guerreiros.

Morrer numa guerra santa era a maior honra possível para um muçulmano, lembrou-se Jane. O pequeno Mousa provavelmente se tornaria um santo menor. Ela se sentiu contente por Mohammed contar com esse conforto, mas não pôde deixar de pensar ceticamente: É assim que os homens belicosos aliviam suas consciências... falando em glória.

Ellis abraçou Mohammed solenemente, sem dizer nada.

Jane lembrou de repente de suas fotografias. Tinha várias de Mousa. Os afegãos adoravam fotos, e Mohammed ficaria na maior alegria em ter uma do filho. Ela abriu um dos alforjes no lombo de Maggie e vasculhou entre os suprimentos médicos até encontrar a caixa de papelão com as Polaroides.

Selecionou uma foto de Mousa, tirou-a e tornou a guardar a caixa no alforje. Entregou a foto a Mohammed.

Jane nunca vira um homem afegão tão comovido. Mohammed não foi capaz de falar. Por um momento, parecia que ele ia chorar. Virou-se, tentando se controlar. Quando tornou a ficar de frente, o rosto estava composto, mas molhado de lágrimas. — Venham comigo — disse ele.

Os dois seguiram-no pela pequena aldeia até a beira do rio, onde um grupo de quinze ou vinte guerrilheiros estava acorado em torno da fogueira de cozinhar. Mohammed adiantou-se e, sem qualquer preâmbulo, começou a contar a história da morte de Mousa, com lágrimas e muitos gestos.

Jane virou-se. Já testemunhara sofrimento demais. Ela olhou ao redor, ansiosamente, especulando: Para onde correremos, se os russos aparecerem? Não havia nada além dos campos, o rio e as poucas casas. Mas Masud parecia pensar que era um lugar seguro. Talvez a aldeia fosse pequena demais para atrair a atenção do exército.

Ela não tinha mais energia para se preocupar. Sentou-se no chão, encostada numa árvore,

grata pela oportunidade de descansar as pernas. Começou a alimentar a filha.

Ellis tirou a carga de Maggie e amarrou-a. A égua pôs-se a pastar na vegetação exuberante à beira do rio. Foi um dia comprido, pensou Jane; e também terrível. Quase não dormi na noite passada. Sorrii secretamente ao pensar na noite anterior.

Ellis pegou os mapas de Jean-Pierre e sentou-se ao lado de Jane, a fim de estudá-los, à claridade que se desvanecia rapidamente. Jane olhou por cima de seu ombro.

A rota planejada continuava a subir pelo Vale dos Cinco Leões até uma aldeia chamada Cornar, onde virariam para sudeste, seguindo por um vale lateral que levava ao Nuristan. Esse vale era chamado também de Cornar, assim como o primeiro desfiladeiro alto por que teriam de passar.

— Quatro mil e quinhentos metros — disse Ellis, apontando para o local no mapa. — É lá que vamos sentir frio.

Jane estremeceu.

Depois que Chantal mamou, Jane mudou a fralda e foi lavar a fralda suja no rio. Ao voltar, encontrou Ellis conversando com Masud. Acocorou-se ao lado deles.

— Você tomou a decisão certa — Masud estava dizendo.

— Tem mesmo de sair do Afeganistão, com o nosso tratado no bolso. Tudo estará perdido se os russos pegarem você.

Ellis assentiu em concordância. Jane pensou: Nunca antes vi Ellis assim — ele trata Masud com toda deferência. Masud acrescentou: — Mas é uma viagem de extrema dificuldade. A maior parte da trilha está acima da linha do gelo. Às vezes é muito difícil encontrar o caminho na neve, e quem se perde lá por cima acaba morrendo.

Jane se perguntou para onde aquela conversa estava levando. Parecia-lhe de mau agouro que Masud estivesse se dirigindo diretamente a Ellis, e não a ela.

— Posso ajudar — explicou Masud. — Mas, como você, quero fazer um trato.

— Continue — disse Ellis.

— Eu lhe darei Mohammed como guia, a fim de levá-lo ao Nuristan e depois ao Paquistão.

O coração de Jane bateu mais forte. Mohammed como guia! Faria um mundo de diferença para a viagem.

— E o que tenho de fazer em troca? — perguntou Ellis.

— Você vai sozinho. A mulher e a filha do doutor ficam aqui. Era angustiosamente claro para Jane que teria de concordar com a proposta. Seria uma temeridade os dois tentarem efetuar a jornada sozinhos, pois provavelmente morreriam. Assim, ela podia pelo menos salvar a vida de Ellis. E Jane disse a ele: — Você tem de aceitar.

Ellis sorriu para ela e disse a Masud: — Isso é impossível.

Masud levantou-se, visivelmente ofendido, e voltou ao círculo de guerrilheiros. Jane murmurou: — Oh, Ellis, acha que foi sensato? — Não. — Ele pegou a mão de Jane. — Mas não Vou largar você tão facilmente. Ela apertou-lhe a mão.

— Eu... eu não fiz promessas a você.

— Sei disso. Quando voltarmos à civilização, você estará livre para fazer o que bem quiser... viver com Jean-Pierre, se for isso o que preferir e se conseguir encontrá-lo.

Eu me contentarei com as duas próximas semanas, se for tudo o que me estiver

reservado. De qualquer modo, talvez não vivamos tanto tempo.

Ele tinha razão. Por que se angustiar com o futuro, pensou Jane, quando provavelmente nem teriam um futuro? Masud voltou, sorrindo novamente.

— Não sou um bom negociador — disse ele. — Eu lhes darei Mohammed assim mesmo.

Capítulo 16

Partiram meia hora antes do amanhecer. Um a um, os helicópteros levantaram voo da pista de concreto e desapareceram no céu noturno, além do alcance dos refletores.

O Hind que levava Jean-Pierre e Anatoly elevou-se pelo ar como um pássaro desgracioso e juntou-se ao comboio. Não demorou muito para que as luzes da base aérea se perdessem de vista, e mais uma vez Jean-Pierre e Anatoly voavam por cima das montanhas a caminho do Vale dos Cinco Leões.

Anatoly realizara um milagre. Em menos de vinte e quatro horas montara uma operação que era provavelmente a maior da história da guerra no Afeganistão — e ele estava no seu comando.

Passara a maior parte do dia anterior em contato pelo telefone com Moscou. Tivera de sacudir a sonolenta burocracia do exército soviético, explicando primeiro a seus superiores na KGB e depois a uma série de líderes militares como era importante a captura de Ellis Thaler. Jean-Pierre escutara, sem compreender as palavras, mas admirando a combinação precisa de autoridade, calma e urgência no tom de voz de Anatoly.

A autorização formal fora concedida ao final da tarde, e depois Anatoly enfrentara o desafio de pô-la em prática. A fim de obter o número de helicópteros que desejava, ele suplicara favores, cobrara antigas dívidas e espalhará ameaças e promessas, de Jalalabad a Moscou. Quando um general em Kabul se recusara a liberar os aparelhos sem uma ordem por escrito, Anatoly ligara para a KGB em Moscou e persuadira um velho amigo a dar uma olhada na ficha pessoal do general, a quem chamara em seguida, ameaçando cortar o seu suprimento de pornografia infantil da Alemanha.

Os soviéticos tinham seiscentos helicópteros no Afeganistão: por volta das três horas da madrugada, quinhentos estavam na pista em Bagram, sob o comando de Anatoly.

Jean-Pierre e Anatoly passaram a última hora debruçados sobre os mapas, decidindo para onde cada helicóptero iria e dando as ordens necessárias a diversos oficiais.

As instruções foram precisas, graças à atenção compulsiva que Anatoly dispensava aos detalhes e ao profundo conhecimento que Jean-Pierre tinha da região.

Embora Ellis e Jane não estivessem na aldeia no dia anterior quando Jean-Pierre e Anatoly foram procurá-los, era quase certo de que haviam tomado conhecimento do ataque e estariam agora escondidos. Não seriam achados em Banda. Podiam estar instalados numa mesquita em outra aldeia — os visitantes de estadia breve normalmente dormiam nas mesquitas — ou então, se achavam que as aldeias eram inseguras, podiam estar numa das pequenas cabanas de pedra para viajantes que pontilhavam os caminhos.

Podiam estar em qualquer lugar do vale ou em alguns dos muitos vales laterais. Anatoly cobrira todas as possibilidades.

Helicópteros pousariam em cada aldeia do Vale dos Cinco Leões e em cada povoado nos vales laterais. Os pilotos sobrevoariam todas as trilhas e caminhos. Os soldados — mais de mil — tinham instruções para revistar todas as casas, procurar sob as árvores maiores, dentro das cavernas. Anatoly estava determinada a não fracassar novamente. Hoje eles encontrariam Ellis de qualquer maneira. E Jane também.

O interior do Hind era apertado e vazio. Na cabine de passageiros só havia um banco,

preso na fuselagem, em frente à porta. Jean-Pierre partilhou-o com Anatoly.

Podiam ver a cabine de voo. O assento do piloto ficava a mais de meio metro de altura, com um degrau ao lado para o acesso. O investimento todo fora para o armamento, a velocidade e a manipulação do aparelho, nenhum para o conforto.

Jean-Pierre remoía os fatos enquanto seguiam para o norte. Ellis fingira ser seu amigo, enquanto trabalhava o tempo todo para os americanos. Usando essa amizade, arruinara o plano para capturar Masud, destruindo assim um ano de trabalho árduo. E ainda por cima, pensou Jean-Pierre, seduziu minha mulher.

Sua mente funcionava em círculos, sempre voltando à questão da sedução. Esquadrinhou a escuridão, observando as luzes dos outros helicópteros. Imaginou os dois amantes na noite anterior, deitados sobre um cobertor, à luz das estrelas, em algum campo, divertindo-se com os corpos um do outro, sussurrando palavras de carinho.

Especulou se Ellis seria bom de cama. Pergantara a Jane qual dos dois era o melhor amante, mas ela respondera que não havia melhor, apenas que eram diferentes.

Teria dito a mesma coisa a Ellis? Ou murmuraria Você é o melhor, querido? Jean-Pierre estava começando a odiá-la também. Como ela podia voltar para um homem que era nove anos mais velho, um americano estúpido e agente da CIA? Jean-Pierre olhou para Anatoly. O russo se mantinha imóvel, expressão impassível, como uma estátua de pedra de um mandarim chinês.

Pouco dormira durante as últimas quarenta e oito horas, mas não parecia cansado, apenas obstinado. Em seus encontros durante aquele ano Anatoly se mostrara descontraindo e afável, mas agora estava tenso, sem demonstrar qualquer emoção, e incansável, exigindo implacavelmente de si mesmo e dos outros. Um homem com uma serena obsessão.

Eles puderam ver os outros helicópteros quando amanheceu. Era uma visão impressionante: parecia uma vasta nuvem de abelhas gigantesas, enxameando sobre as montanhas.

O barulho devia ser ensurdecedor para quem estava no solo.

Começaram a se dividir em grupos menores ao se aproximarem do Vale dos Cinco Leões. Jean-Pierre e Anatoly estavam com o grupo que seguiria para Cornar, a aldeia mais setentrional do vale. Acompanharam o rio durante a última etapa da viagem. A manhã que clareava depressa revelava fileiras de feixes nos trigais: o bombardeio não acabara de todo com a atividade agrícola na parte superior do vale.

O sol incidia em seus olhos ao descerem para Cornar. A aldeia era um simples agrupamento de casas no alto de um penhasco, fazendo Jean-Pierre lembrar as aldeias do sul da França com uma pontada de saudade. Não seria maravilhoso voltar para casa e ouvir o francês falado direito, comer pão fresco e uma comida saborosa, entrar num táxi e ir ao cinema?! Mudou de posição no banco duro. Naquele momento já seria maravilhoso o mero fato de sair do helicóptero. Sentia-se mais ou menos dolorido desde que fora espancado.

Mas pior do que a dor era a memória da humilhação, a maneira como gritara e chorara, e suplicara por misericórdia: cada vez que pensava a respeito, estremecia e desejava se esconder em qualquer buraco. Queria vingança por isso. Sentia que nunca poderia dormir direito enquanto não acertasse a conta.

E só havia uma maneira de satisfazê-lo. Queria ver Ellis espancado da mesma maneira, pelos mesmos soldados brutais, até chorar, gritar, suplicar por misericórdia. Mas com um

refinamento extra: Jane estaria assistindo.

No meio da tarde eles se defrontaram outra vez com o fracasso. Havia revistado a aldeia de Cornar, todos os povoados ao redor, todos os vales laterais na área, todas as casas de fazenda isoladas, na terra quase árida ao norte da aldeia. Anatoly se mantinha em constante contato pelo rádio com os comandantes dos outros grupos de busca. Também haviam revistado meticulosamente seus respectivos setores do Vale dos Cinco Leões. Encontraram depósitos de armas em algumas cavernas e casas; travaram combates com diversos grupos de homens, presumivelmente guerrilheiros, mais intensos nas colinas em torno de Saniz, mas as escaramuças só se destacaram pelas baixas russas acima do normal, em decorrência da nova eficiência dos rebeldes com explosivos; verificaram os rostos de todas as mulheres veladas e examinaram a pele de cada bebê; apesar de tudo isso, no entanto, não haviam encontrado o menor sinal de Ellis, Jane ou Chantal.

Jean-Pierre e Anatoly foram acabar num posto de venda de cavalos, numa colina por cima de Cornar. O lugar não tinha nome. Havia umas poucas casas de pedra e uma campina poeirenta, onde matungos desnutridos pastavam na relva escassa. O único habitante homem parecia ser o guardião dos cavalos, um velho descalço, usando um camisolão comprido, com um enorme capuz para afugentar as moscas. Havia também duas mulheres ainda jovens e um punhado de crianças assustadas. Era evidente que os jovens eram guerrilheiros e estavam longe, com Masud, em algum lugar. Não demoraram muito tempo para revistar o povoado. Ao terminarem, Anatoly sentou-se na terra, encostado num muro de pedra, com expressão pensativa. Jean-Pierre sentou-se ao seu lado.

No outro lado das colinas eles podiam ver o pico branco distante do Mesmer, elevando-se a cerca de seis mil metros, que nos velhos tempos atraía tantos montanhistas da Europa. Anatoly disse: — Veja se consegue arrumar um chá.

Jean-Pierre olhou ao redor e viu o velho de capuz espreitando ali perto.

— Faça um chá — gritou ele, em dari.

O homem afastou-se apressadamente. Um momento depois Jean-Pierre ouviu-o gritar para as mulheres e anunciou para Anatoly, em francês: — O chá está vindo.

Os homens de Anatoly, percebendo que ficariam ali por algum tempo, desligaram os motores dos helicópteros e sentaram-se na terra ao redor, esperando pacientemente.

Anatoly olhava para a distância. O cansaço transparecia em seu rosto.

— Nós estamos com um problema — murmurou ele. Jean-Pierre achou agourenta a maneira como ele dissera nós.

Depois de uma pausa, Anatoly continuou: — Em nossa profissão, é sensato atenuar a importância de uma missão até que se tenha certeza do sucesso, quando então se começa a exagerá-la. Não pude seguir o padrão neste caso. A fim de garantir o uso de duzentos helicópteros e mil homens, tive de persuadir meus superiores da enorme importância de capturar Ellis Thaler. Precisei deixar bem claro os perigos a que nos expomos se ele escapar. E consegui. A raiva que eles sentirão de mim por não capturá-lo será agora ainda maior. E o seu futuro, como não podia deixar de ser, está ligado ao meu. Jean-Pierre não pensara antes dessa maneira.

— O que eles vão fazer? — Minha carreira vai empacar. Continuarei com o mesmo salário, mas perderei todos os privilégios. Não haverá mais uísque escocês, Rive Gaúche para minha mulher, férias para a família no Mar Negro, jeans e discos dos Rolling Stones para meus

filhos. Mas eu poderia viver sem essas coisas. Não poderia suportar, no entanto, o tédio do tipo de trabalho que dão aos fracassados na minha profissão. Eu seria enviado para uma cidade pequena no Extremo Oriente, onde não haveria realmente qualquer trabalho de segurança para realizar. Sei como nossos homens passam seu tempo e justificam sua existência em tais lugares. É preciso se insinuar com pessoas ligeiramente descontentes, conquistar sua confiança, encorajá-las a fazer comentários críticos ao governo e ao Partido, e depois prendê-las por subversão. Um desperdício de tempo...

Ele pareceu perceber que estava divagando e parou de falar.

— E eu? — indagou Jean-Pierre. — O que vai acontecer comigo?

— Você se tornará um homem insignificante. Nunca mais trabalhará para nós. Poderão deixá-lo ficar em Moscou, porém é mais provável que o mandem de volta.

— Se Ellis escapar, nunca poderei voltar à França... eles me matariam.

— Você não cometeu nenhum crime na França.

— Nem meu pai, mas mesmo assim o mataram.

— Talvez você possa ir para algum país neutro... como Nicarágua ou Egito.

— Merda!

— Mas não vamos perder a esperança — disse Anatoly, um pouco mais animado. — As pessoas não podem desaparecer em pleno ar. Nossos fugitivos têm de estar em algum lugar.

— Se não conseguimos encontrá-los com mil homens, então não creio que possamos descobri-los com dez mil — disse Jean-Pierre, sombriamente.

— Não teremos mil, muito menos dez mil — respondeu Anatoly, — Daqui por diante temos de usar o cérebro e um mínimo de recursos. Todo nosso crédito foi consumido.

Vamos tentar um método diferente. Pense: alguém deve tê-los ajudado a se esconderem. O que significa que alguém sabe onde eles estão.

Jean-Pierre refletiu por um momento.

— Se eles tiveram ajuda, então foi provavelmente dos guerrilheiros... as pessoas menos prováveis de nos contarem qualquer coisa.

— Outros podem saber.

— É possível. Mas eles nos fariam? — Nossos fugitivos devem ter alguns inimigos — insistiu Anatoly. Jean-Pierre sacudiu a cabeça.

— Ellis não está aqui há tempo suficiente para fazer inimigos, e Jane é uma heroína... eles a tratam como Joana d'Arc. Ninguém a detesta... ei! Lembrou-se de repente que isso não era verdade.

— O que é? — O mula.

— Ahn...

— Por algum motivo, ela o irritou de maneira irracional. Em parte foi porque as curas de Jane eram mais eficazes do que as suas, mas não apenas isso, porque as minhas também eram e o mula nunca me detestou particularmente.

— Ele provavelmente a chamou de prostituta ocidental.

— Como adivinhou? — Eles sempre fazem isso. Onde vive esse mula?

— Abdullah vive em Banda, numa casa a cerca de meio quilômetro da aldeia.

— E ele falaria? — Tenho a impressão de que ele odeia Jane o bastante para entregá-la a nós — respondeu Jean-Pierre pensativo. — Mas ele não pode ser visto fazendo isso. Não podemos

simplesmente pousar na aldeia e pegá-lo... todos saberiam e ele se manteria de boca fechada. Eu teria de encontrá-lo em segredo...

Jean-Pierre especulou em que perigo poderia se meter se continuasse a pensar nessa linha. Depois, lembrou-se da humilhação que sofrera: a vingança valia qualquer risco. E acrescentou: -se me deixar perto da aldeia, posso ir para a casa dele e me esconder ali, esperando sua volta.

— E se ele não voltar durante o dia inteiro? — Nesse caso, o jeito é continuar esperando.

— Precisamos dar um jeito para que ele volte logo. — Anatoly franziu o rosto. — Vamos reunir todos os aldeões na mesquita, como fizemos antes... e depois deixá-los sair. Abdullah quase que certamente voltará para sua casa.

— Mas estará sozinho? — Hum... Podemos deixar que as mulheres saiam primeiro, com ordens para irem para suas casas. E quando os homens forem soltos vão querer verificar como estão suas mulheres. Alguém mora perto de Abdullah? — Não.

— Então ele deve seguir pela trilha sozinho. Você sai de trás de uma moita...

— E ele me corta a garganta de orelha a orelha.

— Abdullah anda armado? — Já conheceu um afegão que não andasse pelo menos com uma faca? Anatoly deu de ombros.

— Você pode levar minha pistola.

Jean-Pierre ficou satisfeito e um pouco surpreso por merecer tanta confiança, embora não soubesse usar uma arma de fogo.

— Acho que pode servir como ameaça — disse ele ansiosamente. — E precisarei de algumas roupas nativas, para o caso de ser visto por outra pessoa além de Abdullah.

O que eu faria se encontrasse alguém que me conhece? Quero um lenço para cobrir o rosto ou qualquer outra coisa...

— Isso é fácil. — Anatoly gritou alguma coisa em russo e três dos soldados se levantaram de um pulo. Desapareceram entre as casas e voltaram alguns momentos depois com o velho negociante de cavalos. — Pode levar as roupas dele.

— Ótimo. O capuz esconderá meu rosto. — Jean-Pierre acrescentou para o velho, em dari: — Tire as roupas.

O velho começou a protestar, pois a nudez era vergonhosa para os afegãos. Anatoly gritou uma ordem brusca em russo, e os soldados derrubaram o homem no chão e tiraram-lhe o camisolão. Todos riram ruidosamente ao verem suas pernas magras se projetando das esfarrapadas roupas de baixo. Os soldados largaram-no e o velho se afastou correndo, as mãos cobrindo os órgãos genitais, o que provocou risadas ainda maiores.

Jean-Pierre estava nervoso demais para achar graça. Tirou a camisa e a calça de estilo europeu e vestiu o camisolão com capuz do velho.

— Você está cheirando a mijo de cavalo — comentou Anatoly.

— E por dentro o cheiro é ainda pior — informou Jean-Pierre. Embarcaram no helicóptero. Anatoly pegou os fones do piloto e falou pelo microfone longamente, em russo. Jean-Pierre sentia-se apreensivo com o que estava prestes a fazer. O que aconteceria se três guerrilheiros surgissem do alto da montanha e o surpreendessem ameaçando Abdullah com a pistola? Ele era conhecido praticamente por todas as pessoas no Vale dos Cinco Leões. A notícia de que visitara Banda com os russos devia ter se espalhado depressa. Não podia haver a menor

dúvida de que a maioria das pessoas já sabia que ele era um espião. Devia ser agora o Inimigo Público Número Um. Os guerrilheiros iriam esquartejá-lo.

Talvez estejamos querendo ser espertos demais, pensou ele. Talvez fosse melhor simplesmente pousar, pegar Abdullah e espancá-lo até arrancar a verdade.

Não, já tentamos isso ontem e não deu certo. Esta é a melhor maneira.

Anatoly devolveu os fones ao piloto, que os ajustou e começou a esquentar o helicóptero. Enquanto esperava, Anatoly pegou sua arma e mostrou-a a Jean-Pierre.

— Esta é uma Makarov 9mm — disse ele, por cima do barulho dos rotores. Puxando uma tranca na coronha, ele tirou o pente. Continha oito balas. Anatoly tornou a pôr o pente no lugar e apontou para a trava de segurança no lado esquerdo da pistola. — Esta é a trava de segurança. Quando o ponto vermelho está coberto, a trava se encontra em posição segura. — Segurando a arma com a mão esquerda, usou a direita para puxar o cursor por cima da coronha.

— É assim que a pistola é engatilhada. — Ele soltou e o cursor voltou à posição. — Depois de atirar, dê um puxão no gatilho para tornar a engatilhar.

Anatoly entregou a arma a Jean-Pierre, quê pensou: Ele confia realmente em mim. Por um momento, um ardor de prazer dissipou o calafrio de medo.

Os helicópteros partiram. Seguiram o Rio dos Cinco Leões para sudoeste, descendo pelo vale. Jean— Pierre pensou que ele e Anatoly formavam uma boa dupla. Anatoly lembrava-lhe seu pai: um homem inteligente, determinado e corajoso, com um empenho inabalável em promover o comunismo mundial. Se tivémos sucesso aqui, refletiu Jean-Pierre, provavelmente poderemos trabalhar juntos de novo, em algum outro campo de batalha. A perspectiva deixou-o extremamente satisfeito.

Em Dasht-i-Rewat, onde começava a parte inferior do Vale dos Cinco Leões, o helicóptero virou para sudoeste, seguindo o afluente Rewat correnteza acima, na direção das colinas, a fim de se aproximar de Banda por trás da montanha. Anatoly tornou a usar os fones e o microfone, e depois gritou no ouvido de Jean-Pierre: — Já estão todos na mesquita. Quanto tempo a mulher do mula levará para chegar em casa? — Cinco ou dez minutos — gritou Jean-Pierre em resposta.

— Onde você quer ficar? Jean-Pierre pensou por um instante.

— Todos os aldeões já estão na mesquita?

— Já.

— Verificaram as cavernas? Anatoly voltou a usar o rádio e perguntou. Virou-se em seguida para Jean-Pierre e informou: — As cavernas foram revistadas.

— Ótimo. Deixe-me lá.

— Quanto tempo você levará para chegar a seu esconderijo? — Dê-me dez minutos, depois solte as mulheres e crianças, espere mais dez minutos e solte os homens.

— Está bem.

O helicóptero desceu para a sombra da montanha. A tarde chegava ao fim, mas ainda restava cerca de uma hora antes do anoitecer. Pousaram por trás da crista, a poucos metros das cavernas. Anatoly disse a Jean-Pierre: — Espere um pouco. Vamos verificar as cavernas outra vez.

Pela porta aberta, Jean-Pierre viu outro Hind pousar. Seis homens saltaram e correram sobre a crista.

— Como entrarei em contato com você para descer e me pegar depois? — indagou Jean-Pierre.

— Esperaremos por você aqui.

— O que farão se alguns aldeões subirem para cá antes da minha volta?

— Atiraremos neles.

Era outra coisa que Anatoly tinha em comum com o pai de Jean-Pierre: os dois eram implacáveis. O grupo de reconhecimento voltou e um dos homens acenou para informar que estava tudo vazio.

— Vá agora — disse Anatoly.

Jean-Pierre saltou do helicóptero, ainda empunhando a pistola de Anatoly. Afastou-se apressadamente das pás em movimento, com a cabeça abaixada. Olhou para trás ao chegar à crista: os dois helicópteros ainda estavam pousados.

Jean-Pierre atravessou o terreno na frente de sua antiga clínica na caverna e contemplou a aldeia lá embaixo. Podia divisar o pátio da mesquita, mas não identificava qualquer dos vultos que se encontravam ali. Era bem possível que um deles pudesse levantar os olhos no momento errado e avistá-lo — a vista dos afegãos podia ser melhor que a sua — e por isso puxou o capuz para esconder o rosto.

O coração bateu mais depressa ao se afastar da segurança dos helicópteros russos. Desceu a encosta, passando pela casa do mula. O vale parecia estranhamente quieto, apesar do barulho permanente do rio e do sussurro distante dos helicópteros. Jean-Pierre compreendeu que a diferença estava nas vozes das crianças.

Virou uma curva no caminho e constatou que estava fora da vista da casa do mula. Havia alguns arbustos à beira da trilha. Foi se agachar atrás. Estava bem escondido, mas podia divisar toda a trilha. Acomodou-se para esperar.

Refletiu sobre o que diria a Abdullah. O mula odiava as mulheres, de uma forma até histérica; poderia aproveitar esse elemento.

Uma súbita explosão de vozes altas lá embaixo, na aldeia, revelou que Anatoly dera ordens para que as mulheres e crianças fossem soltas e deixassem a mesquita. Os aldeões especulariam sobre o objetivo da manobra, mas acabariam atribuindo à notória loucura dos exércitos em qualquer lugar.

Poucos minutos depois a mulher do mula subiu pela trilha, carregando o bebê e seguida pelos três filhos mais velhos.

Jean-Pierre ficou tenso: estaria mesmo bem escondido? As crianças sairiam da trilha e se embrenhariam entre as moitas? Seria uma humilhação — ser descoberto por crianças. Lembrou-se da arma que tinha na mão e se perguntou: Terei coragem de atirar em crianças? A família passou, virando a curva na trilha, a caminho de sua casa.

Pouco depois, os helicópteros russos começaram a decolar do trigal: isso significava que os homens haviam sido soltos. E não demorou muito para que Abdullah subisse a encosta, ofegante, um vulto atarracado, de turbante e um casaco inglês listrado. Devia haver um vasto comércio de roupas usadas entre a Europa e o Oriente, concluíra Jean-Pierre, pois muitas pessoas ali usavam roupas que indubitavelmente haviam sido feitas em Paris e Londres e depois descartadas, talvez por terem saído de moda, muito antes de se tornarem gastas. É agora, pensou Jean-Pierre, enquanto o vulto cômico se aproximava de sua posição; este palhaço num paletó de

corretor londrino pode possuir a chave do meu futuro. Levantou-se e saiu das moitas. O mula estremeceu e soltou um grito de choque. Olhou para Jean-Pierre e reconheceu-o.

— Você! — gritou ele, em dari.

O mula baixou a mão para o cinto. Jean-Pierre mostrou-lhe a pistola. Abdullah ficou apavorado.

— Não tenha medo — disse Jean-Pierre, em dari. O tremor na voz traía seu nervosismo e ele fez um esforço para controlá-lo. — Ninguém sabe que estou aqui. Sua mulher e seus filhos passaram sem me ver. Estão sãos e salvos. Abdullah ainda estava desconfiado.

— O que você quer? — Minha mulher é uma adúltera. — Embora estivesse deliberadamente atizando os preconceitos do mula, a raiva de Jean-Pierre não era inteiramente simulada. — Pegou minha filha e me deixou. Foi embora com o americano, como uma prostituta.

— Sei disso.

Jean-Pierre percebeu que o mula começava a ser dominado por uma indignação virtuosa.

— Estou procurando por ela, a fim de trazê-la de volta e castigá-la.

Abdullah acenou com a cabeça, entusiasmado com a ideia, o rancor se insinuando em seus olhos: gostava da punição de adúlteras.

— Mas o casal depravado se escondeu. — Jean-Pierre falava devagar, com extremo cuidado: àquela altura, cada nuance contava. — Você é um homem de Deus. Diga-me onde eles estão. Ninguém jamais saberá como eu descobri, a não ser você, eu e Deus.

— Eles foram embora — respondeu Abdullah, a saliva molhando a barba pintada de vermelho.

— Para onde? Jean-Pierre prendeu a respiração enquanto aguardava a resposta.

— Deixaram este vale.

— Mas para onde eles foram? — Paquistão.

Paquistão? Mas do que o velho idiota estava falando? — As rotas estão fechadas! — gritou Jean-Pierre, exasperado.

— Menos a Trilha da Manteiga.

— Mon Dieu — sussurrou Jean-Pierre, em sua língua nativa. — A Trilha da Manteiga! Ele estava impressionado pela coragem dos dois e ao mesmo tempo amargamente desapontado, pois agora seria impossível encontrá-los.

— Levaram a criança? — Levaram.

— Então nunca mais terei a ver minha filha! — Todos vão morrer em Nuristan — comentou Abdullah, com evidente satisfação. — Uma mulher ocidental com uma criança pequena nunca sobreviverá àqueles desfiladeiros altos, e o americano morrerá tentando salvá-la. Assim Deus castiga aqueles que escapam à justiça dos homens.

Jean-Pierre compreendeu que deveria voltar ao helicóptero o mais depressa possível. E disse ao mula: — Siga agora para sua casa.

— O tratado morrerá com eles, pois Ellis tem o papel — acrescentou Abdullah. — O que é uma boa coisa. Bem que precisamos das armas americanas, mas é perigoso fazer pactos com infiéis.

— Vá logo! — insistiu Jean-Pierre. — E se não quer que sua família me veja, obrigue todos a ficarem dentro de casa por alguns minutos.

Abdullah pareceu por um momento indignado por receber ordens, mas depois concluiu que estava do lado errado da pistola para protestar, e tratou de se afastar, apressado.

Jean-Pierre especulou se todos morreriam no Nuristan, como Abdullah previra, exultante. Não era o que ele queria. Não lhe proporcionaria vingança ou satisfação. Queria a filha de volta. Queria Jane viva e sob o seu poder.

Queria que Ellis sofresse dor e humilhação.

Deu algum tempo para Abdullah chegar em casa, depois puxou o capuz por cima da cabeça e subiu pela trilha, desconsolado. Virou o rosto para o outro lado ao passar pela casa, para o caso de alguma criança estar espiando. Anatoly o aguardava na frente das cavernas. Estendeu a mão para receber de volta a pistola e perguntou: — E então? Jean-Pierre devolveu a arma.

— Eles nos escaparam. Deixaram o Vale dos Cinco Leões.

— Não podem ter escapado — protestou Anatoly, irritado. — Para onde foram? — Para o Nuristan. — Jean-Pierre apontou na direção dos helicópteros. — Não é melhor irmos embora? — Não podemos conversar no helicóptero.

— Mas se os aldeões aparecerem...

— Que se danem os aldeões! Pare de se comportar como um derrotado! O que eles foram fazer no Nuristan? — Estão seguindo para o Paquistão por uma rota conhecida como Trilha da Manteiga.

— se conhecermos a rota, podemos encontrá-los.

— Não creio. A rota tem muitas variações.

— Voaremos sobre todas.

— Não se pode acompanhar os caminhos pelo ar. Mal se consegue segui-los em terra sem um guia nativo.

— Podemos usar mapas...

— Que mapas? — disse Jean-Pierre. — Já estudei os mapas de vocês e não são melhores que os mapas americanos que eu trouxe, os mais completos disponíveis... e não mostram as trilhas e desfiladeiros. Não sabe que há regiões do mundo que nunca foram mapeadas direito? Você está agora numa delas.

— Sei disso... ou já se esqueceu que trabalho no serviço de informações? — Anatoly baixou a voz para acrescentar: — Você desanima com muita facilidade, meu amigo.

Pense um pouco. Se Ellis pode encontrar um guia nativo para mostrar-lhe a rota, então eu também posso.

Seria possível, especulou Jean-Pierre.

— Mas existe mais de um caminho.

— Vamos supor que haja dez variações. Precisamos de dez guias nativos para levar dez grupos de busca.

O entusiasmo de Jean-Pierre cresceu depressa ao compreender que ainda poderia recuperar Jane e Chantal e assistir à captura de Ellis.

— Talvez a situação não seja tão ruim assim — declarou ele, com algum entusiasmo. — E podemos fazer perguntas pelo caminho. Depois que deixarmos este fim de mundo, talvez as pessoas não sejam tão fechadas. Os nuristanis não são como esta gente.

— Muito bom — disse Anatoly, bruscamente. — Está escurecendo. Temos muito para fazer esta noite. Começamos amanhã de manhã bem cedo. Vamos embora.

Capítulo 17

Jane despertou assustada. Não sabia onde estava, com quem estava, se os russos a haviam capturado. Por um instante, olhou fixamente para o teto de varas trançadas, pensando: Isto é uma prisão? Depois sentou-se, bruscamente, o coração disparado. Viu Ellis em seu saco de dormir, a boca aberta, e lembrou-se: Estamos fora do vale.

Escapamos. Os russos não sabem onde estamos e não podem nos encontrar. Tornou a se deitar e ficou esperando que o coração voltasse ao ritmo normal.

Não estavam seguindo a rota que Ellis planejara inicialmente. Em vez de irem para o norte, até Cornar, depois para leste, pelo Vale Cornar, até o Nuristan, haviam voltado para o sul de Saniz e depois foram para leste, pelo Vale Aryu. Moharnmed sugerira esse caminho porque assim sairiam muito mais depressa do Vale dos Cinco Leões, e Ellis concordara.

Haviam partido antes do amanhecer e subido durante o dia inteiro, Ellis e Jane se revezando para carregar Chantal, Moharnmed puxando Maggie. Pararam ao meio-dia na aldeia de cabanas de barro de Aryu, comprando pão de um velho desconfiado, que tinha um cachorro que não parava de latir. A aldeia de Aryu fora o limite da civilização: depois, não havia coisa alguma por quilômetros e quilômetros, a não ser o rio coalhado de rochas e enormes montanhas nuas, cor de marfim, nos dois lados, até chegarem àquele lugar, ao final da tarde, exaustos.

Jane tornou a sentar-se. Chantal estava deitada ao seu lado, a respiração regular, emanando calor, como um saco de água quente.

Ellis estava em seu próprio saco de dormir. Poderiam ter unido os dois sacos para fazer apenas um, mas Jane rezeira que Ellis pudesse rolar sobre Chantal durante a noite. Assim, dormiam separados, contentando-se em ficar bem perto, estendendo as mãos para se tocarem de vez em quando. Mohammed estava no cômodo vizinho.

Jane levantou-se com todo cuidado, tentando não incomodar Chantal. Ao vestir o short e a calça, sentiu pontadas de dor nas costas e nas pernas: estava acostumada a andar, mas não o dia inteiro, subindo sempre, num terreno tão árido.

Calçou as botas, sem amarrar os cordões, e saiu. Piscou os olhos diante da claridade fria e intensa das montanhas. Estava numa campina alta, um vasto campo verde, com um riacho serpenteando de um lado a outro. Num lado da campina a montanha se erguia íngreme. Ali, na base da encosta, havia um punhado de casas primitivas e alguns cercados de gado. As casas estavam vazias, e o gado desaparecera: aquela era uma pastagem de verão, os vaqueiros haviam partido para os alojamentos de inverno.

Ainda era verão no Vale dos Cinco Leões, mas naquela altitude o outono chegava em setembro. Jane encaminhou-se para o riacho. Ficava bastante longe das casas, e ela podia tirar as roupas sem receio de ofender Mohammed. Entrou na água. Estava muito fria.

Saiu quase que no mesmo instante, os dentes batendo de forma incontrolável.

— Ora é melhor esquecer! — exclamou ela, em voz alta.

E decidiu que ficaria suja até voltar à civilização. Tornou a se vestir — só havia uma toalha e estava reservada para Chantal — e voltou correndo para a casa, recolhendo alguns gravetos no caminho. Ajeitou-os sobre os remanescentes da fogueira da noite anterior e soprou

as brasas até a lenha pegar. Estendeu as mãos enregeladas sobre as chamas, até sentir que voltavam ao normal.

Pôs no fogo uma panela com água para lavar Chantal. Enquanto esperava que esquentasse, os outros acordaram, um a um: primeiro Mohammed, que saiu para se lavar; depois Ellis, que se queixou de estar com o corpo todo dolorido; e finalmente Chantal, que exigiu ser alimentada e foi logo atendida.

Jane sentia-se estranhamente eufórica. Deveria estar preocupada, pensou ela, por levar uma criança de dois meses a um dos lugares mais inóspitos do mundo; mas, de alguma forma, a ansiedade fora sufocada pela felicidade. Por que estou feliz?, perguntou a si mesma.

A resposta saiu do fundo de sua mente: Porque estou com Ellis.

Chantal também parecia feliz, como se estivesse absorvendo o contentamento junto com o leite materno. Não conseguiram comprar comida na noite anterior, porque os vaqueiros haviam partido e não havia mais ninguém ali para vendê-la. Mas ainda dispunham de algum arroz e sal, que cozinharam — não sem dificuldade, porque naquela altitude a água levava uma eternidade para ferver. Agora, para a primeira refeição do dia, só restava um pouco de arroz frio. O que arrefeceu um pouco o ânimo de Jane.

Comeu enquanto Chantal mamava, depois lavou-a e trocou-a. A fralda de reserva, lavada no riacho no dia anterior, secara junto ao fogo, durante a noite. Jane a pôs em Chantal e levou a suja para o riacho. Depois de lavada, prenderia na bagagem, esperando que o vento e o calor do corpo da égua a secassem. O que diria sua mãe ao saber que a neta usaria uma única fralda durante o dia inteiro? Ficaria horrorizada. Mas não importava...

Ellis e Mohammed carregaram a égua e a viraram na direção correta. Aquele dia seria mais árduo do que o anterior. Teriam de atravessar a cordilheira que há séculos mantinha o Nuristan mais ou menos isolado do resto do mundo. Subiram pelo Passo Aryu, a mais de quatro mil metros de altura. Teriam de enfrentar a neve e o gelo durante boa parte do percurso. Esperavam alcançar Linar, uma aldeia no Nuristan: ficava a apenas quinze quilômetros de distância, mas só chegariam lá ao final da tarde.

O sol era intenso quando partiram, mas o ar estava frio. Jane usava meias grossas e luvas e tinha um suéter oleado por baixo do casaco forrado de pele. Carregava Chantal na tipóia entre o suéter e o casaco, os botões de cima do casaco desabotoados para deixar o ar entrar.

Saíram da campina, acompanhando o Rio Aryu correnteza acima. Logo a paisagem voltou a ser árida e inóspita. Os penhascos frios não tinham qualquer vegetação. Em determinado momento, Jane avistou, à distância, um punhado de tendas de nômades, numa encosta desolada: não sabia se devia ficar contente ou assustada pela presença de outros seres humanos nas proximidades. A única outra coisa viva que viu foi um abutre planando no vento forte.

Não havia qualquer trilha visível. Jane estava satisfeita porque Mohammed os acompanhava. A princípio ele seguiu o rio, mas sua confiança não diminuiu quando o Aryu se estreitou e foi aos poucos sumindo, e seguiu em frente sem qualquer hesitação. Jane perguntou como ele conhecia o caminho, e Mohammed explicou que o percurso era indicado por pilhas de pedras, a intervalos. Ela não as notara até que Mohammed as apontara.

Não demorou muito para que houvesse uma fina camada de neve no solo. Jane sentiu o frio nos pés, apesar das meias grossas e das botas.

Espantosamente, Chantal dormiu a maior parte do tempo. A cada duas horas eles

paravam para descansar por alguns minutos, e Jane aproveitava a oportunidade para amamentá-la, estremeando ao expor os seios sensíveis ao ar gelado. Comentou para Ellis que achava que Chantal estava se comportando muito bem, e ele murmurou: — É incrível. Incrível...

Pararam ao meio-dia, à vista do Passo Aryu, para um descanso bem recebido de meia hora. Jane já se sentia cansada, as costas doíam. Também estava faminta e devorou o bolo de nozes e amoras que haviam reservado para o almoço.

O acesso ao Passo era assustador. Observando a íngreme escalada, Jane desanimou. Acho que ficarei sentada aqui por mais algum tempo, pensou; mas estava frio, e ela começou a tremer. Ellis notou e levantou-se.

— Vamos embora antes de acabarmos congelados — disse ele, jovialmente.

Jane pensou: Eu gostaria que você não se mostrasse tão animado. Ela levantou-se também, tendo de recorrer a toda a sua força de vontade.

Ellis disse: — Deixe-me carregar Chantal.

Jane entregou-lhe a criança, agradecida. Mohammed foi na frente, puxando a rédea de Maggie. Exausta, Jane forçou-se a acompanhá-los. Ellis seguiu na retaguarda.

A encosta era íngreme, e o solo, escorregadio com a neve. Depois de alguns minutos Jane estava mais cansada do que antes de pararem para descansar. Enquanto cambaleava em frente, ofegante, toda doida, lembrou-se do que dissera a Ellis: Imagino que tenho uma chance maior de escapar daqui com você do que escapar da Sibéria sozinha.

Talvez nem isso eu consiga, pensou ela agora. Não sabia que seria assim. E, no instante seguinte, se controlou. Claro que sabia, disse ela a si mesma; e sabe que vai ficar ainda pior, antes de melhorar. Pare com isso, criatura patética. Nesse momento ela escorregou numa pedra gelada e caiu de lado. Ellis, que vinha logo atrás, segurou-a pelo braço, ajudando-a a recuperar o equilíbrio.

Jane compreendeu que ele a vigiava com toda atenção, e experimentou um profundo impulso de amor. Ellis a tratava com um carinho que Jean-Pierre nunca tivera para com ela. Jean-Pierre teria seguido na frente, presumindo que ela o chamaria se precisasse de alguma ajuda; e se Jane se queixasse dessa atitude, perguntaria se ela queria ou não ser tratada como igual.

Estavam quase no cume. Jane inclinou-se para a frente, a fim de avançar melhor, pensando: Só mais um pouco, só mais um pouco. Sentia-se tonta. À sua frente, Maggie escorregou em algumas pedras soltas e subiu galopando os últimos metros, obrigando Mohammed a correr ao seu lado. Jane foi atrás, contando os passos. Alcançou finalmente um terreno plano. E parou. Sentia a cabeça girar. O braço de Ellis envolveu-a, e ela fechou os olhos, encostando-se nele.

— Daqui por diante será só descida o dia inteiro — murmurou ele.

Jane abriu os olhos. Nunca poderia imaginar uma paisagem tão brutal: não tinha nada além de neve, vento, montanhas e solidão, interminavelmente. Ela balbuciou: — Mas que fim de mundo...

Contemplaram a paisagem por um momento, e depois Ellis exortou-a: — Temos de continuar.

E continuaram. A descida era mais íngreme. Mohammed, que puxara Maggie pela rédea durante toda a subida, estava agora agarrado em sua cauda para fazê-la de freio e impedir que a

égua resvalasse pela encosta escorregadia. Era difícil distinguir as pilhas de pedras de marco entre as incontáveis pedras soltas cobertas pela neve, mas Mohammed foi descendo sem a menor hesitação. Jane pensou que deveria se oferecer para levar Chantal, a fim de dar um descanso a Ellis, mas sabia que não teria condições de carregá-la.

A medida que desciam, a neve foi se tornando mais rala e depois desapareceu por completo, e a trilha tornou-se visível outra vez. Jane ouvia a todo instante um assovio estranho e acabou encontrando forças para perguntar a Mohammed o que era. Em resposta, ele usou uma palavra dari que ela não conhecia. Mohammed não conhecia a equivalente francesa. Afinal, ele apontou e Jane viu um animal pequeno, parecido com um esquilo, que fugia quando se aproximavam dele: uma marmota. Depois, ela avistou várias outras e perguntou-se o que encontrariam para comer lá em cima. Não demorou muito para que estivessem andando ao longo de outro córrego, agora descendo. A paisagem interminável de rocha cinza e branca era entremeada de um pouco de relva resistente e alguns arbustos, nas margens do córrego; mas o vento subia pela garganta e penetrava pelas roupas de Jane como agulhas de gelo. Assim como a subida fora se tornando inexoravelmente pior, também a descida foi ficando mais e mais fácil: a trilha era cada vez mais suave, o ar mais quente, a paisagem mais aprazível. Jane ainda se sentia exausta, mas não mais estava oprimida e angustiada. Depois de dois ou três quilômetros eles alcançaram a primeira aldeia no Nuristan. Os homens usavam suéteres grossas, sem mangas, numa surpreendente padronagem preta e branca, e falavam uma língua própria, que Mohammed mal conseguia entender. Mesmo assim, conseguiu comprar um pouco de pão com o dinheiro afegão de Ellis. Jane ficou tentada a suplicar a Ellis que parassem ali para passar a noite, pois estava desesperadamente cansada; mas ainda restavam várias horas de claridade e haviam combinado que tentariam chegar a Linar naquele dia. Por isso, ela mordeu a língua e forçou as pernas doloridas a continuarem.

Para seu imenso alívio, os restantes sete ou oito quilômetros do percurso foram mais fáceis, e eles chegaram a Linar muito antes do anoitecer. Jane arriou no chão, por baixo de uma enorme amoreira, e ali permaneceu sentada em silêncio por algum tempo. Mohammed acendeu uma fogueira e começou a preparar um chá.

De alguma forma, Mohammed conseguiu informar aos aldeões que Jane era uma enfermeira ocidental. Mais tarde, enquanto ela amamentava e trocava a fralda de Chantal, um pequeno grupo de pacientes se reuniu, esperando a uma distância respeitosa. Jane recorreu às suas últimas reservas de energia para examiná-los. Havia as habituais feridas infeccionadas, parasitas intestinais e problemas de bronquite, porém menos crianças desnutridas do que no Vale dos Cinco Leões, presumivelmente porque a guerra não afetara tanto aquele lugar remoto e inóspito.

Em decorrência do tratamento médico inesperado, Mohammed conseguiu arrumar uma galinha, que cozinhou numa panela. Jane preferia dormir logo, mas fez um esforço para esperar que a galinha ficasse pronta, comendo-a vorazmente. A carne estava fibrosa e sem gosto, mas ela sentia mais fome que em qualquer outra ocasião anterior de sua vida.

Ellis e Jane ganharam um quarto numa das casas da aldeia. Havia um colchão para eles e um tosco berço de madeira para Chantal.

Eles juntaram os sacos de dormir e fizeram amor com uma ternura cansada. Jane gostou do calor e de se deitar quase tanto quanto do sexo. Depois, Ellis adormeceu quase que no mesmo

instante. Jane permaneceu acordada por mais alguns minutos. Os músculos pareciam doer mais agora que estava relaxando. Pensou em deitar numa cama de verdade, num quarto normal, os lampiões da rua brilhando através das cortinas, portas de carro batendo lá fora, um banheiro com vaso sanitário e água quente, uma loja na esquina em que se podiam comprar algodão, fraldas descartáveis e um cheiroso xampu infantil. Escapamos dos russos, pensou ela, enquanto resvalava para o sono; talvez consigamos voltar para casa.

Jane acordou ao mesmo tempo que Ellis, sentindo a sua súbita tensão. Ele ficou rígido a seu lado por um momento, sem respirar, prestando atenção a dois cachorros latindo. Depois, saiu depressa da cama.

O quarto estava mergulhado na mais total escuridão. Jane ouviu o som de um fósforo riscado e depois uma vela foi acesa no canto. Ela olhou para Chantal: a criança dormia serenamente.

— O que é? — perguntou a Ellis.

— Não sei — sussurrou ele.

Ellis vestiu a calça, pôs as botas e o casaco e saiu. Jane também se vestiu e saiu atrás. No quarto ao lado, o luar entrando pela porta aberta iluminava quatro crianças numa cama, todos os olhos arregalados, espiando por cima do cobertor partilhado. Os pais dormiam em outro quarto. Ellis estava na porta da casa, esquadrinhando a escuridão lá fora.

Jane postou-se ao seu lado. Divisou no alto da colina, ao luar, um vulto solitário correndo na direção deles.

— Os cachorros ouviram a aproximação — murmurou Ellis.

— Mas quem será? E de repente havia outro vulto junto com eles. Jane teve um sobressalto, antes de reconhecer Mohammed. A lâmina de uma faca faiscava em sua mão.

O vulto se aproximou. O jeito de andar parecia familiar a Jane. Mohammed soltou um grunhido súbito e baixou a faca, murmurando: — Ali Ghanim.

Jane reconheceu agora o andar característico de Ali, que corria daquele jeito porque tinha as costas um pouco tortas.

— Mas por quê? — sussurrou ela.

Mohammed adiantou-se e acenou. Ali o viu, acenou em resposta e correu para a casa em que os três estavam. Jane e Mohammed se abraçaram. Jane esperou impaciente que Ali recuperasse o fôlego. Ele disse finalmente: — Os russos estão atrás de vocês.

Jane sentiu um aperto no coração. Pensara que haviam escapado. O que acontecera de errado? Ali respirou fundo por mais alguns segundos e depois acrescentou: — Masud me mandou avisar. No dia em que vocês partiram os russos vasculharam todo o Vale dos Cinco Leões, com centenas de helicópteros e milhares de soldados. Não conseguiram descobri-los e hoje mandaram expedições por todos os vales que levam ao Nuristan.

— O que ele está dizendo? — indagou Ellis.

Jane levantou a mão para fazer Ali esperar um pouco, enquanto traduzia para Ellis, que não conseguia acompanhar a fala rápida e ofegante do afegão. Ellis perguntou: — Como eles souberam que vínhamos para o Nuristan? Poderíamos estar escondidos em qualquer lugar do vale.

Jane perguntou a Ali, que não sabia responder. Ela indagou em seguida: — Há alguma expedição de busca neste vale? — Há sim. Alcancei-os pouco antes do Passo Aryu. Eles devem

ter chegado à última aldeia ao cair da noite.

— Oh não! — Jane experimentou profundo desespero. Traduziu para Ellis e depois acrescentou: — Como eles podem se deslocar tão mais depressa do que nós? Ellis deu de ombros. Depois de uma pausa, ela própria respondeu à indagação: — Porque eles não são retardados por uma mulher com uma criança de colo. Oh, merda! Ellis comentou: -se eles partirem pela manhã, bem cedo, vão nos alcançar amanhã.

— O que podemos fazer? — Partir agora.

Jane sentia um cansaço extremo e foi dominada por um ressentimento irracional contra Ellis.

— Não podemos nos esconder em algum lugar? — perguntou ela, irritada.

— Onde? — disse Ellis. — Só há uma estrada aqui. Os russos dispõem de homens suficientes para revistar todas as casas... afinal, não são muitas. Além do mais, os habitantes locais não estão necessariamente do nosso lado.

Podem facilmente informar aos russos onde estamos escondidos. Nossa única esperança é nos mantermos à frente dos perseguidores.

Jane olhou para o relógio. Eram duas horas da madrugada. Sentia-se disposta a desistir.

— Vou carregar a égua — disse Ellis. — Alimente Chantal. — Passando a falar em dari, ele acrescentou para Mohammed: — Quer preparar um chá? E arrume alguma coisa para Ali comer.

Jane voltou para o interior da casa, terminou de se vestir e amamentou Chantal. Enquanto o fazia, Ellis trouxe chá verde doce numa tigela de barro. Ela tomou tudo, agradecida.

Enquanto Chantal mamava, Jane se perguntou o quanto Jean-Pierre estaria envolvido naquela perseguição implacável. Sabia que ele ajudara na incursão a Banda, pois o vira lá. E seu conhecimento da região teria sido valioso quando os russos revistaram todo o Vale dos Cinco Leões. Jean-Pierre devia saber que estavam agora caçando sua mulher e a filha como cachorros atrás de ratos. Como ele tinha coragem de ajudar os russos? Seu amor devia ter se transformado em ódio pelo ressentimento e ciúme.

Chantal já mamara bastante. Como devia ser agradável, pensou Jane, não saber nada de paixão, ciúme ou traição, não ter outros sentimentos além de quente ou frio, saciada ou faminta.

— Aproveite enquanto pode, minha querida — murmurou ela. Apressando-se, Jane abotoou a blusa e pôs a suéter por cima da cabeça. Ajeitou a tipóia no pescoço, deixou Chantal bem confortável lá dentro, vestiu o capote e saiu. Ellis e Mohammed estudavam o mapa à luz de uma lanterna.

Ellis mostrou a Jane o percurso escolhido.

— Vamos seguir o Linar até o ponto em que deságua no Rio Nuristan. Seguimos o Nuristan para o norte, correnteza acima. Depois, entramos por um dos vales transversais...

Mohammed não pode dizer com certeza qual deles, até chegarmos lá... e seguimos para o Passo Kantiwar. Eu gostaria de sair do Vale Nuristan hoje... o que tornará mais difícil os russos nos seguirem, pois não saberão por onde saímos.

— A distância é muito grande? — indagou Jane.

— São apenas vinte e cinco quilômetros... mas se vai ser fácil ou difícil, dependerá do terreno. Jane acenou com a cabeça e disse: — Vamos embora.

Ela ficou orgulhosa por parecer mais animada do que na verdade se sentia. Eles partiram

ao luar. Mohammed foi avançando num ritmo rápido, açoitando implacavelmente a égua com uma tira de couro quando ela tentava empacar. Jane tinha um pouco de dor de cabeça e uma sensação de vazio e náusea no estômago. Não chegava a sentir sono, mas uma grande tensão e um cansaço nervoso.

A trilha à noite era assustadora. Às vezes andavam pela relva escassa à beira do rio, o que não representava qualquer dificuldade, mas depois a trilha subia pela encosta da montanha, onde o solo estava coberto pela neve. Jane sentia-se então apavorada com a possibilidade de escorregar e cair para a morte, por dezenas de metros, com a filha nos braços.

Às vezes havia uma opção: a trilha se bifurcava, um caminho subindo, o outro descendo. Como não conheciam o percurso, deixavam que Mohammed adivinhasse o certo.

Na primeira vez ele escolheu o caminho de baixo e era o certo: chegaram a uma pequena praia, vadearam um ou dois palmos de água, evitando um desvio comprido. Na segunda vez, no entanto, também seguiram a margem do rio e se arrependeram: depois de cerca de um quilômetro e meio, a trilha terminava num paredão rochoso, e a única maneira de contorná-lo era a nado. Exaustos, voltaram à bifurcação e subiram pela trilha no penhasco.

Na vez seguinte tornaram a descer para a margem do rio. A trilha levou-os a uma platibanda que corria pela encosta do penhasco, cerca de trinta metros acima do rio.

A égua ficou nervosa, provavelmente porque a trilha era muito estreita. Jane também se sentiu apavorada. A luz das estrelas não era suficiente para iluminar o rio lá embaixo, e por isso a garganta parecia um abismo negro ao seu lado. Maggie parava a todo instante, e Mohammed tinha de puxar a rédea para fazê-la seguir em frente.

Quando a trilha formou uma curva cega numa projeção rochosa, Maggie recusou-se a continuar e se tornou arisca. Jane recuou, cautelosa, com receio de que a égua pudesse acertar-lhe um coice. Chantal começou a chorar, talvez por sentir a tensão do momento ou porque não voltara a dormir depois da mamada das duas horas da madrugada.

Ellis entregou Chantal a Jane e adiantou-se para ajudar Mohammed com a égua.

Ellis ofereceu-se para pegar a rédea, mas Mohammed recusou bruscamente: a tensão começava a dominá-lo. Ellis contentou-se em empurrar Maggie por trás, soltando gritos de exortação para fazê-la seguir em frente.

Jane começava a pensar que era quase engraçado quando Maggie empinou. Mohammed largou a rédea e cambaleou, tropeçando. A égua recuou para cima de Ellis e o derrubou. Felizmente Ellis caiu para a esquerda, contra a parede do penhasco. Maggie continuou a recuar, para cima de Jane, que se encontrava no lado errado da trilha, os pés na beira. Ela segurou um dos alforjes presos nos arreios, desesperada, pensando que poderia ser empurrada para o precipício.

— Sua égua estúpida! — berrou ela.

Chantal, espremida entre Jane e Maggie, também gritou. Jane foi arrastada por alguns metros, com medo de largar o alforje. Depois, resolvendo assumir o risco, largou o alforje, estendeu a mão direita e agarrou a rédea. Firmando-se, foi se postar ao lado da cabeça da égua, deu um puxão na rédea e gritou: — Pare! Para seu espanto, Maggie parou. Jane virou-se. Ellis e Mohammed estavam se levantando.

— Vocês estão bem? — ela perguntou, em francês.

— Mais ou menos — respondeu Ellis.

— Perdi a lanterna — informou Mohammed. Ellis comentou, em inglês: — Só espero que os russos tenham os mesmos problemas. Jane compreendeu que eles não haviam percebido como a égua quase a empurrara para o precipício. Decidiu não contar. Entregou a rédea a Ellis e disse: — Vamos em frente. Podemos cuidar dos ferimentos depois. — Ela passou por Ellis e acrescentou para Mohammed: — Siga na frente.

Mohammed reanimou-se depois de alguns minutos sem Maggie. Jane especulou se realmente precisavam da égua, mas concluiu que sim: havia bagagem demais para carregarem, e tudo era essencial... era até provável que deversem ter trazido mais comida.

Passaram apressados por um povoado silencioso e adormecido, apenas um punhado de casas, ao lado de uma cachoeira. Um cachorro latiu histérico numa das casas, até que alguém o silenciou com um grito. E logo estavam outra vez numa região deserta.

O céu começou a passar de preto a cinza, e as estrelas sumiram: o dia estava raiando. Jane se perguntou o que os russos estariam fazendo. Talvez os oficiais estivessem agora acordando os homens, gritando e chutando os que demoravam a sair dos sacos de dormir. Um cozinheiro faria o café, enquanto o comandante estudava o mapa.

Ou talvez tivessem se levantado mais cedo, há uma ou duas horas, enquanto ainda estava escuro, partindo em poucos minutos, marchando em fila indiana, à beira do Rio Linar; talvez já tivessem passado pela aldeia de Linar; talvez seguissem pelos caminhos certos em todas as bifurcações e se encontrassem agora apenas a dois ou três quilômetros atrás.

Jane andou um pouco mais depressa.

A platibanda se esgueirava pela encosta do penhasco e descia para a margem do rio. Não havia sinais de atividade agrícola, mas as encostas da montanha, nos dois lados, tinham uma vegetação intensa. Quando a claridade aumentou, Jane identificou as árvores como carvalhos. Apontou-os para Ellis, indagando: — Por que não podemos nos esconder naquele bosque? — Como um último recurso, podemos. Mas os russos logo descobririam que paramos, interrogando os aldeões e sendo informados de que não passamos. Voltariam e iniciariam uma busca meticulosa.

Jane balançou a cabeça, resignada. Estava apenas procurando um pretexto para parar.

Pouco antes do nascer do sol eles contornaram uma curva e pararam no mesmo instante: um desmoronamento enchera a garganta com terra e pedras soltas, bloqueando-a por completo.

Jane sentiu vontade de chorar. Havia percorrido cerca de quatro quilômetros pela margem do rio e pela platibanda estreita, e voltar agora representaria oito quilômetros extras, inclusive a passagem que tanto assustara Maggie. Os três ficaram imóveis por um momento, olhando para o bloqueio.

— Podemos escalar? — indagou Jane.

— A égua não pode — respondeu Ellis.

Jane ficou furiosa com ele por enunciar o óbvio.

— Um de nós pode voltar com Maggie — disse ela impaciente. — Os outros dois podem descansar um pouco, enquanto esperam que a égua chegue aqui pelo outro lado.

— Não creio que seja sensato nos separarmos.

Jane ressentiu-se com o tom de decisão final em sua voz.

— Não presume que os outros devam fazer o que você acha que é sensato — disse ela bruscamente. Ellis olhou-a aturdido.

— Está bem, está bem. Mas também acho que esse monte de terra e pedra pode se deslocar se alguém tentar escalá-lo. Mais do que isso, devo dizer que não Vou tentar, não importa o que vocês dois possam decidir.

— Então não quer sequer discutir o assunto! Furiosa, Jane virou-se e começou a voltar pela trilha, deixando aos homens a decisão de segui-la ou não. Por que será, pensou ela, que os homens assumem uma pose de mando, de quem sabe de tudo, sempre que há um problema físico ou mecânico? Ellis não era desprovido de defeitos, refletiu ela. Pode ser um homem rude: apesar de toda a sua conversa de ser um especialista em antiterrorismo, ainda trabalhava para a CIA, provavelmente o maior grupo de terroristas do mundo. Era inegável que havia uma parte de Ellis que gostava do perigo, da violência e do embuste. Não escolha um machista romântico, refletiu ela, se quer um homem que a respeite.

Uma coisa se podia dizer a favor de Jean-Pierre: ele nunca tratava as mulheres com condescendência. Podia negligenciar, enganar ou ignorar, mas jamais era condescendente.

Talvez por ser mais jovem.

Ela passou pelo lugar onde Maggie empinara. Não esperou pelos homens: os dois podiam cuidar sozinhos da égua desta vez.

Chantal estava choramingando, mas Jane a deixou esperando. Continuou até o ponto em que parecia haver uma trilha para o topo do penhasco. Sentou-se ali, proclamando unilateralmente um descanso. Ellis e Mohammed alcançaram-na um ou dois minutos depois. Mohammed pegou um pedaço de bolo de nozes e amoras e distribuiu-o. Ellis não falou com Jane.

Depois da pausa, eles subiram para o alto da colina. Emergiram para o sol lá em cima e Jane começou a se sentir um pouco menos zangada. Não demorou muito para que Ellis passasse um braço em torno de seu corpo e murmurasse: — Peço desculpas por ter assumido o comando.

— Obrigada — respondeu Jane, ainda tensa.

— Mas não acha que talvez você tenha reagido de maneira um pouco exagerada? — Não duvido que foi isso mesmo. Desculpe.

— Foi mesmo. Deixe-me carregar Chantal.

Jane entregou-lhe a criança. Ao se aliviar do peso, descobriu que suas costas doíam. Chantal nunca parecera pesada, mas o fardo se fazia sentir numa distância longa.

Era a mesma coisa que carregar uma sacola de compras por quinze quilômetros. O ar foi se tornando mais ameno enquanto o sol subia pelo céu.

Jane abriu o capote e Ellis tirou o seu. Mohammed conservou o capote militar russo, com a típica indiferença afegã a tudo que não fosse a mudança de tempo mais intensa.

Perto do meio-dia saíram da garganta estreita do Linar, entrando no largo Vale do Nuristan. Ali o caminho estava outra vez bem definido, quase tão bom quanto a trilha de carroça que corria pelo Vale dos Cinco Leões. Viraram para o norte, seguindo correnteza acima, encosta acima.

Jane sentia-se cada vez mais cansada e desanimada. Depois de se levantar às duas da madrugada, andara por dez horas — mas só haviam percorrido sete ou oito quilômetros.

Ellis queria percorrer mais dezesseis quilômetros naquele dia. Era o terceiro dia consecutivo de marcha, e Jane sabia que não poderia continuar até o anoitecer.

Até mesmo Ellis exibia uma expressão mal-humorada que Jane sabia ser um sinal de cansaço. Só Mohammed parecia incansável.

No Vale Linar não haviam encontrado ninguém fora das aldeias, mas ali havia uns poucos viajantes, quase todos usando túnicas e turbantes brancos. Os nuristanis olhavam curiosos para os dois ocidentais pálidos e exaustos, mas cumprimentavam Mohammed com um respeito cauteloso, sem dúvida por causa do Kalashnikov pendurado em seu ombro.

Enquanto subiam pela margem do Rio Nuristan, foram alcançados por um jovem de barba preta, olhos brilhantes, com dez peixes frescos espetados numa vara. Ele falou com Mohammed numa mistura de línguas, em que Jane reconheceu algum dari e algumas palavras francesas. Entenderam-se o bastante para que Mohammed comprasse três peixes.

Ellis contou o dinheiro e disse a Jane: — Quinhentos afeganis por peixe... quanto dá isso?

— Quinhentos afeganis dão cinquenta francos franceses... cinco libras.

— Ou seja, dez dólares. Um peixe muito caro.

Jane desejou que ele parasse de falar: já tinha a maior dificuldade para pôr um pé na frente do outro, e Ellis ainda reclamava do preço do peixe.

O jovem, que se chamava Halam, disse que pegara os peixes no Lago Mundol, mais abaixo no vale, embora provavelmente os tivesse comprado, pois não parecia um pescador.

Diminuí seu ritmo para acompanhá-los, falando sem parar e aparentemente sem se preocupar se eles entendiam ou não.

Como o Vale dos Cinco Leões, o Nuristan era uma garganta rochosa que se alargava a intervalos de poucos quilômetros, com pequenas planícies cultivadas e plantações em terraços. A diferença mais destacada era a floresta de carvalho que cobria as encostas da montanha, como o lã no lombo de uma ovelha, e que Jane achava que poderia servir de esconderijo, quando tudo o mais falhasse.

Andavam mais depressa agora. Não havia desvios inesperados na montanha, pelo que Jane sentia-se grata. Em determinado ponto a estrada estava bloqueada por um deslizamento, mas Ellis e Jane conseguiram escalá-lo e Mohammed vadeou o rio com a égua, voltando à mesma margem alguns metros adiante. Pouco depois, quando uma projeção rochosa entrava pelo rio, o caminho passava pela parede do penhasco numa ponte de cavaletes bastante frágil. Maggie recusou-se a enfrentá-la, e Mohammed mais uma vez resolveu o problema levando-a pela outra margem.

A esta altura, Jane estava prestes a desfalecer. Quando Mohammed voltou, ela murmurou: — Preciso parar e descansar um pouco.

— Estamos quase em Gadwal — informou Mohammed.

— A que distância fica? Mohammed conferenciou com Halam em dari e francês, antes de responder: — A meia hora.

Parecia uma eternidade para Jane. Claro que posso andar por mais meia hora, disse a si mesma. Tentou pensar em outra coisa que não a dor nas costas e a vontade de deitar.

Ela avistou a aldeia quando viraram a curva seguinte.

Era uma visão surpreendente, além de bem-vinda: as casas de madeira subiam pela encosta íngreme da montanha como crianças subindo nas costas umas das outras, dando a impressão de que se a casa na base desmoronasse toda a aldeia despencaria morro abaixo na água. Ao se aproximarem da primeira casa, Jane parou e sentou, à beira do rio. Todos os músculos de seu corpo doíam, e ela mal teve forças para receber Chantal de Ellis, que sentou-se a seu lado com uma prontidão que sugeria que ele também estava exausto. Um rosto curioso

espionou da casa, e no mesmo instante Halam se pôs a falar com a mulher, presumivelmente dizendo o que sabia a respeito de Jane e Ellis. Mohammed amarrou Maggie num lugar em que ela podia pastar a relva da beira do rio e depois foi se acocorar ao lado de Ellis.

— Precisamos comprar pão e chá — disse ele.

Já temos uma boa dianteira, pois partimos de madrugada. Passaremos a noite aqui e seguiremos viagem amanhã bem cedo. Lembra-se de que nada termina antes da hora.

Tudo pode acontecer. Alguém em Moscou pode chegar à conclusão de que Anatoly ficou maluco e ordenar que a busca seja suspensa.

— Não diga bobagem — murmurou Jane, em inglês. Mas, secretamente, ela se sentia contente, contra toda a razão, por Ellis se recusar a prosseguir sozinho.

— Tenho uma sugestão alternativa — disse Mohammed. — Posso voltar e desviar os russos.

Jane sentiu o coração disparar. Seria possível? Ellis perguntou: — Como? — Vou me oferecer como guia e intérprete e os levarei mais para o sul do Vale do Nuristan, para longe de vocês, na direção do Lago Mundol.

Jane pensou num obstáculo e sentiu novo aperto no coração, enquanto comentava: — Mas eles já devem ter um guia.

— Pode ser um homem de bem do Vale dos Cinco Leões que foi forçado a ajudar os russos contra a sua vontade. Nesse caso, conversarei com ele e acertarei tudo.

— E se ele não quiser ajudar? Mohammed pensou por um momento.

— Então ele não é um homem de bem que foi obrigado a ajudá-los, mas sim um traidor que colabora de bom grado com o inimigo por ganho pessoal. Nesse caso, eu o matarei.

— Não quero que ninguém seja morto por minha causa — Jane apressou-se em dizer.

— Não é por sua causa — declarou Ellis, a voz áspera. — É por mim... porque me recusei a seguir sozinho.

Jane ficou calada. Ellis estava pensando em problemas práticos, e depois de uma pausa disse a Mohammed: — Você não está vestido como um nuristani.

— Trocarei de roupa com Halam.

— Não fala direito a língua local.

— Há muitas línguas no Nuristan. Fingirei que venho de um distrito em que se usa uma língua diferente. De qualquer forma, os russos não falam nenhuma das línguas e nunca vão saber.

— O que fará com seu rifle?

Mohammed pensou por um momento.

— Pode me dar sua bolsa?

— É muito pequena.

— Meu Kalashnikov é do tipo que tem a coronha dobrável.

— Claro que pode ficar com a bolsa.

Jane se perguntou se não atrairia suspeitas, mas concluiu que não: as bolsas dos afegãos eram tão estranhas e variadas quanto as roupas. De qualquer modo, Mohammed acabaria despertando suspeitas, mais cedo ou mais tarde. Ela indagou: — O que acontecerá quando os russos finalmente compreenderem que estão no caminho errado? — Antes que isso aconteça, fugirei durante a noite, deixando-os no meio do nada.

— É muito perigoso — murmurou Jane.

Mohammed tentou parecer heroicamente despreocupado. Como a maioria dos guerrilheiros, ele era de fato corajoso, mas também tinha uma vaidade ridícula. Ellis comentou: — se calcular o momento errado e desconfiarem de você antes de deixá-los, pode estar certo de que vão torturá-lo para descobrir o caminho que seguimos.

— Jamais conseguirão me capturar vivo — declarou Mohammed. Jane acreditou nele. E Ellis acrescentou: — Mas ficaremos sem guia.

— Arrumarei outro.

Mohammed virou-se para Halam e iniciou uma conversa rápida em várias línguas. Jane calculou que Mohammed propunha que Halam ficasse como guia. Ela não gostava de Halam — era mercenário demais para merecer confiança total — mas era obviamente um viajante, e por isso uma escolha natural. Era bem provável que a grande maioria dos habitantes locais jamais tivesse deixado seu próprio vale.

— Ele diz que conhece o caminho — informou Mohammed, voltando a falar em francês. Jane sentia uma pontada de ansiedade pelas palavras. Ele diz. Mohammed acrescentou: — Levará vocês até Kantiwar e ali arrumará outro guia para conduzi-los pela passagem seguinte. E continuarão assim até o Paquistão. Ele cobrará cinco mil afeganis.

— Parece um preço justo — comentou Ellis. — Mas quantos outros guias teremos de contratar a esse preço, até chegarmos a Chitral?

— Talvez cinco ou seis.

Ellis sacudiu a cabeça.

— Não temos trinta mil afeganis. E ainda precisamos comprar comida.

— Poderão arrumar comida cuidando dos pacientes pelo caminho — sugeriu Mohammed. — E o caminho é mais fácil depois que chegarem ao Paquistão. Talvez não precisem de guias no final.

Ellis ainda hesitava e perguntou a Jane: — O que você acha?

— Há uma alternativa. Você pode me deixar aqui. .

— Não. Essa alternativa não existe. Seguiremos juntos.

Capítulo 18

Durante todo o primeiro dia os grupos de busca não encontraram qualquer sinal de Ellis e Jane. Jean-Pierre e Anatoly sentaram em cadeiras duras de madeira, numa sala espartana, sem janelas, na base aérea de Bagram, estudando as informações que chegavam pelo rádio. Os grupos de busca haviam partido outra vez antes do amanhecer. Eram seis no começo, um para cada um dos cinco vales laterais principais que seguiam para leste, a partir do Cinco Leões, e o sexto para seguir o Rio dos Cinco Leões para o norte, até sua nascente e além dela. Cada grupo incluía pelo menos um oficial do exército regular afegão que falava dari. Pousaram de helicópteros em seis aldeias diferentes do Vale dos Cinco Leões, e meia hora depois todos comunicaram que haviam arrumado guias locais.

— Foi bem rápido — comentou Jean-Pierre, depois que o sexto transmitiu a informação. — Como conseguiram? — Muito simples — explicou Anatoly. — Eles pedem a alguém para servir de guia. O homem recusa. É fuzilado. Pedem a outro. Não demora muito para se conseguir um voluntário.

Um dos grupos tentou seguir a sua trilha designada pelo ar, mas a experiência fracassou. As trilhas já eram bastante difíceis de se acompanhar por terra; por ar era impossível. Além disso, nenhum dos guias jamais estivera antes num helicóptero, e eles ficaram desorientados. Assim, todos os grupos seguiram a pé, alguns requisitando cavalos para transportar a bagagem.

Jean-Pierre não esperava mais notícias pela manhã, pois os fugitivos tinham um dia inteiro de vantagem. Contudo, os soldados se deslocariam mais depressa do que Jane, ainda mais porque ela estava carregando Chantal.

Jean-Pierre sentia uma pontada de culpa cada vez que pensava em Chantal. A raiva pela mulher não se estendia à filha, mas ele tinha certeza de que a criança estava sofrendo: viajando durante o dia inteiro, atravessando desfiladeiros acima da linha da neve, açoitada pelos ventos gelados...

Ele se concentrou, como vinha acontecendo agora com frequência, no que ocorreria se Jane morresse e Chantal sobrevivesse. Imaginou Ellis capturado, sozinho; o corpo de Jane encontrado dois ou três quilômetros antes, morta pelo frio, a criança em seus braços, ainda milagrosamente viva. Eu voltaria a Paris como um personagem trágico, romântico, pensou Jean-Pierre; um viúvo com uma filha pequena, um veterano da guerra no Afeganistão... Viraria uma celebridade! E sou perfeitamente capaz de criar uma filha. Nosso relacionamento seria mais profundo à medida que ela crescesse. Teria de contratar uma babá, é claro, mas cuidaria para que ela não ocupasse o lugar da mãe no afeto de Chantal. De jeito nenhum. Eu seria pai e mãe.

Quanto mais pensava a respeito, mais indignado ficava por Jane estar arriscando a vida de Chantal. Ela perdera todos os direitos de mãe ao levar a filha numa aventura tão louca. Ele refletiu que, com essa alegação, provavelmente conseguiria obter a custódia legal de Chantal num tribunal europeu.

Enquanto a tarde passava, Anatoly ia se tornando entediado e Jean-Pierre, tenso. Ambos estavam irritadiços. Anatoly mantinha longas conversas em russo com outros oficiais que entravam na pequena sala sem janelas, e o matraquear interminável afetava os nervos de Jean-

Pierre. A princípio Anatoly traduzira todos os relatórios que os grupos de busca enviavam pelo rádio, mas agora se limitava a dizer "Nada". Jean-Pierre plotara as rotas dos grupos em diversos mapas, indicando as localizações com alfinetes de cabeça vermelha. Ao final da tarde, porém, eles seguiam trilhas por leitos secos de rios que não constavam dos mapas; e se os relatórios pelo rádio indicavam o paradeiro, Anatoly não repassava as informações. Os diversos grupos acamparam ao cair da noite sem terem encontrado qualquer sinal dos fugitivos. Havia recebido instruções para interrogar os moradores das aldeias pelo caminho. Os aldeões afirmavam não terem visto qualquer estrangeiro. O que não era de surpreender, pois eles ainda se encontravam nos desfiladeiros dos Cinco Leões que levavam ao Nuristan. As pessoas a quem interrogavam, de um modo geral, eram leais a Masud: ajudar os russos em qualquer coisa era um ato de traição. No dia seguinte, quando os grupos de busca entrassem no Nuristan, encontrariam pessoas mais cooperativas.

Mesmo assim, Jean-Pierre sentia-se desanimado quando deixou o escritório, ao cair da noite, junto com Anatoly, atravessando a pista de concreto até a cantina. Comeram um jantar horrível, de salsicha em lata e purê de batata reidratado. Depois, Anatoly foi beber vodka com outros oficiais, deixando Jean-Pierre aos cuidados de um sargento que só falava russo. Jogaram uma partida de xadrez, mas — para desolação de Jean-Pierre — o sargento era bom demais. Jean-Pierre foi deitar cedo e ficou acordado num colchão militar duro, imaginando Jane e Ellis na cama, juntos.

Na manhã seguinte foi despertado por Anatoly, o rosto oriental exibindo um sorriso, sem qualquer sinal da irritação anterior. Jean-Pierre sentiu-se como um garoto levado que fora perdoado, apesar de não saber o que fizera de errado. Tomaram juntos um mingau na cantina. Anatoly já mantivera contato com todos os grupos de busca, que haviam levantado acampamento e partido ao amanhecer.

— Hoje vamos descobrir sua mulher, meu amigo — garantiu Anatoly jovialmente.

Jean-Pierre sentiu um impulso renovado de otimismo. Anatoly tornou a entrar em contato pelo rádio com os grupos assim que chegaram à sala. Pediu-lhes que descrevessem o que pudessem ver ao redor, e Jean-Pierre aproveitou as descrições de riachos, lagos, depressões e ravinas para calcular onde se encontravam. Pareciam estar se deslocando devagar demais em termos de quilômetros por hora, mas subiam por um terreno difícil, e os mesmos fatores retardariam Ellis e Jane.

Cada grupo dispunha de um guia; ao chegarem a um ponto em que a trilha se bifurcava, ambos os caminhos levando ao Nuristan, recrutavam um guia adicional da aldeia mais próxima e se dividiam em dois grupos. Por volta do meio-dia o mapa de Jean-Pierre estava coberto de pontos vermelhos, como um caso de sarampo.

No meio da tarde houve uma distração inesperada: um general de óculos, numa viagem de inspeção de cinco dias pelo Afeganistão, pousou em Bagram e resolveu descobrir como Anatoly estava gastando o dinheiro dos contribuintes russos. Jean-Pierre soube disso por umas poucas palavras de Anatoly, segundos antes de o general entrar na sala, seguido por nervosos oficiais, como filhotes acompanhando a mamãe pata.

Jean-Pierre ficou fascinado pela maneira magistral como Anatoly envolveu o visitante. Ele se levantou de um pulo, parecendo dinâmico mas tranquilo; apertou a mão do general e ofereceu-lhe uma cadeira; gritou uma série de ordens pela porta aberta; falou depressa, mas

com deferência, com o general por cerca de um minuto; pediu licença e falou pelo rádio; traduziu, para Jean-Pierre, a mensagem transmitida do Nuristan; e apresentou o general a Jean-Pierre, em francês.

O general começou a fazer perguntas e Anatoly apontou para os alfinetes vermelhos no mapa de Jean-Pierre, enquanto respondia. E foi no meio de tudo isso que um dos grupos de busca chamou espontaneamente, a voz em russo do operador parecendo muito excitada. Anatoly pediu que o general se calasse no meio de uma frase para escutar.

Jean-Pierre ficou sentado na beirada da cadeira, aguardando ansiosamente pela tradução. A voz parou de falar. Anatoly fez uma pergunta e obteve uma resposta.

— O que eles encontraram? — indagou Jean-Pierre, incapaz de se manter em silêncio por mais tempo. Anatoly ignorou-o por um momento, falando primeiro ao general. Depois virou-se para Jean-Pierre e informou: — Encontraram dois americanos numa aldeia chamada Atati, no Vale do Nuristan.

— Sensacional! — exclamou Jean-Pierre. — São eles! — Acho que sim.

Jean-Pierre não podia entender a falta de entusiasmo de Anatoly.

— Mas claro que são! Seus homens não conhecem a diferença entre um americano e um inglês? — Provavelmente não. Mas dizem que não há crianças.

— Nenhuma criança? Jean-Pierre franziu o rosto. Como era possível? Jane teria deixado Chantal no Vale dos Cinco Leões para ser criada por Rabia, Zahara ou Fará?

Parecia impossível.

Teria escondido a criança com uma família daquela aldeia, Atati, pouco antes de ser capturada pelo grupo de busca? Isso também parecia improvável: o instinto de Jane seria o de ficar com a filha nos momentos de perigo. Chantal estaria morta? Ele concluiu que era provavelmente um equívoco: algum erro de comunicação, interferência atmosférica no contato pelo rádio, ou mesmo um oficial obtuso que não percebera a criança.

— Não vamos conjecturar — disse ele a Anatoly. — É melhor ir até lá para verificar pessoalmente.

— Quero que você vá com o helicóptero.

— Está certo. — Jean-Pierre ficou surpreso com a posição de Anatoly. — Quer dizer que você não vai? — Isso mesmo.

— E por que não? — Sou necessário aqui.

Anatoly lançou um olhar rápido para o general.

— Entendo...

Sem dúvida havia um jogo de poder na burocracia militar; Anatoly receava deixar a base enquanto o general permanecesse ali, pois algum rival poderia caluniá-lo pelas costas.

Anatoly pegou o telefone na mesa e deu uma série de ordens em russo. Enquanto ele ainda falava, um ordenança entrou na sala e fez sinal a Jean-Pierre. Anatoly pôs a mão sobre o bocal e disse: — Eles vão lhe arrumar um capote bem grosso, pois já é inverno no Nuristan. À bientôt.

Jean-Pierre saiu com o ordenança. Atravessaram a pista de concreto. Dois helicópteros esperavam, os rotores girando: um Hind com foguetes por baixo das asas curtas e um Hip maior, com vigias ao longo da fuselagem. Jean-Pierre se perguntou para que serviria o Hip, e só depois de um instante compreendeu que seria para trazer de volta o grupo de busca. Pouco antes de

alcançarem os aparelhos um soldado se aproximou correndo com um capote militar e entregou-o a Jean-Pierre. Ele pendurou-o no braço e embarcou no Hind.

Decolaram no mesmo instante. Jean-Pierre sentia uma expectativa febril. Sentou no banco da cabine de passageiros, junto com meia dúzia de soldados. Seguiram para nordeste.

Ao se afastarem da base, o piloto fez um sinal para Jean-Pierre, que se adiantou e subiu no degrau para o assento, a fim de poder ouvir direito.

— Serei o seu intérprete — disse o homem, num francês hesitante.

— Obrigado. Você sabe para onde estamos indo?

— Sei sim, senhor. Temos as coordenadas e posso manter contato pelo rádio com o líder do grupo de busca.

— Ótimo.

Jean-Pierre ficou surpreso por ser tratado com tanta deferência. Parecia que adquirira um posto honorário por sua associação com um coronel da KGB.

Perguntou-se, enquanto voltava ao banco, como Jane reagiria ao vê-lo. Ficaria aliviada? Assumiria uma atitude de desafio? Ou apenas se mostraria exausta? Ellis estaria furioso e humilhado, como não podia deixar de ser. Como devo me comportar?, pensou Jean-Pierre. Quero que eles fiquem desesperados, mas preciso manter a dignidade.

O que devo dizer? Tentou visualizar a cena. Ellis e Jane estariam no pátio de alguma mesquita ou sentados no chão de terra de uma cabana de pedra, vigiados por soldados com Kalashnikovs.

Provavelmente estariam com frio e fome, angustiados. Jean-Pierre se adiantaria com seu capote militar, confiante e autoritário, seguido por deferentes oficiais subalternos.

Lançaria para os dois um olhar penetrante e prolongado, e depois diria...

O que diria? Voltamos a nos encontrar parecia exageradamente melodramático.

Pensaram realmente que conseguiriam escapar de nós? era retórico demais. Vocês nunca tiveram qualquer chance parecia melhor, mas ainda era um anticlímax.

A temperatura baixou depressa enquanto seguiam para as montanhas. Jean-Pierre pôs o capote e ficou de pé junto à porta aberta, olhando para fora. Lá embaixo estendia-se um vale parecido com o Cinco Leões, com um rio no meio, correndo à sombra das montanhas. Jean-Pierre adiantou-se e foi perguntar no ouvido do piloto: — Onde estamos?

— Este lugar é conhecido como Vale Sakardara. Mais para o norte, o nome muda para Vale Nuristan. Vai nos levar até Atati.

— Quanto tempo mais? — Vinte minutos.

Parecia uma eternidade. Controlando a impaciência com enorme esforço, Jean-Pierre voltou a sentar-se no banco, junto com os soldados. Eles estavam imóveis e silenciosos, observando-o. Pareciam ter medo dele. Talvez pensassem que era um agente da KGB. Pois eu sou mesmo da KGB, pensou Jean-Pierre de repente.

Imaginou o que os soldados estariam pensando. Nas namoradas e esposas que os aguardavam? O lar daqueles homens seria também o seu, dali por diante. Teria um apartamento em Moscou. Perguntou-se se ainda podia ter uma vida conjugal feliz com Jane. Queria que ela e Chantal ficassem em seu apartamento, enquanto ele, como aqueles soldados, lutava a boa luta em terras estrangeiras, ansioso pelas licenças, quando voltaria para casa e tornaria a deitar com a mulher, e descobriria como a filha crescera durante sua ausência. Traí Jane e ela me traiu,

refleti Jean-Pierre; talvez possamos perdoar um ao outro, quando menos não seja por Chantal.

O que acontecera com Chantal? Ele estava prestes a descobrir. O helicóptero começou a baixar. Estavam quase chegando. Jean-Pierre levantou-se para olhar outra vez pela porta. Descia para uma campina onde um afluente se juntava ao rio principal. Era um lugar bonito, com umas poucas casas subindo pela encosta, sobrepondo-se ao melhor estilo nuristani.

Jean-Pierre lembrava-se de ter visto fotografias de aldeias assim em livros ilustrados sobre o Himalaia. O helicóptero pousou.

Jean-Pierre saltou. No outro lado da campina, alguns soldados russos — o grupo de busca, com toda certeza — saíram da mais baixa das casas de madeira. Jean-Pierre esperou impaciente pelo piloto, seu intérprete. O homem finalmente desembarcou e Jean-Pierre gritou-lhe, enquanto começava a atravessar o campo: — Vamos logo!

Teve de se conter para não desatar a correr. Ellis e Jane deviam estar na casa de onde os soldados haviam saído, pensou ele, encaminhando-se para lá o mais depressa que podia sem correr. Começou a sentir-se furioso: a raiva há tanto reprimida fervilhava dentro dele. Que se dane a dignidade, pensou ele; direi a esse casal abominável o que acho deles.

Quando ele chegou perto, o oficial à frente do grupo de busca começou a falar. Ignorando-o, Jean-Pierre virou-se para o piloto e disse: — Pergunte onde eles estão.

O piloto perguntou, e o oficial apontou para a casa de madeira. Sem mais demora, Jean-Pierre passou pelos soldados.

Sua ira estava a ponto de explodir quando entrou na tosca construção de madeira. Diversos outros soldados estavam de pé num canto. Fitaram-no e depois se afastaram para lhe dar passagem.

No canto, duas pessoas estavam amarradas a um banco.

Jean-Pierre fitou-as, aturdido. Sua boca se abriu, o sangue fugiu-lhe do rosto. Ali estavam um garoto magro e de aparência anêmica, com dezoito ou dezenove anos, cabelos sujos, bigode de pontas caídas, e uma loura de peitos grandes, com flores nos cabelos.

O garoto olhou para Jean-Pierre com uma expressão aliviada e disse em inglês: — Ei, cara, vai nos ajudar? Estamos numa merda de fazer gosto.

Jean-Pierre teve a sensação de que ia explodir. Era apenas um casal de hippies no caminho de Katmandu, uma espécie de turismo que não morreria de todo, apesar da guerra. Que desapontamento! Por que eles tinham de estar ali no momento em que o mundo inteiro procurava por um casal ocidental fugitivo? Jean-Pierre não estava disposto a ajudar um par de degenerados viciados em tóxicos. Virou-se e saiu. O piloto entrava naquele instante. Viu a expressão de Jean-Pierre e perguntou: — Qual é o problema? — É o casal errado. Venha comigo. O homem seguiu Jean-Pierre.

— O casal errado? Quer dizer que não são americanos? — São americanos, mas não as pessoas que estamos procurando.

— O que vai fazer agora? — Vou falar com Anatoly, e preciso que você entre em contato com ele pelo rádio.

Atravessaram o campo e subiram no helicóptero. Jean-Pierre sentou-se no banco do artilheiro e pôs os headphones. Ficou batendo com o pé, impaciente, no chão de metal, enquanto o piloto falava pelo rádio em russo, interminavelmente. Por fim, ouviu a voz de Anatoly, parecendo muito distante, pontuada pela estática.

— Jean-Pierre, meu amigo, aqui é Anatoly. Onde você está? — Em Atati. Os dois americanos que eles capturaram não são Ellis e Jane. Repito, não são Ellis e Jane. Não passam de uma dupla de garotos tolos procurando o nirvana.

Câmbio.

— Isso não me surpreende, Jean-Pierre.

— Como assim? — interrompeu Jean-Pierre, esquecendo que a comunicação era por um só canal.

— ... recebemos diversas informações de que Ellis e Jane foram vistos no Vale Linar. O grupo de busca ali ainda não efetuou contato com eles, mas está na pista, e bem perto. Câmbio.

A raiva de Jean-Pierre para com os hippies se dissipou, e um pouco de sua ansiedade voltou.

— Vale Linar... onde fica? Câmbio.

— Perto do lugar em que você se encontra agora. Segue para o Vale Nuristan a cerca de trinta quilômetros ao sul de Atati. Câmbio. Bem perto! — Tem certeza? Câmbio.

— O grupo de busca obteve diversas informações nas aldeias pelo caminho. As descrições combinam com Ellis e Jane. E falaram numa criança. Câmbio.

Então eram eles! — Podemos calcular onde eles estão agora? Câmbio.

— Ainda não. Estou indo ao encontro do grupo de busca. Saberei de mais detalhes quando chegar lá. Câmbio.

— Quer dizer que não está em Bagram? O que aconteceu com seu... ahn... visitante? Câmbio.

— Ele foi embora — respondeu Anatoly em tom brusco. — Estou no ar neste momento e prestes a me encontrar com o grupo numa aldeia chamada Mundol. Fica no Vale Nuristan, abaixo do ponto em que o Rio Linar deságua no Nuristan, perto de um lago grande, também chamado Mundol. Encontre-se comigo lá. Passaremos a noite em Mundol e comandaremos pessoalmente a busca pela manhã. Câmbio.

— Estarei lá! — exclamou Jean-Pierre exultante. Lembrou-se de uma coisa. — O que vamos fazer com os hippies! Câmbio.

— Terão de ser levados a Kabul para interrogatório. Algumas pessoas ali vão lembrá-los da realidade do mundo material. Deixe-me falar com o piloto. Câmbio.

— Até Mundol. Câmbio.

Anatoly começou a falar em russo com o piloto, e Jean-Pierre tirou os fones. Perguntou-se por que Anatoly queria perder tempo interrogando um casal de hippies inofensivos.

Era evidente que aqueles dois não podiam ser espíões. E de repente lhe ocorreu que a única pessoa que realmente sabia se aqueles dois eram ou não Ellis e Jane era ele próprio. Talvez fosse possível — embora altamente improvável — que Ellis e Jane o tivessem persuadido a deixá-los partir, convencendo-o a dizer a Anatoly que o grupo de busca capturara apenas um casal de hippies. Aquele russo era um filho da puta desconfiado.

Jean-Pierre esperou impaciente que ele encerrasse a conversa com o piloto. Parecia que o grupo de busca em Mundol estava próximo da presa. Talvez Ellis e Jane fossem capturados amanhã. Na verdade, a tentativa de fuga estava mais ou menos condenada ao fracasso desde o início; mas isso evitava que Jean-Pierre se preocupasse, e ele continuaria na agonia do suspense até que os dois estivessem com mãos e pés atados e trancados numa cela russa. O piloto tirou

os headphones e anunciou: — Vamos levar você a Mundol neste helicóptero. O Hip seguirá com os outros de volta à base.

— Está certo.

Poucos minutos depois eles estavam no ar, deixando os outros se retardarem o tempo necessário. Estava quase escuro, e Jean-Pierre imaginou se seria difícil encontrar a aldeia de Mundol.

A noite caiu depressa enquanto eles seguiam o rio, correnteza abaixo. A paisagem lá embaixo desapareceu na escuridão. O piloto falava constantemente pelo rádio, e Jean-Pierre calculou que estava sendo orientado por pessoas no solo, em Mundol. Dez ou quinze minutos mais tarde luzes fortes apareceram lá embaixo. Cerca de um quilômetro além a lua se refletia numa enorme massa de água. O helicóptero desceu.

Pousou num campo, perto de outro helicóptero. Um soldado à espera conduziu Jean-Pierre pela relva até a aldeia na encosta de uma colina. As silhuetas das casas estavam recortadas contra o luar. Jean-Pierre seguiu o soldado para uma das casas. Ali, sentado numa cadeira dobrável, com um enorme capote de pele de lobo, estava Anatoly. Na maior excitação.

— Jean-Pierre, meu amigo francês, estamos próximos do sucesso! — gritou ele, bem alto. Era estranho ver um homem de rosto oriental demonstrar tanta exuberância e jovialidade. — Tome um café... está misturado com vodka.

Jean-Pierre aceitou um copo de papel de uma mulher afegã que parecia estar servindo Anatoly. Sentou-se em outra cadeira dobrável, como a de Anatoly. Pareciam militares.

Se os russos estavam carregando tanto equipamento — cadeiras dobráveis, café, copos de papel, vodka — talvez não fossem capazes, no final das contas, de se deslocarem mais depressa do que Ellis e Jane. Anatoly leu seus pensamentos e comentou, com um sorriso: — Trouxe alguns pequenos luxos no meu helicóptero. A KGB tem a sua dignidade.

Jean-Pierre não conseguiu interpretar sua expressão e não sabia se ele estava gracejando ou não. Mudou de assunto.

— Quais são as últimas notícias?

— Não resta mais qualquer dúvida de que nossos fugitivos passaram hoje pelas aldeias de Bosaydur e Linar. E em algum instante desta tarde o grupo de busca perdeu o guia, que desapareceu por completo. Provavelmente decidiu voltar para casa. — Anatoly franziu o rosto, como se incomodado por esse pequeno problema, e depois continuou: — Felizmente encontraram logo outro guia.

— Empregando a sua persuasiva técnica de recrutamento, é claro — comentou Jean-Pierre.

— Desta vez não, por mais estranho que possa parecer. Pelo que me disseram, este foi um voluntário genuíno. Está aqui, em algum lugar da aldeia.

— É mais fácil encontrar voluntários no Nuristan — disse Jean-Pierre. — Eles quase não estão envolvidos na guerra... e diz-se que são totalmente desprovidos de escrúpulos.

— Esse novo guia afirma ter visto os fugitivos hoje, antes de se juntar ao grupo de busca. Passaram por ele no ponto em que o Linar deságua no Nuristan. Ele os viu virarem para o sul, seguindo por este caminho.

— Isso é ótimo.

— Esta noite, quando o grupo de busca chegou a Mundol, nosso homem interrogou alguns

aldeões e descobriu que dois estrangeiros com uma criança passaram por aqui esta tarde, seguindo para o sul.

— Então não resta mais qualquer dúvida — murmurou Jean-Pierre com evidente satisfação.

— Absolutamente nenhuma — concordou Anatoly. — Nós os pegaremos amanhã, com toda certeza. Jean-Pierre acordou num colchão inflável — outro luxo da KGB — sobre o chão de terra da casa. O fogo apagara durante a noite, e fazia frio. A cama de Anatoly, no outro lado do quarto pequeno e escuro, estava vazia. Jean-Pierre não sabia onde os donos da casa haviam passado a noite. Depois de providenciarem comida e servirem-na, Anatoly os mandara embora. Ele tratava todo o Afeganistão - como se fosse seu reino pessoal. E talvez fosse mesmo. Jean-Pierre sentou-se e esfregou os olhos, e só depois viu Anatoly de pé na porta, fitando-o com uma expressão especulativa.

— Bom dia — disse Jean-Pierre.

— Já estive alguma vez aqui antes? — indagou Anatoly, sem qualquer preâmbulo. O cérebro de Jean-Pierre ainda estava um pouco enevoado pelo sono.

— Onde?

— No Nuristan — respondeu Anatoly, impaciente.

— Não.

— Estranho...

Jean-Pierre achava irritante aquele estilo de conversa enigmática ainda tão cedo.

— Por quê? — perguntou ele, o tom um pouco impertinente. — O que há de tão estranho?

— Conversei com o novo guia há poucos minutos.

— Como ele se chama?

— Mohammed, Muhammad, Mahomet, Mahmoud... um desses nomes que um milhão de outros homens tem.

— Que língua uso com um nuristani?

— Francês, russo, dari e inglês... a mistura de sempre. Ele perguntou quem chegou no segundo helicóptero ontem à noite. Respondi: um francês que pode identificar os fugitivos, ou algo parecido. Ele perguntou seu nome e eu informei. Queria que continuasse a falar até descobrir por que ele estava tão interessado. Mas o homem não fez mais perguntas. Parecia que ele conhecia você.

— É impossível.

— Também acho.

— Por que não pergunta diretamente a ele? Não era próprio de Anatoly se mostrar tão hesitante, pensou Jean-Pierre.

— Não há sentido em fazer uma pergunta a um homem enquanto não se verificou se ele tem algum motivo para mentir.

E dizendo isso, Anatoly saiu. Jean-Pierre levantou-se. Dormira de camisa e cueca. Pôs a calça e as botas, depois ajeitou o capote sobre os ombros e deixou a casa.

Descobriu-se numa tosca varanda de madeira, com vista para o vale inteiro. Lá embaixo, o rio ziguezagueava pelos campos, largo e preguiçoso. A alguma distância para o sul ele entrava num vale comprido e estreito, margeado por montanhas. O sol ainda não surgira. Uma neblina sobre a água ocultava a outra extremidade do lago. Era uma paisagem apazível. Jean-Pierre

lembrou que aquela era a área mais fértil e populosa do Nuristan: quase todo o resto era despovoado e inóspito.

Jean-Pierre notou com satisfação que os russos haviam escavado uma latrina de campanha. O hábito afegão de usar os rios de onde tiravam a água para beber era o motivo pelo qual todos tinham vermes. Os russos vão endireitar este país depois que assumirem o controle total, refletiu Jean-Pierre.

Ele desceu para a campina, usou a latrina, lavou-se no rio e foi tomar um café com um grupo de soldados reunidos em torno de uma fogueira.

O grupo de busca estava pronto para partir. Anatoly decidira na noite anterior que orientaria a expedição dali, mantendo contato permanente com os homens pelo rádio.

Os helicópteros ficariam de prontidão para levá-lo e a Jean-Pierre assim que o grupo localizasse a presa. Enquanto Jean-Pierre tomava o café, Anatoly atravessou o campo, vindo da aldeia.

— Viu aquele maldito guia? — perguntou ele bruscamente.

— Não.

— Ele parece ter desaparecido.

Jean-Pierre franziu as sobrancelhas.

— Da mesma forma que o anterior.

— Essa gente é insuportável. Terei de perguntar aos aldeões. Venha comigo para traduzir.

— Não falo a língua deles.

— Talvez eles compreendam o seu dari.

Jean-Pierre voltou à aldeia junto com Anatoly. Ao subirem pela trilha de terra estreita entre as frágeis casas, alguém chamou Anatoly em russo. Eles pararam e olharam para um lado. Dez ou doze homens, alguns nuristanis de branco e alguns russos de uniforme, estavam reunidos numa varanda, olhando alguma coisa no chão. Recuaram para dar passagem a Anatoly e Jean-Pierre. No chão estava um homem morto.

Os aldeões falaram em tom indignado, apontando para o corpo. A garganta do homem fora cortada: o ferimento era macabro, e a cabeça pendia inerte. O sangue já coagulara, o que indicava que ele devia ter sido morto no dia anterior.

— Esse homem é Mohammed, o guia? — indagou Jean-Pierre.

— Não. — Anatoly interrogou um soldado e depois informou a Jean-Pierre: — Este é o guia anterior, o que havia desaparecido.

Jean-Pierre falou aos aldeões, bem devagar, em dari: — O que está acontecendo? Depois de uma pausa, um velho encarquilhado, o olho direito quase fechado, respondeu na mesma língua, em tom de acusação: — Ele foi assassinado! Jean-Pierre começou a interrogá-lo e pouco a pouco descobriu a história. O morto era um aldeão do Vale Linar recrutado pelos russos para servir de guia. O corpo, escondido às pressas entre arbustos, fora encontrado pelo cachorro de um pastor de cabras. A família do homem achava que ele fora assassinado pelos russos e trouxera o corpo até ali naquela manhã, numa dramática tentativa de descobrir por quê. Jean-Pierre explicou tudo a Anatoly e arrematou: — Eles estão indignados porque acham que seus homens são os culpados.

— Indignados? — repetiu Anatoly. — Eles não sabem que está havendo uma guerra? Pessoas são mortas todos os dias... é inevitável.

— É evidente que eles não testemunham muita ação por aqui. Foram vocês que o mataram? — Vou descobrir.

Anatoly falou com os soldados. Vários responderam ao mesmo tempo, com veemência: — Não fomos nós que matamos esse homem. Anatoly traduziu para Jean-Pierre, que disse: — Então quem terá sido? Os moradores locais poderiam estar assassinando nossos guias por colaborarem com o inimigo? — Claro que não — respondeu Anatoly. — se eles odiassem os colaboracionistas não estariam fazendo tanto rebuliço para descobrir quem matou este homem. Diga a eles que somos inocentes... trate de acalmá-los. Jean-Pierre dirigiu-se ao velho de um olho só: — Os estrangeiros não mataram este homem. Querem saber quem assassinou seu guia.

O velho traduziu para os outros, e os aldeões reagiram com consternação. Anatoly tinha uma expressão pensativa.

— O desaparecido Mohammed não poderia ter matado este homem para ficar com o emprego de guia?

— Estão pagando muito? — perguntou Jean-Pierre.

— Acho que não. — Anatoly perguntou a um sargento e traduziu a resposta: — Quinhentos afeganis por dia.

— É um bom salário para um afegão, mas não o suficiente para se matar um homem... embora se diga que um nuristani é capaz de assassinar qualquer um pelas sandálias, se forem novas.

— Pergunte a eles se sabem onde está Mohammed. Jean-Pierre perguntou. — Houve alguma discussão? — Quase todos os aldeões sacudiram a cabeça, mas um homem alteou a voz acima dos outros e apontou insistentemente para o norte. O velho acabou comunicando a Jean-Pierre: — Ele deixou a aldeia esta manhã bem cedo. Abdul viu quando ele seguiu para o norte.

— Ele partiu antes ou depois de o corpo ser trazido para cá? — Antes.

Jean-Pierre traduziu para Anatoly e acrescentou: — Por que será que ele foi embora? — O homem está se comportando como se fosse culpado de alguma coisa.

— Ele deve ter partido logo depois de conversar com você esta manhã. Parece até que foi embora porque eu cheguei.

Anatoly balançou a cabeça, pensativo.

— Qualquer que seja a explicação, acho que ele sabe de alguma coisa que nós ignoramos. É melhor irmos atrás dele. Não há problema se perdermos algum tempo. Podemos nos dar a esse luxo.

— Há quanto tempo conversou com ele? Anatoly olhou para o relógio.

— Há pouco mais de uma hora.

— Então ele não pode estar muito longe.

— Tem razão.

Anatoly virou-se e deu uma série de ordens. Os soldados entraram em ação no mesmo instante. Dois deles pegaram o velho caolho e o levaram para o campo. Outro correu para os helicópteros. Anatoly pegou Jean-Pierre pelo braço e foram atrás dos soldados.

— Levaremos o velho caolho para o caso de precisarmos de um intérprete — explicou Anatoly.

Os dois helicópteros já estavam ligados quando eles chegaram ao campo. Anatoly e Jean-Pierre embarcaram num deles. O velho caolho estava lá dentro, parecendo ao mesmo

tempo emocionado e apavorado. Ele contará a história deste dia pelo resto de sua vida, pensou Jean-Pierre.

Poucos minutos depois eles estavam no ar. Anatoly e Jean-Pierre ficaram de pé junto à porta aberta, olhando para baixo. Uma trilha perfeitamente visível levava da aldeia para o topo da colina e desaparecia entre as árvores. Anatoly falou pelo rádio do piloto e depois informou a Jean-Pierre: — Mandeí alguns soldados vasculharem o bosque, para o caso de ele ter decidido se esconder ali.

O fugitivo quase que certamente fora muito além daquele ponto, pensou Jean-Pierre, mas Anatoly estava sendo cauteloso — como sempre.

Voaram seguindo o rio por cerca de um quilômetro e meio e chegaram à entrada do Linar. Teria Mohammed continuado a subir pelo vale, para o coração frio do Nuristan, ou virado para leste, pelo Vale Linar, seguindo para o Cinco Leões? — De onde Mohammed veio? — perguntou Jean-Pierre ao velho caolho.

— Não sei. Mas ele era um tajik.

Isso significava que era mais provável que ele fosse do Vale Linar que do Nuristan. Jean-Pierre explicou isso a Anatoly, que ordenou ao piloto que virasse para a esquerda e seguisse o Linar.

Ali estava um exemplo convincente do motivo pelo qual a busca a Ellis e Jane não podia ser conduzida de helicóptero, refletiu Jean-Pierre. Mohammed tinha apenas uma hora de dianteira e era possível que já tivessem perdido sua pista. Quando os fugitivos dispunham de um dia inteiro de vantagem, como Ellis e Jane, havia muito mais percursos alternativos e lugares para se esconder.

Se havia uma trilha pelo Vale Linar, ela não era visível do ar. O piloto do helicóptero limitou-se a acompanhar o rio. As encostas eram desprovidas de vegetação, mas ainda não estavam cobertas pela neve; se o fugitivo estivesse por ali, não teria onde se esconder. Eles o avistaram alguns minutos depois.

A túnica e o turbante branco sobressaíam claramente no terreno pardo. Ele avançava sozinho pelo topo do penhasco com o ritmo firme e incansável dos viajantes afegãos, seus pertences numa sacola pendurada ao ombro. Quando ouviu o barulho dos helicópteros, ele parou, observou-os por um instante e depois continuou a andar.

— É ele? — indagou Jean-Pierre.

— Acho que sim — respondeu Anatoly. — Vamos descobrir daqui a pouco.

Ele pegou os fones do piloto e comunicou-se com o outro helicóptero. O aparelho se adiantou, passando por cima do homem no chão, e pousou cerca de cem metros à sua frente. O homem continuou a seguir despreocupadamente em sua direção.

— Por que não pousamos também? — perguntou Jean-Pierre a Anatoly. — Apenas por precaução.

A porta lateral do outro helicóptero foi aberta, e seis soldados desembarcaram. O homem de branco continuou a avançar, tirando a bolsa do ombro. Era comprida, como uma mochila militar, e a visão dela despertou alguma lembrança na memória de Jean-Pierre. Antes que ele pudesse definir o que era, Mohammed levantou a bolsa e apontou-a para os soldados. Jean-Pierre compreendeu nesse instante e abriu a boca para gritar uma advertência inútil.

Era como tentar gritar num sonho ou correr debaixo d'água: os acontecimentos se

sucediam devagar, mas ele se movia ainda mais devagar. Antes que as palavras pudessem sair, ele viu a ponta de uma metralhadora emergir da bolsa.

O som dos tiros foi abafado pelo barulho dos helicópteros, o que deu a impressão terrível de que tudo ocorreu em silêncio total. Um dos soldados russos comprimiu a barriga com as mãos e tombou para a frente; outro levantou os braços e caiu para trás; o rosto de um terceiro explodiu em sangue e carne. Os outros três levantaram suas armas. Um morreu antes de poder puxar o gatilho, mas os outros dois descarregaram uma saraivada de balas. Enquanto Anatoly gritava "Niet! Niet! Niet! Niet!" pelo rádio, o corpo de *Mohammed* foi levantado do chão e arremessado para trás, caindo depois no chão, uma massa informe de sangue.

Anatoly ainda gritava pelo rádio, furioso. O helicóptero desceu depressa. Jean-Pierre descobriu-se a tremer de excitação. A visão do combate deixara-o inebriado como se tivesse tomado cocaína, fazendo-o sentir-se como se estivesse com vontade de rir, trepar, correr ou dançar. Um pensamento aflorou-lhe à mente: Eu queria antes curar as pessoas.

O helicóptero pousou. Anatoly tirou os headphones, comentando com irritação: — Agora nunca saberemos por que aquele guia teve a garganta cortada.

Ele saltou e Jean-Pierre o seguiu. Encaminharam-se para o afegão morto. A frente do corpo era uma massa de carne dilacerada e ensanguentada. A maior parte do rosto desaparecera, mas Anatoly declarou: — Tenho certeza de que era mesmo o guia. O corpo é o mesmo, a cor da pele também, e posso reconhecer a bolsa. — Abaixou-se e pegou a metralhadora, com todo cuidado.

— Mas por que ele estava carregando uma metralhadora? Um pedaço de papel caiu da bolsa e flutuou para o chão. Jean-Pierre pegou-o e deu uma olhada. Era uma fotografia do menino Mousa.

— Oh, Deus! — exclamou ele. — Creio que estou entendendo tudo agora.

— Como assim? — indagou Anatoly. — Entendendo o quê?

— O morto é do Vale dos Cinco Leões. Um dos principais lugares-tenentes de Masud. Esta é a fotografia de seu filho Mousa. Foi tirada por Jane. Também reconheço a bolsa em que ele escondia a arma: pertencia a Ellis.

— E daí? — disse Anatoly, impaciente. — O que pode deduzir disso?

O cérebro de Jean-Pierre trabalhava acelerado, encaixando as peças mais depressa do que ele era capaz de explicá-las.

— Mohammed matou seu guia para tomar o lugar dele. Você não tinha condições de saber que ele não era o que alegava. Os nuristanis, é claro, sabiam que Mohammed não era um deles, mas não se importaram, primeiro porque não sabiam que ele fingia ser um habitante local, e segundo porque mesmo que soubessem não poderiam contar a você, porque ele também servia como seu intérprete. Na verdade, só havia uma pessoa capaz de desmascará-lo...

— Você — concluiu Anatoly. — Porque o conhecia.

— Ele estava consciente desse perigo e se mantinha atento. Foi por isso que perguntou esta manhã quem chegara ontem, depois do anoitecer. Você lhe disse meu nome. E ele partiu imediatamente. — Jean-Pierre franziu o rosto: havia alguma coisa que não estava muito clara. — Mas por que ele permaneceu em terreno aberto? Poderia ter se escondido nos bosques ou numa caverna. Leváramos muito mais tempo para descobri-lo. Parece que ele não esperava ser perseguido.

— Por que deveria? — disse Anatoly. — Quando o primeiro guia desapareceu, não mandamos ninguém a sua procura... simplesmente arrumamos outro guia e seguimos em frente. Não houve investigação, não houve busca. Mas desta vez foi diferente... o que saiu errado para Mohammed é que os habitantes locais encontraram o cadáver e nos acusaram de assassinato. O que nos levou a suspeitar dele. Mesmo assim, chegamos a cogitar de esquecê-lo e seguir adiante. Ele teve muito azar.

— Ele não sabia que estava lidando com um homem tão cauteloso — comentou Jean-Pierre. — A próxima pergunta: qual o motivo para tudo isso? Por que ele se deu ao trabalho de substituir o guia anterior? — Podemos presumir que ele queria nos levar pela direção errada. Que tudo o que ele disse era mentira. Ele não viu Ellis e Jane ontem à tarde à entrada do Vale Linar.

Eles não seguiram para o sul pelo Nuristan. Os moradores de Mundol não confirmaram que dois estrangeiros com uma criança passaram por lá ontem, seguindo para o sul... Mohammed sequer lhes perguntou. Ele sabia onde estavam os fugitivos...

— E nos levou em direção oposta! — Jean-Pierre sentia-se outra vez exultante. — O guia anterior não desapareceu pouco depois de o grupo de busca deixar a aldeia de Linar? — Isso mesmo. Portanto, podemos presumir que as informações até esse ponto são verdadeiras... e que Ellis e Jane passaram de fato por aquela aldeia. Depois, Mohammed assumiu e nos levou para o sul.

— Porque Ellis e Jane foram para o norte! — exclamou Jean-Pierre, triunfante. Anatoly balançou a cabeça, com expressão sombria.

— Mohammed ganhou para eles um dia, no máximo — comentou ele, pensativo. — E por isso sacrificou a sua vida. Será que valeu a pena? Jean-Pierre tornou a olhar para a fotografia Polaroid de Mousa. O vento frio sacudiu-a em sua mão.

— Quer saber de uma coisa? — murmurou ele. — Acho que Mohammed responderia que sim, que valeu a pena.

Capítulo 19

Eles deixaram Gadwal na escuridão profunda antes do amanhecer, esperando se anteciparem aos russos ao partirem tão cedo. Ellis sabia como era difícil, até mesmo para o oficial mais competente, pôr em movimento um grupo de soldados antes do amanhecer: o cozinheiro tinha de preparar a comida, o intendente precisava providenciar o recolhimento de todo o equipamento, o operador de rádio precisava entrar em contato com o quartel— general, os homens deviam comer — e todas essas coisas levavam tempo. A vantagem que Ellis tinha sobre o comandante russo era o fato de só precisar carregar a égua, enquanto Jane amamentava Chantal, e depois sacudir Halam até acordá-lo.

Tinham pela frente uma longa e lenta subida pelo Vale Nuristan, por treze ou quatorze quilômetros, e depois a subida por um vale lateral. A primeira etapa, no Nuristan, não deveria ser muito difícil, refletiu Ellis, mesmo no escuro, pois havia uma estrada mais ou menos definida. Se Jane conseguisse resistir, chegariam ao vale lateral durante a tarde e o percorreriam por alguns quilômetros até o cair da noite. Seria muito mais difícil encontrá-los depois que deixassem o Vale Nuristan, pois os russos não saberiam onde procurar.

Halam seguia na frente, usando as roupas de Mohammed, inclusive o gorro chitrali. Jane andava atrás, carregando Chantal, e Ellis ia na retaguarda, puxando Maggie.

A égua estava agora levando uma bagagem a menos: Mohammed levava a mochila e Ellis não encontrara nada apropriado para substituí-la. Fora obrigado a deixar em Gadwal a maior parte de seu equipamento explosivo. Mas levava um pouco de TNT, um pedaço de Primacord, alguns detonadores e o artefato de disparo, guardados nos amplos bolsos do casaco que trouxera de Nova York.

Jane estava animada e vigorosa. O repouso desde a tarde anterior renovara as suas reservas de energia. Era uma mulher extraordinariamente resistente, e Ellis sentia-se orgulhoso dela, embora ao pensar a respeito não entendesse por que ele tinha o direito de sentir orgulho pela força de Jane.

Halam levava uma lanterna de vela que projetava três grotescas sombras nas paredes do penhasco. Ele parecia descontente. No dia anterior se desmanchava em sorrisos, aparentemente satisfeito por participar daquela aventura bizarra; mas naquela manhã se mostrava taciturno, com expressão sombria. Ellis atribuía o mau humor a terem saído muito cedo.

A trilha se esgueirava pela encosta do penhasco, contornando promontórios que se projetavam pela água; às vezes descia até a beira d'água, em outras ocasiões subia ao topo do penhasco. Pouco depois de um quilômetro a trilha simplesmente desapareceu: havia um penhasco à esquerda e o rio à direita. Halam disse que a trilha fora destruída numa tempestade e teriam de esperar até o amanhecer para encontrar um caminho.

Ellis não estava disposto a perder tempo. Tirou as botas e a calça, e entrou na água gelada. No ponto mais profundo a água ficava em sua cintura, e ele alcançou a outra margem sem o menor problema. Voltou e levou Maggie para o outro lado, e veio buscar Jane e Chantal. Halam foi o último a passar, mas o recato impediu-o de se despir, mesmo no escuro. Por isso, viu-se depois obrigado a andar com a calça encharcada, o que agravava ainda mais o seu humor.

Passaram por uma aldeia no escuro, seguidos por algum tempo por uma dupla de cachorros sarnentos, que latiam a uma distância segura. Pouco depois a manhã raiou no céu a

leste e Halam apagou a vela.

Tiveram de vadear o rio várias outras vezes, em lugares onde a trilha desaparecera ou estava bloqueada por algum desmoronamento. Halam acabou desistindo e enrolou a calça larga até a altura dos joelhos. Numa dessas travessias encontraram um viajante que vinha em direção oposta, um homem pequeno e esquelético, levando uma ovelha, que carregou nos braços ao atravessar o rio. Halam teve uma longa conversa com ele em alguma língua nuristani, e Ellis desconfiou, pela maneira como acenavam os braços, que falavam sobre os caminhos através das montanhas. Depois que o viajante se afastou, Ellis disse a Halam, em dari: — Não revele às pessoas para onde estamos indo.

Halam fingiu não entender. Jane repetiu o que Ellis dissera. Ela falava com mais fluência e usou gestos e acenos de cabeça enfáticos, como os homens afegãos costumavam fazer.

— Os russos interrogarão todos os viajantes — explicou ela.

Halam pareceu entender, mas fez de novo a mesma coisa quando se encontraram com o viajante seguinte, um jovem de aparência perigosa, carregando um velho rifle Lee-Enfield.

Durante a conversa, Ellis teve a impressão de ouvir Halam dizer "Kantiwar", o nome do desfiladeiro para o qual seguiam; e um momento depois o viajante repetiu a palavra. Ellis ficou furioso: Halam estava brincando com suas vidas. Mas o mal estava feito e ele reprimiu o impulso para interferir, esperando pacientemente até retomarem a marcha. E assim que o jovem com o rifle sumiu de vista, Ellis disse: — Avisei a você que não contasse a ninguém para onde estamos indo. Desta vez Halam não simulou incompreensão, protestando indignado: — Eu não falei nada! — Falou sim — insistiu Ellis com veemência. — Daqui por diante você não vai mais falar com outros viajantes.

Halam não disse nada. Jane acrescentou: — Você não vai mais falar com outros viajantes, está entendendo?

— Estou — murmurou Halam, relutante.

Ellis sentia que era importante mantê-lo calado. Podia imaginar por que Halam queria discutir as rotas com outras pessoas; talvez soubessem de fatores como desmoronamento, nevascas ou inundações nas montanhas, bloqueando um vale e tornando preferível outro acesso. Halam não se conscientizará de que Ellis e Jane estavam fugindo dos russos. A existência de rotas alternativas era o único fator favorável aos fugitivos, pois os russos teriam de verificar todos os percursos possíveis. Certamente se empenhariam em eliminar algumas das possibilidades interrogando pessoas, especialmente viajantes. Quanto menos informações pudessem obter dessa maneira, mais difícil e prolongada seria a busca, e maiores as chances de Ellis e Jane escaparem.

Pouco depois encontraram um mula de túnica branca, com a barba pintada de vermelho. Para frustração de Ellis, Halam puxou conversa imediatamente, da mesma forma como fizera com os dois viajantes anteriores.

Ellis hesitou apenas por um momento. Aproximou-se de Halam, agarrou-o numa chave de braço dolorosa e levou-o para longe.

Halam ainda se debateu por um instante, mas depois desistiu, porque doía. Gritou alguma coisa, mas o mula apenas olhava, boquiaberto, sem fazer nada. Olhando para trás, Ellis verificou que Jane pegara a rédea de Maggie e os seguia. Depois de uma centena de metros Ellis soltou Halam e disse: — se os russos me descobrirem, vão me matar. É por isso que você não deve falar

com ninguém. Halam não disse nada, mantendo uma expressão sombria. Depois de andarem mais um pouco, Jane comentou: — Tenho a impressão que ele vai querer se vingar por isso.

— Tem razão. Mas eu precisava calá-lo de alguma forma.

— Acho apenas que poderia haver um meio melhor de controlá-lo.

Ellis reprimiu um acesso de irritação. Sentiu vontade de dizer Então por que não fez alguma coisa, sua espertinha?, mas aquele não era um momento conveniente para discutirem. Halam passou pelo viajante seguinte com um mero cumprimento formal, e Ellis pensou: Pelo menos minha técnica foi eficaz.

A princípio o progresso foi muito mais lento do que Ellis previra. O caminho sinuoso, o terreno irregular, a constante subida e os desvios seguidos significaram que no meio da manhã haviam percorrido apenas sete ou oito quilômetros em linha reta, pelo que ele calculou. Depois, no entanto, o caminho tornou-se mais fácil, passando pelos bosques muito acima do rio.

Ainda havia uma aldeia ou povoado a intervalos aproximados de um quilômetro e meio, mas agora, em vez de casas de madeira desengonçadas empilhadas nas encostas, como cadeiras desmontáveis formando uma pilha casual, as habitações tinham o formato de caixas, feitas da mesma pedra dos penhascos em cujos lados se empoleiravam de maneira precária, como ninhos de gaivotas.

Ao meio-dia eles pararam numa aldeia e Halam deu um jeito para que fossem convidados a tomar chá numa casa. Era um prédio de dois andares, o térreo aparentemente usado como depósito, igual às casas medievais inglesas de que Ellis se lembrava das aulas de história na nona série. Jane deu à mulher um vidro pequeno de medicamento rosa para os parasitas intestinais dos filhos, recebendo em troca um pão cozido em panela e um delicioso queijo de leite de cabra. Sentaram em tapete no chão de terra, em torno da fogueira aberta, com as vigas de choupo e as ripas de salgueiro do teto visíveis por cima. Não havia chaminé, e a fumaça da fogueira subia pelos caibros e acabava passando pelo telhado; era por isso, presumiu Ellis, que as casas não tinham forro.

Ele gostaria de deixar Jane descansar depois de comer, mas não podia correr o risco, pois não sabia quão perto os russos se encontravam. Ela parecia cansada, mas bem. E partir imediatamente proporcionava a vantagem adicional de impedir que Halam puxasse conversa com os aldeões.

Contudo, Ellis observou Jane atentamente, enquanto continuavam a subir pelo vale. Pediu-lhe que levasse a égua e ele pegou Chantal, calculando que carregar a criança era mais cansativo.

A cada vez que chegavam a um vale lateral, seguindo para leste, Halam parava, estudava-o com cuidado, depois sacudia a cabeça e seguia em frente. Era evidente que ele não conhecia o caminho com certeza absoluta, embora negasse com veemência quando Jane o interpelou. Era exasperante, especialmente porque Ellis estava impaciente em deixar logo o Vale Nuristan; mas consolou-se com o pensamento de que se Halam não sabia direito que vale seguir, os russos também não saberiam qual o caminho tomado pelos fugitivos.

Ele já começava a se perguntar se não teriam passado do ponto certo quando Halam tornou a parar, no ponto em que um regato impetuoso desaguava no Rio Nuristan, e anunciou que o caminho levava por aquele vale. Ele parecia disposto a fazer uma pausa para descanso, como se relutasse em deixar o terreno familiar, mas Ellis exigiu que continuassem.

Não demorou muito para que subissem por uma floresta de bétulas prateadas, o vale principal a perder-se de vista por trás. À frente podiam divisar a cordilheira que teriam de atravessar, um imenso paredão coberto de neve, ocupando um quarto do céu. Ellis não pôde deixar de pensar: Mesmo que consigamos escapar dos russos, como poderemos escalar isso? Jane tropeçou umas poucas vezes e praguejou, o que Ellis encarou como um sinal de que ela estava se cansando de depressa, embora não se queixasse.

Ao crepúsculo saíram da floresta para uma paisagem nua, desolada e desabitada. Ellis concluiu que não poderiam encontrar abrigo num território assim, e por isso sugeriu que passassem a noite numa cabana de pedra que haviam encontrado cerca de meia hora antes. Jane e Halam concordaram, e eles voltaram.

Ellis insistiu para que Halam fizesse a fogueira dentro da cabana e não fora, a fim de que as chamas não fossem avistadas do ar e não houvesse uma coluna de fumaça denunciadora. A cautela foi justificada pouco depois, quando ouviram o zumbido de um helicóptero passando por cima. Isso significava, pensou Ellis, que os russos não estavam muito longe; naquela região, no entanto, uma curta distância para um helicóptero poderia representar uma jornada impossível a pé. Os russos podiam estar no outro lado de uma montanha intransponível, ou a apenas um ou dois quilômetros mais abaixo na trilha. Era uma sorte que a paisagem fosse tão desolada e a trilha muito difícil de ser distinguida do alto para que a busca por helicóptero se tornasse viável.

Ellis deu um pouco de cereal à égua. Jane amamentou e trocou a fralda de Chantal, e adormeceu quase que no mesmo instante em que acabou. Ellis acordou-a para que entrasse no saco de dormir, depois desceu para o regato com a fralda de Chantal, lavou-a e veio pô-la junto ao fogo para secar. Deitou-se ao lado de Jane por algum tempo, contemplando seu rosto à luz bruxuleante da fogueira, enquanto Halam roncava no outro lado da cabana. Ela parecia totalmente esgotada, o rosto encovado e tenso, os cabelos sujos, as faces manchadas de terra. O sono era irrequieto, Jane estremecia e fazia caretas, a boca se mexia num discurso silencioso. Ellis se perguntou por quanto tempo mais ela poderia continuar. Era o ritmo que a estava esgotando. Se pudessem avançar mais devagar, ela aguentaria bem. Se os russos desistissem ou fossem chamados para alguma grande batalha em outra parte daquele horrível país...

Ficou pensando sobre o helicóptero que ouvira. Talvez estivesse numa missão que nada tinha a ver com Ellis. Parecia improvável. Se era parte de um grupo de busca, então a tentativa de Mohammed de desviar os russos tivera um sucesso bastante limitado.

Ellis permitiu-se pensar no que aconteceria se fossem capturados. Ele seria levado a um julgamento espetacular, em que os russos provariam aos cétricos países não-alinhados que os rebeldes afegãos não passavam de fantoches da CIA. O acordo entre Masud, Kamil e Azizi estaria liquidado. Não haveria armamentos americanos para os rebeldes.

Desanimada, a Resistência enfraqueceria e poderia não resistir por outro verão.

Depois do julgamento, Ellis seria interrogado pela KGB. Faria uma demonstração inicial de resistir à tortura, depois fingiria desmoralizar e contaria tudo; mas só diria mentiras. Claro que eles estavam preparados para isso e o torturariam mais um pouco; e desta vez ele encenaria um colapso mais convincente, contaria uma mistura de fato e ficção que seria difícil conferir. Esperava assim sobreviver. Se isso acontecesse, seria enviado para a Sibéria.

Depois de alguns anos poderia ser trocado por um espião soviético preso nos Estados Unidos. Se não, morreria nos campos.

Lamentaria acima de tudo a separação de Jane. Encontrara-a, perdera-a, tornara a encontrá-la — um golpe de sorte que o deixava tonto ao pensar a respeito. Perdê-la pela segunda vez seria insuportável, absolutamente insuportável. Continuou a contemplá-la por longo tempo, fazendo um esforço para não dormir, com receio de que ela não mais estivesse ali quando acordasse.

Jane sonhou que estava no Hotel George V, em Peshawar, Paquistão. O George V era em Paris, claro, mas no sonho ela não percebia a contradição. Ligou para a copa e pediu um filé ao ponto, purê de batata e uma garrafa de Chateau Ausone 1971. Sentia uma fome tremenda, mas não podia lembrar por que esperara tanto para pedir a comida. Resolveu tomar um banho enquanto preparavam seu jantar. O banheiro era quente, acarpetado. Ela abriu a água na banheira e despejou alguns sais de banho, e o banheiro se encheu com o vapor perfumado. Não podia entender como se deixara ficar tão suja: era um milagre que a tivessem deixado entrar no hotel! Já estava prestes a entrar na água quente quando ouviu alguém a gritar seu nome. Devia ser o garçom, pensou; o que era irritante — teria agora de comer ainda suja ou deixar que a comida esfriasse. Sentiu-se tentada a deitar na água quente e ignorar a voz — de qualquer forma, era uma grosseria o homem chamá-la de "Jane", quando deveria tratá-la por "Madame" — mas ela era muito insistente e parecia-lhe familiar. Não era o garçom, mas sim Ellis, que a sacudia pelo ombro; e com um trágico senso de desapontamento, Jane compreendeu que o George V era um sonho, e na verdade se encontrava numa fria cabana de pedra no Nuristan, a um milhão de quilômetros de um banho quente.

Ela abriu os olhos e deparou com o rosto de Ellis, que estava dizendo: — Você tem de acordar.

Jane sentia-se quase paralisada pela letargia.

— Já é de manhã? — Não. De madrugada.

— Que horas são? — Uma e meia.

— Mas que merda! — Jane sentia-se irritada com ele por ter perturbado seu sono e indagou, irritada: — Por que me acordou? — Halam foi embora.

— Foi embora? — Ela ainda estava sonolenta e confusa. — Para onde? Por quê? Vai voltar? — Ele não me disse. Despertei para descobrir que ele sumiu.

— Acha que ele nos abandonou? — Acho.

— Oh, Deus! Como encontraremos o caminho sem um guia? Jane tinha um pavor de pesadelo de se perder na neve com Chantal nos braços.

— Creio que a situação podia ser bem pior.

— Como assim? — Você disse que ele iria querer nos castigar por eu o ter humilhado na presença daquele mula. Talvez nos abandonar seja vingança suficiente. É o que espero. Mas presumo que ele voltou pelo caminho por que viemos. Pode encontrar os russos. E não creio que eles precisem de muito tempo para persuadi-lo a revelar onde nos deixou exatamente.

— É demais — murmurou Jane, dominada por um sentimento de desgraça. Parecia que alguma divindade maligna estava conspirando contra eles. — Estou muito cansada. Ficarei deitada aqui, dormindo, até que os russos cheguem e me capturem.

Chantal estava se remexendo em silêncio, deslocando a cabeça de um lado para o outro. Começou então a chorar. Jane sentou e pegou-a.

— Ainda podemos escapar se partirmos agora — disse Ellis. — Carregarei a égua enquanto

você amamenta Chantal.

— Está bem.

Jane levou a filha ao seio. Ellis observou por um instante, sorrindo, depois saiu para a noite. Jane refletiu que poderiam escapar facilmente se não estivessem com Chantal. Como Ellis se sentiria a respeito? Afinal, ela era filha de outro homem. Mas ele parecia não se importar. Encarava Chantal como parte de Jane. Ou escondia algum ressentimento? Ele gostaria de ser um pai para Chantal? Jane contemplou o rostinho, e os enormes olhos azuis a contemplaram de volta. Quem poderia deixar de amar aquela garotinha desamparada? E de repente sentiu-se completamente indecisa em relação a tudo.

Não sabia o quanto amava Ellis; não sabia o que sentia por Jean-Pierre, o marido que a estava caçando; não podia imaginar qual era o seu dever para com a filha.

Tinha pavor da neve, das montanhas e dos russos, estava cansada, tensa e com frio há tempo demais. Automaticamente, trocou a fralda de Chantal, usando a seca que estava ao lado da fogueira. Não se lembrava de tê-la trocado na noite anterior. Tinha a impressão de que pegara no sono logo depois de amamentar a filha. Franziu o rosto, duvidando de sua memória, e depois recordou que Ellis a despertara por um instante para que se ajeitasse no saco de dormir. Ele devia ter levado a fralda suja para o regato, lavado, torcido, e pendurado num graveto ao lado do fogo para secar. Jane começou a chorar.

Sentia-se uma tola, mas não podia parar, e continuou a aprontar Chantal com as lágrimas escorrendo pelas faces. Ellis entrou quando ela ajeitava a filha na tipóia.

— A droga da égua também não queria acordar. — Ele reparou no rosto de Jane e perguntou: — O que foi? — Não sei por que deixei você um dia. É o melhor homem que já conheci e nunca deixei de amá-lo. Por favor, perdoe-me.

Ele abraçou-a e a Chantal.

— Basta que nunca mais faça isso.

Eles ficaram assim por algum tempo, até que Jane disse: — Estou pronta.

— Pois então vamos embora.

Sairam e começaram a subir a encosta, pela vegetação cada vez mais escassa. Halam levava a lanterna, mas a lua ainda estava no céu e podiam ver o caminho claramente.

O ar estava tão frio que doía o respirar. Jane preocupava-se com Chantal. A menina estava mais uma vez dentro do casaco forrado de pele de Jane, e ela esperava que seu corpo aquecesse o ar que a filha respirava. Poderia fazer mal a uma criança pequena respirar um ar tão frio? Jane não tinha a menor ideia.

À frente ficava o Passo Kantiwar, a quatro mil e quinhentos metros, muito mais alto que o desfiladeiro anterior, o Aryu. Jane sabia que sentiria ainda mais frio, estaria mais cansada do que em qualquer outra ocasião anterior de sua vida, e talvez mais amedrontada também; apesar disso tudo, porém, estava animada. Sentia que resolvera alguma coisa no fundo de si mesma. Se eu viver, pensou ela, será em companhia de Ellis. E um dia desses lhe direi que foi porque ele lavou uma fralda suja. Logo saíram das árvores e começaram a percorrer um platô que parecia uma paisagem lunar, com blocos de rocha e crateras, e manchas irregulares de neve. Seguiram uma linha de imensas pedras achatadas, como as pegadas de um gigante. Ainda estavam subindo, embora no momento o terreno fosse menos íngreme. A temperatura foi caindo, as manchas brancas aumentando, até que o solo ficou parecendo um tabuleiro de xadrez.

A energia nervosa manteve Jane em movimento durante a primeira hora, mas depois, à medida que se acostumou à marcha interminável, o cansaço voltou a dominá-la. Queria perguntar Falta muito? e Quando vamos chegar?, como fazia quando era criança, no banco traseiro do carro do pai, durante as longas viagens pela Rodésia.

Em algum ponto da encosta eles cruzaram a linha do gelo. Jane tomou conhecimento do novo perigo quando a água escorregou, resfolegou de medo, quase caiu, e recuperou o equilíbrio. Reparou então que o luar se refletia nos blocos de rocha como se eles fossem vitrificados: pareciam diamantes, frios, duros, faiscantes. As botas de Jane tinham uma aderência maior que os cascos de Maggie, mas mesmo assim, pouco depois, ela também escorregou, e quase caiu. Desse momento em diante experimentou o pavor de cair e esmagar Chantal. Passou a avançar com extremo cuidado, os nervos tão tensos que poderiam romper.

Depois de pouco mais de duas horas chegaram ao outro lado do platô e se descobriram diante de uma trilha íngreme por uma encosta coberta de neve. Ellis seguiu na frente, puxando Maggie. Jane foi atrás, a uma distância segura, com receio de que a água pudesse escorregar para trás. Subiram em ziguezague.

A trilha não era muito bem definida. Presumiam que passava por onde o terreno era mais baixo que as áreas próximas. Jane ansiava por um sinal mais definido de que estavam mesmo no caminho certo: os restos de uma fogueira, a carcaça de uma galinha, até mesmo uma caixa de fósforos vazia, qualquer coisa que indicasse que outros seres humanos já haviam passado por ali. Começou a pensar, de maneira obsessiva, que estavam completamente perdidos, vagueando a esmo pela neve interminável; e assim continuariam por dias e dias, até ficarem sem comida, energia e força de vontade, deitando-se então na neve, todos os três, para congelarem até a morte.

Sentia uma dor insuportável nas costas. com muita relutância, entregou Chantal a Ellis e pegou a rédea da água, transferindo o esforço para outros músculos. Agora a maldita água tropeçava a todo instante. Em determinado momento, escorregou numa rocha coberta de gelo e caiu. Jane teve de puxá-la implacavelmente pela rédea para fazer com que se levantasse.

Quando Maggie finalmente ficou de pé, ela viu uma mancha escura na neve, no lugar onde o corpo estivera: sangue. Examinando a água, Jane encontrou um talho no jarrete esquerdo. O ferimento não parecia grave, e ela obrigou Maggie a continuar a andar.

Agora que estava na frente, ela tinha de decidir para que lado seguia a trilha; o pesadelo de se perder de forma irremediável tornava cada hesitação angustiante.

Havia ocasiões em que o caminho parecia se bifurcar, e ela tinha de decidir se seguiam pela esquerda ou pela direita. Em outros trechos, o terreno era mais ou menos uniforme, e ela seguia o seu instinto, até que um arremedo de trilha reaparecia. Houve uma ocasião em que afundou num monte de neve e teve de ser retirada por Ellis, com a ajuda da água.

A trilha acabou levando-a a uma platibanda que subia pela encosta da montanha. Estavam muito alto: olhar para trás, através do platô lá embaixo, deixava-a tonta. Será que ainda estavam muito longe do desfiladeiro?

A platibanda era íngreme, coberta de gelo, apenas alguns palmos de largura, com um precipício ao lado. Jane avançava com extremo cuidado, mas assim mesmo tropeçou várias vezes e chegou a cair de joelhos, machucando-os. O corpo todo estava tão dolorido que mal notou as novas dores. Maggie escorregava constantemente, até que Jane não mais se deu o

trabalho de virar ao ouvir os cascos deslizarem, limitando-se a puxar a rédea com mais força. Gostaria de reajustar a carga, a fim de que as bolsas pesadas ficassem mais à frente, o que proporcionaria melhor estabilidade a Maggie na subida; mas não havia espaço suficiente na platibanda e ela receava não poder recomeçar se parasse.

A platibanda se estreitava e contornava uma projeção na encosta. Jane passou pelo ponto mais estreito com passos cautelosos. Apesar da cautela, no entanto — ou talvez porque estivesse tão nervosa — acabou escorregando. Por um momento angustiante pensou que cairia pela beira; mas caiu de joelhos e firmou-se com as mãos. Pelo canto do olho podia divisar, dezenas de metros abaixo, as encostas nevadas. Começou a tremer, mas controlou-se com um grande esforço.

Levantou devagar e virou-se. Largara a rédea, que agora pendia sobre o precipício. A égua estava parada, observando-a, as pernas rígidas e trêmulas, obviamente apavorada.

Quando Jane estendeu a mão para pegar a rédea, Maggie deu um passo para trás, em pânico.

— Pare! — gritou Jane. Controlando-se, acrescentou, em tom mais suave: — Não faça isso. Venha comigo. Tudo vai acabar bem.

Ellis gritou do outro lado da projeção: — O que aconteceu? — Fique quieto — respondeu Jane, suavemente. — Maggie está -apavorada. Não chegue perto.

Ela estava terrivelmente consciente de que Ellis carregava Chantal. Continuou a murmurar palavras tranquilizadoras para a égua, enquanto avançava, devagar. Maggie não desviava os olhos dela, a respiração saindo como fumaça pelas narinas trêmulas. Jane estava prestes a pegar a rédea.

Maggie sacudiu a cabeça, recuou, escorregou, perdeu o equilíbrio. Quando Maggie empurrou a cabeça para trás, Jane pegou a rédea. Mas as pernas da égua não aguentaram e ela caiu para a direita. A rédea escapuliu da mão de Jane e, para seu horror indescritível, viu Maggie deslizar lentamente para o precipício e cair, relinchando de terror. Ellis apareceu.

— Pare! — gritou ele.

Jane compreendeu então que estava gritando. Fechou a boca bruscamente. Ellis ajoelhou-se e espiou pela beira, ainda segurando Chantal contra o peito, por baixo do casaco. Jane controlou sua histeria e foi se ajoelhar ao lado.

Esperava avistar o corpo da égua na neve, dezenas de metros abaixo. Mas Maggie caíra numa prateleira apenas dois ou três metros abaixo, estava estendida de lado, as patas no vazio.

— Ainda está viva! — gritou Jane. — Graças a Deus! — E nossos suprimentos estão intactos — comentou Ellis, sem qualquer sentimento.

— Mas como podemos trazer Maggie aqui para cima? Ellis fitou-a, sem dizer nada. Jane compreendeu que não poderiam trazer a égua de volta à trilha.

— Mas não podemos deixá-la aqui para morrer no frio! -lamento muito — murmurou Ellis.

— Oh, Deus, é demais! Ellis abriu o casaco e tirou Chantal. Jane pegou a filha e a acomodou dentro de seu casaco.

— Pegarei primeiro a comida — disse Ellis. Estendeu-se de barriga na beira e esticou os pés. A neve solta espalhou-se sobre a égua. Ellis baixou devagar, os pés procurando por apoio. Quando tocaram num ponto firme, ele tirou os cotovelos da beira e virou-se com extremo

cuidado.

Jane observava-o, paralisada. Entre a garupa da égua e a encosta do penhasco não havia espaço suficiente para que os pés de Ellis ficassem lado a lado: ele tinha de manter um pé atrás do outro, como uma figura de pintura em parede do antigo Egito. Ele dobrou os joelhos, abaixou lentamente para uma posição agachada, e estendeu a mão para a teia de tiras de couro que seguravam a bolsa de lona das rações de emergência. Nesse momento a égua resolveu se levantar.

Dobrou as pernas dianteiras e deu um jeito de metê-las por baixo do corpo; depois, com o contorcer familiar, parecido com uma cobra, de um cavalo levantando, ergueu a frente do corpo e tentou virar as pernas traseiras na prateleira. Quase conseguiu.

Mas as patas traseiras escorregaram, ela perdeu o equilíbrio, e a parte de trás do corpo caiu de lado. Ellis agarrou o saco com a comida. Pouco a pouco, a égua foi deslizando, escoiceando e se debatendo. Jane estava apavorada com a possibilidade de Ellis ser atingido. Inexoravelmente, Maggie foi escorregando pela beira. Ellis puxou o saco, não mais tentando salvar a égua, mas esperando arrebentar as tiras de couro e ficar com a comida. Estava tão determinado que Jane temeu que pudesse deixar Maggie arrastá-lo para o precipício. A égua deslizou mais depressa, aproximando Ellis da beira. No último segundo ele largou o saco com um grito de frustração.

Maggie fez um barulho que parecia um grito e caiu no vazio, rolando repetidas vezes, e levando consigo toda a comida, os suprimentos médicos, o saco de dormir e a fralda de reserva de Chantal. Jane desatou a chorar.

Poucos minutos depois Ellis subiu para a platibanda. Abraçou-a e ficou ajoelhado ao seu lado por algum tempo, enquanto Jane chorava, pela égua, os suprimentos, suas pernas doloridas, seus pés gelados. Depois levantou-se puxando-a gentilmente.

— Não podemos parar.

— Mas como vamos continuar? — indagou Jane. — Não temos nada para comer, não podemos ferver água, não temos sacos de dormir nem remédios...

— Temos um ao outro.

Ela o abraçou, muito tensa, lembrando de como ele estivera perto da beira. Se sobrevivemos, pensou Jane, se conseguirmos escapar aos russos e voltarmos à Europa, juro que nunca mais o deixarei ficar longe de minha vista.

— Você vai na frente — disse Ellis, desvencilhando-se do abraço. — Quero poder vê-la.

Ele empurrou-a delicadamente, e, como um autômato, Jane recomeçou a subir pela encosta. Pouco a pouco, seu desespero voltou. Resolveu que seu objetivo seria simplesmente continuar a andar até cair morta. Depois de algum tempo, Chantal começou a chorar. Jane ignorou-a e ela acabou parando.

Mais tarde — podiam ter sido minutos ou horas, pois ela perdera a noção do tempo — quando Jane virava uma curva, Ellis alcançou-a e deteve-a, pondo a mão em seu braço.

— Olhe — disse ele, apontando para a frente.

A trilha descia para um vasto círculo de colinas, margeado por montanhas de picos brancos. A princípio, Jane não compreendeu por que Ellis dissera Olhe, mas depois percebeu; a trilha estava descendo.

— Este é o ponto mais alto? — perguntou ela, apaticamente.

— É, sim. Estamos no Passo Kantiwar. Já passamos pela parte mais difícil desta etapa. O percurso será em descida durante os dois próximos dias, e a temperatura vai esquentar.

Jane sentou-se numa pedra gelada. Consegui, pensou ela. Consegui.

Enquanto os dois contemplavam as colinas pretas, o céu além dos picos das montanhas passou de cinza a rosado. O dia estava nascendo. Enquanto a luz se insinuava lentamente pelo céu, um pouco de esperança voltou ao coração de Jane. Para baixo, pensou ela. Vai ficar mais quente. Talvez possamos escapar.

Chantal voltou a chorar. Seu suprimento de comida não desaparecera com Maggie. Jane amamentou— a, sentada na pedra gelada, no teto do mundo, enquanto Ellis derretia neve nas mãos para que ela bebesse.

A descida para o Vale Kantiwar era uma encosta relativamente suave, mas muito gelada a princípio. Mas não era tão angustiante, agora que não tinham de se preocupar com a égua. Ellis, que não escorregara uma só vez durante a subida, carregava Chantal.

À frente, o céu da manhã tornou-se vermelho, como se o mundo além das montanhas estivesse em fogo. Os pés de Jane ainda se encontravam entorpecidos pelo frio, mas o nariz descongelara. E de repente ela descobriu que sentia uma tremenda fome. Teriam de continuar andando até encontrarem pessoas. E tudo o que tinham agora para trocar era o TNT nos bolsos de Ellis. Depois disso, teriam de contar com a tradicional hospitalidade afegã.

E também estavam sem qualquer coisa onde se deitar. Teriam de dormir com os casacos e botas. Mas Jane tinha a sensação de que poderiam resolver todos os problemas.

Até mesmo encontrar a trilha era fácil agora, pois as paredes do vale, nos dois lados, proporcionavam uma orientação permanente e limitavam a distância pela qual poderiam se desviar. Não demorou muito para que encontrassem um pequeno regato correndo ao lado do caminho: estavam de novo abaixo da linha do gelo. O terreno era bastante suave, e se ainda tivessem a égua, poderiam até montá-la.

Depois de mais duas horas, pararam para descansar à entrada de uma garganta. Jane tirou Chantal de Ellis. À frente, a descida tornava-se irregular e íngreme, mas as pedras não eram escorregadias, porque estavam abaixo da linha do gelo. A garganta era bastante estreita e podia muito bem estar bloqueada.

— Espero que não haja desmoronamentos lá embaixo — comentou Jane.

Ellis olhava para o outro lado, vale acima. Teve um súbito sobressalto e exclamou: — Santo Deus! — O que houve? Jane virou-se e acompanhou seu olhar, sentindo um aperto no coração. Lá atrás, cerca de um quilômetro e meio acima, havia meia dúzia de homens de uniforme e um cavalo: o grupo de busca. Depois de tudo isso, pensou Jane, depois de tudo o que passamos, eles acabaram nos alcançando. Sentiu-se desesperada demais até para chorar. Ellis segurou-a pelo braço e disse: — Vamos embora, depressa! Ele começou a descer pela garganta, puxando-a. Jane balbuciou, cansada: — De que adianta? Eles vão nos alcançar, com toda certeza.

— Ainda nos resta uma chance.

Enquanto andavam, Ellis observava atentamente as íngremes encostas rochosas da garganta.

— Qual? — Um desmoronamento.

— Eles encontrarão uma passagem ou darão a volta.

— Não se fiquem todos soterrados.

Ele parou num ponto em que o fundo da garganta tinha apenas alguns palmos de largura e uma parede muito íngreme e alta, murmurando: — Aqui está perfeito.

Tirou dos bolsos um bloco de TNT, um rolo de fio escrito Primacord, um pequeno objeto de metal mais ou menos do tamanho de uma tampa de caneta-tinteiro e algo que parecia uma seringa de metal, só que a ponta tinha uma argola de puxar, em vez de um embolo. Pôs tudo no chão.

Jane observava-o aturdida. Não se atrevia a acalentar qualquer esperança.

Ele fixou o pequeno objeto de metal numa extremidade do Primacord, prendendo-o com os dentes; depois, fixou o objeto de metal na extremidade afilada da seringa. Entregou toda a montagem a Jane.

— Vou explicar o que você tem de fazer — disse ele. — Desça pela garganta, esticando o fio. Tente escondê-lo. Não tem importância se estendê-lo pelo regato... essa coisa queima até debaixo d'água. Quando chegar à extremidade do fio, puxe as travas de segurança, assim. — Ellis mostrou como puxar os pinos que penetravam pela seringa. — E depois fique olhando para mim. Espere até que eu acene com os braços por cima da cabeça, assim.

Ele mostrou como era e arrematou: — E depois puxe a argola. Se tudo der certo, podemos matar todos os russos. E agora vá! Jane seguiu as ordens como um robô, sem pensar. Desceu pela garganta, estendendo o fio. A princípio escondeu-o por trás de arbustos baixos, depois estendeu-o pelo leito do regato. Chantal dormia na tipóia, balançando gentilmente enquanto Jane andava.

Depois de um minuto ela olhou para trás. Ellis estava ajeitando o TNT numa fenda na rocha. Jane sempre acreditara que os explosivos podiam explodir espontaneamente se manipulados com brusquidão: era evidente que se tratava de um equívoco.

Ela continuou a andar, até que o fio em sua mão estava esticado. Tornou a virar-se. Ellis estava agora escalando a parede da garganta, à procura da melhor posição para observar os russos se aproximarem da armadilha.

Ela sentou-se ao lado do regato. O corpinho de Chantal repousava em seu colo. A tipóia estava frouxa, aliviando a pressão do peso das costas de Jane. As palavras de Ellis martelavam-lhe com insistência na mente: Se tudo der certo, podemos matar todos os russos. Mas daria mesmo? Todos morreriam?

E o que fariam depois os outros russos? A cabeça de Jane começou a desanuviar e ela refletiu sobre a provável sequência de acontecimentos. Dentro de uma ou duas horas alguém notaria que o grupo não fazia contato há algum tempo e tentaria chamá-lo pelo rádio. Descobrimos ser impossível, presumiriam que o grupo se encontrava numa garganta profunda ou que seu rádio estava com defeito. Depois de mais duas horas sem contato, mandariam um helicóptero procurar pelo grupo, presumindo que o oficial no comando teria o bom senso de acender uma fogueira ou fazer qualquer outra coisa que tornasse a sua posição visível do ar. Depois que isso falhasse, os homens no quartel-general começariam a se preocupar. Em algum momento enviariam outro grupo de busca para procurar o que desaparecera. O novo grupo teria de percorrer o mesmo terreno. Não poderiam concluir a viagem naquele dia, e seria impossível procurar direito à noite. Quando encontrassem os corpos, Ellis e Jane já teriam pelo menos um dia e meio de vantagem, talvez mais. Poderia ser suficiente, pensou Jane: a esta altura, ela e Ellis já tinham passado por tantas bifurcações, vales laterais e rotas alternativas que encontrar a pista

poderia ser impossível. Mas tenho minhas dúvidas, pensou ela, cansada. Talvez este seja o fim. Gostaria que os soldados se apressassem. Não posso mais aguentar a expectativa. Estou com tanto medo! Ela podia ver Ellis claramente, engatinhando pelo topo do penhasco. Podia ver também o grupo de busca, que descia pelo vale. Mesmo à distância, eles pareciam sujos, e os ombros vergados e os pés arrastando mostravam que estavam cansados e desanimados. Ainda não a tinham avistado, pois ela se confundia com a paisagem.

Ellis agachou-se por trás de um afloramento na rocha e observou pelo lado os soldados que se aproximavam. Ele era visível para Jane, mas os russos não podiam vê-lo.

E ele tinha uma visão livre do lugar em que pusera os explosivos.

Os soldados chegaram à entrada da garganta e começaram a descer. Um deles, de bigode, montava o cavalo: devia ser o oficial. Outro usava um gorro chitrali. Aquele é Halam, o traidor, pensou Jane. Depois do que Jean-Pierre fizera, a traição lhe parecia um crime imperdoável. Havia outros cinco homens, todos com os cabelos curtos, quepes militares, rostos jovens e raspados. Dois homens e cinco garotos, pensou Jane.

Ela olhou para Ellis. Ele daria o sinal a qualquer momento agora. Jane sentiu o pescoço começar a doer da tensão de observá-lo.

Os soldados ainda não a tinham avistado: concentravam-se em encontrar o caminho pelo terreno rochoso. Ellis finalmente virou-se para ela e sacudiu os braços por cima da cabeça, num movimento lento, determinado.

Jane tornou a olhar para os soldados. Um deles estendeu a mão e pegou a rédea do cavalo, a fim de ajudá-lo a transpor o terreno irregular, Jane segurava o artefato com a mão esquerda, o indicador da mão direita enganchado na argola. Um puxão acenderia o estopim e detonaria o TNT, fazendo o penhasco desabar sobre os seus perseguidores.

Cinco garotos, pensou ela. Ingressaram no exército porque são pobres ou tolos, talvez as duas coisas, ou então porque foram recrutados. Serviam num país frio e inóspito, onde o povo os odiava. Marchavam por um terreno montanhoso e gelado. E seriam enterrados sob um desmoronamento, as cabeças esmagadas, os pulmões sufocados pela terra, as costas quebradas, sangrando até a morte, cru agonia e terror. Cinco cartas a serem escritas a pais orgulhosos e mães preocupadas: o pesar de informar, morreu em ação, a luta histórica contra as forças da reação, ato de heroísmo, condecoração póstuma, as mais profundas condolências. As mais profundas condolências. O desdém da mãe por essas palavras sonoras, enquanto recordava como dera à luz em dor e medo, alimentara o filho nos momentos difíceis e fáceis, ensinara-o a andar, a lavar as mãos e a escrever o nome, mandara-o para a escola; como o observara crescer e crescer, até ficar quase tão alto quanto ela, depois ainda mais alto, até ficar preparado para ganhar o próprio sustento e casar com uma moça saudável, iniciar sua família, dar-lhe netos. O desespero da mãe ao compreender que tudo isso, as coisas que fizera, o sofrimento, trabalho e preocupação, tudo fora por nada: aquele milagre, seu filho homem, fora destruído por homens arrogantes, numa guerra estúpida e inútil. O senso de perda. O senso de perda.

Jane ouviu Ellis gritar. Levantou os olhos. Ele estava de pé, sem se importar agora que o vissem, acenando vigorosamente com os braços e berrando: — Agora! Agora! com todo cuidado, ela largou o artefato de disparo no chão, ao lado do regato.

Os soldados avistaram os dois. Dois homens começaram a subir pela encosta da garganta, a caminho do lugar onde Ellis estava. Os outros cercaram Jane, apontando os rifles para ela e a

criança, parecendo aturdidos e embaraçados. Ela os ignorou e ficou olhando para Ellis.

Ele desceu pelo lado da garganta. Os homens que subiam em seu encaço pararam e esperaram para ver o que ele faria. Ellis chegou ao fundo e avançou devagar na direção de Jane, parando à sua frente.

— Por quê? — disse ele. — Por que não o fez? Porque eles são tão jovens, pensou Jane; porque são jovens e inocentes, não querem me matar. Porque seria assassinato. Mas, acima de tudo...

— Porque eles têm mães — murmurou ela.

Jean-Pierre abriu os olhos. O vulto corpulento de Anatoly estava agachado ao lado da cama de campanha. Por trás de Anatoly, os raios de sol entravam pela abertura da barraca. Jean-Pierre experimentou um momento de pânico, sem saber por que dormira até tão tarde ou o que perdera; e depois, num relance, recordou os acontecimentos da noite.

Ele e Anatoly estavam acampados no acesso ao Passo Kantiwar. Havia sido despertados por volta das duas e meia da madrugada pelo capitão que comandava o grupo de busca, que por sua vez fora despertado pelo soldado de sentinela. Um jovem afegão chamado Halam aparecera no acampamento, explicara o capitão. Usando uma mistura de inglês, francês e russo, Halam informara que era o guia dos americanos fugitivos, mas os abandonara por ter sido insultado. Ao ser perguntado onde estavam os "americanos", ele se oferecera para levar os russos à cabana de pedra onde os dois fugitivos dormiam naquele momento, sem suspeitarem de nada.

Jean-Pierre quisera entrar imediatamente no helicóptero e seguir para o local. Anatoly se mostrara mais controlado.

— Temos um ditado na Mongólia: não fique de pau duro até que a puta abra as pernas. Halam pode estar mentindo. E se diz a verdade, ainda assim pode não encontrar a cabana de pedra, especialmente à noite, e do ar. E mesmo que ele encontre, é possível que Ellis e Jane já tenham partido.

— O que acha então que devemos fazer? — Vamos enviar uma expedição... um capitão, cinco soldados e um cavalo, acompanhados por esse Halam. Podem partir agora. E nós descansaremos até eles encontrarem os fugitivos.

A cautela de Anatoly se justificara. O grupo informara pelo rádio, às três e meia da madrugada, que a cabana estava vazia. Mas a fogueira ainda estava acesa, o que significava que Halam provavelmente estava dizendo a verdade.

Anatoly e Jean-Pierre concluíram que Ellis e Jane haviam acordado durante a noite, descoberto que o guia desaparecera e resolvido fugir. Anatoly ordenara que o grupo avançado fosse atrás deles, confiando em Halam para indicar o percurso mais provável.

A esta altura Jean-Pierre fora deitar e mergulhara num sono pesado, sendo esse o motivo pelo qual não acordara ao amanhecer. Agora, ele fitou com olhos remelentos o vulto de Anatoly e perguntou: — Que horas são? — Oito. E já os capturamos.

O coração de Jean-Pierre disparou... e no instante seguinte ele lembrou que já se sentira assim antes e acabara decepcionado.

— Tem certeza? — Podemos ir verificar assim que você vestir as calças.

Tudo aconteceu muito depressa. Um helicóptero de reabastecimento chegou no momento em que eles estavam prontos para partir e Anatoly achou que era mais sensato esperar alguns

minutos, enquanto os tanques eram enchidos. Jean-Pierre foi obrigado a conter sua intensa impaciência por mais algum tempo.

Partiram poucos minutos depois. Jean-Pierre contemplava a paisagem pela porta aberta. Enquanto subiam pelas montanhas, ele compreendeu que era o território mais desolado e inóspito que já conhecera no Afeganistão. Jane teria mesmo atravessado aquela paisagem lunar, coberta de gelo, brutal, com uma criança nos braços? Ela deve me odiar muito, pensou Jean-Pierre, para enfrentar tudo isso a fim de escapar de mim. Descobrirá agora que foi tudo em vão. Ela é minha para sempre.

Mas Jane teria sido mesmo capturada? Ficou apavorado com a possibilidade de outro desapontamento. Quando pousasse, descobriria que os russos haviam capturado outro casal de hippies, dois montanhistas fanáticos ou mesmo um par de nômades que pareciam vagamente europeus? Anatoly apontou para o Passo Kantiwar ao sobrevoarem-no e gritou no ouvido de Jean-Pierre, por cima do barulho dos motores e do vento: — Parece que eles perderam o cavalo.

Jean-Pierre avistou os contornos de um cavalo morto na neve abaixo da passagem. Perguntou-se se seria Maggie. Até que esperava que fosse aquela égua teimosa.

Desceram para o Vale Kantiwar, esquadrinhando o terreno à procura do grupo avançado. Acabaram avistando fumaça: alguém acendera uma fogueira para orientá-los. Desceram num trecho plano, perto da entrada de uma garganta. Jean-Pierre observou atentamente enquanto baixavam: avistou três ou quatro homens em uniformes russos, mas não viu Jane.

O helicóptero pousou. O coração de Jean-Pierre ameaçava sair pela boca. Ele pulou para o solo, sentindo-se nauseado de tanta tensão. Anatoly pulou ao seu lado. O capitão levou-os para longe dos helicópteros, garganta abaixo. E lá estavam eles.

Jean-Pierre sentiu-se como alguém que foi torturado e agora tem o torturador sob o seu poder. Jane estava sentada no chão, ao lado de um regato, com Chantal no colo.

Ellis estava de pé atrás dela. Os dois pareciam exaustos, derrotados, desmoralizados. Jean-Pierre parou e ordenou a Jane: — Venha até aqui.

Ela levantou-se e adiantou-se. Jean-Pierre reparou que ela carregava Chantal numa espécie de tipóia pendurada do pescoço, o que lhe deixava as mãos livres. Ellis fez menção de segui-la, e Jean-Pierre disse: — Você não.

Ellis parou. Jane postou-se diante de Jean-Pierre e fitou-o. Ele levantou a mão direita e esbofeteou-a com toda força. Foi o golpe mais gratificante que já aplicara em toda a sua vida. Jane cambaleou para trás e Jean-Pierre pensou que ela cairia; mas ela conseguiu manter o equilíbrio e fitou-o fixamente, com uma expressão de desafio, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Por cima do ombro de Jane, Jean-Pierre viu Ellis dar um passo súbito para a frente e depois se conter. Jean-Pierre ficou um pouco desapontado: se Ellis tentasse fazer alguma coisa, os soldados o cercariam e espancariam. Não importa: ele receberá a surra que merece muito em breve.

Jean-Pierre levantou a mão para esbofetear Jane outra vez. Ela se encolheu e cobriu Chantal com os braços, num gesto protetor. Jean-Pierre mudou de ideia.

— Haverá bastante tempo para isso depois — disse ele, baixando a mão. — Bastante tempo.

Ele virou-se e voltou ao helicóptero. Jane olhou para Chantal. A menina parecia fitá-la também, desperta, mas não com fome. Jane abraçou-a, como se fosse a filha que precisasse de conforto. De certa forma, sentia-se contente por Jean-Pierre tê-la agredido, embora o rosto ainda

ardesse com a dor e a humilhação. O golpe fora como a sentença inapelável num divórcio: significava que o casamento estava encerrado, finalmente, oficialmente, definitivamente, e ela não tinha mais qualquer responsabilidade.

Se ele chorasse, pedisse perdão ou suplicasse que ela não o odiasse pelo que fizera, Jane teria se sentido culpada. Mas a bofetada acabara com tudo isso. Não lhe restava mais nenhum sentimento por Jean-Pierre, nenhum amor, respeito ou mesmo compaixão. Era irônico, pensou ela, que se sentisse completamente livre de Jean-Pierre no instante mesmo em que ele a capturava.

Até aquele momento, um capitão estivera no comando, o que montava no cavalo. Mas agora quem assumiu o controle foi Anatoly, o contato de aparência oriental de Jean-Pierre.

Enquanto ele dava ordens, Jane descobriu que entendia suas palavras. Há mais de um ano que não ouvia alguém falar em russo, e a princípio soou como uma algaravia ininteligível, mas passou a compreender cada palavra depois que os ouvidos entraram em sintonia. No momento ele dizia a um soldado que prendesse as mãos de Ellis.

O soldado, aparentemente preparado para isso, tirou do bolso um par de algemas. Ellis estendeu as mãos à frente, cooperativo, e o soldado algemou-o.

Ellis parecia intimidado e abatido. Vendo-o algemado, derrotado, Jane experimentou um ímpeto de compaixão e desespero, e lágrimas afloraram a seus olhos.

O soldado indagou se deveria também algemar Jane.

— Não — respondeu Anatoly. — Ela está com a criança. Os dois foram conduzidos ao helicóptero. Ellis murmurou: — Sinto muito. Por Jean-Pierre. Eu não podia alcançá-lo... Jane sacudiu a cabeça para indicar que não havia necessidade de desculpa, mas não foi capaz de falar.

A submissão total de Ellis deixava-a furiosa, não com ele, mas com todos os outros, por levarem-no àquela situação: Jean-Pierre, Anatoly, Halam e todos os russos.

Quase desejou ter detonado o explosivo.

Ellis embarcou no helicóptero, depois estendeu a mão para ajudá-la a subir. Jane segurou Chantal com o braço esquerdo, a fim de manter a tipóia firme, e deu-lhe a mão direita. Ele puxou-a. No momento em que ela estava mais perto, Ellis murmurou; — Assim que decolarmos, dê um tapa em Jean-Pierre. Jane ficou chocada demais para reagir, o que provavelmente foi uma sorte. Ninguém mais parecia ter ouvido Ellis e de qualquer forma nenhum dos outros entendia muito o inglês. Ela concentrou-se em tentar parecer normal.

A cabine de passageiros era pequena e despojada, com um teto baixo que obrigava os homens a se inclinarem. Não havia mais nada além de um banco preso na fuselagem, em frente à porta. Jane sentou-se, agradecida. Podia ver a carlinga. O assento do piloto ficava a cerca de um metro do chão, com um degrau ao lado para o acesso.

O piloto ainda estava ali — a tripulação não desembarcara — os rotores girando. O barulho era muito alto.

Ellis agachou-se no chão, ao lado de Jane, entre o banco e o assento do piloto.

Anatoly embarcou, acompanhado por um soldado. Falou com o soldado, apontando para Ellis. Jane não pôde ouvir, mas era evidente, pela reação do soldado, que fora uma ordem para vigiar Ellis: o soldado tirou o rifle do ombro e empunhou-o com as duas mãos. Jean-Pierre embarcou por último. Ficou de pé junto à porta aberta, olhando para fora, enquanto o helicóptero

alçava voo. Jane entrou em pânico. Ellis podia lhe dizer para esbofetear Jean-Pierre no momento em que decolassem, mas como se poderia fazer? Jean-Pierre estava agora virado para o outro lado, junto à porta aberta; se ela tentasse agredi-lo, talvez perdesse o equilíbrio e caísse do helicóptero. Ela olhou para Ellis, esperando por uma orientação. Havia uma expressão tensa no rosto dele, mas ele não a fitou.

O helicóptero subiu por dois ou três metros, e parou por um momento, depois fez uma volta, adquirindo velocidade e recomeçando a subir.

Jean-Pierre virou-se, avançou pela cabine, verificou que não tinha onde se sentar. Hesitou por um instante. Jane sabia que devia se levantar e esbofeteá-lo — embora não tivesse a menor ideia do motivo para isso — mas estava paralisada no banco, imobilizada pelo pânico. Foi nesse instante que Jean-Pierre sacudiu o polegar em sua direção, indicando que ela deveria se levantar. E Jane explodiu.

Estava exausta e angustiada, dolorida, faminta, desesperada, e Jean-Pierre queria que se levantasse, ficasse de pé com a filha nos braços, a fim de que ele pudesse se sentar. O aceno desdenhoso com o polegar parecia resumir toda a sua crueldade, maldade e traição, deixando-a enfurecida. Ela se levantou, com Chantal balançando de seu pescoço, e avançou para Jean-Pierre, gritando: — Filho da puta! Filho da puta! Suas palavras se perderam no barulho dos motores e do vento, mas a expressão provavelmente chocou Jean-Pierre, porque ele deu um passo para trás, surpreso.

— Odeio você! — berrou Jane.

E ela correu para Jean-Pierre, as mãos estendidas, empurrando-o pela porta aberta.

Os russos haviam cometido um erro. Bem pequeno, mas era tudo de que Ellis dispunha, e ele estava disposto a tirar o máximo de proveito. O erro fora algemar suas mãos na frente, e não nas costas.

Ele torcera para que não o manietassem e fora por isso que não fizera coisa alguma, com um esforço sobre-humano, quando Jean-Pierre agredira Jane. Houvera uma possibilidade de que não o algemassem: afinal, estava desarmado e em inferioridade numérica. Mas Anatoly, ao que tudo indicava, era um homem cauteloso.

Mas, felizmente, não fora Anatoly quem lhe pusera as algemas, e sim um soldado. Os soldados sabiam que era mais fácil lidar com um prisioneiro que estivesse com as mãos manietadas na frente. Assim, havia menos possibilidade de que ele caísse e poderia entrar e sair de caminhões e helicópteros sem precisar de ajuda. Quando Ellis estendera as mãos à frente, submisso, o soldado não hesitara.

Sem ajuda, Ellis não poderia dominar três homens, especialmente quando pelo menos um deles estava armado. Suas chances numa luta direta eram inexistentes. Sua única esperança era derrubar o helicóptero.

Houve um instante em que o tempo pareceu parar, com Jane de pé junto à porta aberta, imóvel, a filha balançando de seu pescoço, olhando com uma expressão horrorizada, enquanto Jean-Pierre caía pelo espaço. Ellis pensou: Estamos a apenas quatro ou cinco metros de altura, o filho da puta deve sobreviver, o que é uma pena. E no instante seguinte Anatoly levantou-se de um pulo e agarrou os braços de Jane por trás, imobilizando-a. Agora, Anatoly e Jane estavam entre Ellis e o soldado, no outro lado da cabine.

Ellis virou-se, levantou-se para o degrau ao lado do assento do piloto, passou os braços

algemados pela cabeça do homem e puxou a corrente para a carne da garganta, com toda força.

O piloto não entrou em pânico.

Mantendo os pés nos pedais e a mão esquerda na alavanca de comando, ele levantou a mão direita e agarrou os pulsos de Ellis.

Ellis experimentou um momento de pavor. Era a sua última chance e só dispunha de um ou dois segundos. O soldado na cabine teria receio a princípio de usar o rifle, com medo de acertar o piloto; e Anatoly, se estivesse armado, partilharia o temor; mas dentro de um momento um dos dois compreenderia que nada tinham a perder, já que se não atirassem em Ellis o aparelho cairia de qualquer maneira, e então assumiriam o risco.

Os ombros de Ellis foram agarrados por trás. Um vislumbre de uma manga cinza-escura revelou-lhe que era Anatoly. Na frente do helicóptero o artilheiro virou-se, viu o que estava acontecendo e começou a se levantar.

Ellis sacudiu freneticamente a corrente. A dor foi demais para o piloto, que ergueu também a outra mão e levantou-se do assento.

Assim que as mãos e os pés do piloto deixaram os controles, o helicóptero começou a balançar ao vento. Ellis estava preparado para isso e manteve o equilíbrio, encostando-se no assento do piloto; mas Anatoly, às suas costas, perdeu o equilíbrio e largou-o.

Ellis arrancou o piloto do assento e jogou-o no chão, depois se inclinou e empurrou para baixo a alavanca de comando.

O helicóptero caiu como uma pedra.

Ellis virou-se, preparando-se para o impacto.

O piloto estava no chão da cabine, a seus pés, as mãos na garganta. Anatoly caíra no meio da cabine. Jane estava agachada num canto, os braços envolvendo Chantal, num gesto protetor. O soldado também caíra, mas recuperara o equilíbrio e estava agora apoiado num joelho, levantando a arma na direção de Ellis.

E no instante em que ele puxava o gatilho as rodas do helicóptero bateram no chão.

O impacto fez Ellis cair de joelhos, mas ele estava preparado e não se desequilibrou. O soldado cambaleou para o lado, os tiros passando pela fuselagem, a um metro da cabeça de Ellis, e depois tombou para a frente, largando a arma e estendendo as mãos para amortecer a queda.

Ellis inclinou-se, pegou o Kalashnikov, segurando-o meio desajeitado com as mãos algemadas. Foi um momento de pura alegria.

Estava reagindo. Fugira, fora capturado e humilhado, sofrerá frio, fome e medo, ficara impotente enquanto Jane era esbofetead; mas agora, finalmente, tinha uma oportunidade de fincar pé e lutar.

Pôs o dedo no gatilho. As mãos estavam algemadas muito perto para que segurasse o Kalashnikov na posição normal, mas conseguiu sustentar o cano de forma anticonvencional, usando a mão esquerda para pegar o pente curvo que se projetava logo à frente da guarda do gatilho.

O motor do helicóptero deu um estalo e os rotores começaram a girar mais devagar. Ellis olhou para a frente do aparelho e viu o artilheiro saindo pela porta lateral do piloto. Precisava controlar a situação o mais depressa possível, antes que os russos lá fora entrassem em ação.

Ele aproximou-se de Anatoly, que estava estendido no chão, perto da porta; encostou o cano do rifle em seu peito. O soldado fitava-o com expressão apavorada.

— Saia — ordenou Ellis, com um aceno de cabeça.

O soldado compreendeu e pulou pela porta. O piloto ainda estava caído, dando a impressão de que tinha dificuldade para respirar. Ellis chutou-o para atrair sua atenção e ordenou que saísse também. O homem fez um grande esforço para ficar de pé, ainda segurando a garganta, e saiu pelo mesmo caminho. Ellis acrescentou para Jane: — Diga a esse sujeito para sair do helicóptero e parar bem perto, de costas para mim. E depressa! Jane gritou uma porção de palavras em russo para Anatoly. O homem levantou-se, lançou um olhar de intenso ódio para Ellis e depois saiu do helicóptero, devagar.

Ellis encostou o cano do rifle na nuca de Anatoly e disse a Jane: — Mande ele ordenar aos outros para ficarem quietos. Jane tornou a falar e Anatoly gritou uma ordem. Ellis olhou ao redor. O piloto, o artilheiro e o soldado que estivera no helicóptero se mantinham nas proximidades. Um pouco além estava Jean-Pierre, sentado no chão, segurando o tornozelo: ele deve ter caído bem, pensou Ellis, não sofreu qualquer ferimento grave. Mais além estavam três soldados, o capitão, o cavalo e Halam. Ellis disse a Jane: — Mande Anatoly desabotoar o casaco, tirar a pistola bem devagar e entregá-la a você.

Jane traduziu. Ellis comprimiu o cano do rifle com mais força na nuca de Anatoly, enquanto o russo tirava a arma do coldre e a estendia para trás.

Jane pegou-a. Ellis perguntou: — É uma Makarov? Ótimo. Tem uma trava de segurança no lado esquerdo. Empurre até cobrir o ponto vermelho. Para disparar, puxe para trás o cursor e depois aperte o gatilho. Entendido?

— Entendido.

Jane estava pálida e trêmula, mas a boca se contraía numa expressão de determinação. Ellis acrescentou: — Diga a ele para mandar os soldados trazerem suas armas até aqui, um a um, e jogá-las no helicóptero.

Jane traduziu e Anatoly deu a ordem.

— Aponte a pistola para cada um no momento em que se aproximar — disse Ellis para Jane. Um a um, os soldados se adiantaram e se desfizeram de suas armas.

— Cinco garotos — murmurou Jane.

— Como? — Havia o capitão, Halam e cinco garotos. Só estou vendo quatro agora.

— Diga a Anatoly que tem de descobrir o outro, se quer viver.

Jane gritou para Anatoly, e Ellis ficou surpreso com a veemência de sua voz. Anatoly parecia apavorado ao dar a ordem. Um momento depois o quinto soldado contornou a traseira do helicóptero e entregou o seu rifle, como os outros.

— Muito bom — murmurou Ellis a Jane. — Ele poderia estragar tudo. E agora faça todos deitarem. No minuto seguinte todos estavam deitados no chão, os rostos virados para baixo.

— Você tem de arrebentar as algemas com um tiro — disse Ellis a Jane.

Ele baixou o rifle e estendeu os braços para a porta. Jane puxou o cursor da pistola e encostou o cano na corrente. Postaram-se de tal maneira a que a bala passasse pela porta aberta.

— Só espero que meus pulsos não fiquem quebrados — murmurou Ellis. Jane fechou os olhos e puxou o gatilho. Ellis berrou: — Puta merda! Os pulsos doíam demais no começo. Logo ele percebeu que não estavam quebrados — mas a corrente estava. Ele pegou o rifle e declarou: — Quero agora o rádio deles.

Por ordem de Anatoly, o capitão começou a desamarrar uma caixa grande do lombo do

cavalo. Ellis perguntou-se se o helicóptero tornaria a voar. O trem de pouso estava avariado e podia haver muitos outros danos por baixo; mas o motor e os principais cabos de controle ficavam em cima. Lembrou que na batalha de Darg fizera um Hind como aquele despencar por oito ou nove metros e depois tornar a decolar.

Se o outro voara, aquele também tinha de voar, pensou Ellis. Caso contrário... Ele não sabia o que poderia fazer em caso contrário.

O capitão trouxe o rádio, colocou-o no helicóptero e afastou-se em seguida.

Ellis permitiu-se um momento de alívio. com o rádio em seu poder, os russos não poderiam fazer contato com a base. Isso significava que não receberiam reforços nem poderiam alertar ninguém para o que acontecera. Se conseguisse levantar voo com o helicóptero, estaria a salvo da perseguição.

— Mantenha sua pistola apontada para Anatoly — disse ele rapidamente a Jane. — Vou descobrir se posso levar esta coisa para o ar.

Jane descobriu que a arma era surpreendentemente pesada. Apontando para Anatoly, manteve o braço estendido por algum tempo, mas logo teve de baixá-lo para descansar.

Ela afagou as costas de Chantal com a mão esquerda. Chantal chorara de forma intermitente durante os últimos minutos, mas agora parara.

O motor do helicóptero virou, engasgou, hesitou. Oh, por favor, pegue logo, rezou Jane. Por favor! O motor pegou, as pás começaram a girar.

Jean-Pierre levantou os olhos.

Não se atreva, pensou Jane. Não se mexa! Jean-Pierre empertigou-se no chão, fitou-a e levantou-se com evidente dificuldade. Jane apontou a pistola para ele.

Jean-Pierre começou a avançar.

— Não me obrigue a atirar em você! — gritou ela.

Mas a voz foi abafada pelo crescente rugido do helicóptero. Anatoly devia ter visto Jean-Pierre, pois rolou no chão e sentou. Jane apontou-lhe a pistola. Ele levantou as mãos, em rendição. Jane virou a arma para Jean-Pierre, que continuava a se adiantar. Ela sentiu o helicóptero estremecer e tentar alçar voo.

Jean-Pierre estava perto agora. Jane podia ver seu rosto claramente. As mãos estavam estendidas, num gesto de apelo, mas havia um brilho de loucura nos olhos. Ele perdeu o juízo, pensou Jane; mas talvez já tivesse acontecido há muito tempo.

— Juro que atiro! — gritou Jane, mesmo sabendo que ele não podia ouvi-la. — Juro que atiro!

O helicóptero elevou-se do solo. Jean-Pierre desatou a correr.

Enquanto o aparelho subia, Jean-Pierre pulou e caiu no convés. Jane torceu para que ele tornasse a cair, mas Jean-Pierre conseguiu se firmar. Fitou-a com ódio nos olhos, contraiu-se para atacá-la.

Jane fechou os olhos e puxou o gatilho.

A arma explodiu e se sacudiu em sua mão.

Ela tornou a abrir os olhos. Jean-Pierre ainda estava ali, com uma expressão de espanto. Uma mancha escura espalhava-se pelo peito do casaco. Em pânico, Jane puxou o gatilho outra vez e mais outra e mais outra. Errou os dois primeiros tiros, mas o terceiro aparentemente atingiu-o no ombro. Jean-Pierre virou e depois caiu pela porta aberta. E sumiu.

Eu o matei, pensou Jane.

A princípio, sentiu uma exultação incontrolável. Ele tentara capturá-la, queria transformá-la em escrava. Caçara-a como a um animal. Além de traí-la, também a agredira.

E agora ela o matara.

E, depois, foi dominada pelo desespero. Sentou-se no chão, soluçando. Chantal também se pôs a chorar e Jane embalou-a, enquanto choravam juntas.

Ela não soube por quanto tempo ficou assim. Acabou se levantando e se adiantou para ficar ao lado do assento do piloto.

— Você está bem? — gritou Ellis.

Ela acenou com a cabeça e tentou exibir um sorriso. Ellis também sorriu, apontou para um medidor e gritou: — Olhe só! Os tanques estão cheios!

Jane beijou-o no rosto. Um dia lhe contaria que atirara em Jean-Pierre, mas não agora.

— Falta muito para a fronteira?

— Menos de uma hora. E eles não podem enviar ninguém em nosso encalço porque trouxemos o rádio. Jane olhou pelo pára-brisa. Podia ver à frente as montanhas de picos nevados que deveria escalar. Acho que eu não conseguiria, disse para si mesma. Acho que teria me deitado na neve e morrido. Ellis tinha uma expressão ansiosa.

— Em que está pensando? — perguntou ela.

— Em como eu gostaria de comer um sanduíche de rosbife, alface, salada e maionese, com um pão de trigo integral.

Jane sorriu. Chantal remexeu-se e gritou. Ellis tirou uma das mãos dos controles e acariciou sua face rosada, murmurando: — Ela está com fome.

— Vou cuidar dela lá atrás.

Jane voltou à cabine de passageiros e sentou-se no banco. Desabotoou o casaco e a blusa, e amamentou a filha enquanto o helicóptero voava para o sol nascente.

*** **Parte Três** ***

Capítulo 20

Jane sentia-se satisfeita ao descer pelo caminho da casa numa comunidade suburbana e sentar no banco de passageiro do carro de Ellis. Fora uma tarde perfeita. As pizzas estavam ótimas, e Petal adorara Flashdance. Ellis se mostrara muito tenso ao apresentar a filha à namorada, mas Petal ficara encantada com Chantal, que estava com seis meses, e tudo fora fácil. Ellis sentia-se tão bem que sugerira, quando foram levar Petal em casa, que Jane entrasse para conhecer Gill. E Gill os convidara a entrar e brincara com Chantal. Assim, Jane conhecera sua ex-esposa, assim como a filha, numa só tarde.

— Ellis — Jane não se acostumara ao fato de que seu verdadeiro nome era John e decidira chamá-lo sempre de Ellis — pôs Chantal no banco de trás e foi sentar-se ao volante, ao lado de Jane.

— O que achou? — perguntou ele, enquanto partiam.

— Você não me disse que ela era linda — comentou Jane.

— Petal é linda?

— Eu estava falando de Gill — explicou Jane, rindo.

— Tem razão, ela é mesmo linda.

— São ótimas pessoas e não merecem estar envolvidas com alguém como você.

Ela estava gracejando, mas Ellis acenou com a cabeça, uma expressão sombria. Jane inclinou-se e pôs a mão em sua coxa.

— Eu não estava falando sério.

— Mas é verdade.

Eles seguiram em silêncio por algum tempo. Já se haviam passado seis meses desde que haviam escapado do Afeganistão. De vez em quando Jane desatava a chorar, sem qualquer motivo aparente, porém não tinha mais pesadelos em que atirava em Jean-Pierre repetidamente. Só ela e Ellis sabiam o que acontecera — Ellis até mentira a seus superiores sobre a maneira como Jean-Pierre morrera — e Jane decidira que contaria a Chantal que o pai morrera na guerra no Afeganistão: só isso.

Em vez de voltar direto para a cidade, Ellis seguiu por uma série de ruas secundárias e acabou estacionando junto a um terreno baldio, à beira d'água.

— O que viemos fazer aqui? — indagou Jane. — Nos beijar?

— Se você quiser. Mas preciso conversar com você.

— Muito bem.

— Foi um dia maravilhoso.

— Foi mesmo.

— Petal esteve mais descontraída comigo hoje do que em qualquer outra ocasião anterior.

— Por quê?

— Tenho uma teoria. Foi por sua causa e de Chantal. Agora que sou parte de uma família, não represento mais uma ameaça para o seu lar e sua estabilidade. Acho que é isso.

— Creio que faz sentido. É sobre isso que você queria falar?

— Não. — Ellis hesitou. — Estou deixando a Agência.

Jane balançou a cabeça.

— Fico contente — declarou ela, com veemência.

Jane esperava por algo assim. Ellis se empenhava em acertar suas contas e dívidas.

— A missão afegã está basicamente concluída — continuou ele. — O programa de treinamento de Masud está em andamento e eles já receberam a primeira remessa. Masud está tão forte que até já negociou uma trégua de inverno com os russos.

— Isso é ótimo. Sou a favor de qualquer coisa que leve a um cessar-fogo.

— Quando eu estava em Washington e você em Londres, ofereceram-me outro cargo. É uma coisa que quero fazer e ainda por cima pagam bem.

— O que é?

— Trabalhar numa nova força-tarefa presidencial contra o crime organizado.

Jane sentiu uma pontada de medo no coração.

— É perigoso?

— Não para mim. Estou muito velho agora para atuar como agente secreto. Meu trabalho será o de orientar os agentes secretos.

Jane percebeu que ele não estava sendo absolutamente sincero.

— Quero que me conte toda a verdade.

— Está bem. É muito menos perigoso do que o trabalho que eu vinha fazendo. Mas não é tão seguro quanto ser professor de jardim de infância.

Ela sorriu. Sabia para onde a conversa estava levando e isso a deixava feliz.

Ellis acrescentou: — E também ficarei baseado aqui em Nova York

Isso a pegou de surpresa.

— É mesmo?

— Por que está tão espantada?

— Porque me candidatei a um emprego na ONU. Aqui em Nova York

— Você não me disse que ia fazer isso! — protestou Ellis, parecendo magoado.

— E você não me falou sobre os seus planos — declarou ela, indignada.

— Estou contando agora.

— E eu estou contando a você agora.

— Mas... você me deixaria?

— Por que temos que viver onde você trabalha? Por que não podemos viver onde eu trabalho?

— Nos meses em que estivemos separados, esqueci completamente como você é teimosa.

— Tem razão.

Houve um instante de silêncio. Depois Ellis murmurou: — Seja como for, nós dois vamos viver em Nova York..

— Poderíamos partilhar as despesas de casa?

— Acho que sim — respondeu ele, hesitante.

Então Jane arrependeu-se de perder a calma. Ellis não era realmente desatencioso, apenas um tolo. Ela quase o perdera no Afeganistão e agora não podia ficar zangada com ele por muito tempo, porque sempre se lembraria de como ficara assustada com a possibilidade de se separarem para sempre e de como se sentira contente por terem permanecido juntos e sobrevivido.

— Está certo — disse ela, a voz mais suave. — Vamos partilhar as despesas de casa.

— Para ser franco... eu estava pensando em tornar a coisa oficial. Se você quiser. Era justamente o que Jane estava esperando, mas ela repetiu, como se não entendesse: —

Oficial?

— Isso mesmo — balbuciou ele, contrafeito. — Pensei que podíamos casar. Se você quiser.

Jane riu de satisfação.

— Aja da maneira certa, Ellis! Peça-me em casamento!

Ele pegou sua mão.

— Jane, minha querida, eu amo você. Quer se casar comigo?

— Quero! Quero! O mais depressa possível! Amanhã! Hoje!

— Obrigado.

Ela se inclinou e beijou-o.

— Também amo você.

Ficaram sentados em silêncio, de mãos dadas, contemplando o pôr-do-sol. Era estranho, pensou Jane, mas o Afeganistão parecia irreal agora, como um pesadelo, nítido, porém não mais assustador. Ela se lembrava muito bem das pessoas — Abdullah o mula, Rabia a parteira, o belo Mohammed, a sensual Zahara e a leal Fara — mas as bombas e os helicópteros, o medo e o sofrimento estavam se desvanecendo de sua memória. Sentia que aquela era a aventura real: casar e criar Chantal, tornar o mundo um lugar melhor para a filha viver.

— Vamos embora? — disse Ellis.

— Vamos. — Jane apertou-lhe a mão mais uma vez e depois soltou-a. — Temos muito que fazer.

Ele ligou o carro e seguiu para a cidade.



© 2014 FIM. All rights reserved. FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

FIM is a registered trademark of FIM.

Bibliografia

Os livros sobre o Afeganistão relacionados a seguir são de autores que visitaram o país depois da invasão soviética em 1979: Chaliand, Gerard: Report from Afghanistan. New York, Penguin, 1982.

Fullerton, John: The Soviet Occupation of Afghanistan. Londres, Methuen, 1984. Gall, Sandy: Behind Russian Lines. Londres, Sidgwick & Jackson, 1983.

Martin, Mike: Afghanistan: Inside a Rebel Stronghold. Poole, Blandford Press, 1984. Ryan, Nigel: A Hitch or Two in Afghanistan. Londres, Weidenfeld & Nicolson, 1983. Van Dyk, Jere: In Afghanistan. New York, Coward-McCann, 3.

O livro padrão de referência ao Afeganistão é: Dupree, Louis: Afghanistan. Princeton, Princeton University Press, 1980. Sobre as mulheres e crianças, recomendo as seguintes obras: Bailleau Lajoinie, Simone: Conditions de Femmes en Afghanistan. Paris, Editions Sociales, 1980. Hunte, Pamela Anne: The Sociocultural Context of Perinatality in Afghanistan. Ann Arbor, University Microfilms International, 1984.

Van Oudenhoven, Nico J.A.: Common Afghan Street Games. Lisse, Swets & Zeitlinger, 1979.

O livro de viagem clássico sobre o Vale Panisher e o Nuristan é: Newby, Eric: A Short Walk in the Hindu Kush. Londres, Seeker & Warburg, 1958.